

ivanir calado

The background of the cover is a textured, painterly illustration. It depicts a figure from behind, with dark, curly hair and a dark, sleeveless garment. The figure's back and shoulders are visible, and they appear to be looking towards a large, dark, crumpled object that resembles a piece of fabric or a shroud. The overall color palette is dominated by deep reds, purples, and dark blues, creating a somber and mysterious atmosphere.

MUNDO
de
sombras

o nascimento do vampiro



ivanir calado

The background of the cover is a textured, painterly illustration. It depicts a figure from behind, wearing a dark, possibly purple or black, garment. The figure's skin is rendered in shades of brown and green, suggesting a dark or perhaps undead nature. The figure is holding a large, dark, draped object, which could be a cloak or a shroud. The background is a solid, vibrant red. The overall style is reminiscent of gothic or horror art.

MUNDO
de
sombras

o nascimento do vampiro



ivanir calado

MUNDO
de
sombras



Rio de Janeiro | 2007

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A477m

Alves-Calado, Ivanir, 1953-

Mundo de sombras [recurso eletrônico] / Ivanir Calado. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2007.
recurso digital

Formato:

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09128-4 (recurso eletrônico)

1. Vampiros - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

07-2442

CDD - 028.5

CDU - 087.5

06.12.10

13.12.10

023177

Copyright © Ivanir Calado, 2007

Projeto gráfico da versão impressa: Ivanir Calad

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECOD LTDA.

Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09128-4

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

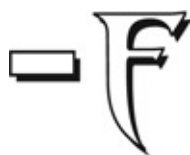


Agradecimentos

Este livro percorreu um caminho longo até ficar pronto (os primeiros rascunhos têm mais de quinze anos). Muita gente teve contato com ele de um modo ou de outro, mas algumas pessoas foram mais fundamentais e merecem um agradecimento especial. Para começar, o Sylvio, que leu (mais de uma vez) e sempre tem opiniões certeiras. Domingos, do “Birutas na Birita”, me emprestou o texto de hematologia que disparou boas idéias (faz anos, sei, a gente se perdeu de vista e o livro desapareceu em alguma mudança de casa. Espero que o agradecimento compense, amigo). Ricardo explicou detalhes médicos, evitando que eu escrevesse mais bobagens ainda. E, acima de tudo, Ana Paula (que vive embarcando nas minhas loucuras) e sua trupe editorial. Além de lindas, são a eficiência personalizada. Sem elas este seria apenas mais um original pegando poeira. Muitíssimo obrigado a vocês.

PRIMEIRA PARTE

capítulo 1



oi vampiro.

Júlio falava sempre tão sério que Daniel achou difícil entender o sentido da piada. Deu um risinho sem graça, para não perder o amigo, mas sentiu-se obrigado a não deixar que a conversa enveredasse por aquele caminho.

— Hoje não. Acho que não é legal brincar com isso.

Júlio ficou de pé, veemente:

— Não tô brincando. É só uma questão de observar. Você não viu a cara dela?

— Vi.

Mas não devia ter visto, pensou Daniel. Até agora sentia a mistura esquisita de medo, enjôo e vergonha ao recordar a imagem de Lucinha no caixão. Mal havia completado quinze anos e aquela já era a segunda vez que via um cadáver. Estava chocado com o contraste brutal entre a imobilidade indiferente e o fogo, a energia doida que Lucinha exalava apenas uma semana atrás.

— Pois então. Ninguém fica tão branco. Olha que eu já vi defunto antes. Em geral são mais amarelados, ou mais azulados. Ela tava completamente branca, parecia papel.

— Claro, morreu de anemia. Todo mundo sabe disso.

— Eu perguntei ao meu pai. — Agora Júlio andava de um lado para o outro no quarto pequeno e abafado. — Ele também achou estranho.

— E disse o quê?

Júlio deu aquele sorriso de quando se imaginava dono do conhecimento universal:

— Que deve ter sido uma baita hemorragia. Bom, não foi meu pai que cuidou

dela, ele deduziu isso pelo que andaram falando, os sintomas...

— E daí? Essa hemorragia pode ter tido milhões de causas.

— Um vampiro, por exemplo... — Júlio mostrou os caninos e deu um salto em cima de Daniel, grunhindo selvagem: — ... aquele pescocinho macio, a carótida latejando...

Daniel rolou para o lado e quase caiu da cama, mas conseguiu se livrar do ataque.

— E você não acha que, se ela tivesse dois buracos no pescoço, alguém teria notado? Ela ainda apareceu na escola depois de ficar doente, e a blusa do uniforme deixa aparecer o pescoço inteiro.

Júlio continuou como se não tivesse ouvido. Daniel conhecia muito bem o processo: depois de desencadeado, ele só daria atenção ao que corroborasse sua hipótese.

— ... e agora Lucinha deve estar se transformando dentro do caixão...

— Ah, não enche! — Daniel já estava ficando irritado. Às vezes Júlio passava da conta.

†

No fundo era bom estarem falando bobagem. O enterro havia abalado a turma toda. Mesmo o pessoal mais barra-pesada compareceu munido de caras circunspectas e olhos arregalados, escondendo pensamentos sem nome, pensamentos de gente velha. Se desse ouvidos a Júlio, Daniel acabaria concordando: tinha sido estranho. Lucinha era encapetada. Vivia pegando no pé dos professores e se recusava a ficar de castigo. Aprontava correrias pela sala, saltando sobre as carteiras, debaixo das gargalhadas da turma. E, enquanto o inspetor não aparecia, virava tudo de cabeça para baixo. Na verdade, nem o inspetor era capaz de meter medo: o dono da escola devia favores consideráveis, e principalmente dinheiro, à família dela.

O pai fez o maior escândalo no enterro, abraçando o caixão, xingando médicos, perguntando que humanidade é essa que decifra códigos genéticos e não consegue curar uma simples anemia, chorando no ombro dos amigos e

mostrando um lado desconhecido a todos os que se curvavam diante do seu poder. Lucinha era filha única, herdeira de muito dinheiro, sim, mas principalmente de muitos sonhos e expectativas passados de geração em geração de figuras ilustres. A mãe, mesmo no momento extremo, mantinha pose de uma das dez mais elegantes da sociedade. Por dentro sentia-se fracassar — mais do que pela morte da filha, por não ter concebido um herdeiro homem que levasse adiante o nome comprido e cheio de hífens. Júlio contou mais tarde que a viu no carro, sacudindo-se convulsivamente, um lenço negro cobrindo o rosto sob o chapéu de aba enorme.

Na segunda-feira anterior ninguém havia se dado conta de uma tranqüilidade anormal nas aulas. Só no fim do período um dos professores comentou o comportamento exemplar de Lucinha — não conseguindo resistir a um elogio aliviado. Em meio a risadas, a turma começou a notar outros detalhes: olheiras fundas de noite maldormida, palidez, um ar geral de cansaço. E começaram as gozações, os risinhos e as alusões maldosas.

Naquele dia ela não se mostrava disposta a brincadeiras. Ao se perceber na berlinda, soltou um palavrão e saiu da sala com a cara emburrada.

O mausoléu da família era imponente, de granito cinza-escuro e com um enorme portão de ferro batido. Dentro, quatro túmulos, mais parecendo sarcófagos cobertos por lápides de mármore, guardavam restos de cidadãos com nomes em ruas e praças. Ali só entraram o bispo e o núcleo da família (num farfalhar de sedas, tafetás e musselinas negras). Dom Bernardo discursou um monte de fantasias sobre a filha exemplar, a aluna querida, a colega admirada — ouvidas atentamente por rostos compungidos que fingiam crer. Coroas e mais coroas de flores falavam, nas entrelinhas das frases bombásticas, das complexas relações entre os remetentes e a família enlutada. Os colegas de turma tiveram a oportunidade de passar pela porta, esticando os pescoços inutilmente. Depois, reunidos em grupos, ficaram falando besteira e soltando risos abafados sob os olhares de ira dos professores.

Na terça-feira havia adormecido por duas vezes na sala. Estava bastante

pálida, mas ainda tentou aprontar uma confusão. O professor de geografia, um gordo presunçoso, perdeu as estribeiras quando ela disse que dormiu porque a matéria era chata demais, e que se ele parasse de tomar cerveja e perdesse uns quilos talvez as aulas também ficassem mais leves. O professor mandou Lucinha sair da sala e ir ao gabinete do inspetor. Como de costume, ela recusou. Ao ver que ele vinha em sua direção, levantou-se correndo para o fundo.

Mas não conseguiu chegar. Depois de três passos parou um instante com as mãos nas têmporas — e desabou no tampo da carteira de Júlio.

Júlio ainda ficou com uma sensação estranha, depois de ela ter sido levada semi-inconsciente. Não sabia se pela secura da pele roçando em seu braço ou se tinham sido os olhos de Lucinha grudados nos dele, parecendo pedir ajuda do fundo de um lago turvo demais.

Quando a família saiu do mausoléu as pessoas começaram a se dispersar. Daniel e Júlio se afastaram dos companheiros de turma e foram olhar túmulos. Júlio conhecia todos os mais importantes: os mais ricos, os que guardavam tragédias, os que contavam a história da cidade e dos imigrantes suíços e alemães. Daniel escondia a sensação desagradável de medo e morbidez com um riso que se pretendia de pouco-caso.

Na quarta-feira Lucinha não foi à aula. Os pais telefonaram para dizer que ela iria ao médico. Na quinta e na sexta os murmúrios corriam pela sala: era leucemia, era Aids, era tumor no cérebro. No fundo ninguém acreditava que a vida pudesse escapar por algum ponto do corpo ágil de Lucinha, do corpo de Lucinha que assombrava os sonhos da maioria dos garotos da escola.

Por fim Daniel sugeriu que fossem embora. O cemitério já estava praticamente vazio, e o sol havia desaparecido por trás dos morros. O domingo parecia mesmo acabado.

No sábado à tardinha o rádio havia dado a notícia, convocando colegas de

turma, parentes e amigos da família para o enterro. As causas da morte, debaixo do diagnóstico de anemia, provocaram uma das maiores ondas de boatos. Lucinha, a tempestade de energia que devastava sonhos e aulas, fora imobilizada.

†

— O seu problema é essa mania mórbida de viver trancado. — Daniel se sentou de novo e procurou voltar à conversa, tentando afastar pensamentos que, com certeza, perturbariam seu sono mais tarde. — Abre a janela, cara, deixa entrar pelo menos um pouco de ar. De tanto ficar nesse quarto fechado você acaba pensando que mora num túmulo.

Júlio deu um salto e abriu os braços em frente à janela, impedindo que o outro tentasse chegar perto:

— Deixa assim, eu gosto! Dá mais clima. Você tem é medo. — E mudou de tom, falando com um romantismo forçado que o fazia parecer ainda mais distante da realidade: — Lembra o rosto dela? Branco, parecia moldado em cera. Lembra o museu de cera que passou aqui no início do ano? Se tivesse um meio de preservar Lucinha do jeito que ela tá agora, bem que ela podia ser colocada no museu. Botava uma roupa vermelha, com metade dos peitos de fora...

— Tá, tá bom. Você não tem jeito mesmo.

— ... e pintava um filete de sangue descendo pelo pescoço, escorrendo até sumir entre os dois seios...

Daniel começou a rir. Era tão absurdo o contraste entre a realidade espantosa que haviam presenciado há pouco e esse desvario gótico, que entendeu: Júlio estava perplexo — como ele, como os outros colegas, como toda a cidade. E buscava em desespero um jeito de afastar o espanto, um jeito qualquer de lidar com a ordem natural das coisas que desmoronava diante dos olhos. E era assim que conseguia, com histórias de vampiros, transformando a imagem de Lucinha num boneco de cera fantasiado para um filme com Christopher Lee.

O domingo estava mesmo encerrado. O melhor era ir para casa — provavelmente o rádio já teria parado de transmitir jogo de futebol, ele não precisaria se trancar longe dos berros dos irmãos mais velhos e do pai. Levantou-se:

— É, fica aí, imóvel na sua cripta. Eu já vou indo.

Júlio acendeu uma vela em cima de Madame Butterfly — um crânio de verdade que Daniel se obrigava a manusear de vez em quando escondendo a repulsa — e se deitou na cama, o olhar circulando pelo quarto até pousar no teto. Aquele era o seu refúgio, sua tumba no Vale dos Reis — como dizia o amigo. Um espaço pequeno, atulhado de móveis antigos e escuros: guarda-roupa, mesa, cadeira, cama, as pilhas de gibis em todos os cantos, o cheiro de coisas guardadas e longamente manuseadas.

Ficou parado, pensando que, assim que o amigo saísse, estaria irremediavelmente só, sem ter com quem falar bobagem. Arrepiando-se de prazer com o medo e as lembranças; construindo medos distantes, já que a vida, logo na manhã seguinte, apresentaria outros bem mais prosaicos — e mais difíceis de enfrentar.

†

— Corre, Júlio! Parece mulherzinha! Olha a bola aí!

Fora de órbita, Júlio procurou de onde vinha a voz do professor de educação física. Num segundo a bola já estava longe, o jogo prosseguia independente de seu susto, independente de Daniel e do que estavam falando; e o professor já não se preocupava com eles. Apenas, de vez em quando, gritava alguma coisa, para fazer constar a presença.

Enorme campo de futebol. A aula de educação física, às sete da manhã, fazia das segundas-feiras o dia de maior sacrifício. Os dois odiavam futebol com a mesma gana — o que só colaborava para que fossem vistos como monstros extraterrestres. Na hora da divisão dos times, ficavam sempre para o final, restolhos que não contavam e nem faziam questão de contar.

Já durava seis anos aquela amizade que era acima de tudo uma tábua de salvação. Daniel lembrava muito bem os primeiros meses depois de se transferir para o colégio particular, na segunda série. Havia abandonado os poucos amigos da escola pública como se estivesse partindo para um exílio no outro extremo da galáxia. E foi assim que se sentiu por algum tempo. O colégio novo era enorme, cheio de marmanjos que tropeçavam nele durante o recreio, derrubando sua

merenda em meio a uma correria insensata. Daniel sentia medo. Medo do diretor que falava com aquele terrível sotaque alemão; medo da mulher do diretor entrando sem pedir licença na sala de aula, com o olhar de bruxa seca procurando coisas inomináveis nos rostos dos alunos (Daniel sabia que nunca disfarçava suficientemente bem — embora não soubesse o que estava disfarçando); tinha medo de pedir para ir ao banheiro desde o dia em que ficou perdido nos corredores e, ao voltar para a sala sem conseguir o alívio, acabou se mijando nas calças; tinha medo da turma de desconhecidos que trocavam risos tácitos e pareciam estar sempre lançando olhares de desprezo para o seu lado.

Depois de três meses de pânico e sobressaltos percebeu outro garoto na mesma situação: Júlio se sentava bem atrás, e talvez por isso tenham demorado a fazer contato. Quando trocaram as primeiras palavras foi como o mar vermelho se abrindo ao comando de Cecil B. de Mille: o caminho estava ali o tempo todo, apenas oculto. E era um caminho a ser compartilhado.

A bola veio de novo. Daniel esticou o pé, mas não o suficiente: ela passou intocada, seguida de perto por um bando de corpos suarentos cheios de gritos roucos. Júlio deu um passo atrás, procurando não ser atropelado.

— Demorei pra cacete até dormir de noite, pensando.

— Eu também.

— Cada vez fico mais convencido: anemia está fora de cogitação. Não foi à toa que a família não deixou fazer autópsia.

Daniel sabia que o único caminho possível era embarcar no delírio. Sabia, principalmente, porque aqueles acabavam sendo os melhores momentos de suas vidas: quando penetravam no mundo particular, cheio de brumas e formas cambiantes. Onde os berros dos outros caras e o apito do professor chegavam amortecidos por grossas paredes de pedra e uma atmosfera densa. Aos poucos as lembranças do dia anterior foram-se amoldando aos códigos estabelecidos em anos de diálogos quase cifrados.

— Tá legal, vamos que tenha sido.

Agora era a vez de Júlio demonstrar cautela:

— Não quero dizer que tenha, necessariamente.

— Mas vamos que tenha sido. Como é que a gente pode ter certeza? E mais, como é que uma coisa dessas viria parar exatamente aqui?

A partir do momento em que haviam se descoberto, a vida ficou mais fácil. Na primeira conversa a grande surpresa foi descobrir que moravam no mesmo bairro, e Daniel poderia optar por um caminho de ida à escola passando pela

casa de Júlio. Logo depois o quarto de Júlio se mostrou o lugar ideal para as viagens: ele morava numa casa grande, escura e cheia de cômodos que os irmãos mais velhos, estudando no Rio, não ocupavam mais. E havia o consultório do pai, com armários antigos e a coleção de vidros de formatos estranhos. Quando ele não estava, os dois costumavam se esgueirar para dentro e olhar as figuras dos livros de anatomia: corpos nus, com partes dissecadas, que infelizmente nunca mostravam os órgãos sexuais.

— Ô, imbecil! Olha aí, ele vai fazer gol!

— Defende a bola. Manda de qualquer jeito, desgraçado!

Boa parte do time veio rodear os dois, as caras suadas cuspindo raiva:

— São dois otários, mesmo.

— Ô idiota, não viu que ele tava cara a cara com o gol?

Daniel tentou articular algum som, mas o pensamento custava a entrar nos eixos.

— Vamos encher eles de cacete! — Era Cesinha; um pirralho, o menor da sala, mas incrivelmente folgado.

Júlio achou que a briga seria inevitável e tentou pensar se conseguiria se defender. A voz do professor pareceu chegar de Saturno:

— Dispersando, gente! O jogo vai continuar.

— Olha, professor, assim não dá. Com esses dois idiotas a gente não consegue nada.

— No meu time eles não jogam mais.

— Vamos encher de cacete! — Cesinha esfregava as mãos, sádico.

— Vocês dois. — O professor abriu caminho entre os times, encarando Júlio e Daniel com ar irritado. — Pelo menos um mínimo de esforço! Não precisam nem jogar direito, basta prestar atenção.

Pelos próximos dez minutos não puderam conversar. Correram de um lado para o outro, perseguindo uma bola que estava sempre quilômetros à frente, indesejada.

À medida que o tempo passava descobriam mais pontos de contato, mais assuntos, mais objetivos comuns. Gostavam de andar pelos morros, descobrindo cachoeiras geladas, gostavam de esperar a noite nos matos, assobiando para provocar sacis, até que a crença em sacis foi se transformando no prazer das histórias de fantasmas.

À medida que o tempo passava, descobriam diferenças surpreendentes, diferenças que eram tão compartilhadas quanto as semelhanças. Diferenças que acabavam sendo absorvidas e virando outras semelhanças: Júlio gostava de música clássica, Daniel, de rock (tinha ganhado um violão aos doze anos, depois de implorar durante meses, e tocava razoavelmente bem, trancado no quarto para ninguém ouvir). Queria ser artista — músico, escultor, ator. Júlio queria afundar na ciência. Daniel sonhava morar na cidade grande, Júlio sonhava com fazenda e gado. Daniel gostava de livros de espionagem e filmes de artes marciais, Júlio só via filmes de terror e tinha a maior coleção de gibis do mundo. Daniel vivia pensando em Lucinha, Júlio, em Célia.

†

Segunda-feira era dia de corpos suados e fedorentos empestecendo a sala depois da aula de educação física. A professora de português fez um breve discurso em memória de Lucinha. Por alguns minutos o clima de espanto e irreabilidade do cemitério pairou sobre as carteiras, mas acabou por se dispersar, soprado pela necessidade besta de corrigir os trabalhos.

No recreio, como sempre, alguns garotos tinham arranjado uma bola e corriam novamente, levantando a poeira vermelha do pátio de terra. E, como sempre, Júlio e Daniel procuraram um banco vazio para comer o lanche e conversar.

— Sabe o casarão perto da ponte do trem? — Júlio falou enquanto se sentavam.

— Sei.

— Já viu alguém lá dentro alguma vez?

— Claro que não. Aquilo tá vazio desde que eu me entendo por gente.

— Tem uma coisa que só hoje lembrei. — Júlio procurou fazer suspense enquanto mastigava um pedaço de pão com goiabada. Daniel esperava, conhecendo a inutilidade de tentar apressá-lo. — Há uns quinze dias vi umas luzes acesas na janela de cima.

— Você tá zoando com a minha cara. Aquela casa não tem ligação elétrica faz muito tempo.

— Parecia luz de vela. Ainda não estava escuro, devia ser umas cinco e meia.

Não é mentira, eu vi, só que não lembrava mais.

— Bom, eu não passo pela trilha há séculos.

— Desde aquele dia eu também não passei mais, e nem dei importância.

Pensei que pudesse ser algum mendigo lá dentro.

Daniel terminou de comer o lanche, antes de fazer a pergunta que iria colocá-los novamente num outro plano de realidade:

— Você acha que... ele tá morando lá?

— E tem lugar melhor?

Daniel sentiu um tremor invisível. A casa perto do pontilhão da estrada de ferro era um dos cenários perfeitos para esbarrar no fantástico. De vez em quando os dois desviavam o caminho na volta da escola e passavam por lá. O terreno era completamente tomado por árvores que, mesmo de dia, enchiam de sombras os três andares de arquitetura suíça. No teto cortado por águas-furtadas crescia capim e pequenos arbustos. Uma trilha se desviava do pontilhão, passava junto à casa, subia uma pequena ladeira e desembocava na rua de cima junto à fábrica de linhas, já perto de onde Júlio morava. Nunca haviam entrado. Apenas imaginavam as possibilidades infinitas de tragédias passadas nos quartos antigos.

— Tudo bem. — O sino do final do recreio estava tocando e Daniel se levantou preguiçosamente atrás de Júlio. — Mas como é que a gente vai descobrir se ele está mesmo lá dentro?

Júlio colocou as mãos nos bolsos e ergueu os ombros, exercitando um cinismo dissimulado e antecipando o encaminhamento da conversa. Disse a frase exata para provocar a reação de Daniel:

— Se a gente tomar cuidado, é moleza.

— Moleza?

— É só uma questão de preparo. A gente vai de dia, leva uns crucifixos, réstias de alho, um bocado de água benta...

— Parece que você nunca viu filme de terror. Mesmo de dia ele é capaz de abrir os olhos e hipnotizar a vítima.

Júlio prendeu o riso. Às vezes Daniel embarcava tão rápido nas suas gozações que ele próprio se via forçado a botar o pé atrás. Mas continuou, sabendo o efeito que causaria:

— Tem de ser rápido. Eu jogo a água benta em cima dele e você crava a estaca no coração.

— Ah, isso não! — Daniel falou alto demais e atraiu alguns olhares curiosos. Continuou mais baixo: — Você crava a estaca!

— Tá legal. — Júlio se virou para trás, encarando-o com um riso torto. — Eu cravo a estaca.

capítulo 2



s dois estavam sempre nos extremos de uma gangorra emocional, invertendo os pólos das sensações quase como se houvesse uma combinação prévia.

Júlio tinha uma capacidade espantosa de se convencer aos poucos da própria fantasia. Quando saiu da escola já estava com um plano cheio de detalhes. Daniel, depois de um primeiro momento embarcado no delírio, tinha feito o caminho inverso e só conseguia ir atrás cautelosamente — precisando afastar de tempos em tempos a sensação de ridículo que a história provocava.

— Agora é meio-dia e meia. — Júlio cochichava, sem necessidade, no meio da rua. — A gente aproveita pra fazer um reconhecimento do local e volta às três, com os apetrechos. Se der pra achar o sujeito logo, tudo pode terminar antes das cinco.

— De qualquer modo não é bom demorar nesse reconhecimento. Eu tô com uma tremenda fome, doido pra chegar em casa.

Júlio parou de andar, subitamente perplexo:

— Fome? Como é que você pode pensar em fome numa hora dessas? Estamos na boca de fazer a coisa mais importante da nossa vida; a fome pode esperar.

Daniel respirou fundo. Sabia que, depois de entrar na montanha-russa da imaginação, o único jeito era esperar que o carro parasse sozinho, não importando os sobressaltos entre um ponto e outro. Conhecia Júlio há tempo suficiente para saber como agir e, afinal de contas, gostava de ser carregado nesse redemoinho de insanidade.

A rua do colégio desembocou na praça, a praça, na ladeira suave, e depois da curva as paineiras gigantescas criavam uma barreira que escondia o casarão. A rua de cima, onde estavam, passava mais ou menos na altura das águas-furtadas do sótão. Para chegar ao nível da entrada precisariam descer por uma trilha estreita e íngreme.

Daniel parou no início da trilha, subitamente deslocado entre visão e miragem:

— Olha as janelas do telhado!

— Não disse?

Era a primeira vez na vida que viam as clarabóias abertas. Em duas delas, cortinas leves, lilases, balançavam na mesma brisa que espalhava flocos brancos de paina.

— Vamos descer. Daqui não dá pra ver direito a parte de baixo.

— Não acha melhor deixar pra depois do almoço? — Daniel tentou parecer casual. — A gente volta com mais tempo, e o pessoal lá em casa...

— É só um reconhecimento. Basta uma olhada, vamos.

E começou a descer a trilha, cheio de cautela. Nesse ponto Daniel nem sequer lembrava a sensação de ridículo de quando Júlio começara a contar o plano. Subitamente tudo podia ser verdade. Era uma coincidência espantosa: em qualquer outra época as janelas abertas passariam despercebidas ou, no máximo, provocariam alguma observação curiosa. Num instante as histórias trágicas de jovens emparedadas vivas ou enterradas na adega improvável ganhavam contornos de verdade, confundindo a memória. Daniel continuou atrás de Júlio, compartilhando o arrepio no pescoço e as marteladas do coração. Sabia que a casa só estaria completamente visível no final da trilha, quando a varanda imponente surgisse sob os andares superiores cruzados por traves de madeira escura — as paredes manchadas e descascadas pelas chuvas que duravam meses.

Segundo as histórias, a casa havia sido inteiramente construída na Suíça; depois desmontada, trazida de navio, carroça e lombo de burro até esse vale na Serra dos Órgãos, e montada de novo nas margens do que um dia fora um riacho cristalino entre pedregulhos (hoje o rio fedia a esgoto e amanhecia surpreendentemente colorido — dependendo do dia da semana — de azul, vermelho, verde, roxo, devido aos despejos das fábricas de fios e tecidos). Pouca gente sabia dos imigrantes e dos descendentes que a ocuparam por cerca de cem anos. Na memória da cidade era uma casa fechada, envolta pelo mato que tinha invadido jardins e germinado nos cantos das janelas, na varanda, no telhado cheio de gumes afiados.

O pés estalavam galhos e folhas secas. Em pleno meio-dia de céu azul a copa das árvores provocava uma leve penumbra. O barulho dos carros — tanto da rua de cima quanto da de baixo, no outro lado da ponte — chegava estranhamente

abafado (ou seriam seus ouvidos zumbindo de extrema concentração?). Júlio parou, sabendo que alguns passos adiante enxergaria tudo, preparado para o desmoronamento da própria criação, antecipadamente visualizando a casa como sempre, de portas e janelas pregadas; articulando a desculpa que daria, já que a fome também apertava seu estômago. Daniel, ao contrário, se retesava inteiro, convicto de que, dali em diante, seria inevitável a exploração programada. Respirava fundo, completamente decidido.

Júlio não dava os últimos passos.

Não suportando a tensão concentrada, Daniel deu-lhe um empurrão:

— Já que é pra ir, vamos logo.

Júlio perdeu o equilíbrio, escorregou para a frente e caiu de joelhos. Levantou-se com raiva, sacudindo as folhas secas das calças, e já ia se virando, pronto para uma discussão irritada, quando parou de olhos arregalados:

— Cacete!

Daniel continuou de cabeça baixa, um arrepio subindo pelo corpo, sem coragem de encarar o que provocava o espanto do outro.

— O que houve?

— É incrível.

Daniel tomou coragem. Cedo ou tarde precisaria encarar a verdade. Melhor logo.

O primeiro andar da casa estava irreconhecível: pintura recente — painéis de parede branca entre as traves de madeira escura — e cortinas de renda nas janelas mantidas abertas por vasos de gerânios. Na varanda, espanto dos espantos, uma mesinha com toalha xadrez, duas cadeiras de balanço e, sentadas nas cadeiras, duas velhotas rosadas, do mesmo tipo que podiam ser vistas na feira aos domingos com cestos repletos de tomates, repolho e cebolas. Uma era bem mais gorda, de cara vermelha, e tomava chá com biscoitos de um delicado aparelho de porcelana sobre a mesa. A outra fazia tricô, ambas entretidas numa conversa que parecia durar séculos. Era como se tivessem estado sempre ali, tricotando e tomando chá enquanto o mato crescia ao redor.

Daniel soltou um suspiro de alívio e deu um tapinha no ombro de Júlio.

— Falta muito pra você chegar a Van Helsing, meu chapa.

Júlio tentava manter a pose, mas sentia que seu lado da gangorra voltava a subir:

— Nem sempre a gente acerta. Afinal de contas, foi só a primeira tentativa. Não quer dizer que eu estava errado. A morte de Lucinha *não foi* natural.

— Ah, e começa tudo de novo!

— Acabei de ter uma idéia. Você vai almoçar e depois passa lá em casa. Não esquece: pega tudo que é crucifixo. Deixa o alho por minha conta.

Daniel estava novamente em terreno conhecido. A primeira experiência havia mostrado que tudo corria como sempre: bastava não esquecer o que era realidade e o que era delírio. Podia até ser levado por algum desvario maior, mas com a certeza de, no fim das contas, voltar ao plano concreto da vida normal.

†

O cemitério fechava às cinco horas. Chegaram às quatro e meia e foram para a parte mais alta, quase perto do muro. Júlio achava que o vigia não os tinha visto mas, mesmo assim, Daniel não ficou tranqüilo. Os crucifixos pesavam nos bolsos e Júlio fedia a alho como o molho de macarronada de sua mãe.

— Bom, agora a gente espera o vigia fechar o portão e ir embora.

— E se ele descobre?

— A gente finge que se distraiu com o horário e sai.

Estavam sentados atrás de um túmulo de ônix com um anjo de mármore branco deitado em cima e chorando sem fim. No silêncio, os dois tinham pensamentos paralelos. Daniel corria o olhar do anjo carpideiro para as outras estátuas. Aos poucos foi sendo tomado pelo abandono dos esqueletos antigos virando pó junto às memórias de seus donos. Não sentia medo. A tarde de um azul transparente só ressaltava tristeza e solidão.

Júlio tinha os olhos longe, por cima dos túmulos, na cidade. No centro de Morro Queimado, pequenos prédios de três e cinco andares começavam a tomar o espaço das casas antigas. Perto da praça principal, dois “arranha-céus” de treze pavimentos se impunham agressivos. Eram as memórias do lugar se desvanecendo, cedendo espaço a algo inevitável, que viria transformar para sempre as paisagens da infância em portarias geladas e paredes de pastilhas vitrificadas. Júlio tinha um forte apego às coisas antigas — da coleção de vidros de remédios do pai aos telhados agudos das casas centenárias.

Levantou-se cautelosamente e confirmou: cinco horas. O vigia do cemitério deu um último olhar casual em busca de algum retardatário e atravessou o portão, fechando-o em seguida.

— Vamos logo, precisamos terminar antes de o sol se esconder. — Júlio ficou

de pé, decidido, e foi andando. Subitamente retomando consciência do plano, Daniel procurou esquecer o arrepio que subia pelas costas e foi atrás.

Ali estava o mausoléu da família de Lucinha, cheio das flores colocadas no dia anterior. Coroas com faixas negras e douradas mandavam mensagens que ninguém se interessaria mais por ler. Júlio segurou o cadeado.

— É bem velho. Acho que arrebento com uma cacetada.

— Espera aí, Júlio. E se descobrem que foi a gente?

— Só se você contar.

— Vamos dar um tempo, o dia tá muito claro ainda.

— Já pensou na besteira que tá falando? Se escurecer...

— Certo, certo. Não tá mais aqui quem disse.

Por alguns segundos Daniel esquecia que Júlio havia decidido levar a sério a brincadeira. Tinha consciência de que a qualquer momento aquilo precisaria parar, mas, pelo visto, ainda não era hora.

Júlio tirou do bolso um pedaço de cano de ferro e bateu de leve, para experimentar. O ruído foi amplificado no vazio do mausoléu, parecia que toda a cidade iria ouvir. Os dois se olharam, indecisos.

— E então? — perguntou Daniel, esperando que Júlio desistisse.

— Preciso conseguir de primeira. A gente não pode ficar aqui, fazendo a maior zona e chamando a atenção de meio mundo.

Virou o cadeado cuidadosamente para uma posição mais favorável e preparou o golpe.

Foi mais fácil do que pensava. A argola se soltou com um barulho seco e o corpo do cadeado caiu no chão. Tremendo um pouco e percebendo pela primeira vez a que ponto estava sendo levado por um impulso incontrolável, Júlio empurrou o portão de ferro.

O cheiro de flores murchando era quase insuportável. Dentro do mausoléu o dia já se fora — ou talvez nunca tivesse existido. Uma penumbra velha, ressecada, amortalhava os quatro sarcófagos. O de Lucinha era o terceiro a partir da porta. Uma enorme pilha de flores e coroas escondia as formas de mármore. Respeitosamente, Júlio começou a tirar as de cima, colocando-as num canto desimpedido. Daniel, espantado com o amigo, estava junto à porta, incapaz de se decidir. Júlio se virou para ele.

— Sai daí! Quer chamar a atenção de quem?

Daniel deu dois passos para dentro, encolhendo-se com o frio e a secura do ar. Júlio começou a ficar irritado:

— Vem me ajudar, senão não acabo nunca!

Daniel tomou coragem, começando com uma enorme coroa de lírios amarelos: *“Lembrança de seus colegas de turma”*. Não estava certo. Não podia

jamais estar certo. Um morto tinha direito ao sossego, às flores. Um morto não devia ser incomodado em hipótese alguma! Levantou os olhos para Júlio e viu que seria impossível argumentar: a testa dele tinha aquelas duas linhas entre as sobrancelhas: marcas de decisão tomada. Impaciente, Júlio começou a jogar as flores de qualquer modo, espalhando pétalas e espetando-se nas hastes das rosas.

A lápide de mármore rosado tinha apenas uma inscrição: o nome do bisavô de Lucinha, cujos ossos provavelmente compartilhavam as profundezas do túmulo. Júlio fez força, procurando deslocá-la.

— Tá presa com cimento — observou Daniel, intimamente satisfeito. Aquele seria o ponto final, e Júlio teria de admitir uma retirada estratégica.

— Não é cimento, é gesso: pra poderem abrir de novo quando for preciso colocar outro caixão.

— E daí? Dá no mesmo. A gente não vai conseguir...

Júlio tirou um canivete do bolso de trás da calça.

— Você vai ver como sai fácil.

Sem esperar resposta, começou a raspar o gesso com a ponta da lâmina.

— Não é possível. — Daniel balançava a cabeça desolado. — Você pirou de vez.

Júlio suava com o esforço, tentando raspar cada vez mais fundo.

— Se tá com medo, vai embora.

Daniel estava com medo, claro. E sabia que Júlio sentia o mesmo. Mas, se Júlio conseguia se controlar e executar aquele serviço impensável, ele conseguiria também. Pegou seu canivete de cabo de osso, presente do último aniversário, e começou a raspar na outra ponta do túmulo.

A tarefa era muito mais difícil do que parecia. Levaram quase uma hora para soltar a lápide. Do lado de fora o sol afagava as corcundas dos morros. Do lado de dentro, a escuridão era quase total.

Com um pequeno estalo a pesada lápide de mármore se deslocou alguns milímetros. Imediatamente um fedor insuportável invadiu tudo. Um fedor adocicado, pior que de rato podre. Daniel segurou a barriga convulsiva e correu para fora.

O ar da tarde recebeu-o generoso, entrando gelado nos pulmões. Ele começou a respirar em longos haustos, controlando pouco a pouco a vontade de vomitar.

Quando sentiu que não havia mais perigo de deixar as tripas ali mesmo, voltou a olhar para dentro do mausoléu. Júlio estava acendendo a lanterna, com um lenço amarrado sobre o nariz e a boca. Fazia sinais para que ele entrasse.

Daniel tomou coragem, respirou fundo e também amarrou seu lenço sobre o

rosto. Agora pareciam dois bandidos de faroeste. Agora, pensava sombrio, *eram* dois bandidos, violadores de tumbas.

Entrou, procurando prender a respiração pelo maior tempo possível. Júlio havia deixado a lanterna sobre o túmulo vizinho e já fazia força para mover a lápide. Enquanto tentava afastar pensamentos de prisão, morte e desterro, Daniel chegou ao lado, ajudando.

Era pesada demais e a cada esforço eles empurravam apenas alguns centímetros. Júlio parou um instante para falar:

— Tá demorando muito. Daqui a pouco vai ser noite. — Parecia tomado por uma compulsão, e nem por um momento raciocinava sobre a loucura do que faziam. No segundo em que pararam de empurrar, Daniel disse o que já vinha martelando sua mente:

— Isso é fedor de podridão. Se ela estiver virando vampiro, não vai estar apodrecendo.

— Você já cheirou algum vampiro antes? — rebateu Júlio com sua lógica, que, nesses momentos, era sempre avassaladora.

Daniel abriu a boca para responder e de novo precisou sair correndo até o ar puro — os olhos lacrimejantes, o estômago com espasmos incontrolláveis. Dessa vez Júlio veio atrás.

Depois de alguns minutos os dois começaram a respirar normalmente.

— Olha, tá quase escuro. Vamos tentar só essa vez. Já tem mais de dois palmos abertos. Mais um pouco e o próprio peso da lápide vai fazer ela tombar.

Daniel o acompanhou contra a vontade, de novo precisando de muita concentração para suportar o cheiro. Juntaram-se com todo o esforço de que eram capazes.

Com um ronco surdo, a lápide escorregou e caiu fragorosamente, partindo-se ao meio.

— Olha o que a gente fez!

Júlio não se incomodou. Nesse momento já passava sobre a borda do túmulo e pulava para dentro, procurando um pequeno espaço ao lado do caixão.

— Me dá um crucifixo.

Apenas sua cabeça estava acima da borda. Ao mesmo tempo que recolhia o crucifixo que Daniel lhe passava, Júlio ia tirando do bolso várias cabeças de alho. Colocou o crucifixo sobre o centro da tampa do caixão, desfez as cabeças de alho e espalhou os dentes ao redor. Um tremor elétrico fazia seu sangue bombear com fúria através do corpo. Era como se todas as artérias notificassem de repente a presença, latejando, dando agulhadas internas dos pés à cabeça. Ao mesmo tempo, já tomado de pânico, Daniel resolveu ser racional pela última vez:

— Você não quer fazer isso de verdade. Vamos embora. Ninguém tá vendo. Pra mim você não precisa fingir mais. Eu acredito na sua coragem!

— Passa a chave de fenda, cara.

— Não brinca, Júlio. Isso agora já é crime.

— Me passa a chave, porra! Crime é deixar a alma dela perdida.

— Você tá ficando pinel. Isso é coisa de filme. Ninguém acredita pra valer.

— Vai me passar a chave ou eu vou ter que sair pra pegar?

Soltando o ar e percebendo que já não ficava tão nauseado — talvez por estar perplexo demais com a atitude de Júlio — Daniel entregou a chave de fenda.

Agachado, Júlio soltou uma exclamação abafada:

— Mas já tá aberto!

— O quê?

— O caixão. Tá aberto!

Júlio olhava para cima, atônito. Daniel sentiu uma pressão na cabeça que o deixou completamente tonto.

— Vamos embora, Júlio, isso não tá direito.

— Não. Agora é que eu preciso mesmo ver. Pega a lanterna e ilumina aqui dentro.

Daniel não queria olhar. Queria virar a cabeça para o lado, mas os músculos do pescoço se recusavam a obedecer. Os movimentos de Júlio, levantando a tampa do caixão, pareciam lentíssimos, cinematográficos. Antes que a tampa estivesse completamente deslocada, os dois viram tudo — e ficaram imóveis, sem emitir um som.

Júlio sabia que não acreditava de fato. Tinha feito aquilo movido por um impulso que não conseguia definir, como se outra pessoa tomasse conta de sua vontade e ele não passasse de uma marionete, de um robô teleguiado.

Agora, sem ter nada que o controlasse, sentia o terror invadir cada célula, agarrando-o com ímãs invisíveis, prendendo-o ali dentro, colado à parede de concreto, incapaz de qualquer coisa.

Daniel tinha uma bola de futebol dentro da garganta, impedindo a passagem do ar em qualquer sentido. Percebeu que as mãos e os pés ficavam gelados, que a cabeça zumbia e que, se não respirasse nos próximos segundos, estaria ferrado.

Num esforço brutal, expulsou a bola com o resto de ar esquecido nos pulmões e inalou como alguém que se afogasse.

Não sentiu o cheiro absolutamente sufocante que vinha do ataúde. Percebia que Júlio estava numa situação pior do que a sua, incapaz de qualquer gesto, em choque pela proximidade maior com o objeto do terror. Agarrou-o pelas axilas e puxou com toda a força que lhe restava.

Júlio pesava mil quilos. Daniel sentiu que ele estava escorregando e seria

capaz de cair sobre o caixão.

— Vamos, Júlio, reage, me ajuda que eu tiro você daí!

Júlio parecia não ouvir.

Apoiando um pé na borda do túmulo, Daniel puxou com toda a força, arranhando as costas do outro na aresta de mármore. Quando se viu do lado de fora, sentado no chão, Júlio pareceu retornar à vida. Daniel pegou-o pelo cotovelo.

— Vamos sair logo desse lugar.

Fora do mausoléu foram recebidos pelo abraço reconfortante do ar gelado. Correram para onde sabiam que o muro do cemitério era mais baixo. O pavor os acompanhava de perto, lambendo suas costas com uma enorme língua bifurcada. Nas duas cabeças, a imagem nítida de Lucinha contorcida numa posição inimaginável dentro do ataúde, os olhos arregalados pela visão do impossível, a boca escancarada num urro que ninguém jamais ouviu — e uma estaca de madeira enterrada entre os seios adolescentes.

capítulo 3

Ao sair do cemitério praticamente não falaram. Correram pelas ruas, as cabeças vazias de pensamentos, sem ver nem ouvir pessoas, carros, cães vadios. Os olhos arregalados de Lucinha, as mãos crispadas numa última tentativa de defesa, as flores revolvidas no caixão, tudo gritava uma realidade muito maior do que as fantasias inconseqüentes.

À noite, deitado, Daniel hesitava em fazer qualquer movimento, apenas a ponta do nariz fora das cobertas — as formas do irmão dormindo solto na cama ao lado assumiam contornos desconhecidos e apavorantes.

Júlio observava pequenas tiras de luz que atravessavam as frestas da janela. O cheiro familiar do quarto abafado não conseguia mascarar aquele outro, que parecia ter-se depositado para sempre em suas narinas. Desejava ardentemente ter menos de oito anos, correr para o quarto dos pais, enfiar-se no espaço gostoso entre os dois corpos aquecidos e ficar absolutamente quieto.

Mas essa possibilidade estava enterrada no passado. Olhava fixamente para os cantos escuros até que as assombrações mostrassem o que eram de verdade: uma cadeira com a camisa por cima, a porta do armário entreaberta e as calças penduradas na maçaneta, Madame Butterfly sobre a escrivaninha... Levantou-se depressa e escondeu Madame Butterfly no fundo do armário.

Os mesmos pensamentos que visitavam Daniel enrolado em cobertores vinham bater à porta de sua compreensão: a coisa toda assumia um caráter

grandioso, maior do que se tivessem simplesmente encontrado Lucinha com enormes caninos, pronta para sugar o sangue dos dois. Havia a confirmação, claro, mas junto com ela vinha a surpresa de estarem sendo ultrapassados: outro caçador de vampiros havia feito o trabalho.

Daniel não tinha mais dúvidas. Vira o rosto tranqüilo de Lucinha no ataúde, pouco antes do enterro, e vira a deformação hedionda.

E a conclusão surgia, nem um pouco confortadora: quem havia sugado a vida de Lucinha poderia estar procurando outra vítima nesse exato momento.

Segurou o crucifixo pendurado no pescoço e cedeu completamente ao pavor, respirando com dificuldade o ar viciado debaixo das cobertas.



Daniel acordou às seis, sem precisar de despertador, como de costume. A mãe era a presença eterna na cozinha, com os mesmos movimentos de sempre, não importando o que ocorresse no mundo: coar o café, ferver o leite, preparar a merenda dos quatro filhos com gestos adestrados há milhares de anos. Longe do abrigo do sono, ele sofria a companhia das lembranças de ontem; tentava se integrar ao ritual cotidiano empurrando o café com pão para dentro do estômago ainda nauseado.

Pegou o material da escola e saiu correndo. Queria encontrar Júlio mais cedo, discutir a imensidão de coisas que haviam passado pela cabeça na noite interminável.

Era uma daquelas manhãs enevoadas que escondiam tudo que estivesse a mais de cinco metros — promessa segura de sol claro e ar transparente. Não chegou a descer a escada até a rua. Num relance percebeu que as coisas iriam ficar pretas. Júlio subia ao seu encontro, o braço seguro pelo dr. Mário, que foi logo dizendo de cara amarrada:

— Vá chamar seu pai, garoto!

Pronto: assim, sem dar tempo de se preparar.

Imaginava a habitual truculência do velho multiplicada por mil ao saber no que haviam se metido. Por outro lado, talvez fosse melhor: outras pessoas veriam o que tinha acontecido com Lucinha, uma caçada seria organizada contra

o vampiro, e a responsabilidade estaria fora das mãos deles.

Mas a cara de Júlio e do pai indicavam que a coisa talvez não fosse assim tão simples.

Mesmo sem conseguir esconder a fúria, o dr. Mário procurou acalmar seu Antônio. De nada adiantaria uma surra, agora. Precisavam de uma atitude mais efetiva — e talvez mais drástica.

Dona Olívia, a mãe de Daniel, chorava completamente perplexa, vendo com novos olhos o bebê que havia saído de seu ventre para agir como ladrão de cemitério.

— Acho que sei o que temos de fazer — falou seu Antônio, custando a controlar a vontade de tirar a correia e espancar o filho na frente de todo mundo. — Levar os dois para a delegacia. O delegado precisa tomar conhecimento do que aconteceu.

Júlio soltou um suspiro conformado:

— Também acho que é o melhor.

Daniel olhou para ele, tentando entender aonde Júlio queria chegar. Júlio continuou, aos poucos mais seguro:

— O delegado vai ter que mandar alguém olhar o túmulo. Só assim vocês acreditam na gente.

O dr. Mário encarou o filho e em seguida examinou Daniel, com um pensamento quase negro demais para ser mencionado:

— Vocês não chegaram a esse ponto, espero.

Daniel e Júlio se entreolharam. Dona Olívia parou de chorar e ficou imóvel, aguardando. Seu Antônio também esperava, incapaz de acompanhar o raciocínio do médico.

O dr. Mário cobriu o rosto com as mãos, encolhido como se tivesse uns cinquenta anos a mais:

— Vocês não fizeram nada com o corpo. Nada além de abrir o caixão!

Seu Antônio levantou-se, à beira de um ataque de fúria:

— Esse negócio de estaca no peito... se for verdade, vocês vão é pro hospício!

Chegando naquele momento para o plantão diurno, o delegado Bastos não estava de cara boa. O trabalho monótono não deixava que esquecesse as brigas em casa; o casamento ia mal, o salário não ajudava, e ali em Morro Queimado não acontecia nada que prestasse.

Ao passar pelo salão de entrada, mal havia pousado os olhos nos dois homens de aparência respeitável sentados ao lado de dois rapazes. Foi direto para sua sala e abriu o livro de ocorrências. Naquela noite, nem os bêbados de sempre. O único preso da delegacia deveria ser solto hoje, cumprida a pena de três dias pelo roubo de uma leitoa. Ô vidinha, pensou enquanto acendia um cigarro, o terceiro desde que tinha acordado há menos de uma hora.

Um guarda bateu na porta e entrou sem esperar resposta:

— O dr. Mário Pereira está aqui com outro homem. Querem falar com o senhor.

Claro, o dr. Mário. Só agora colocava em quadro a imagem percebida de relance ao chegar.

— Deixa eles entrarem.

Daniel sentia os nervos trabalhando quase acima da capacidade, enviando mensagens contraditórias de dor no estômago, medo, vontade de mijar e mil outras sensações, todas desagradáveis. Estava claro que os adultos poderiam deformar à vontade qualquer coisa que os dois dissessem. E ele já acreditava que nem mesmo a expressão de pavor do cadáver de Lucinha seria capaz de convencê-los do que de fato acontecera. Júlio, num estado bastante parecido, procurava imaginar o que seria deles dali em diante. A perspectiva menos desagradável era um colégio interno no fim do mundo.

O dr. Mário começou hesitante, não sabendo como conciliar a imagem do filho criado dentro de padrões rígidos com o que precisaria ser contado. Depois de rodeios e ressalvas que estavam visivelmente aborrecendo o delegado, concluiu:

— Nós achamos que eles foram influenciados por essas histórias malucas, sabe? Esse monte de filmes... por mais que a gente tente, não dá para impedir que eles vejam. Agora nós estamos com medo de que nossos filhos tenham cometido um ato... sei lá, um ato quase terrível demais para ser falado.

O delegado Bastos soltou uma baforada do cigarro enquanto rabiscava distraidamente num bloco de papel.

— Será que dava pra ir direto ao ponto? Com todo o respeito que lhe devo, dr. Mário, não entendi bulhufas.

Seu Antônio ficou de pé, apoiando as duas mãos na mesa do delegado:

— Eles foram lá, doutor delegado, eles abriram o túmulo da menina.

O delegado parou de rabiscar, olhou os rapazes encolhidos nas cadeiras e se

virou para os dois homens:

— O senhor tem certeza do que está dizendo?

— Eles confirmaram, dr. Bastos. — Agora que sentia estar cumprindo sua obrigação, o dr. Mário não sabia se adotava uma postura protetora, buscando alguma forma de justificar o ato do filho, ou se voltava a dar vazão ao ressentimento frustrado.

Daniel percebia o momento da perdição perigosamente próximo. Júlio não tinha nada que abrir o bico com o pai. Já bastava o pânico pelo qual haviam passado, não precisavam daquele arremedo de filme policial.

O delegado voltou a fazer alguns rabiscos antes de dizer:

— Acho que os senhores não deveriam levar isso tão a sério. Os garotos têm muita imaginação...

Seu Antônio interrompeu:

— Eles não são mais garotos, seu delegado, pelo menos na hora de fazer besteira não são.

— Acho melhor o senhor se acalmar. — Irritado com aquele começo de dia, o delegado Bastos encarou o pai de Daniel. — Se os senhores quiserem, eu faço um interrogatório detalhado com os dois e... o que você quer? — quase berrou para o guarda parado na porta.

— O senhor devia atender o telefone. É o vigia do cemitério, ele tá muito nervoso e disse que só fala direto com o doutor delegado.

O momento de tensão durou décimos de segundo, mas foi o suficiente para que todos se entreolhassem e computassem pensamentos aflitos. O delegado se levantou e foi falar ao telefone na outra sala. O mundo, impiedosamente, começou a se desmoronar nos ombros dos quatro que ficaram.

Depois de dois minutos que duraram algumas horas, o delegado Bastos voltou com jeito de quem estava diante do apocalipse.

— Os quatro me acompanhem. Vamos ao cemitério.

Ô, vida, pensava o delegado Bastos, incapaz de se conformar. Odiava aquela cidadezinha para onde fora mandado depois de um início de carreira promissor no Rio de Janeiro. Odiava acordar e abrir sempre os olhos para o nada. O pior pesadelo era imaginar a aposentadoria dentro de oito anos, coroando um período da mais absoluta inutilidade. E agora, quando menos esperava, aparecia logo isso.

No dia seguinte o porteiro do colégio dardejou um olhar de carrasco e ruminou pragas incompreensíveis enquanto eles passavam.

Nas filas formadas no pátio os murmúrios corriam como impulsos elétricos.

Daniel sentia uma redoma invisível e inquebrável se formando à volta dos dois, uma repulsa coletiva que conseguia ser maior até do que as gozações de praxe.

A entrada na sala de aula aconteceu sob clima de velório. Dona Letícia, professora de português, se esforçava visivelmente para não pousar os olhos neles, e Júlio imaginava o momento em que ela, sem se conter, começaria um de seus famosos discursos.

Daniel estava magoado: a atitude dos colegas não surpreendia, mas Dona Letícia sempre havia se mostrado uma pessoa sensata, incapaz de fazer julgamentos sem antes ouvir todas as partes. E o fato de não tocar no assunto durante toda a aula era pior do que uma bronca.

Mas desde o dia anterior os dois sabiam que tudo ia mudar. Ao voltar para casa depois do interrogatório na delegacia tinham percebido que viraram celebridades nefastas. A notícia havia se espalhado a uma velocidade fulminante.

Durante o recreio continuaram envoltos pela atenção silenciosa da escola. Alunos de outras turmas, disfarçando pessimamente, vinham olhar os dois bandidos. Por mais que tentassem, Daniel e Júlio não conseguiam fingir indiferença. E sabiam que não havia onde se esconder — os professores e coordenadores eram os primeiros a olhá-los como invasores interplanetários.

Não conseguiam conversar. Guardavam milhares de pensamentos tortuosos, loucos para serem compartilhados; mas a cada palavra trocada sentiam a atenção se redobrando ao redor. O pátio estava estranhamente sem movimento: nada de correrias, pique, jogo de bola. Pequenos grupos cochichavam excitados, lançando olhares furtivos. Quando a campainha tocou, grupos de alunos procuravam obedientemente as salas de aula, marcando mais ainda o dia atípico.

De volta à sala houve um primeiro momento de mal-estar, rompido subitamente por uma gargalhada geral. Daniel ficou gelado. Procurou Júlio com os olhos, mas ele estava de cabeça baixa, fingindo arrumar os cadernos. O professor de matemática, depois de um segundo de hesitação, apagou sem comentários a mensagem no quadro-negro, escrita com a óbvia letra torta de

Cesinha, um cara baixinho e metido a besta, que vivia pegando no pé dos dois:

O DR. FRANKENSTEIN E SEU ASSISTENTE IGOR SAEM NOVAMENTE EM BUSCA DE CADÁVERES. CUIDADO, O PRÓXIMO PODE SER O DA SUA MÃE!"

Embaixo, um desenho grotesco do que poderia ter sido Lucinha, com um enorme parafuso no pescoço, costuras na testa e no rosto, e braços esticados com as mãos em garras.

A turma gargalhava. Júlio percebeu que era um riso nervoso de quem procura afastar a evidência de algo muito grande, impossível de se suportar de outro jeito. O professor Batista só pediu silêncio, muito diferente de quando dava broncas homéricas ao encontrar textos bem mais inofensivos no quadro.

Daniel não conseguia prestar atenção às matérias. Os pensamentos e as lembranças, que pareciam dissipados ao acordar, voltavam junto com a sensação de isolamento do mundo. Via-se novamente chegando ao cemitério: ele, Júlio, os pais, o delegado e um guarda. O dr. Bastos não havia falado nada desde que saíram da delegacia, e isso estava deixando todos com os nervos em frangalhos. O que o vigia do cemitério havia dito? Qual seria a reação do delegado ao encontrar Lucinha retorcida e esbugalhada no caixão? Será que nem diante de tanta evidência acreditariam?

O mausoléu parecia a quilômetros de distância. Da porta, o vigia acenava ansioso. O delegado se apressou. Júlio tentou ficar um pouco para trás, sinalizando para que Daniel também retardasse o passo. Seu Antônio percebeu e agarrou o filho pelo cotovelo, empurrando-o com força. Os dois garotos trocaram olhares impotentes.

— Não sei como isso aconteceu, doutor! — O vigia, agora acompanhado pelos dois coveiros, não resistiu e veio ao encontro do grupo. — Logo que eu cheguei aqui vim dar uma limpeza nessas flores do lado de fora e topei com a porta aberta...

O dr. Bastos interrompeu:

— Depois você conta. Agora vamos ver a coisa.

O delegado e o vigia foram direto ao túmulo de Lucinha, falando baixo. Daniel tremia inteiro, parado junto ao portão do mausoléu, revivendo o pânico da noite anterior, vendo com nitidez absoluta o que deveria estar entrando pelas retinas do delegado. Lá dentro, na penumbra, ele apontava para baixo e fazia perguntas inaudíveis que o vigia respondia com gestos temerosos. Depois de algum tempo, o delegado Bastos se virou e chamou:

— Entrem, vocês. Quero que os garotos confirmem o que aconteceu.

Daniel deu um passo atrás, instintivamente, e notou que Júlio fazia o mesmo. Não entraria ali por nada desse mundo, tinha clara demais a imagem de Lucinha.

Não queria ver de novo, não queria novos detalhes somados às lembranças atrozés.

O delegado Bastos gesticulava impaciente:

— Vamos logo, não tenho a vida inteira por conta de vocês.

Júlio percebeu que o pai também hesitava, e algo por dentro lhe deu uma pequeníssima sensação de segurança.

Mas isso durou muito pouco. Logo escutou a voz de seu Antônio, que novamente apertava o braço do filho:

— Entra, moleque. Na hora de fazer bobagem bem que vocês vieram sem perguntar a ninguém.

Foi um sinal. Espantando o resto de indecisão, o dr. Mário também pegou o filho pelo braço, e os quatro entraram com passos lentos e indecisos.

O terceiro túmulo, tendo ao lado a lápide quebrada em duas, parecia a boca do inferno querendo sugar todo mundo para um redemoinho sem fim, crescendo voraz à medida que se aproximavam, sorrindo banguela, respirando um hálito fedorento — mas que não era o cheiro nauseante de decomposição. Dele só restava uma lembrança, suplantada pelo odor de flores murchas e poeira ancestral.

Espantado consigo mesmo, Daniel se deu conta de que desejava olhar. Queria uma confirmação, a prova final de que não fora vítima de delírio, de que não misturava pesadelo e realidade, de que não estava ficando esquizofrênico. Não era mais uma questão de ver as pessoas admitindo suas palavras: era ele que precisava acreditar nas próprias memórias para poder continuar vivendo.

O delegado Bastos estava na frente, cobrindo em parte seu campo de visão. Daniel entrevia o ataúde com a tampa caída de lado e a confusão de flores espalhadas.

— Como é que vocês explicam isso? — O delegado se afastou enquanto apontava para o caixão vazio.

†

Durante a última aula, de música, a turma estava incontrolável. Era normal acontecer a maior zona enquanto dona Inge tentava fazer com que entoassem uma canção folclórica totalmente idiota. Naquele dia a professora simplesmente escreveu a letra da música e mandou que copiassem. Pelo resto do tempo ficou

sentada, vez por outra encarando Júlio e Daniel como se fossem duas bostas de cachorro.

Júlio começou a ficar apreensivo. De vez em quando ouvia palavras ou pedaços de frases de sentido inequívoco:

- ... a gente espera na saída...
- ... encher de cacete! — Era a voz de Cesinha.
- ... o pessoal do segundo grau disse...
- ... corredor polonês...
- ... na beira do rio...
- ... ninguém vê...

E não podia fazer nada. Sabia muito bem, desde o dia anterior, que não adiantava argumentar: a cidade inteira havia concordado, mesmo sem provas, que eles eram os responsáveis pelo desaparecimento do corpo de Lucinha.

Veio-lhe à mente a foto de um homem linchado num vilarejo próximo, estampada em todos os jornais como alegoria macabra da justiça comunitária. O sujeito foi amarrado a um poste de iluminação, apedrejado até a morte e depois queimado numa enorme fogueira.

Era o que ia acontecer com os dois.

Do cemitério haviam sido levados novamente à delegacia, e teve início o interrogatório.

A falta da principal evidência, o corpo, transformou aquelas horas num labirinto de suposições. Os garotos estavam visivelmente confusos, e por diversas vezes deixaram o delegado na exasperação mais profunda. O dr. Bastos repetia as perguntas interminavelmente — Onde está o corpo? O que foi feito dele? —, e não se conformava com as negativas. Não perguntava mais o que havia acontecido na véspera, não queria escutar de novo a história da estaca no peito e dos olhos arregalados de pavor.

Sabia que Daniel e Júlio dificilmente poderiam ser os responsáveis pelo sumiço do cadáver. Eles teriam enfrentado um enorme problema se resolvessem tirar o corpo de Lucinha do caixão. Carregá-lo para fora do cemitério, passando pelos muros altos, e transportá-lo pela cidade seria um feito espantoso. Mas a única pista era o depoimento dos dois — um depoimento que jamais poderia ser levado a sério.

Começou a sentir-se meio ridículo, imaginando como seria visto pelos colegas da capital caso a história fugisse aos limites de Morro Queimado. Era óbvio que os dois moleques não sabiam de nada. De algum modo deviam ter ouvido falar do desaparecimento do corpo — coisa que não seria impossível numa cidade

daquele tamanho — e tinham inventado aquelas sandices. E os pais, cacete! Um deles uma figura respeitadíssima, dando trela para a história absurda. O melhor era acabar com aquela palhaçada.

Mandou que fossem para casa, mas antes passou um sabão em Júlio e Daniel, por atravancarem o trabalho da polícia, e proibiu terminantemente que saíssem contando bobagens pela cidade. Nas entrelinhas havia uma reprimenda ainda mais severa aos pais — uma sugestão implícita de que a justiça doméstica deveria ser aplicada de modo exemplar.

A duras penas o dr. Mário conseguiu convencer seu Antônio a não tomar nenhuma atitude violenta. Segundo ele, bastava a humilhação pela qual os garotos haviam passado. Concordaram que os dois só iriam se encontrar nas aulas. Durante o resto do tempo estariam de castigo.

Mas a notícia acabou se espalhando mesmo assim. Nada do que acontecia na sala do delegado era segredo para a cidade; havia um canal contínuo de informações que funcionava com a competência de um serviço secreto de Primeiro Mundo. No final da tarde os comentários já corriam de casa em casa, de telefone em telefone, com detalhes escabrosos. À noite já havia tantas versões que ficava impossível desfazer o emaranhado. Os nomes de Júlio e Daniel estavam mais conhecidos que o de qualquer artista de telenovela.

O pai de Lucinha fez uma ameaça pública de não descansar enquanto não mandasse os culpados para a cadeia, fossem quem fossem: queria de volta o corpo da filha e não mediria esforços nem dinheiro para conseguir. Buscas já estavam sendo feitas: uma draga revirava o leito do rio enquanto policiais davam batidas pelos matos.

†

Fim de aula: mal havia soado a campainha, quase toda a turma se levantou em debandada. Dona Inge ainda ficou um tempo na mesa, arrumando livros, olhando os dois por cima dos óculos, com cara de nojo.

— Estamos ferrados — sussurrou Júlio enquanto enfiava os cadernos na mochila.

— Vamos pedir ajuda na secretaria.

— E você acha que tem alguém preocupado com a nossa segurança?

O colégio ficava no final de uma rua sem saída. Até a pracinha havia apenas um caminho que poderiam percorrer. Assim que atravessaram o portão, viram uns vinte rapazes esperando ao longe. De lá, pouco antes da praça, saía a ruela que ia até a beira do rio. Sem falar nada, Daniel e Júlio atravessaram para a outra calçada e foram lentamente na única direção possível, ao encontro do grupo.

Quando chegaram a cerca de trinta metros, parte dos rapazes se deslocou para o mesmo lado da rua por onde os dois andavam. Daniel tinha os livros presos por um cinto. Já se preparando, segurou a ponta do cinto e começou a balançar os livros, avaliando o peso. Júlio trocava a mochila de uma das mãos para a outra, procurando a melhor maneira de usá-la como defesa.

Cesinha estava no meio do grupo, com as mãos na cintura e rindo.

Agora o grupo estava dividido em dois, metade em cada lado da rua. Daniel caminhava olhando fixo à frente, sentindo o peso dos livros, tentando imaginar quem atacaria primeiro.

Em praticamente nenhum dos rostos Júlio percebia sede de justiça por causa de Lucinha. Talvez Lucinha fosse apenas um pretexto bom demais para ser desperdiçado.

Já estavam a menos de cinco metros. Num relance Júlio percebeu que talvez pudesse escapar. Fez um sinal a Daniel e correu pelo meio da rua.

Os outros estavam preparados para isso. Imediatamente os dois grupos convergiram. Braços se esticaram, resvalando pela camisa de Júlio. Aproveitando o momento, Daniel correu colado junto ao muro de uma casa.

Alguém mergulhou contra suas pernas. Daniel se desequilibrou e caiu. Antes que o atacante pudesse subir em suas costas, ele se arrastou para a frente e conseguiu ficar de joelhos, ao mesmo tempo girando a mão que segurava o cinto com os livros.

Mesmo não tendo sido programada, a trajetória dos livros interceptou o movimento da cabeça de Cesinha, que também tentava se levantar.

Houve um barulho seco. Cesinha caiu para trás, atordoado. Daniel conseguiu ficar de pé, preparando-se para correr.

Júlio cruzou a barreira; imediatamente uns cinco rapazes dispararam atrás. Quando ia atravessar a rua em direção à praça, o movimento de carros obrigou-o a parar por alguns segundos — o suficiente para que o agarrassem.

Daniel também estava preso. Os dois grupos, com os dois prisioneiros, foram em direção ao caminho que dava no rio.

Júlio tinha o nariz sangrando.

Daniel levou um pontapé nos rins que o fez se dobrar ao meio.

Algumas pessoas apareceram nas janelas das casas, espantadas. Daniel e Júlio começaram a gritar, imaginando a salvação naqueles rostos desconhecidos. De repente, a voz de Cesinha se fez ouvir:

— Espera aí, pessoal. Vamos explicar à massa o que é que a gente tá fazendo. — Esfregava o lado do rosto completamente avermelhado pela pancada. Mas mesmo com a dor conseguia um sorriso torto. — Afinal de contas, a população precisa conhecer os motivos, né?

O grupo fez um círculo apertado em torno dos dois. Cesinha gritou acima dos murmúrios, encarando as pessoas nas janelas e os alunos das outras turmas que começavam a formar um grande ajuntamento ao redor:

— Esses dois são os violadores de túmulos, ladrões de cadáver! Foram eles que sumiram com o corpo da nossa colega.

Os primeiros gritos partiram dos grupos de estudantes, mas logo em seguida vinham também das janelas:

— Lincha!

— Faz eles pagarem!

— Quebra!

— Arrebenta!

Cesinha levantou os braços pedindo silêncio novamente. Apesar de pequeno, tinha na cara infantil a expressão de uma ira divina, um Zeus pirralho pronto a despejar raios pelos olhos.

— Acho que a população deve presenciar a justiça. Nada de ir pra beira do rio. Vamos continuar aqui mesmo!

Gritos de concordância vieram de todos os lados. Daniel procurava algum olhar de apoio nas janelas, nos rostos conhecidos de outros estudantes. Pareciam todos hipnotizados pela atitude de Cesinha. A situação era uma bola de gás muito cheia — um pequeno sopro a mais e explodiria em mil fragmentos, liberando energias desconhecidas. Como se tivessem ensaiado, os rapazes soltaram os braços deles. O círculo se abriu um pouco, acumulando tensão. Júlio se encostou em Daniel, buscando o único apoio possível. Esperando o inevitável.

Aquele momento já durava séculos, e mais estudantes chegavam, esperando excitados a hora do desfecho.

Alguém se destacou do círculo e deu um soco no meio das costas de Júlio. Contendo um grito de dor, ele se virou, disposto a revidar. Imediatamente recebeu um tapa na orelha, vindo de outro lado. O mundo inteiro se encheu com um apito agudo. Gritos partiam de bocas sorridentes, mas aquilo ainda era uma preparação ritual: pequenos golpes vindo de lugares inesperados serviam para desorientar as vítimas, colocá-las num estado de confusão. Daniel e Júlio

rodavam como perus bêbados, erguendo os braços de qualquer maneira, tentando defender o rosto. O ritmo dos tapas e cutucadas parecia aumentar. A qualquer momento a coisa explodiria de verdade.

Um carro invadiu o círculo, buzinando frenético. Tomados de surpresa, os agressores levaram alguns segundos para perceber o que acontecia. A porta atrás do motorista se abriu e uma voz começou a gritar:

— Entra logo, anda!

Júlio não compreendia o que se passava, envolto numa névoa de zumbidos e dores.

Daniel olhava ao redor, esperando um golpe que custava a chegar. Sentiu o braço ser puxado com força e foi de encontro a algo macio.

De repente a confusão se desfez e ele entendeu o que estava acontecendo. Agarrou a mão de Júlio ao mesmo tempo que alguém, na roda, se recuperava do espanto e tentava puxá-lo para longe do carro. Júlio ainda bateu com a cabeça na porta antes de cair no banco de trás. O carro partiu com um chiado de pneus, esbarrando de leve em alguns estudantes.

Célia girou o corpo no banco da frente, ao lado do motorista, encarando os dois:

— Por pouco, hein?

Sem desviar os olhos do trânsito, o pai dela falou, carrancudo:

— Resolvi atender minha filha e pegar vocês porque não gosto de covardia, mas também não acho certo o que os dois fizeram.

— Ah, pai — Célia sorria inteira, excitada com o gosto apimentado da aventura —, não é hora de fazer sermão.

O carro havia contornado a praça e pegava a direção do centro da cidade. Júlio sentiu que já estavam seguros:

— Pode deixar a gente aqui. Acho que não tem mais problema.

— De jeito nenhum. — Célia se virou para o lado do pai, esperando confirmação. — Vocês vão pra minha casa. Lá a gente faz uns curativos e depois ele leva vocês.

†

Célia estava irreconhecível. Júlio e Daniel mal conseguiam associar aquela figura cheia de excitação com a presença silenciosa de todos os dias na sala de

aula. Era a típica CDF: melhores notas, respostas corretas, sorrisos complacentes dos professores, ar levemente blasé de quem não encontra novidade em nada. Júlio imaginava Célia como uma princesa inalcançável, Rapunzel de negros cabelos lisos, esguia, e o rosto de uma virgem de Giovanni Bellini que ele tinha visto num livro de arte. Não que esse enlevo platônico o impedisse de imaginá-la como a solução para suas tensões de adolescente. Se tivesse coragem, Júlio pediria Célia em namoro.

Na intimidade de sua torre, Rapunzel era toda sorrisos cúmplices, toda movimentos e curiosidade. Ela mesma passou mercurucromo nos pequenos talhos e nas esfoladuras (afora o nariz de Júlio, que já havia parado de sangrar, nenhum dos dois parecia ter algum machucado mais sério). Sob o olhar reprovador dos pais, levou-os para a varanda nos fundos da casa, carregando sanduíches e suco.

— Foi que nem filme, não foi? A gente chegou na hora exata. E a cara daqueles panacas! Covardes, um montão contra dois... Na sala eu já não gostei do que eles vinham preparando. Se meu pai não chegasse eu era capaz de entrar sozinha lá no meio. Queria ver se iam bater em mim.

Enquanto bebia um gole de suco para ajudar a descida do sanduíche, Daniel ouviu Júlio falar com voz rouca de paixão represada:

— Você foi demais, Célia. Se não tivesse aparecido, a essa hora a gente tava a caminho do céu.

— Do inferno! — Ela sorriu maliciosa. Depois voltou ao ritmo eufórico: — Mas e então, eu quero saber de tudo. O que vocês fizeram com a Lucinha...

Daniel interrompeu com ar cansado:

— Você também não, né, Célia. Já chega a cidade inteira contra nós.

— Mas quem disse que eu tô contra vocês? Podem confiar em mim. Não vou contar pra ninguém o que vocês me disserem.

Júlio sentiu que um pouco, só um pouquinho, a imagem da virgem de Bellini se embaçava.

— Não aconteceu nada, Célia. Nós fomos ao cemitério, sim, mas o corpo tinha desaparecido.

Célia sorriu sedutora, sabendo que conseguiria o que desejava:

— Eu ouvi dizer que vocês contaram outra história pro delegado, uma história bem mais interessante. De uma estaca no coração.

Daniel e Júlio se entreolharam.

— Isso foi bobagem — disse Daniel, encarando fixo os olhos de Júlio. — É invenção de gente que não tem o que fazer...

— Invenção coisa nenhuma! — interrompeu Júlio, cansado de ser visto como mentiroso por uns e como violador de sepulturas por outros. — Ela tava lá

dentro, toda contorcida, com os olhos esbugalhados, aterrorizada, como se tivesse acordado justo na hora em que enfiaram a estaca no peito!

Daniel apoiou a testa na palma da mão, suspirando alto. Célia tinha uma expressão de espanto que não chegava a esconder a curiosidade:

— No duro, mesmo? Vocês acham que...

— Ela foi mordida por um vampiro, e alguém já fez o serviço necessário: pelo menos a alma foi salva.

Célia estava boquiaberta. Aos poucos a excitação e a curiosidade foram sendo substituídas pelo medo, e ela levou a mão ao pescoço, imaginando cenas de filme. Daniel largou o sanduíche pela metade, irritado com a atitude de Júlio:

— Você não acha que, quanto menos pessoas se envolverem, melhor? A gente não sabe direito com o que andou mexendo. A história se espalhou pela cidade. Não é só o pessoal da escola que pode estar a fim de acabar com a gente.

Júlio baixou a cabeça, sabendo que Daniel estava certo. Célia voltou a sorrir, tentando reanimá-los:

— Que é isso, pessoal, a coisa pode não ser tão ruim. Mas contem os detalhes: como é que ela estava? Tinha dentes crescidos e tudo?

— Olha aqui, Célia — Daniel começou a se levantar —, você fez tudo que podia, foi uma maravilha. Mas o pessoal em casa deve estar preocupado. É melhor a gente ir embora. Já tem muita confusão acontecendo, não quero mais ainda.

capítulo 4

Ana morava fora da cidade e precisava andar quase cinco quilômetros para chegar à escola pública. Mas não se importava, nem sentia medo. Pingo ia levá-la e buscá-la.

O vira-lata malhado de amarelo e preto tinha uma noção de tempo extremamente aguçada: todos os dias, exatamente dez minutos antes das doze, estava imóvel diante do portão da escola — a língua de um palmo pendendo fora da boca repuxada no que Ana dizia ser um legítimo sorriso de boas-vindas. Todas as crianças da segunda série da escola pública conheciam Pingo e sempre paravam para uma festinha rápida no pêlo curto e duro.

Ana foi uma das últimas a sair e não deixou de notar que os amigos se afastavam rapidamente de Pingo antes de tocá-lo. O cão abanava o rabo sem entender muito bem o que acontecia.

— Que cheiro horrível, Pingo! Já disse que não gosto de você remexendo lata de lixo. Vai tomar banho hoje. Assim que a gente chegar em casa.

O cachorro saltava frenético, esperando os afagos de sempre. Ana saiu andando sem atender aos apelos.

A pouco mais de cem metros da escola começava a estradinha de terra que, depois de corcovear por morros e atravessar pequenas matas e pastos, levava à sua casa. Pingo ainda tentou barganhar o carinho da dona com agradinhos e chantagens, depois se resignou e seguiu, às vezes à frente, às vezes parando para perturbar algum lagarto.

Ana pensava num monte de coisas enquanto andava. Gostava de pensar.

Gostava daquelas caminhadas porque eram praticamente os únicos momentos em que podia ficar só, sem as exigências da professora, sem as muitas vozes dos colegas ou a necessidade de tomar conta dos irmãos mais novos. E gostava da companhia de Pingo. Ele não falava, ele praticamente não latia, e sabia quando deixá-la sozinha com os pensamentos (os cachorros costumam saber dessas coisas muito melhor do que as pessoas, era o que Ana sempre dizia). Agora mesmo Pingo sabia que ela estava chateada. Ana tinha enorme orgulho do cachorro — um vira-lata educado que trazia tudo que ela pedisse, num piscar de olhos —, mas ficava furiosa quando ele cedia aos instintos e cumpria o mandamento da raça.

Cerca de meia hora depois de saírem da escola Pingo começou a latir feito um doido. Dava saltos, corria em direção ao mato e voltava ansioso, balançando a cauda e babando.

— Fica quieto, Pingo.

Em vez de obedecer, Pingo disparou em frente e entrou no mato. Ana correu até o ponto em que ele havia deixado a estradinha e ficou gritando:

— Volta aqui. Vamos pra casa, Pingo!

Agora não ouvia mais os latidos. Eram apenas rosnados e a respiração excitada do animal. Resolveu verificar o que acontecia.

— Aposto que achou um tatu. Larga o bicho, Pingo! Não posso demorar, você sabe que mamãe me pega se souber que eu deixei as crianças esperando.

Havia uma pequena trilha de mato amassado levando aos ruídos feitos pelo cachorro. Certamente não era coisa de tatu.

De repente o cheiro a acertou como uma porta batendo na testa. Na certa havia sido ali que Pingo conseguiu ficar tão fedorento. Não era nenhuma lata de lixo: alguma coisa tinha morrido e estava apodrecendo no meio do mato. Ana nem sequer se deu conta de que não havia urubus por perto: uma carniça daquelas certamente atrairia todos os urubus das redondezas.

Tapou o nariz e continuou a andar, respirando pela boca.

Pingo havia desenterrado alguma coisa.

Algum tipo de bicho... não: um pé. Um pé de gente. Um pé de gente cinza... não. Um pé de gente... morta!

Ana chegou em casa quase tão pálida quanto um cadáver. Correu até o pai na plantação de abóbora, o coração batendo na cabeça e a boca seca de respirar descontrolada.

Naquela noite não dormiu direito, cheia de pesadelos em que via Pingo trazer pedaços de gente: pés, mãos, narizes, orelhas; e outros em que Pingo pulava

sobre ela, como quando estavam brincando. Só que, dessa vez, Ana sentia os dentes do cão afundando na sua garganta — e não podia acordar nem gritar, porque num instante estava mortinha da Silva.

Ao sair para a escola no dia seguinte, pela primeira vez em três anos deixou o cachorro amarrado no pé de caqui em frente à porta da cozinha.

O primeiro enterro de Lucinha havia sido espetacular. O segundo foi melancólico, com o caixão lacrado, os pedaços ainda em condições razoáveis finalmente retalhados pelos legistas. Algum animal havia esfaqueado o corpo e comido partes, disseram na falta de algo mais confiável.

O cortejo tinha no máximo dez pessoas. Os repórteres foram mantidos à distância do cemitério. A mãe não pôde comparecer, pregada a uma cama de hospital por caixas e caixas de barbitúricos. O pai deixara de esbravejar e se apoiava no ombro do delegado Bastos — a pintura negra subitamente desaparecida dos cabelos, o ar de sucesso e poder transformado numa fragilidade lamentável.

†

No ônibus para a casa dos tios em Bom Jardim, Júlio não conseguia sentir o alívio que havia imaginado. Durante uma semana estaria livre do pessoal da escola, dos olhares atravessados, livre dos gestos mecânicos e das falas desoladas dos pais na hora das refeições. Mas não estaria livre do que mais o incomodava: a memória desses dias confusos.

As fofocas da cidade e as investigações da polícia estavam se afastando dos dois — agora vistos como doidos ou irresponsáveis — em busca de um suspeito mais plausível para o ato hediondo. E ele ficava ainda mais perturbado com isso. Claro, quanto mais pensassem num louco profanador ou em vingança contra o poderio da família de Lucinha, mais distantes estariam da verdade.

A estrada corria entre morros sinuosos, fazendas com estufas de flores, pastagens, eucaliptos; o cobalto azul do céu reforçando as cores até o delírio de buganvílias e ipês. Como pensar em seres da noite, como pensar em qualquer coisa maligna debaixo de um céu daqueles? Mesmo assim Júlio pensava, com uma força obcecada que transformava a paisagem em borrões abstratos.

Júlio não gostava de arte abstrata.

Como os pais de Daniel, os seus já passavam dos 55 anos, os pensamentos suficientemente estratificados para não considerarem a possibilidade de qualquer mudança. E, inclusive por isso, Júlio gostava deles. Gostava a ponto de delimitar grande parte de seus interesses segundo as preferências do dr. Mário Pereira. Com 15 anos, num mundo dominado por rock, videogames e filmes de violência coreografada, Júlio era absurdamente ignorante de certas coisas. Claro, adorava desenho animado japonês, como todo mundo; curti ficção científica e até andava de skate, antes de se achar velho demais para isso. Mas preferia acompanhar os gostos do pai. Chegava a ponto de escutar música clássica lendo antigas histórias de terror.

Daniel, pelo contrário, era bastante antenado no mundo contemporâneo. Gostava de jogos de computador, MTV, e era razoavelmente bom tocando guitarra. Gostava de saber das notícias, queria correr o mundo, sair de Morro Queimado, começar a viver.

Mas estava confinado ao quarto, tendo de agüentar o sarcasmo constante do irmão.

A história de Lucinha estava novamente se modificando em sua cabeça: a distância de Júlio fazia as coisas ganharem contornos mais corriqueiros, mais dominados pela razão. Duvidava das memórias, confundia as lembranças reais com os sonhos apavorantes que vinha tendo ultimamente. E, quando as lembranças se tornavam muito vívidas — o cheiro de morte e a imagem de pavor invadindo os receptores do cérebro —, procurava hipóteses mais tranqüilizadoras: Lucinha podia ter sofrido de catalepsia, acordado no caixão e morrido sufocada. E a estaca?... A estaca devia ter entrado em sua memória por alguma via escusa (sem Júlio para confirmar, era quase capaz de ver Lucinha com o peito intacto).

Ou poderia ter havido outro caçador de vampiros tão equivocado quanto eles, que foi inutilmente mutilar o cadáver. Nesse caso, a lembrança da estaca seria verdadeira, mas não o rosto contorcido de pavor.

A terceira hipótese, de que ambas as coisas (catalepsia e caçador de vampiros) tivessem acontecido, era tão remota que ele nem se deu ao trabalho de considerar. Além disso, havia a questão do roubo do cadáver — para o qual ele não conseguia imaginar explicação.

De qualquer modo, ficando em casa e assistindo à MTV, podia concordar com

a irritação do pai e a tristeza da mãe: ele não passava de um moleque que, mesmo crescendo, continuava pensando como um idiota. Assim que Júlio voltasse e os dois pudessem se encontrar teriam uma conversa de homem para homem, de adulto para adulto.

†

O reencontro na escola foi desconfortável. Sentiam olhares fixos em seus movimentos, mas sempre que se viravam na direção do possível observador encontravam gestos disfarçados. Célia tornou a situação ainda mais constrangedora, falando muito alto, rindo, fazendo questão de ser notada ao lado dos dois. E impedindo a conversa que desejavam ardentemente. Os professores se esforçavam por parecer despreocupados, mas não conseguiam esconder a incapacidade de formar uma opinião definitiva. Depois das aulas, contrariando a ordem expressa dos pais, os dois saíram juntos. Daniel começou a falar de imediato, querendo colocar de uma vez todas as opiniões, antes que Júlio resolvesse iniciar um novo delírio e o arrastasse junto.

— Queria que esse papo fosse pra acabar de uma vez com o assunto. Andei pensando demais e acho que a gente misturou as coisas.

Júlio ia interrompê-lo, mas Daniel continuou sem pausa:

— A gente imagina demais, inventa demais. Eu sei, eu sei que você vai dizer que nós dois vimos, mas existem milhares de casos de pessoas que piram geral. Pode ter sido alucinação coletiva, sei lá, alucinação a dois! Eu tava transtornado, quase me mijando de medo, e você também. A gente foi dentro do cemitério, a gente violou o túmulo! Naquela hora eu seria capaz de ver até um dragão xadrez cuspiendo fogo.

Júlio o encarava, sério, do jeito que Daniel conhecia bem. Tinha alguma coisa para dizer, mas estava esperando o momento apropriado. Daniel desejava que o momento nunca viesse, temendo os poderes de persuasão do outro, e continuou a falar:

— Eu pensei demais essa semana. Revi tudo. Não pode, cara, esse negócio de vampiro... tá aí: só de falar me sinto um perfeito babaca. É só uma lenda que um sujeito transformou em livro e depois virou um monte de filmes. O código do vampiro, por exemplo — sangue, cruz, alho, estacas —, não resiste ao menor raciocínio. Na verdade eu li em algum lugar que é só um jeito figurado de ver o

ato sexual. E a gente não pode esquecer: Lucinha não tinha marca no pescoço.

— Será? Da primeira vez não fizeram autópsia. E na segunda parece que não sobrou muita coisa pra autopsiar. O coração, por exemplo, eles nem encontraram...

Daniel sentiu raiva de si próprio por ter deixado a brecha para que Júlio falasse.

— Não tem nada a ver. Um animal fatalmente iria preferir as partes mais macias...

— Deixa de querer tapar o sol com a peneira!

— Não é possível, Júlio. Não posso acreditar nisso, *não vou* acreditar nisso. Nem adianta tentar porque eu tô preparado pras suas loucuras. Você me colocou nesse perrengue uma vez, não vai colocar de novo.

— Morreu outra garota ontem, do mesmo jeito.

Daniel ia continuar cada vez mais exaltado, mas parou com a boca aberta antes do início da frase. Demorou um tempo grande para dizer muito baixo:

— O quê?

— Na Várzea do Coelho, fora da cidade. Meu pai foi cuidar dela, mas já não tinha mais jeito: morreu logo depois que ele chegou. Nas veias só tinha praticamente água. Ele tá completamente perturbado, disse que vai ajudar na autópsia, hoje.

†

O dr. Mário não escondia um orgulho altivo por seu início humilde na medicina. Nascido de família empobrecida numa velha fazenda retalhada pelo avô entre tios irresponsáveis, sonhava desde pequeno em fazer algo pela região. Amava os pastos ondulados e as velhas casas coloniais, as plantações de café e milho, as vacas lentas eternamente reunidas sob as copas das mangueiras; e amava sobretudo as pessoas — tímidas, arredias, escondendo atrás das mãos os risos de dentes podres.

Havia cursado a faculdade no Rio, trabalhando de garçom à noite e estudando o dia inteiro, constantemente bêbado de sono, não se permitindo nenhum lazer (nem mesmo uma namorada casual que desviasse a atenção do caminho reto e absolutamente sem dúvidas), fugindo, como o diabo da cruz, dos grupos baderneiros e esquerdistas que se reuniam nas repúblicas, em manifestações e

festas ruidosas a despeito da repressão do regime militar.

Voltou à fazenda com um diploma e a mala enorme abarrotada de remédios. Recusou o auxílio da família para instalar consultório na cidade: disse, para desgosto eterno do pai, que preferia um jipe. Ganhou o veículo, e pelos próximos dezoito anos percorreu boa parte do interior do estado, ficando uma ou duas semanas, no máximo, em cada vilarejo ou sede de fazenda; tratando de verminoses, febres, feridas, realizando partos e odiando impotente as aparições da morte. Nesse meio-tempo se casou com dona Carmem, filha de outro fazendeiro à beira da ruína. Quando os filhos mais velhos começaram a precisar de uma educação mais aprimorada, mudou-se para Morro Queimado, onde a enorme experiência como clínico não tardou a render frutos: tornou-se em pouco tempo um médico respeitado, e muitos clientes vinham até de outras cidades procurá-lo no consultório anexo à casa ou nos plantões do hospital municipal.

Mas continuava lembrando, como sendo os melhores de sua vida, os tempos em que vivia com a bunda amassada pelas viagens no carro desconfortável.

O dr. Mário não gostava de participar de autópsias, e dessa vez era ainda pior. Conhecia a garota desde criança — na verdade Sofia viera ao mundo por suas mãos. Tinha a horrível sensação de estar destruindo uma obra inacabada: um corpo de 17 anos que deveria viver muitas décadas ia sendo aberto e escarafunchado sem a menor cerimônia.

Os órgãos pareciam em excelente estado — como deviam, para uma adolescente. Apenas o coração demonstrava alguns sinais de esforço. O que não era de causar espanto: ao simples olhar, percebia-se que uma percentagem absurda do sangue fora substituída por água. Ainda agora, muitas horas após o óbito, qualquer corte fazia brotar o líquido quase transparente e incapaz de se coagular. Os exames posteriores poderiam definir melhor o que havia acontecido, mas, de qualquer modo, não pôde ser encontrado nenhum foco hemorrágico externo ou interno. A única marca em todo o corpo era uma ferida muito pequena na parte interna da coxa esquerda (não estava completamente cicatrizada e não havia nenhuma infecção — o que, devido ao baixíssimo teor de glóbulos brancos no organismo, tornava tudo ainda mais espantoso).

E os exames de sangue apontavam absurdamente para uma hemorragia profusa como a causa possível — ainda que improvável — daquela anemia brutal. O sistema circulatório fora preenchido quase que somente por água (decerto não antes de o coração ter trabalhado em excesso, chegando à beira de um choque ou mesmo um total colapso cardiovascular).

As informações da família também apontavam para os típicos sintomas de

uma grande hemorragia: palidez, cansaço, taquicardia, muita sede. Não haviam procurado o médico antes porque suspeitaram de icterícia, e estavam fazendo um tratamento caseiro à base de chás de ervas.

†

— Ele separou amostras do sangue pra examinar com mais cuidado depois — contava Júlio, como sempre, parecendo sentir enorme prazer nos detalhes mórbidos. — Disse que não confia muito nos exames que foram feitos. E disse que talvez dê para descobrir alguma pista melhor. De qualquer modo, todas as características eram mesmo de hemorragia. Parece que nos primeiros momentos a medula trabalhou bastante, tentando compensar as perdas, mas não houve tempo suficiente pra recuperação. E parecia até que toda a água que ela bebeu na última semana ia direto pras veias. Eu não entendi direito os detalhes, mas de qualquer modo...

— Ela tinha algum buraco no pescoço? — Daniel voltava ao tema de sempre: — Se você compra a idéia do vampiro, tem que comprar com todos os detalhes. Ou então não compra.

Esse também era o ponto que deixava Júlio embatucado.

— Não. Nenhum buraco no pescoço. Mas, por outro lado, como é que pode, uma hemorragia que não tem por onde acontecer? Ele disse que não pode ter sido hiper-hemólise...

— O que é isso?

— É uma destruição generalizada dos glóbulos vermelhos. Não pode ter sido porque não eram só os glóbulos vermelhos que estavam faltando. O sangue sumiu por igual. Ficou diluído na água.

— E o que foi que o seu pai concluiu?

— Nada. Não concluiu xongas! E tá feito um alucinado, andando de um lado pro outro, telefonando pra especialistas. Disse que hoje ia passar o dia no laboratório, ajudando a pesquisar as amostras de sangue.

— Ele te contou tudo isso?

Júlio riu, sem jeito.

— O que é que você acha? Ele quase não fala mais comigo. Agora, então, nem quer comentar o assunto perto de mim; acho que pra não dar motivo de eu meter o bedelho. Fiquei sabendo porque escutei a conversa dele com minha mãe,

por trás da porta. E ele parecia todo abalado, falando alto, de um jeito que eu nunca vi antes.

Depois de Júlio interromper a fala, Daniel deixou o silêncio pairar. Agora estavam passando perto do casarão suíço, e as lembranças da investigação frustrada fizeram com que ele risse por dentro: verdade, os dois eram completamente pirados, e já estavam de novo nas beiradas do delírio. Resolveu que o melhor era colocar um ponto final:

— Tudo bem, vá lá que a garota tenha sido chupada por um vampiro. Só que dessa vez a gente não vai fazer nada. Se ela tiver que virar vampira, que vire, que parta pra sugar quem for encontrando pela frente, que provoque uma epidemia, se quiser. Eu tô fora.

— Deixa de ser otário! — Júlio o empurrou de leve, impaciente: — Essa aí não tem como virar. Foi feita a autópsia, os órgãos principais estão no laboratório. Ela vai ser enterrada sem coração.

— Na verdade, isso não tem nada a ver. A gente não sabe o que é um vampiro. Se for uma coisa sobrenatural, talvez não dependa de o coração estar com a pessoa. — E vislumbrou uma oportunidade de se divertir à custa de Júlio: — Tá aí: a gente vai disfarçadamente até o laboratório, encontra o coração, que deve estar num daqueles vidros cheios de líquido colorido, que nem em filme de terror, e enfia a estaca nele! Você não pode negar que é muito mais seguro do que ir ao cemitério e violar...

— Poxa, cara, assim não dá. Vamos falar sério.

Apesar de toda a vontade de continuar no clima gozador, Daniel concordou:

— Tá. Vamos falar sério: o seu pai é um sujeito capaz, é respeitado em toda a cidade. E tá pesquisando o caso. Ele tem muito mais condições do que nós dois ou algum caçador de vampiro desmiolado pra descobrir o que aconteceu. Pode ter sido uma coisa completamente diferente do que você pensa, do que eu penso. Vamos dar um tempo.

Já estavam chegando às proximidades da casa de Júlio. Deviam se separar antes que alguém os visse juntos e contasse às famílias. Júlio concordou com o que Daniel vinha dizendo:

— Certo, vamos dar um tempo. Até porque não tem nada que a gente possa fazer por enquanto. Mas, por via das dúvidas, pedi a Célia pra ir ao enterro da tal garota.

— O quê? Agora pirou de vez. Misturar Célia nessa história é querer mais uma pessoa se arriscando a ser linchada como doida. Você devia era fazer coisas mais interessantes com ela, em vez de ficar pensando nesse tipo de besteira.

Júlio tentou reagir mas Daniel já estava distante, rindo e tomando o caminho de casa.

†

O dr. Mário cancelou todos os clientes do dia e foi para o laboratório do hospital público. A princípio conversou longamente com o técnico que havia examinado as amostras no dia anterior e chegado à conclusão:

— Como o senhor pode ver, se a gente descontar a percentagem elevada de água, o hemograma é normal. A reticulocitose aumentada, a hiperleucocitose e trombocitose só vêm a confirmar as suspeitas de hemorragia maciça.

— Que não pôde ser observada através de nenhum dado da autópsia.

O técnico encolheu os ombros:

— Mas isso não pode ser determinado pelo meu trabalho. Eu só faço o que posso.

O dr. Mário percebeu que o técnico estava incomodado com a sua presença. Conhecia Pedro Kern há tempo suficiente para saber que era um bom laboratorista, mas que depois de 15 anos no serviço público fazia apenas o trabalho especificamente exigido, incapaz de se sentir estimulado por alguma novidade. E que, por outro lado, não poderia admitir alguém de fora criticando sua eficiência. O dr. Mário dependia da ajuda, e não desejava ferir os brios dele.

— Longe de mim fazer qualquer crítica ao seu trabalho, Pedro. O problema é que... você sabe, a gente está enfrentando uma situação desconhecida. Pode ser uma doença nova, é a segunda menina que morre na cidade em condições desse tipo — pelo menos que a gente saiba. E o único elemento que temos para investigar é o sangue. Acho que posso dizer com certeza quase absoluta que ela não teve uma hemorragia tão brutal: não há um ferimento de tamanho suficiente, não há nenhuma evidência de lesão interna; ela nem estava menstruada!

Pedro ergueu as sobrancelhas mostrando os olhos muito azuis, recebidos de presente dos avós suíços:

— Isso é completamente impossível.

— Pois é como estou dizendo. Percebe agora por que vim aqui, perturbar o seu serviço? Percebe que a gente precisa descobrir alguma coisa?

— Mas o hemograma...

O dr. Mário sentia vontade de gritar, mas manteve o conhecido tom moderado:

— Precisamos procurar outra coisa.

— O quê?

Era extremamente difícil controlar a impaciência:

— Sei lá, qualquer coisa! Algum elemento externo, alguma coisa tão disfarçada que a gente pode não perceber com facilidade; que pode estar tão diluída a ponto de representar uma percentagem ridícula, mas que dê alguma pista. Qualquer pista.

†

Célia estava se sentindo o máximo. Ficava perplexa com o tempo enorme que tinha vivido como garota comportada: a filha boazinha, a aluna perfeita. Besteira! Agora sabia que estivera apenas aguardando um estímulo propício para mostrar quem era. Adorava ter inventado uma história absurda para a mãe, adorava ter entrado no ônibus cheio de caipiras. Adorava estar chegando a Várzea do Coelho, um pequeno distrito de Morro Queimado — pouco mais que um vilarejo de agricultores, uma igreja e um cemitério. Adorava principalmente estar fazendo algo que jamais seria esperado de seu comportamento conhecido.

Chegou pouco antes da hora e ficou caminhando, sob a curiosidade dos rostos locais. Às quinze para as cinco viu o cortejo apontando no final da rua: um grupo relativamente grande de pessoas — homens de chapéu na mão, mulheres com véus de renda preta, crianças compenetradas de absoluto silêncio e solenidade.

Quando os últimos a chegar já estavam dentro do cemitério, misturou-se às pessoas. Observou rostos, procurou expressões suspeitas (qualquer coisa que pareça estranha, Júlio havia dito), ouviu as palavras rápidas do padre e os uivos dilacerados da mãe. Por mais que comparasse a formalidade densa do enterro de Lucinha com as emoções descaradamente explícitas deste outro, não pôde perceber nada de anormal. “Era só um monte de gente triste”, disse a Júlio no dia seguinte, “e não acho que o seu vampiro fosse comparecer. De qualquer forma, ainda era dia claro.”

Mesmo assim ficou observando com todo o cuidado. Não queria deixar nenhum detalhe de fora, principalmente os mais dramáticos: a mãe se agarrando ao caixão, pedindo para ser enterrada junto; o pai tentando segurá-la, recebendo uma bofetada no rosto e quase caindo dentro da sepultura; o grupo de pessoas arrastando-a para longe enquanto os uivos se alongavam agudos e ásperos.

Na verdade, o que Célia deveria ter registrado passou despercebido e se enterrou profundamente num ponto qualquer da memória, esperando o momento

especial para ser exumado.

†

Já haviam testado oito amostras daquele sangue diluído. A bancada estava coberta por frascos de reagentes e tubos de ensaio com conteúdos alterados por corantes e estimulados por catalisadores; as duas centrífugas giravam há horas e os dois microscópios tinham as lâminas trocadas continuamente sem que se visse alguma coisa que não fosse totalmente conhecida.

— Sem querer desfazer de sua idéia, dr. Mário, acho que a gente está perdendo tempo.

— Faltam ainda quatro amostras. Não custa nada continuar.

Pedro encarou o dr. Mário com os olhos cansados.

— Sinto muito, mas já passou demais da minha hora. Amanhã, se eu não estiver ocupado com o trabalho do hospital, a gente continua. — Foi até o cabide e pendurou o jaleco, falando sem jeito: — Talvez a pista que o senhor procura não esteja no sangue. Talvez a gente só esteja perdendo tempo...

O dr. Mário foi para junto de Pedro e o segurou pelo braço:

— Talvez a gente esteja perdendo tempo, sim. Tenho quase certeza. Mas preciso da certeza inteira, percebe? Preciso excluir qualquer dúvida com relação ao sangue, porque é a única coisa efetiva que a gente tem nas mãos.

Pedro encarou novamente o dr. Mário, procurando não ser agressivo:

— O senhor já pensou que, mesmo que exista isso que está procurando, talvez nunca seja encontrado? Uma coisa tão diferente pode não ser detectada pelos reagentes e pelos equipamentos vagabundos que a gente tem aqui. Se for um simples vírus...

— Eu pensei nisso, claro. E nesse caso não vamos poder fazer nada. Mas quero ir até o final. Se você não se importa, eu gostaria de ficar aqui, trabalhando. Quando terminar, peço pro vigia trancar tudo.

Pedro respirou fundo antes de concordar:

— Só porque é o senhor. Mesmo assim, se souberem, a coisa pode ficar ruim pro meu lado.

— Não se preocupe, não vai ficar. Eu me entendo com a direção. De qualquer forma, muito obrigado pela ajuda.



Júlio ficou se retorcendo de vontade de telefonar para Célia, mas achou melhor esperar e saber diretamente, no dia seguinte.

Mas era difícil resistir. Sentia falta de Daniel, de conversar tanto que o assunto acabasse virando outra coisa, menos obsessiva. Mesmo quando Daniel negava suas hipóteses — e talvez principalmente nessas horas —, o pensamento ficava mais claro, novas conexões eram feitas, as descobertas eram rápidas e empolgantes.

O pai não chegava em casa. Havia ligado do laboratório dizendo que ia ficar trabalhando até tarde. E se ele descobrisse alguma coisa? E se houvesse algo que confirmasse cientificamente a hipótese do vampiro, o que aconteceria? O surgimento de uma nova ciência? Uma ligação surpreendente entre ciência e lenda, entre ciência e misticismo? E se o vampiro não fosse uma criatura das trevas, mas simplesmente a vítima de uma doença contagiosa — uma doença *imortal* —, será que todo mundo ia querer pegar a doença e virar vampiro? Será que *eu* gostaria de virar vampiro e viver para sempre — à custa de sangue alheio?, pensou. E, se fosse apenas uma doença, qual seria a razão das cruzes, do alho, do espelho que não reflete?

Daniel tem razão — pensava Júlio acariciando distraidamente o crânio de Madame Butterfly —, se você compra a idéia do vampiro, tem de comprar o pacote inteiro, caso contrário o negócio fica muito complicado. E o pacote do vampiro não inclui um item chamado ciência. Não tem explicação para nada: tudo acontece como deve acontecer, de acordo com leis questionáveis, mas que não podem ser negadas em seu próprio contexto.

Difícil raciocinar sem mais dados. Talvez devesse abandonar definitivamente a hipótese do vampiro: ficaria mais fácil conversar com o pai, ficaria mais fácil tranquilizar a própria consciência, mas... não podia. Não era apenas o fato de ter visto Lucinha daquele jeito, era uma certeza que o acompanhava desde antes disso, uma daquelas certezas sem explicação.

Como a própria idéia do vampiro: ou você aceita sem questionar ou nem pensa a respeito.

A 11ª amostra de sangue revelou algo inesperado. Na primeira observação sob o microscópio, antes mesmo de utilizar qualquer corante ou reagente, o dr. Mário percebeu uma minúscula mancha escura que aumentava de tamanho. Trocou a lente, duplicando o fator de ampliação. Agora podia ver alguns pontos se movendo em pequenos espasmos, a intervalos de pouco mais de um segundo. Uma nova lente mostrou com maior nitidez: era algo que se multiplicava como bactérias, mas os conhecimentos do dr. Mário não eram tão específicos a ponto de poder identificar de imediato. De qualquer modo, não se parecia com nenhum dos grupos de bactéria mais conhecidos. A forma era nitidamente cristalina, multifacetada; e, na ampliação máxima conseguida pelo microscópio, mostrava um par de cílios apontando de cada vértice.

Aquela coisa não tinha um sentido específico de orientação: movia-se para qualquer lado, procurando afastar-se rapidamente assim que se dissociava de sua outra metade. Em pouco mais de um segundo (na verdade o tempo já aumentara para mais de dois segundos, enquanto o dr. Mário observava), havia-se partido novamente, e cada uma das metades buscava algum espaço livre.

Em poucos minutos o processo de subdivisão havia diminuído de modo considerável, até parar por completo. Qualquer que fosse o nutriente usado, aquela coisa o esgotara — e já ocupava quase totalmente o líquido da lâmina.

O dr. Mário deixou o microscópio e foi remexer nas estantes de livros — um estado de excitação quase sem controle fazendo com que derrubasse dois ou três, antes de encontrar o que desejava.

Na próxima hora e meia percorreu todas as obras de referência disponíveis no laboratório, sem achar nada que se aproximasse do que estava observando. Definitivamente era algo muito raro que, de alguma forma, poderia estar por trás da hiperdiluição do sangue de Sofia.

De volta ao microscópio, pegou mais uma gota da amostra número 11. Ali ainda havia atividade que, como na primeira observação, prosseguiu até o esgotamento dos nutrientes. Numa decisão rápida, misturou uma pequena parte da amostra em meio de hemocultura.

Observou a lâmina durante cinco minutos e nada aconteceu. Foi sacudido da atenção pelo relógio de parede soando interminável: onze horas. Estava trancado naquele laboratório desde as dez da manhã, praticamente sem sair. Era como se as costas tivessem sido esmagadas pela queda de uma laje de concreto, e os olhos lacrimejavam, ardentes. Mesmo sem ter chegado a uma conclusão, estava

na hora de interromper o trabalho e voltar para casa: pelo menos havia algo, uma pista a ser analisada no dia seguinte.

Mas, antes disso, uma última tentativa: já que o meio de cultura artificial não surtira efeito, valia a pena experimentar outro.

Foi até o refrigerador e pegou um frasco de plasma. Ficaria devendo mais uma explicação a Pedro, mas, no momento, não queria se preocupar com detalhes. Repetiu a experiência usando plasma como nutriente.

A reprodução foi espantosa: no princípio as estruturas cristalóides se reproduziam cerca de cinco vezes a cada segundo, e logo não restava espaço disponível no meio líquido: tudo o que havia sobre a lâmina era uma massa aglomerada, com os cílios se movendo na parte externa, parecendo um ouriço negro e brilhante do outro lado da lente.

O dr. Mário sentiu um frio inexplicável descendo pela espinha. Aquela coisa era muito poderosa. E, à parte algum mal estranho que pudesse causar (ainda seriam necessários muitos testes para ligá-la definitivamente ao que acontecera com Sofia e, quem sabe, também com Lucinha), ela esgotaria um organismo humano num tempo curtíssimo — pela simples capacidade de se reproduzir. De qualquer modo, havia uma primeira conclusão a partir de suas experiências precárias: o nutriente perfeito para o que havia descoberto estava no plasma sangüíneo, algo não encontrado em meio de hemocultura comum. Isso demandaria uma série de testes. Mas, apesar da vontade de continuar experimentando e experimentando, o dr. Mário sabia que seus conhecimentos não o levariam adiante. Fizera o necessário, comprovando a existência de algo que obrigaria pesquisadores mais competentes a prestar atenção.

Quinze para a meia-noite — avisou o relógio com uma pancada seca. Satisfeito, e ao mesmo tempo contra a vontade, o dr. Mário decidiu ir embora. No banheiro, tirou o jaleco, a gravata e a camisa e lavou o pescoço com água fria. Foi como se despertasse de um sono de meses. Esticou os braços para cima até sentir as vértebras estalarem. Achava-se estranhamente feliz, apesar da autópsia do dia anterior, apesar desse dia inteiro trancado entre odores agudos, apesar da coluna dolorida pela posição curvada ao microscópio, apesar de estar tratando dos fatos da morte de uma criança. Sentia-se feliz: a morte havia mostrado parte de seu rosto verdadeiro, material. Por alguns minutos, hoje à tarde, estivera com a lembrança idiota de seu filho falando sobre vampiros, e a palavra havia pairado como uma sombra negra sobre sua impotência para descobrir uma evidência plausível. Agora tudo voltava a se encaixar na proporção devida, e um pequeno riso de olhos avermelhados pelo cansaço o encarava do outro lado do espelho.

O relógio havia batido 12 vezes há alguns minutos. O dr. Mário apertou a

gravata impecável, colocou o paletó, pegou a maleta e se preparou para sair.

Mas, antes, a curiosidade excitada da descoberta recente o levou a colocar outra vez uma das lâminas no microscópio.

Não era possível. Aquela coisa estava regredindo, estava se desfazendo! Era a lâmina que contivera plasma e que ao final do processo de reprodução mostrava quase uma criatura única, uma bola feita das estruturas prismáticas e ciliadas. Agora já continha boa quantidade de líquido. E as pseudobactérias, aparentemente mortas, flutuavam separadamente. Enquanto olhava, percebeu várias cujas membranas se rompiam, liberando o que quer que estivesse no interior. Em poucos segundos a própria membrana era dissolvida, deixando apenas a aparência original do plasma.

Parecia loucura. Depois do dia inteiro de trabalho, depois da descoberta fundamental, tudo desaparecia diante de seus olhos. Correu e pegou as outras lâminas. O mesmo acontecia em todas. Em pouco mais de vinte minutos a amostra número 11 estava exatamente igual às demais, pelo menos quanto ao que podia ser visto pelo microscópio.

†

Júlio acordou com o barulho da mãe esquentando comida para o pai. Olhou o despertador ao lado da cama: uma e dez. Esgueirou-se até a porta, abriu uma fresta e ficou sentado no chão, ouvindo.

O dr. Mário estava ainda mais transtornado do que na noite anterior, e o que dizia amoldava-se aos temores de Júlio como uma mortalha. Tudo era tão claro! Como é que o pai não fazia as conexões? Obviamente era aquele o fator físico da contaminação pelo vampiro.

Agora o dr. Mário reclamava que ninguém lhe daria crédito no dia seguinte: mesmo que as estranhas criaturas tivessem deixado algum rastro na amostra de sangue diluído, ninguém perderia tempo averiguando. Restaria apenas sua palavra, que, embora respeitada, não resistiria a uma descrição tão mirabolante. Júlio teve vontade de rir. Agora o pai conhecia o tipo de sentimento que ele e Daniel haviam experimentado quando ninguém tinha acreditado em sua história: teria de ficar quieto, sob pena de passar por um ridículo igual.

— Você precisa é de um bom descanso. — A mãe, como sempre, não chegava a registrar toda a amplitude da conversa. Só pensava na evidente exaustão do

marido e no dia seguinte, que começaria muito cedo. — Não quero parecer mesquinha, mas a menina já tá morta e enterrada, não há o que fazer.

O dr. Mário afastou o prato depois de apenas duas garfadas.

— E as outras? E quem me garante que depois dessa não vai aparecer mais um bocado com o mesmo problema? Eu precisava descobrir... eu *preciso* descobrir.

Precisa mesmo, pensava Júlio com uma vontade ainda mais forte de sair do quarto e interferir na conversa. Mas sabia que não era o momento propício.

capítulo 5

No pátio eram olhados com mais estranheza ainda, e a presença constante de Célia perturbava os curiosos. Júlio e Daniel já haviam se acostumado, mas os professores, principalmente, não conseguiam compreender os motivos que levavam a garota tímida e silenciosa na sala de aula a se mostrar tão efusiva, cheia de gestos amplos e expressões excitadas.

Daniel olhava o rosto de Júlio e imaginava que ele se dissolveria a qualquer momento num poço de paixão. Não queria pensar que estava disputando o amigo; era apenas a falta dos papos mais encadeados, agora que só tinham esse tempo juntos: Célia interrompia a todo momento, propondo idéias absolutamente alucinadas que caíam como fertilizante na imaginação propícia de Júlio. E Daniel se sentia em desvantagem, tentando argumentar contra os dois.

— Tem um jeito fácil de liberar vocês. — Célia falava com a segurança que Daniel estava começando a achar irritante: — Vocês pedem pra ir estudar na minha casa. Ninguém precisa saber que vão juntos.

— Nem adianta: meu pai não me deixa sair pra nada.

— O meu também não — disse Júlio, completando o comentário desanimado de Daniel.

— E se eu falar com eles?

Daniel fez uma bola com o papel do lanche e tentou acertar a lata de lixo: errou por mais de um metro.

— Pode tentar, se quiser. Não acho que vai dar certo. Eles estão muito desconfiados. E não é pra menos. Além disso não acredito nesse negócio que

vocês estão propondo: é só mais uma oportunidade de a gente se ferrar.

Célia riu levemente e Júlio se sentiu na obrigação de tomar uma atitude mais firme:

— Deixa de ser frouxo. Nós somos as únicas pessoas que sabem o que tá acontecendo, é nossa responsabilidade fazer alguma coisa.

— Espera aí. — Daniel se levantou, irritado. — Me tira desse *nós*. Eu não sei de coisa nenhuma. Só sei é que vocês andaram vendo muito filme...

Parou a frase subitamente e respirou fundo, deixando a irritação passar. Sabia que esse tipo de abordagem não funcionava com Júlio. O jeito era tentar de outra forma:

— Tá legal, claro que é divertido bancar o caçador de vampiro; mas o negócio foi longe demais. Já esqueceu que tinha um pessoal a fim de acabar com a gente? Já esqueceu a surra que a gente levou? Já esqueceu a delegacia, a vergonha, a cara do seu pai e do meu...

— Isso tudo já passou. — Célia voltou a usar seu jeito condescendente. — Agora nós temos pistas novas...

Daniel resolveu interromper antes que ela se empolgasse:

— Olha aqui, Célia, você não sabe de nada. Fomos nós que levamos a pior. Falar sem ter passado pelo problema é mole.

Percebeu que Júlio não havia gostado de seu tom, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa Célia reagiu:

— Você devia me agradecer! *Eu* tirei os dois da roda. Quando todo mundo tava a fim de arrancar sua pele, eu fui a única pessoa a acreditar. Não custava nada me dar um pouquinho de crédito, pelo menos.

Júlio concordava, ainda mudo, com o olhar ferido. O negócio estava ficando sério mesmo, pensou Daniel: paixão estilo Hollywood.

Mas de certa forma precisava concordar com Célia. Devia a ela o fato de continuar inteiro.

A campanha de final do recreio sacudiu seus pensamentos.

— Tá legal, Célia, você tem razão. Mas vamos com cuidado. — E olhou para Júlio, tentando ser o mais convincente possível: — Se a gente descobrir qualquer coisa, mesmo sendo completamente escabrosa, nada de sair contando pro seu pai. E qualquer decisão sobre isso tem que ser discutida antes entre os três. Certo?

O dr. Mário foi ao laboratório no dia seguinte, só para aliviar a consciência. Durante meia hora ficou diante do microscópio, olhando descuidadamente algumas gotas da amostra 11. Como se fosse um assunto casual, perguntou a Pedro Kern se conhecia algo parecido com o microorganismo que tinha observado na noite anterior. Ele o encarou com a testa franzida:

— O senhor viu isso em algum lugar?

O médico estava a ponto de contar tudo, mas resolveu guardar segredo.

— Na verdade, não sei. É uma imagem que me veio hoje de manhã, e não consigo lembrar se já vi ou se é só imaginação.

O olhar de Pedro relaxou:

— Provavelmente é. Quando a gente fica muito tempo olhando pelo microscópio, é como se o mundo parasse de existir. As coisas se embaralham. Muitas vezes eu preciso me policiar e dar um tempo, pra não ser enganado pelos olhos.

— Deve ser isso. — O dr. Mário sorriu levemente enquanto se despedia. E talvez fosse mesmo verdade: no dia anterior havia ficado cerca de 14 horas ali dentro. Decerto tinha sido vítima de alguma ilusão de ótica, um desvio de percepção.

Mas fora um truque muito real. Não podia levar exageradamente a sério, mas também não podia simplesmente fingir que não tinha acontecido. Precisava ficar atento. Escreveu uma carta à direção do hospital, com cópias para todos os outros da cidade, pedindo que lhe fosse comunicado qualquer caso semelhante ao de Sofia.

Era tudo que podia fazer por enquanto, além de espantar a imaginação e se concentrar na rotina das consultas.

Mas a imaginação não se espantava com facilidade: ela conhecia todos os macetes que ele desenvolvera no processo de virar um homem sério, responsável e conservador, e vivia se imiscuindo pelas brechas mais inesperadas.

O dr. Mário não podia censurar completamente o filho (talvez por isso houvesse mostrado tanta condescendência naquele episódio absurdo): o rapaz tivera a quem puxar. A infância na roça havia povoado seu pensamento com lobisomens, mulas-sem-cabeça-com-estrela-na-testa, sacis e toda sorte de seres imaginários que haviam perdido a importância com a idade e os estudos, mas que se recusavam a morrer. Assumiam novas formas: a ameaça nuclear, mutações genéticas causadas pela poluição, o aquecimento global, os filhos mais velhos que moravam longe e poderiam estar se envolvendo em coisas ruins e, agora, uma bactéria capaz de transmutar sangue em água numa espécie de

milagre às avessas.

†

O currículo de aluna impecável foi o principal trunfo que Célia usou para conseguir a liberação dos dois no dia seguinte. Durante pouco mais de uma hora tinham feito os exercícios da escola e agora estavam sentados na praça central, debaixo dos enormes eucaliptos quase centenários, tentando organizar uma rota de trabalho.

— Pode ser a casa da baronesa, que também tá fechada — lembrou Célia.

— Mas lá tem vigia. — foi descartando Júlio, a despeito da imensa curiosidade de conhecer o casarão por dentro.

— E daí? O cara precisa de alguém que tome conta durante o dia, enquanto dorme. O vigia pode muito bem ser o Igor dele.

Daniel riu:

— Pelo jeito, Célia, você confundiu a história: Igor é o assistente do dr. Frankenstein.

— Ah, dá tudo no mesmo. O fato é que ter um vigia não livra a casa da baronesa de ser o esconderijo.

— Espera. — Júlio já começava a assumir seu ritmo peculiar, correndo na dianteira. — Existem outros lugares que a gente pode ver primeiro: a estação de trem, o Gentil, outras casas abandonadas que a gente nem conhece, a mansão de dona Marina: ela e a filha só ocupam a parte da frente, e no meio daquele jardim que é um tremendo matagal tem uma estufa abandonada que pode muito bem servir.

Dessa vez foi Célia quem riu:

— Ia ser engraçado, ele morar na casa de dona Marina. A velha é um orgulho da cidade: filha de um barão do Império. Já pensou?

— Não é brincadeira, Célia. — Júlio procurava baixar o clima, mas a garota parecia estar se preparando para uma festa à fantasia. Quanto a Daniel, mais uma vez se deixava levar pelas circunstâncias, embarcando na velha jangada sem vela nem remo que era a imaginação de Júlio. Ele resolveu propor:

— Tudo bem: vamos até a estação.

Daniel achava que a estação abandonada seria o lugar menos comprometedor. Durante a noite, dois ou três mendigos costumavam dormir no saguão de

entrada, mas a essa hora estariam todos esmolando pela cidade.

Enquanto andavam pela rua principal, Júlio foi contando os detalhes que tinha ouvido do pai na noite do exame no sangue de Sofia.

— Isso só confirma a hipótese de uma doença — insistiu Daniel, decidido a manter um fio de sanidade na conversa.

— De jeito nenhum. Concordo com você quando diz que, se a gente compra a idéia do vampiro, precisa comprar inteira. Mas tem uma coisa que não anula a hipótese: nunca vi em lugar nenhum a explicação do quê, exatamente, faz uma pessoa virar vampiro. Em alguns casos a vítima simplesmente se transforma, depois de morta. Em outros, precisa beber um pouco do sangue do vampiro. Nas duas situações o que dá pra concluir é que houve algum tipo de contaminação: pelo sangue ou pela saliva.

— Devagar, Júlio. Daqui a pouco você vai querer dizer que o alho mata esse tal micróbio!

— Por que não? — Célia entrou na conversa. — Dizem que alho é um antibiótico muito poderoso.

Daniel abriu os braços, impotente:

— Até que enfim, Júlio, a gente descobriu uma pessoa ainda mais alucinada do que você.

Antes que Célia respondesse, Júlio retomou as rédeas do tema:

— A coisa não é bem assim. A gente precisaria descobrir o que é verdade e o que é lenda. Também não consigo explicação pra estaca de madeira, cruz ou água benta. Disso tudo, o alho ainda é o elemento mais lógico, e nesse ponto Célia está certa.

— Pra mim, se fosse embarcar nessa história, o lógico seria usar cruz e água benta — insistiu Daniel. — Sempre que se fala em vampiro, se fala em espírito das trevas. A melhor maneira de enfrentar um espírito das trevas seria com algum símbolo religioso. — Subitamente seu pensamento se iluminou, zombeteiro: — E nesse caso um país comunista radical seria o paraíso dos vampiros! Ninguém ia poder matar um vampiro onde não se acredita em Deus, não se usa cruz, água benta...

— Eu não ia duvidar nem um pouco — concordou Júlio, sério, enquanto atravessavam a rua, e mais uma vez Daniel experimentou por dentro a sensação de absurdo. Estava sentindo coisas estranhas com relação ao amigo. E não gostava desses sentimentos. Júlio prosseguiu: — Mas não adianta ficar de gozação. Eu sei que você acredita, só não quer dar o braço a torcer. Você viu a Lucinha muito bem, sabe que não existe explicação que satisfaça. Mesmo que ela fosse cataléptica, e que tivesse aparecido algum doido pra enfiar a estaca no peito dela, qual o objetivo de roubar o corpo e retalhar todo?

— Vingança?... — dessa vez foi Célia quem respondeu. — O pai dela tem um monte de inimigos. Muita gente morre de medo e de raiva dele.

— Mas se vingar logo no cadáver de Lucinha? Além do mais, se a gente não tivesse ido lá e aberto o túmulo, ninguém ia ficar sabendo e a vingança não iria valer. A explicação fica tão complicada que não convence.

Estavam chegando à velha estação de trens. Ela ocupava, imponente, todo um quarteirão da avenida principal de Morro Queimado, construída no estilo eclético que caracterizou tantas cidades brasileiras no início do século. Os dois andares de pé-direito alto eram vazados por inúmeras janelas que encaravam a rua. Na parte central, uma cobertura apoiada em colunas de pedra avançava sobre a calçada larga, protegendo a pequena rampa que servira, num passado cheio de pompa, para os carros chegarem diante das grandes portas duplas, de madeira e de vidro.

— Vamos ter que entrar pelo lado — disse Júlio enquanto tentava disfarçadamente forçar a porta.

A maior parte das ferrovias do estado fora desativada fazia muitos anos. Em algumas cidades do interior, velhos prédios apodreciam cercados por vagões e locomotivas enferrujadas. Júlio abriu uma fresta no enorme portão sobre os trilhos e entrou primeiro. Aparentemente ninguém prestava atenção aos três invadindo o pátio de manobras.

Antigos vagões de madeira e ferro sustentavam-se tristes sobre restos de trilhos. Pilhas de dormentes, rodas, pistões, engrenagens e eixos compunham monumentos à decadência, sujos de graxa e corroídos em bolhas, como se sofressem algum tipo de moléstia de pele. O prédio da estação abafava consideravelmente o ruído da rua, e o silêncio fazia as formas crescerem em sombras, ângulos e curvas doentias.

Os três andavam juntos, muito silenciosos. No centro do pátio, duas locomotivas negras pareciam esperar que alguém passasse pela frente, para investirem loucas, com apitos ásperos de máquina de rapina. Célia, quase por instinto, procurou a mão de Júlio. Ele fechou o contato, sentindo um peso estranho: medo, prazer e falta de jeito misturados. Célia percebeu que Daniel estava olhando e tirou a mão rapidamente, cruzando os braços como se sentisse frio.

Chegaram à beira da plataforma. Subiram. Uma das portas para o saguão de embarque pendia de uma dobradiça. Entraram no enorme espaço empoeirado e totalmente vazio, a não ser por alguns trapos espalhados.

As salas do térreo só abrigavam montes de lixo, restos de comida, trapos pelos cantos e ratazanas enormes passando assustadas, fugindo das réstias de luz que conseguiam atravessar os vidros quebrados das janelas. Célia parecia bastante imbuída da nova personagem que havia criado, e procurava manter a tranqüilidade diante dos bichos. O som dos passos, cheio de ecos, e o cheiro de comida podre penetravam direto no cérebro, transportando os três para outro nível sensorial. De vez em quando algum som de buzina atravessava as paredes e fazia lembrar que estavam no centro de Morro Queimado, numa tarde ensolarada de primavera. Ali dentro o tempo era tão imóvel quanto no interior de um esquite.

Completaram o percurso do térreo sem descobrir nada além da impressão renascida de estar cutucando as bordas do desconhecido. Mas Júlio sentia o sangue correr, empolgado: novamente na busca, alguma coisa por dentro dizendo que esse era o caminho certo; estranhamente calmo e objetivo, com a mesma compulsão decidida que o fizera abrir o túmulo de Lucinha, que o fazia insistir sempre e sempre na hipótese do vampiro — apesar da fragilidade das provas, apesar do descrédito, apesar de viver no Brasil, numa cidade luminosa, num século que teimava em observar tudo através dos instrumentos pretensamente precisos do pensamento científico.

Daniel, como sempre, perdia o controle racional. Em poucos minutos a estação de trens podia ser uma estalagem na Transilvânia ou uma porta para outra dimensão. As paredes se afastavam, revelando enormes planícies forradas de lixo num futuro pós-nuclear. Os ratos o encaravam com olhos vermelhos e cruéis, avisando que eram eles, sim, os que tinham vindo no porão do navio de Nosferatu. Era preciso sacudir a cabeça e dizer não, e reafirmar continuamente que estava em Morro Queimado, com Júlio e Célia, fazendo uma peregrinação inútil pelas salas da velha estação de trens. E concordar que, se Júlio era um cara alucinado, capaz de inventar as maiores fantasias, era Daniel quem embarcava de verdade, era ele que acabava acreditando e depois precisava dormir com a cabeça coberta, mesmo que fizesse calor.

Voltaram ao saguão e começaram a subir as escadas. Os degraus de madeira tinham pontos gastos e modelados por milhares de pés. Estalos e rangidos eram ampliados pela reverberação do espaço aberto.

— Pelo menos a sonoplastia desse filme presta — brincou Daniel, para espantar o medo. — Já o roteiro...

Júlio olhou para ele irritado e subiu os dois degraus que faltavam.

O patamar dava num longo corredor que se estendia nas duas direções até os confins do prédio. A luz escassa precisava atravessar primeiro os vidros sujos

das janelas e em seguida os espaços empoeirados das salas. Ali havia menos lixo. O chão tinha marcas brancas de cocô de pombo e manchas escuras de goteira.

— E agora — perguntou Célia com olhos brilhantes —, pra que lado a gente vai?

— Pra esquerda. — Júlio já estava se dirigindo, enquanto falava. — Foi desse lado que eu ouvi o som.

Daniel segurou-o pela manga:

— Espera aí. Que som foi esse, que eu não ouvi?

— Não sei, parecia alguma coisa sendo arrastada. Vamos com cuidado.

A primeira sala tinha armários de madeira com centenas de gavetas, uma grande mesa e algumas cadeiras encostadas contra a parede. Célia foi direto a uma das gavetas, abriu-a e retirou um maço de papéis.

— Olha só, isso aqui tá cheio de coisa.

Daniel se aproximou e pegou algumas folhas.

— É a contabilidade. Será que isso tem valor como antiguidade?

— Psiu! Parem com isso. — Júlio se dirigia novamente para a porta. — Tá na cara que aqui não tem nada importante. Vamos procurar em outra sala.

Daniel acompanhou a contragosto. Imaginava as coisas incríveis que poderiam estar naquela infinidade de gavetas, mas não ficaria ali sozinho por nada do mundo. As salas seguintes eram bastante parecidas: móveis abandonados se erguiam como fantasmas impotentes cobertos de poeira. Numa das mesas Daniel encontrou uma revista chamada *O Cruzeiro*, com uma antiga Miss Brasil na capa. Júlio parou para olhar também.

Os dois folhearam demoradamente a revista, até chegar à página central, que tinha uma fila de mulheres de maiô, gordas demais para merecer as faixas de Miss. Durante alguns minutos os dois ficaram rindo e comentando.

Depois de algum tempo Júlio virou a cabeça, brusco.

— Você ouviu?

Daniel poderia jurar que ele havia levantado as orelhas, parecendo um pastor-alemão.

— O quê?

— Shhiiu! Não tá ouvindo? Parece alguém falando.

— Deve ser a Célia... ué, cadê a Célia?

Júlio girou o corpo. Havia se distraído totalmente, enquanto comentava a fila de misses. Célia devia ter ficado com raiva, pensou. Que vacilo.

— Vamos, ela deve estar aí no corredor, esperando.

Não estava.

Agora Daniel ouvia nitidamente os sons abafados. Pareciam lamentos ou

grunhidos.

— Tá acontecendo alguma coisa. Vamos chamar, ver se ela responde.

— Não! Vamos procurar.

Os sons vinham da última sala, de trás de um enorme arquivo de madeira. Era a voz de Célia, sem dúvida alguma. Júlio deu dois passos cautelosos até conseguir olhar atrás do móvel.

— É ele — sussurrou sentindo um balde de gelo na espinha.

Daniel olhou por cima do ombro de Júlio. Célia estava encostada na parede, o rosto completamente deformado pelo terror mais profundo. À sua frente, de costas para os dois, havia uma figura silhuetada contra a janela.

— A cruz, joga sua cruz nele! — sussurrou Daniel alto demais.

— Não adianta! Ela tá usando uma cruz e ele nem liga!

Por um momento Célia registrou com os olhos arregalados a presença dos dois, e soltou um gemido de congelar a nuca. A figura à sua frente parou de grunhir por um momento e se virou.

— É o Pisa! — gritou Daniel.

Júlio correu e deu um encontrão na forma escura. O homem caiu de costas, desajeitado.

Célia estava imóvel, ainda encostada à parede e sem conseguir tentar algum movimento. Júlio segurou-a pelos ombros, procurando algum sinal de violência.

— Ele fez... ele te machucou?... Ele te...

— Não... — Célia finalmente conseguiu se desgrudar da parede e se agarrou com força contra o peito de Júlio. — Acho que ele estava com tanto medo de mim quanto eu dele...

— Shhiuu, já passou. Não precisa ficar com medo, ele só é meio doido. Vem, vamos embora.

Daniel estava ajoelhado junto do Pisa. O retardado parecia se recuperar aos poucos de uma convulsão. Era conhecido na cidade como um sujeito manso, que recebeu o apelido por causa do andar estropiado, de passos longos, que terminavam numa pisada forte, enquanto estendia as mãos pedindo esmolas.

Célia conseguiu aos poucos afrouxar o abraço, e terminou por rir sem graça:

— Desculpe o trabalho que eu dei. Não devia ter andado por aí sozinha.

Júlio sentia um bilhão de emoções cinematográficas. Gostaria de arranjar rapidamente uma daquelas frases sonoras que assentavam tudo, que definiriam dali para a frente o romance eterno, o laço definitivo entre duas almas prometidas desde o início dos tempos: uma frase lapidar.

Mas, como Daniel havia dito, aquele filme não tinha roteiro. E, na hora em que era mais necessária, não havia nenhuma frase disponível. Júlio deixou o momento se estender até passar do ponto, e não pôde fazer nada quando Célia

riu sem graça e se afastou em direção à porta.

Foi um balde de água gelada na empolgação de Célia. Era muito mais fácil lidar com um pretenso vampiro: histórias loucas tiradas de filmes em preto-e-branco. A mistura de pena e repulsa pelo mendigo era mais do que suficiente para convencê-la de que não desejava outra experiência do tipo.

Ficaram um longo tempo sentados na plataforma, vendo as máquinas e os vagões ganharem sombras alongadas de fim de tarde, enquanto ela se recuperava antes de voltar para casa. Falaram de outros assuntos, de acontecimentos e pessoas inócuas, sabendo que o medo espreitando adiante era muito maior do que um mendigo assustado num canto escuro.

†

Quando Júlio chegou em casa, dr. Mário ouvia música: *Uma noite no Monte Calvo*. Nada mais apropriado, pensou ao entrar. Sentou-se numa poltrona e ficou imóvel, doido para falar alguma coisa, envolvido de imediato pelo som macabro e festivo do sabá das bruxas.

O pai nem olhou para ele, imerso em perturbações e dúvidas — havia algo naquela música que se coadunava perfeitamente com seus medos de caipira aculturado, algo que lhe dava vontade de conversar com o filho e perguntar sobre os fantasmas noturnos, perguntar se no quarto dele também se escondiam demônios, os mesmos que jamais se mostrariam para a esposa extremamente prática. De alguma forma Júlio havia herdado, junto com a imaginação do pai, o lado pragmático da mãe. Como será que reagia aos terrores? Não, não precisava perguntar: ele reagia abrindo túmulos, fazendo besteira mas encarando a face escancarada do medo.

A música ocupava todas as frestas da sala. O dr. Mário sentiu uma vontade súbita de ir até a vitrola e trocar o disco. Pôr algo luminoso como o *Amanhecer*, do *Peer Gynt* de Grieg, que sempre fazia lembrar os pastos e cafezais perfumados num tempo em que a alvorada o surpreendia no jipe — a mala de medicamentos enfiada sob o banco do carona, a percepção de que o mundo era enorme e de que sempre havia algum lugar aonde ir.

Mas ficou sentado. O sabá do Monte Calvo estava no fim, e as bruxas

montavam nas vassouras. Júlio observava, ao mesmo tempo curioso e indeciso. Permaneceu quieto. Depois de alguns instantes o dr. Mário se levantou e abriu a porta para o consultório. Júlio ficou olhando as costas do pai desaparecerem lentamente, curvadas por pressentimentos.

Na cozinha a mãe destampava panelas cantarolando um samba-enredo do ano anterior. O jantar cheirava, como sempre, a muito alho.

†

Dia seguinte; sexta-feira. Recreio. Cesinha gritando:

— Não adianta não, Célia, desse mato não sai coelho. Os dois já estão prometidos um pro outro, nem vale a pena tentar!

Júlio chegou a ficar de pé, disposto a partir para cima de Cesinha. Daniel e Célia seguraram seus braços. Cesinha saiu rindo alto em direção à cantina.

Combinaram irem os dois, no sábado, ao Gentil. Júlio falou que não teria problemas para sair de casa. Apesar do castigo imposto, ultimamente o dr. Mário mal percebia a sua presença, absorvido em pensamentos. Bastaria se trancar no quarto dizendo que ia ficar estudando, pular a janela e escapar pelos fundos. Daniel ainda precisaria arranjar uma história: sua casa estava sempre cheia, principalmente nos fins de semana, com os irmãos correndo e brigando, o pai fazendo algum serviço no quintal ou no telhado, a irmã mais velha aparecendo com os dois filhos, uma loucura. Mais uma vez Célia deu a solução:

— Tá acontecendo uma série de encontros na igreja de São Francisco. Olha aqui: me deram até um folheto convidando. Será que seus pais não deixam você sair nem pra isso?

Depois de uma discussão interminável, a opinião de dona Olívia acabou prevalecendo: estava mesmo na hora de Daniel voltar a freqüentar a igreja. Ela já sabia do tal encontro de jovens. Uma freira nova tinha vindo do Rio e estava conseguindo convencer adolescentes a participar das missas. Nesse mundo louco, onde crianças cheiravam cola e a violência explodia nas esquinas, era bom saber que seu filho se interessava por algo mais sadio.

Por via das dúvidas Daniel resolveu dar uma passada no encontro (caso perguntassem alguma coisa em casa, teria o que contar). Entrou meio sem graça. A igreja pequena tinha uns vinte garotos e garotas, e na frente do altar uma garota que não parecia muito mais velha do que ele cantava e tocava violão.

A música terminou e ela começou a falar. Daniel ficou ansioso, perturbado pela voz, pela presença, e praticamente não percebia as palavras. Quando deu por si, alguém havia lhe passado o violão e ele tocava um rock lento, meio surpreso com os olhares admirados ao redor. Em algum momento escutou uma voz chamando:

— Irmã Maria Cristina!

E a garota respondeu.

Ela... era uma freira! Sem hábito, com os joelhos — maravilhosos — de fora! E aquele sorriso que esquentava todo o espaço abaixo da cintura!

Daniel participou da reunião até o final e se comprometeu a fazer parte do grupo que estava sendo formado para tocar e cantar nas missas. Comprometeu-se a participar de todas as outras reuniões, dar aulas de violão para uns dois ou três iniciantes...

Cacete!, pensava enquanto corria para o ponto de encontro com Júlio. Era sempre assim, sempre se envolvia com as coisas até o ponto de não poder voltar atrás. E agora... Bom, pelo menos naquele grupo ninguém o olhava como profanador de túmulos — mesmo os que o conheciam do bairro estavam envolvidos pela aura da irmã Maria Cristina: calorosos e até dispostos a sentimentos cristãos.

E se soubessem no que ele havia pensado todas as vezes em que seus olhos pararam nos joelhos da freira...

†

Júlio estava a ponto de esganá-lo quando finalmente se encontraram na esquina do Gentil.

— Desculpa, só consegui me livrar agora, precisei dar pelo menos uma passada na reunião.

— Já são sete horas! A gente precisa ver tudo rápido. E parece que tem um pessoal ensaiando — disse Júlio enquanto atravessavam o portão. — Tem luz acesa lá dentro.

— Vamos tomar cuidado pra ninguém perceber. Nosso crédito na cidade já não está grande coisa.

— No fundo, é bom esse pessoal estar aí: deve ter alguma entrada aberta, não vamos precisar forçar nada.

A porta na parede lateral da direita só estava encostada. Júlio empurrou-a lentamente e colocou a cabeça no vão.

— É, tem gente no palco. Mas a luz é fraca, e eles estão distraídos conversando, não vão notar.

Passou espremido e ficou agachado atrás de uma cadeira, enquanto Daniel entrava e encostava novamente a porta.

O Gentil era uma velha miniatura de teatro italiano — com platéia, três andares de balcões e camarotes —, todo em curvas e madeira torneada. Devia ter sido estupendo em seus bons tempos, mas acabara transformado num cinema pulguento aonde o pessoal ia zoar: soltavam urubus e galinhas no meio das sessões só para ver os bichos voando em desespero contra a tela luminosa, em meio às gargalhadas do povo.

Até que foi interditado por questões de segurança: os balcões não suportavam o peso das pessoas e ameaçavam desabar a qualquer momento. Depois disso os elencos de teatro amador da cidade haviam conseguido que a prefeitura permitisse a utilização do espaço em termos precários, e agora um desses grupos estava ensaiando.

Daniel e Júlio foram para a escuridão do fundo, em direção às escadas para os balcões. Começaram a subir com toda a cautela do mundo. Os degraus estalavam, mas não o suficiente para chamar a atenção: todo o resto do teatro também estalava, as estruturas de madeira reclamando do esforço interminável de permanecer unidas.

Chegaram Tateando ao último balcão. Daniel se sentou numa cadeira e ela reagiu estalando alto demais. Alguém do grupo que ensaiava olhou para a escuridão lá em cima e baixou novamente a cabeça. Júlio pegou uma das cadeiras extras, que ficavam encostadas no fundo, e trouxe para perto. Qualquer movimento, qualquer gesto, precisava ser feito com cuidado extremo: todo ruído era amplificado pelo silêncio e pela acústica trabalhada.

Daniel olhou para a cabine de projeção, atrás de onde estavam, e gelou: parecia haver alguém lá dentro, olhando na direção deles. Fez sinal para Júlio. Ele ficou alguns segundos com os olhos arregalados até relaxar.

— É só a máquina de projeção — sussurrou no ouvido de Daniel.

No palco, o diretor conversava com quatro atores, explicando como queria uma determinada cena. Daniel ouvia fascinado: era aquilo que ele queria (claro, além da música, além de escrever, além de dirigir filmes, além de criar

videogames...). Conhecia a peça que estavam ensaiando — havia lido fazia pouco tempo: *À margem da vida*, de Tennessee Williams. Três dos atores ele já conhecia de outras apresentações amadoras; a garota que fazia Laura era totalmente desconhecida. Devia ter uns 18 anos e interpretava a personagem com uma delicadeza comovente. Agora estava ajoelhada ao lado de uma cadeira e parecia segurar um objeto frágil. Ali, no dia da estréia, estaria o zoológico de vidro, adivinhou ele. A garota segurava uma pequena peça invisível e falava muito baixo. A cena se estendeu por alguns minutos até o diretor interromper, comentando os movimentos. Idiota — pensou Daniel —, deixa ela fazer como quiser, ela é fantástica! Olhou para o lado e viu que Júlio tinha a mesma sensação: os outros atores e o diretor pareciam capengas ao lado dela.

Esqueceram totalmente o vampiro. Perderam a noção do tempo. O ensaio prosseguiu até as nove horas, quando todos no palco se prepararam para sair.

— Vamos embora. — Júlio puxou Daniel pelo braço. — Já pensou se trancam a porta?

— Espera. Agora não dá mais, eles já desceram do palco. Se virem a gente, são capazes de cometer um assassinato.

— E daí? Melhor do que ficar trancado aqui dentro, de noite, na maior escuridão.

Já estavam se dirigindo para a escada quando escutaram a voz da garota que fazia Laura:

— Vou ficar mais um pouquinho batendo o texto. Podem ir, depois eu fecho a porta.

No último balcão os dois se entreolharam.

Júlio parou, com um pensamento esquisito: ela ia ficar ali dentro, sozinha, estudando texto? Cochicharam por alguns segundos e resolveram esperar uma oportunidade melhor para saírem sem ser vistos.

Assim que os outros desapareceram, a garota mudou por completo de atitude: passou a respirar aceleradamente, abriu dois botões da blusa e ficou andando de um lado para o outro do palco. Depois de alguns minutos parou, sentou-se na beirada e ficou balançando as pernas, impaciente. Era óbvio que esperava alguma coisa. O quê? Daniel e Júlio assistiam como se fosse uma nova peça, aguardando o desfecho da cena. A garota consultou o relógio pelo menos três vezes antes de se levantar e ficar andando de novo.

Quinze minutos levaram séculos para passar. Por fim ela consultou o relógio outra vez e foi correndo até uma das portas laterais. Daniel precisou se curvar sobre a balaustrada para ver melhor. Júlio segurou-o: aquela balaustrada havia sido um dos motivos para interditarem o Gentil — caso se quebrasse, ele cairia de uma altura de dez metros. A garota voltou pelo corredor entre as cadeiras,

seguida por um homem. Júlio precisou largar a camisa de Daniel: um cubo de gelo estava descendo por sua espinha. Todos os pêlos do corpo se arrepiaram ao mesmo tempo e ele se deixou cair na cadeira, os joelhos bambos.

— O que foi? — sussurrou Daniel, espantado.

— Esse cara...

— O que é que tem?

— Não sei, acho que ele...

Daniel riu:

— É o vampiro?

Júlio balançou a cabeça e sentiu que o calor voltava lentamente às costas.

— Sei lá, foi uma coisa esquisita. Você não sentiu?

— Sentiu o quê?

— Como se tivesse entrado um vento gelado quando ele apareceu.

— Ih, rapaz, é melhor ir embora. Você já tá passando do ponto.

— Não, não. Espera só mais um pouco. Quero ver mais.

Daniel olhou o mostrador luminoso de seu relógio.

— Já é tarde, eu não vou ter nenhuma desculpa decente pra dar em casa. E você nem tá sabendo mais o que diz. O cara é só um velho!

— E você não acha estranho?

— O quê?

— A garota estar nesse clima com um sujeito dessa idade?

Daniel virou a cabeça na direção do palco, acompanhando o olhar fixo de Júlio. O velho meio careca, de terno preto ensebado, olhava com sorriso superior enquanto ela se aproximava com pose sensual e parava perto dele.

— Rapaz! — Daniel quase assobiou. — Mas o cara não parece em condições de fazer nada.

— Shhiiiiu!

Por dentro, Júlio concordava. Ela era uma deusa. E o homem estava aparentemente caindo aos pedaços. Pálido e doentio.

O velho se ajoelhou devagar, aparentando dificuldade, e segurou a mão dela.

— O cara é romântico! — Daniel cutucou-o novamente, com um risinho. — Está beijando a mão dela.

A garota fechou os olhos e teve um leve espasmo.

— Já sei — sussurrou Júlio num alívio. — Eles estão ensaiando. É uma cena da peça.

— De jeito nenhum. Eu conheço a peça. Não tem isso.

— Olha só, ele virou a mão da garota e está lambendo o pulso...

Foi como se o homem tivesse ouvido. Levantou a cabeça e olhou na direção dos dois. Imediatamente Júlio e Daniel se abaixaram mais um pouco. Mas ainda

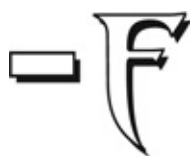
viram, à fraca luz de serviço, que ele tinha a boca e o queixo manchados. Manchados de vermelho vivo.

Escondido atrás de uma cadeira, Daniel tremia incontrolavelmente.

Júlio arrastou-o escada abaixo, procurando não fazer barulho mas sabendo que a presença deles fora descoberta. Ao atravessar a porta olhou o palco mais uma vez e notou que o velho girava a cabeça de novo. Engraçado — ainda pensou enquanto corria para fora — daqui de baixo ele parece um pouco menos velho, menos careca.

Daniel sentia um gosto azedo de vômito, mas se conteve. As luzes da rua criavam sombras que os perseguiram por todo o caminho.

capítulo 6



Foi muito bom você ter se juntado ao grupo, a gente precisava de alguém assim.

Parecia que a irmã Maria Cristina tinha adivinhado que Daniel sentia necessidade de conversar. Deu um jeito de se afastarem dos outros e ficaram sob o quiosque na pracinha ao lado da igreja. A missa fora uma experiência estranha: na verdade ele não entrava numa igreja desde os sete anos — quando era obrigado a ir e havia desenvolvido uma espécie de reação física: sempre passava mal antes do final da missa e precisava sair, caso contrário a vista ficava escura, a cabeça girava e ele terminava por despencar do banco.

Naquele primeiro domingo com o grupo de jovens foi diferente: as músicas da irmã Maria Cristina eram bobas, certo, mas o clima do pessoal era bom. Havia risos e cochichos entre o grupo mesmo quando o gordo padre italiano olhava para eles de cara amarrada. Na verdade Daniel não poderia dizer que fosse a missa — era muito mais a sensação de estar participando de um universo um pouco maior que o formado por ele e Júlio: um universo concreto, menos imaginativo, mais

seguro.

— Eu gostaria de ser sincero: não sei se vou continuar.
Maria Cristina sorriu, um pouco espantada:

— E por que não?

— Em primeiro lugar, as coisas não estão legais lá em casa. Em segundo, o tempo de estudo... — Olhou para a freira e desistiu de ir em frente: — ...não, não é nada disso.

Ela estava tão concentrada que Daniel podia contar os seus cílios, um por um.

— O que é, então?

A resposta não vinha pronta. Era preciso procurar uma pista, jogar um anzol dentro da própria cabeça e fisgar uma idéia que clareasse o que desejava dizer — e que ele nem sabia o que era.

— É tudo tão confuso! Não entendo o que eu quero. *Nunca* sei o que quero. Eu disse que ia participar, claro, prometi, mas...

— Mas tem medo do que vão dizer: que virou um mané — Maria Cristina riu. — Um padreco, um rato de igreja.

— Se fosse isso eu nem ligava. Não: é outra coisa. Ontem apareci na reunião por um motivo completamente diferente. A reunião era só um pretexto pra me deixarem sair de casa. E aí...

Dessa vez Maria Cristina não falou nada. Ficou esperando que Daniel completasse sozinho. E ele gostaria que ela dissesse qualquer coisa, pelo menos para pontuar a conversa.

— Acabei chegando supertarde em casa. Meu pai já estava dormindo e minha mãe limpou a barra. — Ele parou um momento, confuso. — Mas não era nada disso que eu queria dizer. Eu gostei de vocês e da reunião, claro, é que...

Ela continuou esperando. Um dos garotos chegou correndo e falou alguma coisa que Daniel não registrou. A irmã Maria Cristina respondeu com um monossílabo e o cara foi embora. Do grupo vinha o som de risos e gritos: alguém havia aparecido com uma bola e num instante inventaram um jogo. Depois de alguns minutos, ela cortou o silêncio:

— Sei que você tem coisas aí dentro. Um monte de coisas interessantes. Mas não vou pedir que me mostre. — Rapidamente um pensamento desgarrado passou pela cabeça de Daniel e ele o expulsou com um peteleco invisível. A irmã foi em frente: — Só gostaria que soubesse que, pra quando quiser, você tem uma amiga. Pode confiar em mim.

— É. — Daniel balançou a cabeça devagar. — As pessoas parecem ter tantas certezas. *Você* parece ter tantas certezas!

Ela riu um pouco mais alto:

— Tenho não: é só treinamento do ofício. Às vezes preciso me esforçar pra não ficar dando conselhos, apontando caminhos. Se eu mesma tivesse certeza dos caminhos, tudo seria muito mais fácil. E posso garantir que, mesmo agora, as coisas andam bastante complicadas pra mim.

Daniel ficou mais espantado ainda. Ela não era apenas uma freira sem hábito: era uma freira sem os maus hábitos da espécie (e que tinha uns joelhos...). Será que... Não. Não contaria nada. Jamais estragaria essa coisa nova e com cara de manhã de domingo falando do outro lado de sua vida. Falando de ontem, de um velho e uma garota, da colega com uma estaca no peito e em seguida retalhada em mil pedacinhos, do amigo que tinha a capacidade irritante de carregá-lo a territórios onde a alma ficava espremida dentro de caixas de fósforo, com medo. Com medo.

Voltou para casa com o violão debaixo do braço, sentindo o conforto das curvas frias, agradecendo ao instrumento por tê-lo aproximado de Maria Cristina.

Havia lhe custado um ano de pedidos — dos 11 aos 12 — e de promessas que sua instabilidade jamais permitia que cumprisse. O pai aproveitara para fazer todas as chantagens: dou o violão se as notas forem acima de nove, se não me desobedecer nem uma vez durante duas semanas, se um monte de coisas que Daniel jurava ser capaz de fazer com o pé nas costas e acabava não conseguindo. Um dia, quando já havia desistido, foi chamado pelo pai para irem ao centro da cidade, fazer compras. Seu Antônio surpreendeu-o, entrando sem avisar na loja de instrumentos musicais e dizendo um simples:

— Escolhe.

Daniel sentiu que poderia morrer imediatamente. Nem precisava do violão: bastava aquele momento, a possibilidade da escolha. Mas como? Não tinha a menor idéia, não sabia qual o melhor, se não seria caro demais para o dinheiro extra que o pai havia recebido... escolheu sem pensar muito, com medo de que o momento fosse embora e ele acabasse descobrindo que tudo era só uma brincadeira de mau gosto — o pai rindo na sua cara e puxando-o porta afora.

Mas era verdade. Junto com o violão trouxe para casa um livro de acordes e passou o resto do dia trancado e impaciente, porque o som produzido pelas cordas de aço não correspondia ao que imaginava. No dia seguinte os dedos estavam esfolados e cheios de bolhas. Colou pedaços de esparadrapo sobre as feridas e continuou tocando e fingindo que não doía. Em pouco mais de uma semana tinha calos duros nas pontas dos dedos e os sons já saíam mais limpos — e não menos desafinados. Procurou o pessoal de uma banda de rock que ensaiava numa casa da esquina. Ficou olhando o que faziam, perguntou uma ou duas coisas sobre afinação, voltou para casa e continuou tentando.

Em alguns meses as dicas do pessoal da banda já não satisfaziam. Soube que poderia ter aulas de graça num centro comunitário do outro lado da cidade. Foi

até lá, começou a treinar solfejos, escalas, e em pouco tempo estava de novo impaciente, cansado da repetição sem fim. Outro professor e logo descobriu que valia mais procurar sozinho pelas respostas, ouvindo discos, tirando dúvidas sempre que encontrava alguém que tocava melhor.

Mas não tinha coragem de mostrar a ninguém. Em casa diziam que era incapaz de tocar uma música inteira. Realmente. Não porque não soubesse: porque quando chegava ao meio já havia resolvido todas as dificuldades. Perdia a graça.

Agora, pela primeira vez, havia se apresentado em público. As harmonias não faziam jus a seus quase três anos de treino solitário, as melodias eram bobas, mas Daniel percebeu o tempo todo os olhares: era o mesmo fascínio que sentia antigamente, quando observava alguém tocando. Agora *ele* era o dono do fogo, o conhecedor das fórmulas mágicas. Era ele quem sabia quando apertar uma corda e não outra qualquer — os dedos correndo feito patas de aranha à caça do som exato. Não importava que o palco fosse apenas uma igreja de bairro e o público um punhado de beatas cheias de tédio.

†

— A gente viu uma coisa no Gentil, sim.

— E o que foi? — Célia estava impaciente naquela segunda-feira. Havia chegado a ponto de receber uma bronca de dona Letícia: as más companhias estavam prejudicando o excelente aproveitamento que ela sempre tivera. Daniel ficou pensando: é, há um mês ele também era aluno-padrão, e agora estava transformado em má companhia. Agora, no recreio, procurava um motivo para deixar os outros dois a sós, mas Célia insistia:

— Então conta você, Daniel. Não posso ficar nessa curiosidade assim, sem satisfazer!

Júlio deu um olhar rápido e Daniel recebeu a mensagem.

— Na verdade não foi nada demais, Célia. Tinha um pessoal ensaiando e a gente ficou lá, assistindo.

— E o que foi que vocês viram de especial?

Júlio até queria contar, mas não sabia como.

— Quando o ensaio acabou, ficou uma garota sozinha, e depois apareceu um velho.

Célia continuava esperando, mal conseguia permanecer imóvel no banco. Júlio decidiu ir em frente:

— Eu acho que podia ser ele...

Daniel se levantou:

— Pára aí, só porque o cara... isso não quer dizer nada.

— Conta logo, pelo amor de Deus! — Célia estava chegando ao limiar da fúria.

— Mas não foi só isso — Júlio continuou encarando Daniel. — Eu senti uma coisa esquisita.

Daniel foi até a lata de lixo e jogou o papel do sanduíche. Dessa vez, pelo menos, não errou a pontaria. Ao voltar interrompeu um olhar lânguido de Júlio para Célia. Falou com uma irritação que ele próprio não conseguia entender:

— Não é nada demais você sentir alguma coisa. Eu ia estranhar é se não sentisse. O velho é tarado, só isso.

Célia gritou para que todo o pátio ouvisse:

— Me conta, merda!

Aqueles dias foram pouco proveitosos para as incursões. Na segunda e na terça Júlio disse que não podia: um dos irmãos tinha chegado de viagem e só iria embora na quarta de manhã; e enquanto isso estava pegando no seu pé. Na quarta, Daniel começou a dar aulas de violão para a turma da igreja — todas as noites sua mãe agradecia ao bom Deus por ter conseguido convencer seu Antônio a deixá-lo participar do grupo. Na quinta, Júlio faltou ao encontro marcado para tentarem invadir a estufa abandonada do jardim de dona Marina. Daniel ficou chateado e voltou para casa; mas o que Júlio ouvia o pai contar à mãe, naquele momento, era bem mais importante.

†

O dr. Mário havia recebido a informação no início da tarde, durante o plantão no hospital. A moça deu entrada em estado de choque, já com colapso cardiovascular. Morreu poucos minutos após a chegada. Primeiro diagnóstico: anemia; hemodiluição a taxas espantosas.

Ela viera para Morro Queimado havia pouco tempo, estudar na Faculdade de

Filosofia. Morava numa pensão, e os únicos amigos eram os do grupo de teatro amador. Os familiares em Minas haviam sido informados imediatamente e autorizaram a autópsia, que por certo estaria concluída antes que eles chegassem para o velório.

Júlio escutava atrás da porta, mal se contendo no próprio corpo. O dr. Mário tivera de ir com o secretário municipal de Saúde até a estação de rádio, tranquilizar a população da cidade: dizer que não era epidemia, que não precisavam dar ouvidos às centenas de boatos. As três mortes não teriam passado de coincidência.

— E eu queria muito acreditar nisso — dizia ele para a esposa. — Foi igual ao que aconteceu com Sofia, e muito provavelmente igual ao que aconteceu com a Lucinha. Não há nada que justifique uma hemorragia tão grande. Só uma coincidência que... mas não é suficiente para justificar. O sangue simplesmente desapareceu, foi substituído por água. De qualquer forma, eu separei de novo algumas amostras. Amanhã já sei o que procurar.

Júlio brigou consigo mesmo durante vários minutos, mas a coisa era mais forte do que o seu medo. Precisava falar. Imediatamente. Abriu a porta e foi até a sala, começando antes que o pai pudesse interrompê-lo:

— Foi hemorragia. O sangue saiu por uma ferida muito pequena...

— Volta pra cama, moleque! — A mãe ficou de pé, indignada. — A conversa é de adulto, não vê que seu pai está com um problema sério?!

Mas o dr. Mário olhava para ele, incisivo.

— Espere um pouco, Carmem. O que você quer dizer com isso, Júlio? O que é que você sabe?

Júlio respirou aliviado. Havia conseguido a brecha: agora era prosseguir passo a passo e não dizer nada que pudesse levantar uma reação ruim por parte do pai.

— O senhor tem certeza de que não tinha nada nos pulsos?

— Você ouviu alguma coisa, algum boato? Alguém do hospital...

Júlio interrompeu, tentando esconder a satisfação:

— Então eu tô certo! Não, pai, não ouvi nada. Acabei de saber a história dessa garota agora, com o senhor contando pra mamãe. — Sentou-se na poltrona, de frente para o dr. Mário, e resolveu que o melhor era aproveitar a surpresa e atacar: — O que foi que o senhor viu de especial?

— Havia um pequeno ferimento em cada pulso, exatamente como o da coxa de Sofia. Chegamos a pensar em suicídio, mas a quantidade de sangue que desapareceu não poderia ter saído por ali.

Júlio quase deu um salto:

— Será que o sangue não poderia ter saído bem aos poucos, por esses ferimentos? Uma pequena quantidade a cada dia, até que o organismo não

pudesse mais se recuperar?

— Poderia, talvez... — O dr. Mário vislumbra o ponto, mas ainda tinha dificuldade de admitir. — ...mas nunca sem a pessoa perceber. Foram litros de sangue perdidos. Ela certamente iria procurar um médico. E, além do mais, como é que essa ferida...

Parou de repente, percebendo que estava sendo manipulado pelo filho numa direção que não poderia admitir. Aquele assunto já havia causado problemas demais para várias famílias. Era necessário acabar com a conversa.

Mas a verdade é que a coincidência dos pequenos ferimentos havia perturbado sua mente durante a autópsia. Apenas a afastara como um inseto irritante. Chegara até a confirmar que a ferida se aprofundava até a parede da veia. O problema é que admitir duas jovens de idades diferentes, interesses diferentes, morando em lugares diferentes, tendo o mesmo tipo de ferimento estranho não deixava muitas hipóteses de doença no rol de probabilidades. Seria preciso buscar outra coisa.

E os fantasmas do dr. Mário espreitavam, rindo de suas tentativas de racionalizar.

— Você andou ouvindo algum boato, não minta pro seu pai.

— Não ouvi. Eu vi uma coisa, pai. Mas não vou contar.

O dr. Mário precisou se controlar para não ser tomado pela fúria:

— Como não vai contar? Eu sou seu pai, estou mandando!

— Olha aqui, pai — Júlio começou muito lento, com medo de pisar em falso —, eu sei que posso ajudar a esclarecer isso tudo, mas o senhor ia ter de confiar em mim. De cara posso dar uma sugestão do que fazer com o tal negócio que aparece nas amostras de sangue: o senhor experimenta as minhas propostas e vamos ver o que acontece no dia seguinte.

O dr. Mário quase espumava, sentado na cadeira.

— Você fica todo dia ouvindo a conversa dos outros, seu moleque?

Dona Carmem interferiu de novo:

— Eu não venho dizendo, Mário? Esse menino está com problemas, a gente precisa dar um jeito.

— Não é isso, mãe — Júlio foi até dona Carmem e se sentou no braço do sofá.

— Só ouvi duas vezes, naquele dia e hoje. É que esse assunto me preocupa muito...

— Não tem nada que preocupar, não é coisa pra você.

Segurando a mão de dona Carmem numa tentativa de tranquilizá-la, Júlio encarou novamente o pai:

— Sei que o senhor não dorme direito por causa disso. Eu também não.

Acontece que eu vi umas coisas e já levei a pior quando confiei nas pessoas. —

Continuou rápido antes que o dr. Mário resolvesse argumentar: — Prometo que amanhã ou depois de amanhã, quando o senhor tiver feito o teste, eu conto tudo. E, se o senhor me convencer de que eu estou errado, prometo nunca mais mexer com nada disso.

— Muito bem — o dr. Mário bateu nos próprios joelhos, desafiante —, qual é essa fantástica sugestão?

Pouco depois Júlio voltou ao quarto, sentindo-se esquisito. Sabia que tinha obtido meia vitória, mas isso não o deixava mais satisfeito. Podia ser que o fator de contaminação não funcionasse como esperava, e tudo voltaria ao ponto de partida. Mas podia ser que funcionasse, e aí, então, as coisas iriam ficar cada vez mais difíceis.

†

Na manhã seguinte Daniel chegou à escola com olheiras de noite maldormida. Célia não parecia muito melhor. Na hora do recreio a conversa demorou a engrenar — os três envolvidos por uma certeza que só piorava tudo.

Daniel tinha ouvido pelo rádio, à noite, e Célia havia presenciado a conversa da mãe com uma vizinha. Restavam muito poucas elucubrações. Por mais que pudesse imaginar hipóteses diferentes para a garota do teatro, Daniel não conseguia afastar a imagem do velho com a cara suja de sangue. O jantar havia ficado no prato, e várias vezes durante a noite ele teve de correr ao banheiro na tentativa de vomitar o vazio do estômago.

Agora estava acabando de comer o lanche e Júlio esperava, paciente, antes de entrar nos detalhes.

— Na verdade o negócio é bastante óbvio. O vampiro só trocou a carótida pela femural, num caso, e pela veia do pulso, no outro. No mínimo pra não deixar a ferida muito visível.

Daniel precisou fazer um esforço enorme para prender a merenda onde já estava.

— Pode ser óbvio, mas continua nojento: ele bebe o sangue, a garota morre.

Célia não participava da conversa: a imaginação já havia criado todos os fotogramas com ela no principal papel feminino. E o que a deixava mais nervosa

era a curiosidade se misturando ao medo. Ficava imaginando o ponto exato onde o vampiro sugaria — a mão quase se deslocava por vontade própria. Deixou os dois conversando e foi andar pelo pátio.

Daniel via uma parede negra na frente dos olhos:

— E aí, o que é que a gente faz?

— Por enquanto, nada.

— Nada? Agora que a gente já tem praticamente uma confirmação, você diz isso?

— Eu disse *por enquanto* — Júlio seguia com o olhar o passeio de Célia. Ela havia se juntado a um grupo de garotas que conversavam com ar soturno. — Meu pai está à beira de se convencer. Acho que até amanhã ele passa pro nosso lado.

Daniel virou o corpo bruscamente:

— Você não contou o que a gente viu!

— Ainda não. Mas acho que dei um jeito de encaminhar o raciocínio dele na direção certa.

Uns dez minutos depois Célia estava de volta, meio cabisbaixa:

— Não se fala em outra coisa. As meninas estão morrendo de medo de ser uma epidemia. Se elas soubessem...

— Por favor, Célia, não abre o bico!

— Por que não? Talvez seja melhor avisar a elas, pra se cuidarem.

— É — concordou Daniel, irônico. — E ser mandada pro hospício ou pra cadeia. Não vê que ficar do nosso lado já está sendo prejudicial?

— É isso mesmo — Júlio confirmou, sério. — É melhor ficar de fora. Nós vamos dar mais um tempo, pelo menos até depois de meu pai completar os testes.

†

Pedro Kern não pôde negar: aquela era a bactéria (se é que era uma bactéria) mais estranha que ele já vira. O comportamento era normal, só as características visuais apontavam para alguma coisa completamente fora de qualquer experiência prévia. O dr. Mário havia esperado o fim do expediente para mostrá-la, evitando que os outros funcionários ficassem sabendo antes de os dois terem algumas certezas.

Contou a Pedro os experimentos que havia feito da outra vez, a reprodução exagerada em plasma e o desaparecimento posterior. Repetiram os testes em diferentes meios de cultura, com resultados iguais: aquilo só se reproduzia em plasma sanguíneo.

Por isso a proposta de Júlio era a mais coerente: separaram três ratos e injetaram em cada um deles 1cc do plasma com a cultura dos organismos desconhecidos.

Pedro gostaria de ficar mais tempo fazendo testes, mas o dr. Mário havia chegado aonde desejava: mais uma pessoa havia presenciado o fenômeno. Mesmo que tudo estivesse desaparecido no dia seguinte, teriam um argumento forte para mobilizar as autoridades competentes.

O dr. Mário foi para casa sentindo-se um pouco mais leve, mas não parava de pensar nos ferimentos das garotas. De qualquer modo, preferia continuar acreditando que a estranha doença provocava algum tipo de hemodiluição, que induzia à confusão com uma hemorragia por causa do excesso de trabalho da medula para produzir mais glóbulos vermelhos. E a ferida... talvez fosse provocada por algum vetor, um inseto, uma coisa qualquer que plantasse o micróbio por aquela via.

Uma coisa qualquer que afastasse seus temores infantis.

Ao chegar em casa, ficou tentado a bater no quarto de Júlio e forçá-lo um pouco mais, mas conhecia bem o filho: ele não contaria nada antes de saber o resultado das experiências. Precisaria esperar pelo menos até o dia seguinte.

E foi dormir com o sentimento incômodo de ter cometido um equívoco ao provocar a situação de confronto entre Júlio e o delegado. Toda a sua consciência confirmava que aquela postura era a correta — mas a certeza de que o desfecho havia sido pouco convincente, e que Júlio sabia muito mais do que se dispunha a dizer, o levava a questionar seu comportamento na ocasião. Talvez existisse alguma coisa: não um vampiro, certo, mas qualquer fato que Júlio tivesse presenciado sem meios de interpretar corretamente. Havia falhado como pai e como amante da ciência: em vez de investigar as possibilidades, simplesmente negara a fonte de informação.

Só pôde aparecer no laboratório na tarde seguinte. Pedro Kern estava completamente agitado. Em primeiro lugar mostrou os testes que fez com as culturas preparadas no dia anterior: nada, nem sequer um rastro das pseudobactérias, nenhuma substância que não pudesse ser encontrada na análise detalhada de um sangue normal.

E aparentemente os três ratos dentro das gaiolas estavam passando bem, com as bactérias vivas circulando na corrente sangüínea e se reproduzindo em ritmo muito lento.

— Preciso admitir que Júlio pensou certo — disse o dr. Mário no fim de um suspiro mal-humorado.

Pedro Kern levantou os olhos de uma das lâminas que continha sangue de rato.

— O que foi que o senhor disse?

— Nada. Só estava pensando em voz alta.

— E então? Precisamos contar a alguém, precisamos de gente mais capacitada para levar os testes adiante.

— Acho melhor esperar mais um pouco — O dr. Mário pôs a mão sobre o ombro de Pedro, impedindo que ele saísse correndo para o telefone. — Existem mais umas coisas que nós podemos fazer. Eu não gostaria de que tudo sumisse de novo e ficássemos os dois com cara de idiotas quando vier a tal gente mais capacitada.

— Bom — Pedro encolheu os ombros, fingindo frustração. — Se é o que o senhor quer... — Na verdade estava achando ótimo: era como se voltassem os primeiros anos de estudo, antes da rotina massacrante de exames de fezes e urina, antes de admitir que faltavam elementos básicos para se tornar um cientista de verdade. Deixou com os assistentes instruções expressas para não ser perturbado e foi com o médico até a gaiola dos ratos. — O que é que o senhor pretende fazer com esses três fulaninhos?

— Vamos deixar um deles separado, para controle. O segundo vamos dissecar: é preciso ver com cuidado especial o baço e a medula e saber até que ponto podem estar infectados também. Quanto ao terceiro...

Parou, com medo do que precisaria dizer. Era a principal sugestão de Júlio, mas a coisa parecia ao mesmo tempo tão louca e tão lógica que ele temia ver os possíveis resultados. Sentia medo de estar passando para o terreno pantanoso da fantasia.

Mas era o certo. Por mais que achasse difícil admitir.

†

Foi o enterro mais melancólico dos três, pensava Célia ao atravessar o portão do cemitério. No início tinha ficado espantada, como tantas outras pessoas, porque a família não havia providenciado o transporte do corpo para a cidade natal, em Minas. Depois, durante a curta cerimônia fúnebre, percebeu o motivo: além do pessoal do grupo de teatro, ninguém aparentava muito envolvimento com a defunta. A família parecia cumprir um ritual que, se não era de alívio, pelo menos parecia exageradamente conformado. Contando com a própria Célia, teriam comparecido no máximo umas vinte pessoas. Contando com ela e com...

Claro, era isso que não havia registrado no enterro de Sofia! Exatamente como Júlio alertou: qualquer coisa estranha, qualquer coisa que não combinasse perfeitamente com o momento. Bom, poderia haver pelo menos umas cem explicações, mas era isso, uma pista! Muito frágil, mas e daí?

Não poderia esperar até a segunda-feira: telefonou para Júlio assim que chegou em casa.

†

— A única coisa que a gente pode deduzir disso tudo é que esse micróbio só sobrevive num organismo vivo — estava dizendo Pedro Kern. — E nesse caso não percebo qual o sentido de fazer o que o senhor propõe.

O dr. Mário procurou rapidamente um argumento:

— Bom, o que me interessa é reproduzir as condições que aconteceram com as pacientes. Não houve nenhuma taxa de hemólise no sangue dos ratos, portanto é pouco provável que essa coisa tenha causado a hemólise nas moças. Se a gente provocar uma hemorragia talvez possa perceber algo novo. Eu sei, você vai dizer que essa postura não é exatamente a mais científica, mas não se pode negar que somos as pessoas mais habilitadas na cidade. Até convenceremos a direção do hospital ou a prefeitura a mobilizar alguma instância superior, a coisa pode levar semanas. Nesse meio-tempo vamos continuar agindo pela intuição. Mal não vai fazer.

A dissecação do segundo rato não mostrou nada que já não soubessem: a

medula e o baço pareciam funcionar normalmente, sem nenhum traço do organismo estranho. Retiraram, aos poucos, setenta por cento do sangue do terceiro rato e substituíram por soro. O animal suportou cerca de vinte minutos após a última transfusão e morreu.

Agora vinha a fase final, e o dr. Mário precisou fazer malabarismos verbais para convencer Pedro Kern a concordar com o que Júlio havia proposto.

†

— Você tem certeza de que eram as mesmas?

Daniel só ficou conhecendo o resultado da ida ao enterro no dia seguinte, domingo, depois da missa. Tinha ficado pasmo ao ver Célia e Júlio na terceira fila de bancos da igreja, rindo e falando baixo. A princípio se irritou, achando que seu espaço recém-conquistado estava sendo invadido. Por duas vezes errou alguns acordes, nervoso. Ao sair viu os dois esperando no quiosque da pracinha. Despediu-se rapidamente da irmã Maria Cristina, com medo de demonstrar alguma emoção fora de controle.

Depois da fase meio deprimida do início da semana, Célia estava empolgada de novo:

— Claro que eram! Eu lembro que achei estranho no enterro de Lucinha, porque elas não falavam com ninguém, nem pareciam tristes, nem chegavam muito perto. Depois, no de Sofia, vi as duas mas não fiz a ligação. Só agora, nesse terceiro enterro, foi que achei coincidência demais.

Como sempre, Daniel procurou descobrir um motivo lógico:

— Isso não prova nada: agora mesmo as duas podem estar se perguntando o que é que você estava fazendo nos três enterros!

— Prova sim! — reagiu Célia. — Eu fui fazer uma investigação; no mínimo elas também foram. Seria coincidência demais elas serem conhecidas ou parentes das três mortas. A gente viu uma coisa em comum nas três vítimas. Tá na cara que as velhas também viram!

Júlio estava todo orgulhoso de sua espiã.

— Tem razão, Célia. Essas donas sabem de alguma coisa. Agora conta pro Daniel o que você me disse, conta como é que elas são.

— As duas têm pinta de alemãs: olho azul, cara vermelha e tudo. Uma é gorda e a outra magrinha, vivem sorrindo o tempo todo, mesmo durante o enterro. Eu

fico pensando o que é que umas criaturas dessas podem saber sobre vampiros.

Daniel estava literalmente de boca aberta; Júlio ficou olhando para ele com cara de “não disse?”.

— São mesmo as velhas do casarão perto da ponte de trem — concordou Daniel com a cabeça. — Elas estão há pouco tempo na cidade. Será...

— Não custa nada procurar saber — interrompeu Júlio de propósito, dessa vez disposto a evitar deduções apressadas. — Mas não resta dúvida de que as duas seriam o disfarce perfeito pro vampiro.

— *Arsênico e Alfazema* — disse Daniel, parecendo distraído.

— O quê? — Célia o encarou sem entender.

— Nada. É só uma peça de teatro.

Célia se virou de novo para Júlio. Parecia decidida a não permitir divagações.

— Quando é que a gente vai?

Júlio queria dizer que não desejava que ela fosse porque tinha medo de perdê-la, que gostaria de guardá-la numa redoma ou num quadro como o da virgem de Bellini; queria dizer coisas românticas, e morria de medo de parecer um otário. Virou-se para o lado de Daniel e percebeu que Célia ficava irritada, achando que ele a estava ignorando. Mas não podia, não tinha coragem de dizer nada diferente, ainda não.

— Prometi ao meu pai que não faria nada antes de ele terminar com as experiências. Quando ele tiver uma resposta, a gente investiga as velhas.

†

Na segunda de manhã o dr. Mário recebeu um telefonema excitado de Pedro Kern:

— O senhor precisa vir aqui agora mesmo!

— O que foi que aconteceu?

— Não dá pra falar por telefone. Tem que ver!

Quando chegou ao hospital, estava sendo esperado na portaria. Pedro praticamente o arrastou pelos corredores, falando alto. No guichê ao lado da porta do laboratório esbarrou em duas velhotas de cara rosada que conversavam sorrindo com a atendente. Pedro se desculpou e continuou falando:

— Sei que é difícil acreditar, mas aconteceu mesmo: parece que o bicho não estava morto de verdade.

A caixa de madeira onde haviam deixado o rato — o rato do qual fora tirado quase todo o sangue — estava na bancada ao fundo. Dentro, o animal continuava deitado, mas numa posição totalmente diferente.

— Olha só — Pedro apontava: — O senhor deve se lembrar da posição em que ele foi deixado no sábado.

— Você já perguntou a todo mundo? Ao vigia do domingo? Talvez alguém tenha mexido.

— Claro que eu perguntei! Mas isso não é o principal. Olha a caixa por dentro, olha a tampa!

Todo o interior da caixa estava coberto de finos arranhões: o fundo, as paredes, a tampa. Pedro apontou de novo:

— E olha só as unhas dele.

— É, exatamente como você disse.

As patas dianteiras do animal estavam completamente esfoladas e as unhas haviam desaparecido, arrancadas ou gastas. O dr. Mário sentiu um aperto indizível no coração.

— Vamos examinar esse bicho. E, Pedro, todo o cuidado do mundo: essa coisa pode ser perigosa. Eu não quero ver ninguém contaminado por descuido.

Os equipamentos eram precários, mas a extrema atenção de Pedro e o ajuste acurado do único polígrafo disponível mostrou resultados. E, depois de repetirem várias vezes os testes, a conclusão se revelou, assustadora: o rato continuava vivo. Era um estado parecido com a catalepsia: o cérebro emitia alguns impulsos quase indetectáveis; o coração batia a intervalos tão longos e tão fracamente que era preciso sorte para registrar. Sentindo-se à beira de um colapso, o dr. Mário ligou para a secretária e pediu que ela desmarcasse todos os clientes, mesmo os de urgência. Hoje não poderia atender ninguém. Não hoje, não quando se percebia um assassino involuntário.

Havia feito autópsia em duas jovens. Duas jovens que poderiam muito bem ter ficado, como aquele rato, apenas num estado de suspensão temporária. Deixou-se cair numa cadeira e chorou feito criança, enquanto Pedro olhava sem entender.

†

Naquela tarde Júlio e o pai ficaram por longo tempo trancados no consultório.

O dr. Mário falou sobre a experiência com o rato e Júlio contou toda a cena do teatro. E falou novamente sobre Lucinha contorcida com uma estaca enfiada no coração. O dr. Mário ouviu tudo em silêncio, cheio de pensamentos conflitantes. No final ainda tentou argumentar:

— Nós temos uma série de fatos (não vou negar que tudo isso tenha acontecido, não agora), o que não quer dizer que sua conclusão seja a correta. Filho, é preciso ter muito cuidado com essas coisas. A humanidade vem evoluindo com uma dificuldade enorme, usando a inteligência para afastar crendices que vivem atrapalhando essa evolução. Quase sempre um fato mágico ou místico é só um fato mal explicado, e não acho que esteja na hora de arranjar uma explicação mágica para uma coisa que a gente não compreende.

— É exatamente o que eu penso, pai. É engraçado, no início era como se fosse brincadeira: o negócio entrou na minha cabeça sem eu perceber e ficou lá. Aí tudo aconteceu: Lucinha, Sofia e depois essa garota do teatro. E cada vez mais me parece uma coisa... quase que eu ia dizer natural. Uma coisa que tem explicação. Tudo pode vir de um mesmo ponto: a lenda do vampiro pode ser a história de uma doença. Eu venho pensando nisso todo dia.

— Por favor, não vamos concluir logo, Júlio. O que nós temos é um rato, quase sem sangue, que pode estar com uma coisa que parece catalepsia. Temos três garotas que podem ter contraído a mesma doença. Temos uma pseudobactéria que pode ser a causa de alguns sintomas. E temos, *talvez*, um homem que pode ser o agente de contágio. Qualquer coisa além disso é suposição.

Júlio resolveu dar o passo definitivo. Achava que o pai estava pronto para aceitar qualquer proposta.

— Nesse caso, tem outra coisa que pode ser feita, e que talvez esclareça um pouco mais.

— O que é?

Júlio nunca tinha visto o pai tão envelhecido, tão desanimado. Mas aquele era o momento de ir em frente.

— Telefona pro Pedro. Diz pra ele colocar um rato vivo junto com o outro. O ideal seria alguém ficar à noite, pra vigiar. De qualquer modo, amanhã a gente vê o que aconteceu.

O dr. Mário passou as duas mãos pelo rosto antes de responder:

— Isso é loucura. Se eu fizer, vou estar admitindo antecipadamente essa sua hipótese absurda.

— Escuta, pai! Custou alguma coisa fazer o que eu disse antes? Pelo menos tenta. Se não acontecer nada, melhor: o senhor avisa às autoridades e num instante vai aparecer um bando de pesquisadores pra analisar o tal micróbio.

Quem sabe até dão o seu nome a ele? — Júlio riu suavemente para que o pai não pensasse que ele estava de gozação.

O dr. Mário só pôde rir também — e afastar por alguns segundos o peso de estar desde o início fazendo tudo completamente errado.

capítulo 7

Depois da terceira morte sem explicação, o tom das conversas na cidade mudou consideravelmente, com conseqüências visíveis para os dois e para o delegado Bastos.

Daniel e Júlio passaram a ser vistos mais com curiosidade do que com ódio. Agora a versão integral da história de Lucinha circulava abertamente, aumentada em detalhes que nem os dois, em seus extremos de delírio, seriam capazes de produzir. Mães trancavam as casas; cruzeiros e terços eram retirados de armários e gavetas, os estoques de alho nos mercados desapareciam antes mesmo de ser postos à venda. A Papelaria Santos, a principal da cidade, vendeu os oito exemplares do *Drácula* de Bram Stoker que estavam encalhados fazia anos. Dona Eliete, bibliotecária municipal, não agüentava mais pegar sempre as mesmas três obras de referência sobre vampirismo — e aproveitava para expor as várias facetas do tema ao grande número de interessados que, pela primeira vez, transformavam a biblioteca num local cheio de movimento.

Ao saírem da escola na segunda-feira, Júlio e Daniel foram abordados uma dezena de vezes por pessoas desconhecidas que queriam ouvir a confirmação dada pessoalmente. Às primeiras duas ou três perguntas, Júlio desconversou, educado. A partir daí passaram a evitar todos que se aproximavam com expressão curiosa, e chegaram a reagir com grosseria em pelo menos dois casos.

O delegado Bastos deixou um aviso expresso de que só atenderia a telefonemas importantes, cansado de histórias absurdas sobre gente que fora atacada, denúncias contra vizinhos de comportamento exótico (se fosse dar crédito, deveria haver pelo menos uns setenta vampiros espreitando nas sombras

da cidade), pessoas avisando sobre criaturas que sobrevoavam as casas à noite (o delegado já estava se imaginando com uma rede de caçar borboletas, correndo pelas ruas atrás de morcegos papa-frutas).

†

Às oito da manhã de terça-feira o dr. Mário esperava do lado de fora do laboratório, junto à fila de pessoas que vinham entregar vidrinhos com todo tipo de excreções corporais. Pedro Kern chegou, cumprimentando-o sério:

— O senhor já ouviu as histórias que correm pela cidade, não ouviu?

— O povo é assim mesmo: basta o menor evento sem explicação pra inventar os maiores absurdos.

Pedro se virou para o médico antes de abrir a porta.

— E, mesmo pensando que é absurdo, o senhor me telefona pedindo o que pediu, ontem à tarde. — Ele abriu a porta e, antes que o dr. Mário respondesse, continuou: — O que é que o senhor sabe e ainda não me disse? Não posso participar desse trabalho sem ter todas as informações. Na verdade nem quero olhar aquele rato, agora, sem ter uma idéia do que pode estar acontecendo.

O dr. Mário entrou no laboratório e foi atrás de Pedro Kern até a saleta do fundo, onde poderiam conversar sem serem perturbados. Depois de cumprimentar um tanto secamente os auxiliares, o técnico se encostou numa bancada.

— Ouvi a história sobre o seu filho com o tal amigo, acho que todo mundo na cidade ouviu, e sempre achei que o senhor não tinha levado aquilo a sério. Mas, desde que a gente começou a trabalhar com a tal bactéria, a coisa foi ficando cada vez mais esquisita. Ontem, quando fiz o que o senhor me pediu, fiquei me sentindo na Idade Média, misturando ciência e superstição.

O dr. Mário deixou que Pedro sossegasse, para só então responder:

— Olha, Pedro, você me conhece há tempo suficiente para saber que não sou de ficar escondendo o jogo. Tudo que eu sei foi dito aqui dentro. Ou melhor, quase tudo. Só não disse a você que alguns dos testes que a gente fez foram sugeridos pelo meu filho. Certo, certo, eu também achava bobagem, coisa de criança, mas todos deram resultado! Ou melhor, quase todos; ainda não fomos olhar a caixa. E se você está perturbado, sem conseguir formar opinião, pode se consolar porque eu mal consigo dormir. Existem mil conseqüências para cada

conclusão a que a gente chega nessa história. E a única coisa que eu procuro fazer, pra não ficar maluco, é tentar não chegar a conclusões.

— Mas essa onda de boatos sobre vampiros, se a gente provar...

— Sem conclusões, Pedro, por favor! Vamos primeiro olhar os ratos.

— Os ratos — concordou Pedro com os ombros caídos.

Nem por ser uma possibilidade esperada a coisa ficou mais fácil. Ou melhor, o próprio fato de esperá-la fazia com que o dr. Mário achasse firmemente que não iria acontecer — como quando a gente pensa muito em algo justamente para afastar a probabilidade da ocorrência. Os dois ratos estavam caídos no fundo da caixa. O rato contaminado jazendo quase que na mesma posição do dia anterior; o outro, que havia sido posto perfeitamente saudável para compartilhar a caixa durante a noite, estava com a garganta esfaqueada — um resto de sangue manchando a palha do fundo.

— E agora — perguntou Pedro num fio de voz —, o que é que a gente faz?

— Acho que podemos dar uns telefonemas.

— O senhor vai avisar ao prefeito, ao secretário de Saúde?

O dr. Mário pensou um pouco antes de responder.

— Preferiria não fazer isso por enquanto. Tenho um amigo, na universidade federal, que pode ajudar sem que o pânico se espalhe mais ainda. A gente precisa manter até o fim o máximo de sensatez que essa loucura permitir, e eu gostaria de uma opinião mais abalizada antes de ir em frente.

— Mesmo sabendo que nesse momento pode haver outra menina sendo... contaminada?

O dia do dr. Mário seria de muito trabalho, já que precisaria atender a boa parte das consultas que vinha cancelando ultimamente. Combinou com Pedro que continuariam a conversa no final da tarde. Poderiam ir a algum local tranquilo e levantar todos os pontos a serem debatidos com o pesquisador da universidade, que viria do Rio no dia seguinte.

Às quatro da tarde Daniel e Júlio viram as duas velhas saindo de casa, trancando com cuidado a porta da frente, atravessando a ponte de madeira paralela ao pontilhão de trem e desaparecendo pela rua de baixo. Os dois abandonaram o posto entre as paineiras e desceram a trilha. Foram direto à parte de trás do casarão, procurando algum ponto por onde entrar. Experimentaram uma por uma as janelas do térreo e a porta dos fundos. Todas estavam perfeitamente trancadas. Ficaram um tempo parados, impotentes. Júlio decidiu forçar uma janela enquanto Daniel dava outra volta, testando as trancas.

Poucos minutos depois Daniel voltou com um ar estranho no rosto.

— Vem cá, Júlio. Acho que tem um jeito.

O que Daniel propunha tinha mais cara de suicídio que de invasão: uma das clarabóias do sótão, que haviam chamado a atenção dos dois no outro dia, continuava aberta, com as cortinas esvoaçando. Júlio balançou a cabeça.

— Como é que a gente vai chegar lá?

— Pelo outro lado.

No lado oposto da casa uma grande árvore espalhava os galhos sobre o telhado. Daniel tirou os sapatos, amarrou-os no cinto, e começou a subir. Júlio ficou um momento indeciso e depois foi atrás.

— Subir na árvore é mole — falou enquanto procurava apoio nos galhos. — Vai ser difícil contornar esse telhado todo. É inclinado demais, deve escorregar.

Daniel trincou os dentes enquanto falava:

— Se não der, a gente volta.

Estava espantado consigo mesmo: até ali sempre estivera correndo atrás dos rompantes de Júlio, e hoje era ele quem tomava a dianteira, como se atendesse a um chamado que não admitia recusa. Não sabia por quê. Agora que tinha perdido as dúvidas, sentia uma vontade compulsiva de encarar conclusões. Chegou aos galhos mais altos e experimentou colocar o pé direito no telhado. A ardósia era bastante áspera, mas Daniel podia notar vários pontos cobertos de musgo, que precisariam ser evitados. Solto o peso do corpo aos poucos e em seguida procurou apoiar as mãos e os joelhos. Olhou para trás: Júlio estava acabando de pisar no telhado. Quando ele solto as mãos, o galho voltou muito rápido, desequilibrando-o por um momento. Daniel controlou o susto e respirou fundo.

O telhado era muito íngreme. Precisavam se mover com cuidado e quase se arrastando. Daniel chegou a um dos espigões e subiu engatinhando até a cumeeira. Ao chegar, sentou-se acavalado.

A sensação era de completo domínio sobre a paisagem: via o rio fazendo a curva em S, cortado pelas duas pontes estreitas, e a rua de baixo acompanhando a sinuosidade com fileiras de casas. Via a rua de cima com as paineiras e a

fábrica de linhas quase ao nível do olhar, via as pessoas lá embaixo, pequenas.

Agora vinha a parte mais difícil: descer do outro lado até a água-furtada. Dessa vez Júlio tomou a frente. Seguiu de joelhos pela cumeeira até a enorme chaminé de tijolos e se sentou, procurando áreas livres de musgo. Sentia uma vibração entre as pernas, como se estivesse sendo puxado para baixo. Fixou o ponto exato aonde queria ir e procurou eliminar todo o resto.

Daniel gostava de lugares altos, sempre havia gostado. Olhou Júlio arrastando o traseiro pelo telhado e riu. Levantou-se, abriu os braços para dar equilíbrio e foi em passos rápidos até a chaminé. Júlio havia alcançado o ponto em que o pequeno telhado da água-furtada se encaixava na inclinação principal, e pouco depois Daniel chegava junto. Ficaram parados por alguns minutos: nos dois lados da água-furtada as telhas de ardósia estavam completamente cobertas de musgo verde, com alguns tufo de plantas maiores brotando nas fendas.

— Agora é que vai ser barra — disse Júlio evitando olhar para baixo. — Talvez seja melhor a gente tentar outra entrada.

— Pelo menos essa, com certeza, tá aberta. Até experimentar outra a gente pode perder tempo demais.

— Mas escorrega muito, olha só. — Sentado sobre a água-furtada, Júlio experimentou com o pé descalço as telhas cobertas de musgo. Estavam úmidas e deslizantes como sabão.

— Tem um jeito — Daniel olhou em volta. — Por ali. — Mostrou uma parte livre de musgo, mais à esquerda. — A gente vai lá, desce até a beirada e volta. Dá pra chegar pela frente da janela.

— É perigoso. O telhado não tem calha no final. Se a gente escorregar, cai direto. Devem ser pelo menos uns quinze metros até o chão.

Daniel devolveu a expressão que tinha visto uma centena de vezes no rosto de Júlio:

— Quer voltar? Desistir?

Júlio demonstrou que havia recebido o golpe.

Daniel seguiu com todo o cuidado, experimentando antes de apoiar o peso sobre cada telha. Contornou a imensa mancha escorregadia e iniciou a descida. Júlio vinha atrás, a pressão nas pernas se espalhando até abarcar o estômago. Agora deviam voltar em direção à janela, tendo para isso uma faixa com pouco mais de um metro de largura, livre de musgo. Júlio ia quase deitado, e por duas vezes sentiu o pé tocando o vazio lá embaixo. Perto da janela precisaram passar por cima de uma tira de musgo bastante larga. Júlio sentiu que o frio na barriga se alastrava até a garganta, quase impedindo a respiração.

Daniel já ia entrando pela janela. Virou-se para trás e ficou olhando, espantado, o progresso do outro: Júlio estava completamente pálido, o suor

encharcando o cabelo e descendo pela testa. Quando chegou à janela, parecia à beira de um colapso.

O sótão era um espaço livre, sem um só grão de poeira ou teia de aranha, iluminado fracamente pelas pequenas janelas das águas-furtadas. Não tinha as pilhas de coisas velhas que se espera encontrar num sótão. Apenas, num canto, grandes tábuas de caixote.

— Estamos no caminho certo — sussurrou Júlio, mesmo sabendo que não haveria ninguém para ouvi-los. — As coisas dele devem ter vindo nesses caixotes. Talvez até o caixão e a terra do cemitério onde foi sepultado.

Daniel espantou o arrepio:

— Calma aí. Essa cena é do livro do Bram Stoker, não quer dizer que vai acontecer igual. É mais provável que esses caixotes tenham sido da mudança das velhas. Vamos deixar as conclusões pro momento certo.

Por via das dúvidas puxou o crucifixo para fora da camisa e aceitou o dente de alho que Júlio estava entregando. Mastigou laboriosamente, controlando a vontade de cuspir.

Definitivamente, aquele sótão limpo como uma sala de cirurgia não traria nenhuma informação sobre o que procuravam. Chegaram à porta e começaram a descer a escada para o terceiro andar. Era muito íngreme e estalava demais (ficaram ambos pensando que essa era uma característica de todos os lugares por onde andavam ultimamente).

A base da escada encontrava um amplo saguão com oito portas fechadas, duas em cada parede. Apesar da penumbra e dos lambris de madeira escura, aqui também a limpeza era óbvia.

— Qual você acha que a gente deve abrir primeiro? — perguntou Júlio.

— Nenhuma. Se existe mesmo um vampiro, é óbvio que ele fica no porão.

— Não sei. É melhor ter certeza. Não custa nada.

A primeira porta que experimentaram era de um grande banheiro forrado de azulejos brancos. O contraste com a sala escura quase fazia a vista doer. No fundo, debaixo da janela de vidro fosco, havia uma enorme banheira esmaltada, com pés imitando patas de leão. Daniel precisou piscar umas três vezes para voltar à realidade: a banheira estava prestes a caminhar em sua direção com movimentos cambaleantes e ruído de canos sendo arrancados da parede. Júlio tirou-o da estupefação e o puxou pelo braço. As outras portas davam para grandes quartos vazios. Também neles a única poeira existente eram algumas partículas dançando nas faixas de luz que atravessavam os vidros das janelas fechadas.

— Vamos descer — disse Júlio indo para a escada.

O segundo andar dava mostras de ser habitado (pelo menos no banheiro e em um dos quartos). O único aposento mobiliado até então valia por todos: completamente atravancado com duas camas de solteiro, um armário enorme, mesa, dois sofás, penteadeira, criados-mudos, um carrinho de chá e uma radiovitrola gigantesca. Por todos os cantos, bibelôs de louça e pequenos jarros com sempre-vivas. Colchas de seda estampadas e cheias de franjas, toalhas e cortinas de renda. Toda essa confusão fazia com que o local parecesse um depósito desordenado, não fosse a limpeza impecável.

Havia apenas uma coisa que Daniel achava perturbadora: um cheiro fraco mas persistente de objetos guardados por tempo demais, que não eram expostos ao ar puro há — quem sabe — séculos.

Caminharam por entre o labirinto de móveis. Daniel abriu uma das portas do armário e deu com uma fileira de vestidos antigos, brilhantes e longos. Uma cabeça de raposa branca o encarou na ponta de uma estola comprida.

O lugar parecia cada vez menos o esconderijo de uma criatura maligna. Lembrava mais o refúgio de solidão de duas mulheres que haviam aproveitado tempos melhores e mais alegres, e agora precisavam da companhia mútua a ponto de compartilhar o mesmo quarto — naquela casa que poderia abrigar toda uma companhia de ópera.

Desceram. A sala de visitas e a de jantar eram cômodos normais. Na de visitas havia sofás forrados de cetim florido, um piano de meia cauda, duas cadeiras de balanço em frente à lareira descomunal. Faltava apenas um gato dentro de um cesto cheio de novelos de lã.

A sala de jantar existia em torno de uma grande mesa de madeira brilhante cercada por oito cadeiras de espaldar alto (apenas em frente às duas que ficavam nas cabeceiras havia pequenas toalhas bordadas, parecendo dizer que eram os únicos lugares utilizados). Uma cristaleira enorme mostrava filas e mais filas de pratos de porcelana pintada. Júlio encarou Daniel, tentando se aferrar à idéia básica:

— Já notou que não tem nenhum espelho nessa casa?

— Errado — disse Daniel, como se mostrasse a mão cheia de trunfos. — Tem um espelho enorme na porta do armário do quarto, pelo lado de dentro.

Júlio pareceu perturbado e Daniel ficou satisfeito: aquilo reforçava cada vez mais a primeira impressão, quando tinham visto as mulheres na varanda. Era bobagem, estavam apenas invadindo uma casa e brincando de caçar vampiro. Não era ali, não podia ser ali.

Em todo caso, Júlio decidiu ir até o final.

— Vamos procurar no porão.

Ainda no primeiro andar encontraram mais um banheiro e a cozinha luminosa e organizada, parecendo anúncio de revista.

Mas não descobriram nenhuma porta ou escada para baixo.

— Talvez não seja porta. Vamos olhar bem o assoalho: pode ter um alçapão.

Daniel procurava sem muita vontade. Enquanto Júlio erguia tapetes e olhava debaixo dos móveis da sala de estar, começou a fazer o que achava mais interessante: bisbilhotar dentro dos armários da cozinha. Eram painéis de cobre, facas de todos os tipos, cutelos, liquidificador, batedeira, colheres de pau, marreta, estacas de madeira.

— Júuuuulioooo!

O uivo agudo eriçou todos os pêlos do corpo de Júlio. Num movimento que já era instintivo, agarrou o crucifixo no peito e correu para o pequeno corredor que dava na cozinha. Daniel olhava para dentro de um armário, absolutamente pálido, o maxilar inferior pendendo da bochecha esticada. Júlio parou junto à porta. Veio devagar, botando a cabeça novamente em ordem.

— Se for brincadeira eu te encho de cacete.

Daniel não respondeu. Júlio também não responderia. O que estava na frente de seus olhos era uma reviravolta em tudo que haviam pensado. As velhas eram outra coisa, o oposto do assistente do vampiro. As velhas tinham libertado a alma de Lucinha! Ali estavam as estacas, pelo menos uma dúzia, exatamente iguais à que tinham visto no cadáver da colega. Feitas de madeira quase negra e aparentemente muito dura.

Daniel saiu aos poucos do torpor e pegou uma. Era pesada. A ponta terminava aguda como agulha de injeção. Estremeceu por um segundo ao imaginar aquilo entrando no peito, dilacerando carnes e cartilagens, afastando costelas com brutalidade. Em outra prateleira havia uma marreta, também de madeira, gasta dos dois lados (de tanto ser usada naquele tipo de estaca, pensou Daniel).

Júlio já raciocinava todas as implicações da descoberta, e o pensamento pulava à frente.

— Bom, pelo menos elas estão do nosso lado. E a gente já sabe de mais alguém que acredita no vampiro.

— A gente vai falar isso com elas? — Daniel devolveu a estaca cuidadosamente ao mesmo lugar.

— Acho melhor não. Pelo menos por enquanto. Vamos ver como fica o trabalho que o meu pai tá fazendo. Na hora de conversar com as duas, é bom que a gente tenha pelo menos alguma colaboração de verdade pra dar.

Às quatro e meia o dr. Mário esperava Pedro Kern do lado de fora do hospital. Pedro entrou no carro e o médico deu a partida, iniciando de imediato o assunto que estava revirando sua mente desde a manhã:

— É evidente que a bactéria não se desenvolve com toda a capacidade num sangue de densidade normal. Provavelmente porque os fagócitos e os anticorpos atuam como uma primeira barreira. Ela precisa de um ambiente específico, com defesa reduzida, para poder se expandir e tomar conta dos outros tecidos, como você notou hoje, ao dissecar o segundo rato. Depois da principal fase cataléptica, o organismo precisa de uma nova dosagem de sangue — ou melhor, de algum elemento do plasma, que a gente ainda não sabe qual é — para prosseguir com a reprodução. Por outro lado, se o próprio plasma não estivesse também diluído, haveria uma superpopulação dos micróbios, que terminariam por atravancar o sistema circulatório.

— É — concordou Pedro. — O raciocínio é bastante lógico. Mas aonde a gente chega com ele? Como é que os ratos voltam do estado cataléptico? Como é que eles podem viver e se locomover com uma quantidade de sangue tão pequena no organismo? O que acontece com as células do corpo e o processo de oxigenação?

O dr. Mário riu levemente:

— Essas perguntas são só as primeiras que eu me fiz. Além delas tenho mais uma centena. Acho que o que a gente descobriu foi um caminho sem fim, um saco sem fundo cheio de perguntas e nenhuma resposta.

— E a hipótese do vampiro? — perguntou Pedro, fingindo brincadeira.

O dr. Mário respondeu sério:

— Ela faz sentido. Explica boa parte das perguntas; mas gera um monte de outras. O vampiro, por exemplo, nunca suga todo o sangue da vítima de uma vez. Será porque os glóbulos brancos que estaria ingerindo poderiam atacar as bactérias? Por outro lado, como é que ficaria a questão da compatibilidade sangüínea? E, por sinal, será que o sangue no vampiro passa pelo sistema digestivo ou é uma espécie de transfusão oral?

— Não sei, dr. Mário. Isso tudo é uma grande maluquice.

— É. É maluquice, mas está acontecendo. E nós precisamos pensar bem no

que vamos contar pro pessoal amanhã.

†

— A gente precisa conversar mais — Júlio tentava segurá-lo junto às paineiras. — Definir melhor as estratégias.

— Agora não — Daniel soltou o braço. — Preciso dar uma passada na igreja. Meus pais acham que eu estou lá esse tempo todo, não posso deixar furo.

— Você tá é fugindo da raia.

Se Daniel sentia que Júlio se afastava das afinidades antigas, Júlio também percebia que, ultimamente, alguma coisa mudava no relacionamento dos dois. Não era nada especial, nada que fosse dito ou percebido com clareza, mas parecia haver uma espécie de interferência no processo de comunicação. Daniel parecia não perceber como Célia era importante para ele, e vivia zombando dos seus sentimentos. Júlio, por outro lado, admitia com toda a tranqüilidade que não entendia o súbito interesse do outro por essa coisa de igreja. Talvez fosse medo do vampiro, talvez ele estivesse buscando refúgio, mas não parecia só isso: Daniel havia se comprometido, estava dando aulas de violão, tocava na missa!

Daniel encontrou Maria Cristina no dispensário anexo à igreja, estudando algumas partituras. Tinha vindo com tudo pronto para contar: a história inteira, desde a morte de Lucinha até o encontro das estacas no armário das velhas. Maria Cristina levantou os olhos dos papéis, com ar interrogativo... e o assunto virou fumaça.

Não podia falar. Não podia enfiar uma cunha de escuridão naquele bloco de realidade, de... Daniel não queria pensar no nome do sentimento: complicava tudo, complicava ainda mais — como se fosse possível — o emaranhado de coisas novas que viravam sua cabeça pelo avesso.

†

A notícia chegou às quatro da madrugada com o telefone tocando insistente. Quando Júlio chegou à sala, encontrou a mãe acabando de levar o aparelho ao ouvido e viu a mudança de expressão enquanto ela escutava em silêncio.

— O que aconteceu com o pai, mãe?

Ela ficou mais alguns segundos ouvindo, sem dar resposta, até que respirou fundo e disse no aparelho:

— Tem certeza de que é ele?

De novo o silêncio fez com que Júlio sentisse um aperto na barriga. A mãe parecia estar fazendo um esforço enorme para não deixar o telefone cair no chão, como se o aparelho subitamente pesasse uma tonelada. Virou-se para Júlio com olhos que insistiam em trancar a comporta das lágrimas, e falou novamente antes de largar o fone:

— Estou indo agora mesmo.

— O que foi, mãe? O que é que aconteceu com o pai?

Dona Carmem sacudia a cabeça enquanto ia rapidamente para o quarto.

— Não sei, não quiseram dizer direito. Mas não deve ser coisa boa. Ah, meu Deus, por que é que tem de acontecer assim?

Abriu a porta do armário e arrancou de dentro um vestido. Começou a tirar a camisola sem se importar — pela primeira vez — com a presença do filho. Vestiu-se às pressas, passou de qualquer jeito um pente nos cabelos e calçou, distraída, sapatos de salto alto, enquanto Júlio continuava insistindo:

— Mas o que foi que eles falaram? Foi algum acidente? Por que é que só estão avisando agora? Era pro pai já estar de volta desde as seis da tarde!

Dona Carmem pegou uma bolsa, colocou algumas notas dentro e foi em direção à porta. Júlio percebeu que estava sendo deixado sozinho e gritou:

— Espera, eu vou também!

— Não vai não. Você fica aqui, quieto. Pode ser que telefonem de novo e é bom que haja alguém pra atender.

Enquanto a mãe saía, Júlio correu ao quarto e se vestiu com as primeiras roupas que encontrou. Disparou para fora de casa e viu dona Carmem andando pela rua, uns cem metros à frente.

— Espera, mãe! — gritou correndo. — Dona Carmem não se virou. Continuou no mesmo passo apressado.

Àquela hora, sem carro, teriam de ir a pé através da cidade adormecida. Dona Carmem nem cogitou telefonar para o ponto de táxis: até que alguém atendesse já seria o tempo de estarem no hospital. Júlio chegou ao lado e alinhou o passo com o dela. Foram em silêncio — os saltos altos de Dona Carmem faziam o único som para preencher o vazio das ruas. De vez em quando Júlio virava a cabeça e via o esforço da mãe para manter o rosto impassível.

Na sala de espera do hospital ela parou:

— Você fica aqui. E fica quieto, por favor.

— Não! — respondeu Júlio, brusco demais, e se arrependeu. Mas não iria permanecer ali, enquanto o pai poderia precisar dele. — Vou junto. Nem a senhora nem ninguém vai me impedir.

Dona Carmem parou um momento, indecisa, e depois concordou com a cabeça.

— Vamos. Mas procure se controlar, filho. A gente não sabe o que aconteceu, não quiseram me dizer, e eu não sei se vou suportar o que estou imaginando.

Um dos médicos, conhecido da família há longa data, esperava no corredor. Veio ao encontro dos dois, olhou para Júlio com ar de dúvida e pediu mudamente uma confirmação a Dona Carmem.

— Tudo bem, Roberto, ele já é um homem. E pode me ajudar no que for preciso. Vamos logo que eu não agüento mais.

O dr. Roberto ia dizer alguma coisa, mas acabou desistindo. Foi andando rápido na frente, passando direto pelo setor de emergência.

Passando direto pela sala de cirurgia.

Passando pela UTI.

Para o fundo do hospital.

Para lá adiante, onde só havia o necrotério.

Júlio foi recebido à porta do necrotério pelo cheiro brutal de formol e podridão. Parou por um instante, incapaz de continuar. Não podia crer que o pai estivesse ali dentro, compartilhando sensações

(insensível para sempre).

Dona Carmem virou o rosto para ele, suave:

— Espere aqui fora, filho. Você não precisa.

Ela não estava chorando.

Ela era forte, mais forte do que Júlio jamais havia imaginado. Se conseguia enfrentar o horror emboscado lá dentro, ele conseguiria também. Era uma dívida.

— Eu vou junto.

— Desculpem o mau cheiro — dizia o dr. Roberto, inepto. — Foi um bebê que nasceu morto e a família ainda não tomou as providências.

Numa enorme mesa de mármore, à direita da porta, estava um pequeno embrulho enrolado em panos úmidos de secreções amareladas. O cheiro parecia um muro de náusea ao redor do bebê. Era tão forte que, por momentos, fez Júlio esquecer por que estava ali. Dona Carmem deu alguns passos decididos em direção às outras duas mesas ocupadas, os saltos dos sapatos ecoando

desagradáveis nas paredes nuas.

Ela parou por um momento, indecisa entre os dois volumes totalmente cobertos. O dr. Roberto se adiantou e ergueu o lençol de sobre o rosto de um deles.

O rosto do dr. Mário estava muito pálido. E absolutamente tranqüilo.

Dona Carmem parecia em transe. Júlio chegou perto, bêbado de realidade, estranhamente percebendo cada partícula ao redor: a trama do tecido, a textura do mármore, a fina lista vermelha na meia azul-marinho do dr. Roberto, a pequena mancha marrom na parede atrás dele, os cílios grudados no rosto do pai, a mãe que não resistia e puxava mais um pouco o lençol — revelando o corte profundo na garganta, indo quase de orelha a orelha, onde o sangue havia ressecado há muito tempo.

— Quando foi? Como foi?

O dr. Roberto parecia envergonhado ao enfrentar os olhos secos de dona Carmem.

— Ninguém sabe. Eles foram encontrados na estrada de Bom Jardim, no carro do Mário.

— Eles?

O dr. Roberto deu dois passos até o outro corpo na mesa ao lado e levantou o lençol, revelando o rosto e a garganta cortada de Pedro Kern.

†

Desse momento até o meio-dia Júlio viveu numa realidade paralela, inconsciente do tempo, dos locais, das decisões que ajudou a mãe a tomar. Vieram parentes, vieram amigos, vieram os papa-defuntos, vieram pessoas de todos os tipos, dispostas a retirar o fardo desagradável, mas dona Carmem fez questão de resolver tudo sozinha. E Júlio conseguia entender por quê: era melhor estar escolhendo o caixão e as flores, discutindo com o administrador do cemitério, trocando as roupas do falecido, do que se entupir de calmantes, como havia proposto o dr. Roberto. Era melhor colocar a mente em coisas práticas que impedissem o pensamento de circular ao redor do crime impossível: há anos não se ouvia história de tanta violência em Morro Queimado, e provavelmente jamais uma figura respeitada e querida como o dr. Mário havia sido transformada, assim, em objeto de espanto público.

Júlio só caiu em si quando apareceu o professor Honório Gervásio, da universidade federal. O homem chegou à capela do velório vindo do hospital público, perplexo, não acreditando, querendo notícias. Falou a dona Carmem sobre o telefonema que havia recebido no dia anterior e a insistência do dr. Mário em que viesse rápido.

— E já conversei com o delegado Bastos. Depois do que contei, ele acha que talvez possa haver uma conexão entre o crime e o que o Mário estava pesquisando. O problema é que Mário não me adiantou nada de significativo pelo telefone.

Dona Carmem não respondeu. Os dois filhos mais velhos, chegados de manhã, formavam uma barreira contra qualquer aproximação maior. Júlio encarou o homem e foi subitamente arrancado dos devaneios por uma constatação massacrante: ele, Júlio — que havia convencido o pai a avançar com as pesquisas — era o culpado. Fizera de tudo para induzi-lo. E agora... de alguma forma, o vampiro havia tomado conhecimento. Isso: o vampiro havia cometido o crime, mas a culpa era dele, só dele. De qualquer modo, se houvesse alguma pista, talvez o professor pudesse ajudar.

— Eles estavam pesquisando sangue. Talvez no laboratório ainda tenha...

— Foi o que os auxiliares me disseram — interrompeu o professor. — Mas não há nenhum registro das experiências. Estive lá por mais de uma hora, procurando junto com o delegado. Alguém limpou todos os traços do trabalho que eles estavam fazendo.

Nesse momento o delegado entrou na capela e se dirigiu a dona Carmem, com os cumprimentos de praxe. As pessoas ao redor olhavam curiosas, aproximando-se disfarçadamente na esperança de ouvir qualquer fiapo de conversa, mas o delegado Bastos disse apenas:

— Não pretendo perturbar a senhora nesse momento, mas gostaria que pudesse me receber amanhã de manhã.

Dona Carmem concordou em silêncio. Outras pessoas vinham chegando, sempre e sempre: antigos clientes, amigos, pessoas de olhos vermelhos que seguravam o choro, incomodadas ao ver a postura quase hierática da viúva.

Daniel chegou às duas da tarde, acompanhado da mãe; e logo depois Célia apareceu. Os três ficaram se entreolhando, cheios de idéias tensas, apavorados com o próprio conhecimento.

Contrariando os parentes, que queriam esperar a chegada dos que viriam de outras cidades, dona Carmem havia marcado o enterro para aquele mesmo dia, às cinco horas. A tarde de primavera estava luminosa. O sol prestes a se esconder entre os morros avermelhava os túmulos brancos sob o enorme azul do céu. O cortejo de incontáveis roupas negras atestava a popularidade do médico,

enchendo a rua do cemitério, espalhando-se entre as alamedas brancas, subindo sobre cruzeiros e estátuas para ouvir melhor os discursos e atestar a dignidade da viúva.

Várias autoridades falaram; discursos emocionados ou formais, empolados. Júlio, Daniel e Célia estavam ao lado do caixão, três cabeças pensando confusas, chocadas, aproximadas implacavelmente pelo medo que não poderiam explicar a ninguém. Não com as provas de laboratório perdidas, não a partir da confusa história de Lucinha, que muita gente já ligava ao crime duplo; nem mesmo com os boatos sobre vampiros, que mobilizavam os crédulos e faziam os outros torcerem o nariz.

Entre um discurso e outro Célia apertou o cotovelo de Júlio e sussurrou:

— Olha lá. São elas.

Eram elas, sim, as duas velhas do casarão, as caçadoras de vampiros, olhando do meio do povo.

Júlio quase deu um salto.

— Eu vou lá, falar com elas!

Dona Carmem olhou, interrogativa. Daniel o segurou pelos ombros.

— Calma, rapaz. Agora não adianta nada. Depois a gente resolve isso.

Júlio se livrou das mãos e embarafustou pelo meio das pessoas. Dona Carmem falou alguma coisa que ele não ouviu. Daniel foi atrás, seguido por Célia.

As velhas não estavam mais onde tinham sido vistas. Júlio empurrava pessoas, abria caminho circulando inutilmente, seguido por Célia e Daniel.

†

Depois do enterro Daniel pediu, e a mãe deixou, que ele acompanhasse Júlio até em casa. Célia foi junto. Dona Carmem dispensou as muitas pessoas que se ofereceram para fazer companhia, conversou rapidamente com os filhos e mandou que fossem para os quartos enquanto ficava na sala, ouvindo as músicas de que o marido gostava. Júlio foi com Daniel e Célia para a varanda dos fundos. Conhecia a mãe. Sabia que esse era o momento de chorar aquela represa que havia se acumulado desde a madrugada. Sabia que ela jamais permitiria a qualquer outra pessoa compartilhar a dor.

Já estava escuro na varanda e Júlio preferiu não acender a luz. Um vento frio só tornava mais aguda a sensação de abandono. Célia se sentou ao lado e o abraçou, irradiando uma onda de calor que correu pela espinha, espalhando conforto. Daniel ficou de pé.

— Acho que já vou indo.

— Não! — Júlio fez um movimento, mas Célia o segurou firme. Ele insistiu: — Fica. A gente precisa falar. Eu preciso falar, não agüento mais.

Célia balançou-o suavemente, como se ninasse um bebê:

— Shhiii. Não precisa falar não. Deixa pra outro dia, pra amanhã.

— Ela tá certa — Daniel deu-lhe um tapinha nas costas, com um meio sorriso que esperava esconder a sensação incômoda. — A gente se fala amanhã. Não creio que meus pais me proibam de te ver, depois disso.

Daniel pulou o muro dos fundos e passou pelo quintal do vizinho, procurando o caminho mais longo e tortuoso de volta para casa; apavorado demais, querendo que alguém o abraçasse como Célia abraçava Júlio, sem coragem de procurar Maria Cristina e dizer o que pensava, carregando conceitos e sentimentos pesados, conhecimentos e suspeitas que fariam desta noite uma viagem quase sem fim pelos caminhos da insônia.

Júlio morria de culpa porque estava feliz, porque Célia continuava ao seu lado e ele não conseguia mais pensar no pai — tinha pensado muito desde a madrugada, e a cabeça exigia descanso — e porque a tristeza o empurrava em direção a ela. Mas não era assim que queria. Tinha sonhado durante muito tempo com um encontro no campo, entre flores miúdas e amarelas, uma haste de trevo entre os dentes; e o sol. Encostou a cabeça no ombro de Célia e procurou instintivamente o cheiro e o gosto da pele. Ela respondeu com um leve arrepio e um desvio no ritmo da respiração. Júlio buscou mais, com medo, sabendo que esse era o momento. O pescoço dela era uma curva suave que atraía sua boca até a orelha e os primeiros fios de cabelo. Levantou a cabeça de repente, querendo olhar os olhos, e ela ia se virando ao mesmo tempo. Houve um encontro de lábios, nervoso, assustado, e quase um recuo. Mas Célia insistiu.

capítulo 8

N

o sábado os três passaram a tarde conversando, revendo os últimos acontecimentos e tentando descobrir uma saída para a perplexidade. Daniel não queria olhar os dois de mãos dadas; ficaria mais tranqüilo se Júlio se exaltasse como antigamente, andando pelo quarto de um lado para o outro.

O encontro na sexta-feira com o delegado e o professor tinha feito Júlio reviver o interrogatório ocorrido após o desaparecimento do corpo de Lucinha. A população da cidade insistia em juntar os dois fatos, o professor recém-chegado confirmou a empolgação do dr. Mário pelas experiências com o sangue das garotas mortas, e a circunstância de Pedro Kern ter morrido junto só fazia reforçar a hipótese de uma ligação entre os eventos.

— E você contou o quê? — perguntou Daniel, sentindo-se escaldado pela experiência anterior.

— Nada, claro; como a gente combinou.

— Mas será que é certo? — Célia se agitou na beira da cama. — O negócio é bem maior do que eu pensava. Já tem muita gente morta e... — Ela olhou rapidamente para Júlio, como se fosse pedir desculpas pelo mau jeito.

Mas ele não se abalou. Nesses últimos três dias parecia ter conseguido afastar o sentimento para o fundo da cabeça, enfrentando o choque da morte do dr. Mário com a decisão de ir cada vez mais fundo na busca do culpado.

— E é por isso que nós estamos conversando — Júlio encarou os dois. — Nós estamos bem à frente da polícia: pelo menos já sabemos quem pode ajudar de verdade.

— As velhas? — Daniel coçou o rosto num gesto que sempre usava quando sentia dúvida. — Você acha que elas são capazes de enfrentar alguém que teve força pra cortar a garganta de dois homens?

Júlio mordeu o punho, com raiva.

— Não faço idéia! Mas tá na cara que elas sabem muito mais do que nós.

Os três ficaram em silêncio por alguns minutos.

Movido por um impulso incontrolável, Júlio pegou Madame Butterfly em cima da cômoda e esticou o braço, encarando-a como se fosse algum ator canastrão interpretando Hamlet. De repente parou, confuso, culpado. Virou o rosto para Célia:

— Você não gosta dela, não é?

Célia ficou quieta.

— Também não gosto mais.

Num gesto rápido enfiou o crânio num saco de papel. Abriu a porta, foi até a área e jogou o embrulho na lata de lixo.

†

Domingo, duas da tarde. Daniel e Júlio estavam entre as paineiras, conversando e adiando o momento de descer até o casarão.

— Esse namoro é uma coisa boa. Se não fosse por Célia, acho que eu tinha ficado doido.

Daniel não conseguia dizer nada. Em algum ponto da mente sentia-se feliz por Júlio, ou melhor, obrigava-se a isso. Claro, percebia que os momentos de companheirismo absoluto estavam para terminar: havia uma bifurcação logo adiante e cada um já se dirigia, quase sem perceber, para um lado diferente da estrada. Sabia que até mesmo seu interesse confuso pela irmã Maria Cristina era uma coisa que não poderia compartilhar. Mas sentia pena. Pela primeira vez na vida alguma coisa estava prestes a ser deixada implacavelmente para trás, e era difícil.

Júlio continuava falando, e Daniel só ouvia trechos soltos.

— É muito melhor do que a gente pensa. E é bem diferente. Eu ficava sempre imaginando cena de filme, um monte de palavras, mas não precisa. É só ficar junto, quieto... nesses dias a gente ficou mais em silêncio do que qualquer coisa. E não foi por falta do que falar: foi porque falar era desnecessário.

Daniel não estava suportando. Mudou de assunto:

— Ontem de tarde, quando cheguei do ensaio, o delegado tava me esperando em casa.

Júlio se virou, interrogativo. Daniel continuou:

— Minha mãe quase teve um ataque do coração, achando que tinha começado tudo de novo, e meu pai quase precisou ser agarrado pra não pular na minha garganta. Mas o delegado acalmou os dois, disse que só queria perguntar sobre o dr. Mário.

— E aí, o que é que ele queria saber?

— O mesmo de sempre: se eu tinha idéia do que o seu pai tava fazendo, se eu achava que isso tinha alguma coisa a ver com a história de Lucinha, se eu não queria modificar meu depoimento daquele dia... Ele tá desconfiado, Júlio, e vai ficar de olho.

— Sei disso, mas não adianta nada. Mesmo que a gente conte tudo. Aquela confusão toda vai voltar e eles são capazes de acabar acusando a gente desse crime.

— De matar o seu próprio pai?

— Pra eles deve ser mais lógico do que pensar na verdade.

Daniel sentiu um arrepio nas costas.

— E, por falar nisso, o que é que a gente vai dizer às velhas?

— Tudo.

— Elas vão perguntar como é que a gente sabe o que elas estão fazendo.

— A gente conta.

As duas mulheres estavam na varanda como da outra vez, sentadas nas cadeiras de balanço, entretidas com chá, bolinhos e tricô. Daniel hesitou um pouco, escondido no fim da trilha, mas Júlio saiu com passos rápidos em direção à casa.

A velha magra baixou os óculos até a ponta do nariz, olhando para os dois. A gorda enrolou o tricô nas agulhas e colocou numa cesta de vime. Júlio parou à frente do primeiro degrau, em dúvida. A magra abriu um sorriso:

— Olha só, Gudrun, dois rapazes bonitos na nossa porta. Que coisa mais agradável! Subam!

Daniel pensou ter notado alguma intenção oculta no sorriso, mas afastou a idéia absurda.

A gorda começou a se levantar.

— Vou pegar umas cadeiras, esperem só um pouquinho.

— Não precisa — Júlio fez um gesto para que ela continuasse sentada. — Se

for o caso, a gente senta no chão.

O sotaque das duas era fortíssimo, a ponto de tornar quase impossível entender algumas palavras. Mas não era o sotaque alemão que os dois estavam acostumados a ouvir na cidade. Era uma coisa mais gutural, com erres que pareciam rufos de caixa de guerra.

— Aceitam chá? — A gorda estendeu um prato cheio de bolinhos e, antes que Daniel pudesse esticar a mão, Júlio recusou pelos dois.

— Nós viemos falar de um assunto muito sério.

— Você é filho do *Doktor* Mário. — A magra cruzou as mãos, como se concordasse que dali em diante teriam uma longa conversa.

— As senhoras conheciam meu pai?

— Na verdade, não — foi a gorda quem respondeu. — Mas ouvimos falar muito bem dele e achamos importante comparecer ao enterro, não é, Ilse?

— Prestar homenagens — completou Ilse. — Gudrun sempre diz que é muito importante reverenciar os mortos. E eu concordo.

Ilse e Gudrun, pensava Daniel. Nada de Van Helsing. Imaginou as duas no escuro do túmulo: Ilse segurando a estaca e Gudrun martelando furiosamente com a força dos braços roliços, enquanto o sangue de Lucinha espirrava sobre as duas. Precisavam ser rápidas, porque a garota estava se contorcendo e os dedos em garra já buscavam o pescoço de Ilse. Afastou o pensamento com brusquidão, mas ele voltou quando imaginou as duas enrolando bolinhos, as mãos recém-lavadas da tarefa abjeta.

Júlio falava novamente:

— Na verdade, não acho que as senhoras tenham ido lá prestar homenagem nenhuma.

Gudrun não conseguiu esconder o espanto.

— E por que seria, então?

— Foram olhar, foram ver o túmulo e planejar a melhor maneira de enfiar uma estaca no peito do meu pai!

Houve um pequeno momento de perplexidade entre as duas, e por um segundo Daniel achou que elas iriam expulsá-los a vassouradas. Mas, apesar do rosto sério, Ilse perguntou com suavidade:

— E por que você imagina uma coisa dessas?

Júlio pareceu recuperar-se do rompante. Falou com cuidado:

— Não estou dizendo isso com raiva. Pelo contrário, queria agradecer. Eu mesmo não teria coragem de fazer o serviço, apesar de saber que era necessário. Na verdade fico feliz porque as senhoras puderam...

Não conseguiu prosseguir. As lembranças do pai se confundiam com as de Lucinha, um quadro difícil de ser visualizado sem estremecimento. As duas

senhoras ainda se entreolhavam perplexas. Gudrun engoliu dois bolinhos ao mesmo tempo, antes de dizer:

— Mas essa história é fantástica! Então vocês imaginam que nós iríamos violar um cadáver? A troco de quê?

— Pra impedir que ele virasse vampiro.

Gudrun ficou de boca aberta, segurando um bolinho com a mão gorducha, imobilizada antes da mordida. Ilse começou a se balançar freneticamente na cadeira, incapaz de qualquer palavra. Antes que Júlio falasse novamente, Daniel deu-lhe um tapinha no ombro:

— Deixa comigo. Você está indo pelo caminho errado. — Virou-se para as velhas: — Nós sabemos quem as senhoras são, nós sabemos de tudo.

Ilse parou subitamente de se balançar e olhou Gudrun mais uma vez. Depois se voltou para os garotos:

— Bom, se vocês querem mesmo conversar, sentem-se. Não consigo ficar tanto tempo olhando para cima, meu pescoço começa a doer.

Daniel se sentou na beira da escada, e Júlio, ainda agitado, encostou-se no corrimão da varanda. Ilse encarou Daniel e falou muito séria:

— Que história é essa de saber quem nós somos?

Daniel engoliu um pequeno nó que se formava na garganta. Agora seria o grande passo. Iria falar uma coisa tão fora de qualquer realidade prévia que se sentia antecipadamente envergonhado:

— As senhoras são caçadoras de vampiros.

A gargalhada foi estrondosa. Gudrun cuspiu farelo de bolinhos a mais de um metro de distância. Ilse sacudiu a cadeira de balanço quase a ponto de virá-la ao contrário. O riso prosseguiu por algum tempo até que se transformou em pequenos espasmos desencontrados. Daniel viu que Júlio estava a ponto de explodir de raiva. Finalmente Gudrun conseguiu se controlar e encarou os dois com os olhos apertados no rosto rotundo:

— Nós já sabíamos que vocês eram meio doidos. Aliás, não se fala em outra coisa na cidade. Sabíamos até que andaram violando um túmulo. Mas isso agora é absurdo! O que é que vocês querem? Que nós chamemos a polícia? Ou os enfermeiros com camisas-de-força?

Daniel sentiu o sangue se espalhar pelo rosto. Mas agora não era vergonha. Era raiva. Antes que as mulheres pudessem fazer qualquer movimento, correu para dentro da casa. Júlio se desencostou do corrimão, percebendo o que ele pretendia e disposto a impedir qualquer reação das velhas.

Não foi necessário fazer nada: Daniel estava de volta em menos de quinze segundos, com meia dúzia de estacas e o martelo de madeira.

— O que é isso, então? Material de jardinagem?

Daniel e Júlio esperaram na varanda, enquanto Ilse e Gudrun conversavam aos cochichos na sala. Após a cena que Daniel havia feito, jogando as estacas e o martelo sobre a mesa e derrubando xícaras e bolinhos, elas pediram alguns minutos a sós. Depois de um tempo enorme as duas voltaram às cadeiras de balanço, com ar conformado.

A tarde já ia ao meio, luminosa e agradável como vinham sendo os últimos dias. Daniel se preparou para uma conversa deslocada em meio ao brilho das árvores e o canto dos pássaros.

— Na verdade — Ilse continuava tomando a frente da conversa há meia hora —, nós chegamos a Morro Queimado antes dele. Era o local mais óbvio, se pensássemos na trilha que ele ia deixando. Ele gosta de montanhas, de lugares não muito quentes e de cidades não tão pequenas, onde algumas mortes possam passar despercebidas. Acho que deve estar meio arrependido da escolha, porque vocês chamaram atenção exagerada logo na quarta vítima.

— Quarta vítima? — Júlio e Daniel saltaram quase ao mesmo tempo.

— Em geral ele prefere pessoas humildes, que moram na periferia. Antes de sua amiga Lúcia, ele atacou três moças, que morreram sem chamar atenção.

— E as senhoras conseguiram...

Gudrun riu, sem jeito:

— ... salvar as almas? É, nós fizemos o serviço.

Júlio estava impaciente:

— Mas por que não acabaram com ele ainda? As senhoras estão atrás...

— Vocês imaginam que é fácil. Nós só conseguimos ter notícias dele pelas vítimas deixadas para trás. É uma coisa terrível. — Ilse se balançou mais rápido na cadeira, com um nervosismo impotente. — Tudo que conseguimos é impedir que as almas se percam para sempre.

Daniel achava tudo aquilo muito estranho.

— E as pistas, ele nunca deixa outro tipo de pista?

— Já conseguimos saber muitas coisas. As preferências, o modo de ele agir. O problema é que as lendas não dizem tudo. Sabemos que ele ataca à noite, mas

não sabemos se *pode* andar de dia. Achamos que tem medo de crucifixo e de alho, mas não temos certeza. Talvez ele vire morcego e voe, mas...

— Ele nunca tentou nada contra as senhoras? — interrompeu Daniel.

— Acho que ele não dá muita importância a nós — Gudrun olhou para Ilse, buscando confirmação. — Afinal, só uma vez conseguimos chegar perto de verdade, e de outra...

— Como é que foi isso? — Júlio se inclinou para a frente, ansioso.

— Já faz muitos anos. Mais de quarenta, não é, Ilse? Na cidade onde nós nascemos.

— Na verdade — Ilse pegou o fio da idéia —, foi ele quem chegou perto de nós, e não o contrário.

Daniel e Júlio estavam imóveis, os rostos revelando a curiosidade incontrolável.

— Isso mesmo — concordou Gudrun. — Já não éramos mais jovens, mas ele tentou nos... conquistar, não foi? Já haviam morrido cinco moças na cidade, e um belo dia...

— O dia do meu aniversário! — Ilse pareceu se lembrar de algum detalhe e um sorriso se estampou em seu rosto.

— Ele apareceu na festa. Um homem bonito, de cabelos pretos e lisos, alto. Desconhecido na cidade. Foi entrando pela porta...

— E dançava maravilhosamente!

Daniel interrompeu, incomodado:

— Ele entrou assim, sem mais nem menos? O vampiro não precisa de convite para entrar numa casa?

Gudrun hesitou um momento, como se tentasse lembrar alguma coisa especial.

— Nossa irmã tinha convidado. Disse que havia conhecido o cavalheiro dias antes, em outra festa.

— Nossa irmã... — Ilse piscou muito os olhos, como se procurasse afastar a lembrança.

— Ele veio por causa dela, decerto.

— Mas dançou comigo o tempo todo. — Novamente Ilse parecia perdida nas lembranças.

Gudrun a encarou, reprovadora, e voltou a olhar para Júlio e Daniel.

— Em uma semana nossa irmã estava morta, como as outras cinco moças, exatamente do mesmo jeito. A cidade não suportava mais, e os homens organizaram uma caçada.

— Nós fomos junto — completou Ilse.

— E então? — perguntou Júlio ansioso quando as duas se interromperam,

com olhares estranhos e perdidos.

Ilse respondeu após alguns segundos:

— Ele desapareceu, foi embora.

— E como é que vocês têm certeza de que era o mesmo homem? — Daniel ainda sentia algo fora de perspectiva.

— Nós o vimos muitos anos depois, nos Estados Unidos. Estava com aparência um pouco mais jovem, mas era ele, sem dúvida.

— Mais jovem?

Ilse confirmou a expressão segura da irmã:

— Estava mais jovem. Parece que, quando fica muito tempo sem sangue, ele envelhece, e a cada dose que ingere vai rejuvenescendo um pouco.

— Claro, foi isso que eu vi no Gentil!

As duas olharam para Júlio, espantadas. Gudrun perguntou:

— Viu? Como foi?

Júlio descreveu com detalhes a cena do teatro. As duas velhas se entreolhavam constantemente, como se confirmassem fatos e suspeitas.

— É ele mesmo — confirmou Ilse com um brilho esquisito no olhar.

— Tem uma coisa que eu não entendo — disse Daniel. — Como é que as senhoras conseguem descobrir todas as vítimas e agir antes que elas se transformem?

Gudrun deu um longo suspiro:

— Quando percebemos que ele voltou à ação, ficamos muito atentas. Não é muito difícil tomar conhecimento de mortes e se informar das condições em que aconteceram. E nós sabemos exatamente o que procurar.

— Mesmo assim... — voltou a insistir Daniel e Ilse interrompeu:

— Nós prometemos que contaríamos algumas coisas, mas não que contaríamos tudo. O fato de vocês saberem o que já sabem é perigoso demais. Não queremos que corram riscos ainda maiores.

— E vocês sabem muito bem — completou Gudrun — que nada disso pode ser dito a ninguém.

Daniel ainda sentia necessidade de perguntar mais:

— E Lucinha, por que precisaram fazer aquilo com ela, esquartejar o corpo e enterrar no meio do mato?

As duas se entreolharam outra vez. Gudrun abriu as mãos num gesto impotente:

— Não fomos nós.

Júlio sentiu um novo arrepio.

— Foi ele?

As velhas ficaram em silêncio.

Conversavam fazia quase duas horas. O sol havia se inclinado e as grandes copas das árvores lançavam sombras profundas. Ilse começou a arrumar a mesa de chá, falando:

— Já está ficando tarde e nós duas temos muita coisa que fazer. Vocês podem voltar quando quiserem, nossa casa está à disposição. Só quero repetir o pedido de não contarem nada a ninguém.

Júlio ficou de pé, ainda ansioso:

— Tem mais uma coisa. O meu pai. As senhoras sabiam que ele estava examinando o sangue das garotas? Sabiam que ele tinha descoberto um microorganismo que pode ser o vetor do vampirismo? E que todas as provas desapareceram do laboratório?

Ilse interrompeu o movimento de arrumar a mesa. Olhou longamente para a irmã antes de responder:

— Nós estivemos no laboratório um dia antes da... tragédia.

— Imaginamos que eles pudessem estar descobrindo alguma coisa, mas não sabíamos o quê — continuou Gudrun, do mesmo jeito cauteloso que Ilse havia assumido. — Ficamos com medo de falar antes da hora e estragar tudo.

Resolvemos esperar mais um pouco...

— ... e acabou sendo tarde demais.

†

Em vez de voltar para casa, os dois foram caminhar na praça central. Sentiam necessidade de movimento. E, além disso, andar ajudava no raciocínio. Daniel continuava martelando a mesma tecla:

— Não gostei. É muito esquisito. Elas não disseram praticamente nada importante.

— Bobagem. — Júlio chutava pedrinhas enquanto andava. — Elas confirmaram que o vampiro existe, que estão atrás dele. É claro que não contaram grandes detalhes. Mas, no lugar delas, eu também não contaria.

— Claro, não estou duvidando. É só que... várias vezes achei que elas estavam gozando da nossa cara. Aquela história de ficarem cochichando na sala antes de virem conversar: me deu a impressão de que estavam combinando, inventando tudo, só pra depois rirem pelas nossas costas.

— Você acha que elas não são caçadoras de vampiros, que são só duas velhas

que adoram ir a enterro e se divertir à custa de otários como a gente?

— É mais plausível do que a história que contaram: conhecer o vampiro num baile, andar o mundo inteiro atrás dele, enfiando estacas nas vítimas, e nunca chegar perto de verdade.

— O que me espantou mais — Júlio apontou em direção ao coreto e os dois foram para lá — foi que elas não ficaram nem um pouco curiosas quando eu disse que meu pai tinha descoberto o tal organismo. Será que já sabiam que ele existe? Nesse caso, isso será uma prova de que elas são realmente as caçadoras? E, se já sabiam disso, será que não sabem de mais um monte de coisas?

— Exatamente. — Daniel subiu a escada do coreto, com Júlio logo atrás. Dali viam a praça quase inteira, desde o parquinho de brinquedos até o chafariz, no outro extremo. — Ou elas sabem de muito mais coisas ou estão gozando da nossa cara.

Durante o recreio da segunda-feira, enquanto contavam toda a história a Célia, Daniel voltou a repetir que se sentia enganado.

— Tá legal. — Júlio o encarou sem esconder a irritação. — E o que é que aquelas estacas estavam fazendo no armário da cozinha?

— É isso que me deixa mais confuso.

†

Na quarta-feira Daniel terminou a aula de violão um pouco mais tarde. E depois ainda ficou conversando com a irmã Maria Cristina, esticando ao máximo o tempo que passavam juntos.

Gostaria de abrir o coração, falar do sentimento novo e atordoante, mas a história do vampiro ficava se intrometendo no pensamento. Por várias vezes esteve a ponto de contar tudo.

E virar um idiota aos olhos de Maria Cristina. Não, de jeito nenhum.

Voltou para casa a pé, depois de a irmã falar que já era tarde — nove horas — e que tinha outras coisas a fazer. Outras coisas! Para ele nada seria tão importante. Mas como confessar? De repente parecia que tudo que gostaria de contar a Maria Cristina estava destinado a transformá-lo em objeto de ridículo.

Andava pela rua de baixo em direção ao seu bairro. Além da ponte da estrada

de ferro, o casarão das velhas estava totalmente escuro, meio escondido entre as árvores. Parou um instante e sentiu um impulso irresistível de atravessar o pontilhão, passar pelo quintal da casa e subir a trilha até a rua de cima. Aquele era o caminho mais curto, mas normalmente jamais o tomaria durante a noite.

Bobagem, pensou. Aqui vou estar mais seguro do que em outros lugares. As velhas — se não estavam curtindo com a cara deles — deviam ter todo tipo de proteção contra a criatura das trevas.

E iria cruzar o trecho escuro pensando em Maria Cristina, dedicando a ela a coragem de última hora. Deu os primeiros passos sobre o pontilhão — com o sentimento de prazer e medo que sempre experimentava ao atravessar olhando o rio sete metros abaixo dos dormentes.

A porta estava apenas encostada. Daniel se perguntou por que tinha vindo até ali, por que havia subido os degraus da varanda e por que a estava empurrando lentamente. E, em vez de responder, apenas obedecia ao impulso — as perguntas e a decisão correndo paralelas. A escuridão da sala conhecida era cortada por tiras de luz vindas dos postes do outro lado do rio, marcando pedaços dos móveis: meio teclado do piano, os pés de um criado-mudo, uma tira de tapete, a enorme pinça de ferro apoiada na lareira. Deixou a porta aberta e deu alguns passos cuidadosos. Silêncio. Será que as velhas estariam dormindo no quarto atravancado? Ou teriam saído e poderiam voltar a qualquer momento? A atmosfera parecia ligeiramente alterada, e em sua percepção as coisas ficavam um tanto diferentes do que recordava, talvez por efeito do escuro. O trecho de parede forrado de lambris tinha marcas irregulares sugerindo formas humanas (Daniel pensou em manchas de Rorschach). Ao passar em frente a uma pintura antiga achou que as imagens tremulavam, como o ar sobre uma estrada em dia de verão.

O que estou fazendo aqui?, pensava enquanto ia cauteloso até a sala de jantar. Tá legal, elas convidaram a gente pra voltar, só não acho que gostariam de ver o convite aceito desse modo.

Mas era irresistível, era muito mais excitante do que quando tinha vindo com Júlio. Agora, sozinho, no escuro, as coisas cresciam em mistério. O que será que as duas guardavam, além da marreta e das estacas? E as cruzes, as réstias de alho, os jarros de água benta? E o diário? Em algum lugar fatalmente haveria anotações de todas as caçadas (em alemão ou sueco ou qualquer coisa do tipo, droga. Mas tudo bem, só o fato de encontrá-lo já seria fantástico). Circulou a grande mesa, sentindo ainda mais forte a diferença — a noite naquela casa tinha elementos que estavam ausentes durante o dia. Mas que elementos seriam? Não conseguiria dizer. Também na sala de jantar notava coisas que, como as manchas do lambri, não tinha observado antes. Mas não era isso. Era uma reversão de

clima: toda a sensação de ambiente prosaico do dia fora substituída por sombras e mistério.

Abriu duas gavetas da cristaleira e só encontrou guardanapos e toalhas de mesa.

De repente levantou a cabeça, alerta. Não tinha ouvido nada, não via nada de especial. No entanto...

O que viera procurar estava na cozinha (agora não tinha dúvidas de que procurava alguma coisa: algo que confirmaria as velhas como as caçadoras ou ele e Júlio como uma dupla de panacas). Parou no pequeno corredor que ligava a sala de jantar à cozinha. Bem no meio da parede os lambris de madeira escura também tinham um trecho contrastado, visível na penumbra. Uma... mancha absolutamente geométrica.

Parecia uma porta.

Uma porta de armário, uma porta relativamente pequena, que o fez se lembrar de Alice correndo atrás do coelho branco.

Não havia recorte na madeira, nem fechadura, trinco, maçaneta, nada. Talvez por isso não tivessem notado no outro dia. Na verdade, nem poderia dizer que era mesmo uma porta.

A não ser pela certeza absoluta de que ali estava guardado o que procurava.

Tocou com cuidado a borda superior da mancha. O tato não revelava nenhuma diferença na madeira. Parecia um trecho de onde fora tirado um quadro, e havia ficado apenas o contraste entre a parte que havia recebido luz do sol e a que ficara coberta.

Mas naquele corredor a luz do sol jamais entrava diretamente.

E a certeza? E aquela certeza de que ali havia um segredo importante?

Continuou apalpando toda a área de tom mais claro, sem resultado. Será que precisaria arrebentar as tábuas para ver o que estaria guardado atrás do revestimento?

Levantou-se, recuou um passo e ficou olhando; sentindo a atração tomar conta de todo o corpo. Cada vez mais a certeza crescia. Foi até a cozinha, voltou com uma faca de ponta e experimentou forçar as tábuas.

Nenhum resultado.

Pensou que já estava dentro da casa havia bastante tempo, que as velhas poderiam acordar ou chegar da rua, mas não sentia medo. A curiosidade era grande a ponto de não deixar espaço para nenhuma outra emoção. Voltou a tentar com a faca.

— Droga! — Levantou-se e deu um pontapé furioso no meio do retângulo marcado.

O som era oco. Agora não tinha mais dúvida. Bateu de leve em várias partes

do revestimento: apenas a região marcada soava oca. Voltou a experimentar várias tábuas, sem resultado.

Até que, tateando, percebeu uma pequena diferença no rodapé: havia dois cortes que correspondiam aos limites da parte mais clara. Forçou um dos cortes com a faca e o pedaço de madeira se soltou. Ali, por trás de onde antes estivera o trecho de rodapé, havia duas alças de metal, do tamanho justo para que as mãos se encaixassem.

Trêmulo de ansiedade, Daniel agarrou as duas alças e tentou puxar para fora, como se fosse uma porta.

Não se moveu um centímetro.

Claro, pensou rindo da própria burrice.

Puxou as alças para cima e parte do revestimento deslizou suavemente. As tábuas correram inteiras no sentido vertical: a mancha, na verdade, servia apenas para delimitar o que estava atrás, ou para... chamar a atenção? Daniel sentiu um leve tremor. Era uma idéia boba, mas ele não se preocupava com isso. Estava interessado na escada. Na escada que descia até o porão. O porão que existia mesmo, apesar da procura infrutífera do outro dia, o porão onde estaria o segredo das velhas.

Voltou à cozinha e encontrou um lampião de vidro. Não acreditava que houvesse eletricidade lá embaixo: era melhor prevenir. Acendeu o lampião, e a luz que se espalhava criou sombras duras e tornou a atmosfera ainda mais estranha: a cozinha não era mais a cozinha, era... uma câmara de torturas medieval, cheia de instrumentos rombudos, curvos, pesados, aguçados. Sacudiu a cabeça e voltou rápido ao corredor. Antes de entrar na passagem, esticou o braço com o lampião e olhou para dentro. Não viu nada além dos degraus e das paredes de madeira escura. Como todo o resto da casa, aquela descida estava impecavelmente limpa, parecendo ser usada com frequência.

Na dúvida, antes de se enfiar pela passagem, pegou a faca que havia deixado no chão.

A luz do lampião parecia ter medo de avançar. Como se houvesse uma parede de fumaça negra poucos metros à frente. Daniel contou os degraus: quinze. E lá embaixo o esperava uma porta com a tinta azul descascada em vários pontos. Empurrou a porta achando esquisita a própria calma. Como num sonho: quanto mais real, mais está na cara que não pode ser verdade. Depois da porta um corredor virava para a direita. Foi uma surpresa: esperava um espaço aberto que ocupasse toda a área da casa, interrompido apenas pelas estruturas de sustentação. O corredor de teto baixo dava um sentimento opressivo, principalmente porque ele não conseguia ver o final.

Poucos metros à frente encontrou outra porta, na parede da esquerda, também

pintada de azul descascado. Empurrou-a e enfiou o lampião para dentro. Era um quarto pequeno, com chão de terra batida, úmido e completamente vazio. Voltou atrás e continuou andando. Mais alguns metros e o corredor virava à esquerda. Dobrou, esperando outra porta, e soltou um berro. Havia alguém ali! Esperando por ele, colado na parede, pronto para...

Girou rápido, pensando em fugir de qualquer jeito, largar lampião, faca, disparar feito louco pelo corredor e...

Os pensamentos eram mais rápidos ainda. Assim como vira a figura que havia desencadeado os mecanismos do pânico, houve a imagem paralela de que algo não estava certo. Aquela pessoa na dobra do corredor...

Era conhecida.

Muito conhecida.

Era ele: Daniel. Carlos Daniel Moratto.

Com a mesma cara apavorada.

Antes de olhar novamente já havia percebido tudo, e o ar saiu dos pulmões num riso nervoso. Voltou-se e encarou o espelho enorme. Na verdade era uma porta espelhada, com maçaneta e fechadura incrustadas diretamente no vidro.

Olhou sua cara refletida, ainda pálida apesar da luz dourada do lampião. Idiota, medroso, otário!

Para o reflexo, para o...

Novamente veio a impressão que tivera com o quadro na sala: a imagem se tornava fluida, distorcida. O ponto exato entre os dois olhos parecia inchar, ficar deformado. Ali o espelho ia ficando ligeiramente convexo, fazendo com que os olhos parecessem mais afastados e a parte de cima do nariz mais grossa, até que surgiu um ponto escuro, exatamente no centro da deformação.

Daniel ouviu o ruído, um estalo que não acabava nunca. Tinha consciência de que a coisa acontecia mais lenta do que seria possível: lenta demais. Ou então seu sentido de tempo fora alterado, e o que normalmente ocorria em segundos estava sendo percebido devagar, muito devagar.

Tentou levantar as mãos para se proteger do que viria, mas os braços demoravam horas para se deslocar cada centímetro. Viu os próprios olhos deformados arregalando-se cada vez mais, enquanto o ponto negro virava uma série de linhas que se espalhavam pela superfície de vidro, ramificando-se, definindo os futuros cacos que demorariam séculos para se desprender uns dos outros e voar em sua direção. Os braços chegavam muito devagar, nunca a tempo de proteger o rosto. Os primeiros cacos se soltavam e voavam lentos, as rachaduras se espalhavam até os limites da porta espelhada, e Daniel conseguia

se ver refletido milhares de vezes: cada caco, dos minúsculos aos maiores e com pontas crimonosas, mandava de volta sua imagem apavorada. E os estalos ensurdeciam seus ouvidos surpresos.

Esperou imóvel os impactos que não chegaram: um a um os cacos de espelho cumpriam trajetórias espantosas ao seu redor, levando reflexos da luz do lampião para todas as paredes, fazendo o local parecer uma boate. Só que agora os braços chegavam à frente do rosto — o lampião e a faca ainda seguros nos dedos crispados como se pudessem valer de alguma coisa.

Como se pudessem valer contra a mão pálida.

Que, no mesmo tempo distorcido dos cacos voando ao redor, vinha em direção ao seu rosto: dedos longos, unhas curtas e manicuradas, pêlos pretos na segunda falange, veias grossas e azuis. A mão que havia forçado o espelho por trás, a mão que passava incólume entre a faca e o lampião e apertava suas bochechas. A mão que o puxava, trêmulo e incapacitado, através de onde estivera o espelho. A mão que precedia o rosto sorridente emoldurado no halo amarelo do lampião.

Era ele, sem dúvida, muito mais jovem do que estivera no Gentil. E tinha uma voz tão mansa, tão confortável, a voz que Daniel esperava escutar há... há quanto tempo? Desde que havia percebido que seu caminho e o de Júlio estavam se bifurcando? Desde que descobrira — ao conhecer Maria Cristina — que existia um mundo que não seguia exatamente as mesmas regras aceitas e exigidas pelos seus pais? Desde quando? Desde sempre?

A voz sorria, e o que ela falava era uma possibilidade espantosa nos ouvidos de Daniel:

— Seja bem-vindo, meu amigo.

Daniel deixou cair a faca e o lampião, que se espatifou lentíssimo, misturando-se aos cacos de espelho. Sem largar seu rosto e sem desviar os olhos, o homem apagou a chama com um dos pés antes que se alastrasse. A escuridão tomou conta de tudo, carregada pelo cheiro de querosene.

†

Acordou em pânico e contendo o grito em vias de escapar da garganta. Tentava mas não conseguia lembrar o sonho: a casa das velhas, um encontro, algo que o amedrontara a ponto de quase soltar um berro.

A manhã entrava sorrateira pelas pequenas frestas da janela. Olhou o irmão

dormindo na cama ao lado. Bom, pelo menos não havia deixado o grito escapar, acordando meio mundo. Levantou-se com cuidado para não fazer barulho e foi para a cozinha. O cheiro de café começava a escapar do fogão.

capítulo 9

— **A**cho que é tempo de voltar às buscas — Júlio foi direto ao ponto, assim que chegaram ao banco de sempre, no intervalo das aulas. — A gente continua seguindo a lista de casas prováveis. Uma delas tem que ser o esconderijo.

— Não conta comigo. — Daniel desembulhou o sanduíche, avaliou-o longamente e, num gesto desanimado, jogou-o inteiro na lata de lixo.

Célia ficou observando os dois, tentando entender o clima:

— Por quê? O que é que tá havendo?

Daniel falou de cabeça baixa, como se quisesse se desculpar:

— Não sei... isso não faz o menor sentido pra mim. Tem alguma coisa errada.

— Não vai dizer que tá duvidando de novo! — Júlio já começava a sentir raiva da eterna indecisão de Daniel. — E o que aconteceu no teatro? E o meu pai, que morreu quando ia descobrir tudo? E as estacas no armário das velhas? O que é que falta pra você dar o braço a torcer?

— Nada... não falta nada. O problema não é esse. Eu acredito. Só que... olha só, se o que as velhas disseram é verdade, elas estão atrás dele há mais de quarenta anos, e até agora nada. Como é que a gente vai resolver tudo assim, procurando de casa em casa, achando que vai matar o cara com a maior facilidade? E quem disse que ele gosta de casa velha? E quem disse que ele precisa de uma casa? Ele pode estar em qualquer lugar. A gente pode procurar pelo resto da vida, que nem as velhas, e nunca descobrir. Não: tem que ser uma coisa mais racional.

— Pouco me importa que eu procure a vida inteira: eu quero é matar o filho-

da-mãe! — Júlio mudou de tom, sorrindo amargo: — Claro, não foi você que perdeu o pai, não é você que vai passar o resto da vida sentindo culpa porque não conseguiu fazer nada...

Daniel se levantou, interrompendo:

— Ei, calma, espera aí. Também não precisa ficar desse jeito. É claro que eu quero ajudar. Só que... eu fico pensando que a gente não tá agindo da melhor forma. Em vez de gastar energia invadindo um monte de casas, vamos fazer um plano, sei lá, vamos... programar as buscas.

— Tá legal — Júlio abriu um sorriso irônico. — E o que é que o gênio da investigação sugere? Ficar batendo papo até que o cara faça mais uma dúzia de vítimas?

Daniel ia responder com alguma frase áspera, mas Célia entrou no meio da conversa:

— Parem com isso! O que é que tá acontecendo? Desse jeito, sim, a gente acaba perdendo a guerra. Não é hora de ficar brigando. Olha, Júlio, eu concordo com o Daniel: a gente precisa de algum tipo de plano. Não dá pra ficar brincando de cabra-cega com o sujeito. Numa dessas é a gente que acaba se dando mal. Por outro lado, Daniel, o Júlio tá certo: a gente não pode ficar só batendo papo. Alguma coisa tem que ser feita. Eu confesso que tô morta de medo: até agora ele só mordeu garotas, e afinal de...

Daniel se imobilizou, com uma sensação estranha. Um pequeno trecho do sonho chegou à borda da consciência e voltou imediatamente, antes de ser identificado. Continuou imóvel, procurando agarrar a imagem que se recolhia e voltava para um ponto inalcançável.

— O que foi?

— Hã? — Ele voltou a focar os olhos e deu com os dois o encarando, interrogativos. — O quê?

— O quê, pergunto eu! — Júlio ainda estava irritado. — De repente você ficou fora do ar. A Célia falou, falou, e você parecia que tinha viajado pra Saturno.

Daniel tentava uma última vez recordar o trecho de sonho, mas viu que era impossível.

— Nada. De repente quase me lembrei do que tinha sonhado essa noite. Parecia uma coisa importante, que tinha a ver com as velhas, mas passou.

Júlio apoiou a cabeça nas mãos, soltando um suspiro.

— E é desse jeito que você quer fazer planos. E é assim que você vem dizer que eu não estou sendo racional. Um sonho.

Durante o resto do recreio tentaram por várias vezes armar um plano, mas a conversa ficava fluida, as conclusões não apareciam. Júlio estava irritado,

querendo agir de qualquer modo, mas não sabia que caminho tomar. Não era mais como o tempo em que havia liderado as investigações sobre Lucinha: faltava aquela certeza tranqüila e absoluta. Daniel parecia vencido por um desânimo disfarçado de racionalidade. E Célia pulava o olhar de um para o outro, tentando entender o que, na verdade, estaria por trás da mudança de comportamento entre os dois. Não parecia uma simples birra de adolescentes ou uma diferença de pontos de vista. Era uma coisa mais profunda, que só não vinha à tona devido ao peso dos longos anos de amizade.

†

À tarde Júlio e Célia foram à praça. Conversaram durante horas. Pela primeira vez, desde a morte do dr. Mário, ele falava copiosamente sobre os próprios sentimentos.

— ...meu pai sempre foi a pessoa mais importante na minha vida. Eu queria ser igual a ele. Não: acho que ainda quero ser igual a ele. E tá difícil admitir que deixei um monte de coisas sem completar. A gente quase não conversou nos últimos tempos: primeiro porque ele ficou com raiva de mim desde a história de Lucinha. Depois porque, quando a gente voltou a se falar, foi sobre as experiências no laboratório, foi sobre ratos, sangue, tudo assunto que não dá vontade de ficar lembrando. E não consigo pensar em nenhuma outra conversa! Não consigo me lembrar dele falando do tempo em que viajava pela roça, tratando de doentes, nem das histórias da faculdade, das coisas todas que ele adorava contar. É engraçado, eu sei de tudo, sei até as palavras: o que não me lembro é dele, da cara dele, do jeito... A não ser falando dos ratos... Nem consegui chorar. A princípio porque minha mãe não chorava, e eu não queria deixar ela preocupada. Mas depois, não sei... parece que a raiva não deixa! Tô com um negócio preso aqui dentro, uma coisa muito grande que não me deixa pensar em nada.

Célia pôs a mão nos cabelos dele, pegou um punhado de fios e começou a enrolá-los com o dedo.

— É, mas você precisa canalizar essa raiva pro lugar certo. Tem gente que não precisa levar a rebarba...

— Eu sei, o Daniel. É, foi besteira ficar irritado com ele. Também concordo que ele tava meio certo, a gente precisa de um plano de verdade, mas... sei lá.

Tem alguma coisa diferente. Acho que a gente cresceu. Certas horas parece que essa amizade com o Daniel é coisa de criança, que não vai dar em nada. Que, na hora em que eu mais precisar, ele vai sair da reta.

— Que coisa mais egoísta, menino! — Célia ria, fingindo espanto. — Quer dizer que você só se preocupa com o fato de ele fazer o que você precisa. Isso é que é ser amigo.

— Não é bem assim, não foi isso que eu quis dizer.

— Mas foi o que disse. Olha aqui, Júlio. Vocês são amigos há um tempão. Não joga isso fora. Só porque a gente tá enfrentando uma barra difícil, não é motivo. Pelo contrário: agora é que tá na hora de ficar junto, de cada um dar apoio pro outro.

Júlio prendeu Célia nos braços.

— Você é demais, menina. Não sei o que eu faria...

Antes que ele completasse a frase, Célia riu e cobriu sua boca com a boca. Júlio tentou olhar em volta, envergonhado, mas ela o segurou firme na mesma posição. A inexperiência procurava os caminhos do prazer, e acabava descobrindo.

†

Pela primeira vez em anos Daniel dormiu à tarde: mesmo com o barulho dos irmãos brigando e jogando bola, mesmo com o sol entrando pela janela aberta. Acordou às sete horas e jantou com uma fome de cão.

Na manhã seguinte, sexta-feira, acordou de novo com a sensação de ter sonhado algo importante. Era como se o sonho trouxesse uma mensagem que ele não era capaz de decodificar: uma mensagem de medo e certeza, de prazer e dor, de que algo terrível e maravilhoso estava para acontecer. Mas o quê?

Encontrou Júlio na porta de casa, como vinha acontecendo nos últimos seis anos, e foram lado a lado, quase sem falar.

De repente Júlio apontou:

— Olha só: puseram uma cruz na porta dessa casa. Em todo lugar isso tá acontecendo. Já vi umas duas com réstias de alho penduradas.

— O pessoal tem medo.

— E a gente precisa fazer alguma coisa.

Daniel parou em frente a um bar na esquina da rua da escola.

— Espera um pouco, Júlio.
Entrou e pediu um copo d'água. Bebeu inteiro e pediu mais um.

No recreio continuaram imaginando planos fantásticos que não tinham a menor chance de dar certo. Daniel deixou que Júlio e Célia falassem a maior parte do tempo. Estava sem saco, distraído com outras coisas, procurando lembrar. De vez em quando algumas imagens oníricas chegavam quase à distância de serem agarradas. Sabia que, no momento em que lembrasse ao menos uma pequena parte, tudo estaria encaminhado. O plano surgiria, pronto, definido nos mínimos detalhes. Mas não adiantava, não conseguia lembrar.

Levantou-se para jogar o papel da merenda no lixo e continuou andando até o bebedouro. A pressão da água estava muito fraca, era preciso encostar os lábios no metal gelado e sugar. Assim demorava muito para matar a sede.

— E então? — perguntou Júlio enquanto a campainha do fim do recreio mais uma vez despertava Daniel das tentativas infrutíferas de recordar. — Hoje à tarde lá em casa?

— Hoje não, Júlio — Daniel ficou de pé e esticou os braços, com preguiça. — Tenho um monte de coisas pra fazer e minha mãe vai ficar pegando no meu pé o tempo todo.

Dormiu das duas às sete, para espanto da mãe e escárnio dos irmãos.

†

Sábado. Daniel ficou na cama até onze horas, tomou quase um litro de leite, leu um pouco até a hora do almoço e, como combinado, foi para a casa de Júlio.

— Ué, que cara é essa? — Júlio recebeu-o no quarto que, como sempre, estava totalmente fechado.

Daniel foi entrando e desabando sobre a cama coberta de gibis.

— Acho que tô pegando uma gripe. Tô completamente mole.

— Que é isso, andou chorando?

— Não sei, parece conjuntivite. No meio do caminho pra cá meus olhos começaram a lacrimejar.

Júlio fez um esgar exagerado de terror:

— O vampiro! Você foi sugado, olha só: tá pálido, cansado, os olhos não agüentam luz do sol! — Segurou a cadeira com os pés apontados para Daniel. — Vem, monstro das trevas, vem que aqui tem quatro estacas prontas pra você!

Daniel jogou-lhe um travesseiro em cima.

— Idiota.

Parecia incrível: estavam rindo novamente. Juntos. E era tão fácil, bastava uma brincadeira imbecil. O alívio enorme já não cabia no quarto apertado. Júlio sentiu um impulso novo: deixar a luz invadir sua cripta, apagar de vez as sensações horríveis dos últimos dias, respirar oxigênio renovado. Com um único movimento escancarou as duas folhas da janela.

Daniel gritou um Não! estridente e tapou o rosto com uma revista. Júlio se virou rápido, tremendo descontrolado.

— O que foi?

Daniel puxou o lençol e cobriu toda a cabeça. O corpo se enrolou.

Júlio ficou parado. O coração dava pancadas que ressoavam pelo quarto.

— Daniel! Pára com isso.

Daniel respondeu alguma coisa, muito baixo.

Júlio tirou o crucifixo de dentro da camisa e deu relutante os três passos que o separavam da cama. Daniel continuava murmurando, sempre a mesma coisa, sempre. Júlio segurou com força o crucifixo e chegou mais perto. Esticou devagar a mão trêmula até alcançar a ponta do lençol. Num gesto rápido puxou-o para longe.

Daniel continuava falando, cada vez mais alto, até berrar:

— Peguei o idiota, peguei o idiota, peguei o idiota!

Júlio teve vontade de enfiar uma estaca no peito dele, de pura raiva. Mas o riso, a gargalhada solta que sacudia o corpo de Daniel, terminou por contagiá-lo. Começou a dar-lhe socos, de leve, e Daniel respondeu com pequenos pontapés. Em alguns segundos rolavam pelo chão, como antigamente, rindo e se experimentando, vez por outra batendo de verdade e se desculpendo em seguida, mas já não tinha tanta graça. E Daniel desistiu rápido demais.

— Pára, pára, Júlio. Eu tô gripado, mesmo. Não agüento.

— E então, continua sonhando?

— Continuo não lembrando. Hoje acordei com a impressão de que existia um detalhe especial: o sonho misturava as velhas e o vampiro, os três estavam muito

próximos, mas um não sabia do outro. Não sei, acho que elas iam até o esconderijo dele, procuravam tudo e não achavam.

— Bobagem. O importante é continuar a busca. Se começar a dar trela pra sonho, a gente acaba perdendo contato com a realidade.

— Não acho, Júlio. Eu não sei como dizer, mas isso que tá acontecendo não parece sonho. É como se meu espírito fosse até lá e visse tudo. Só que, na volta, me esqueço do mais importante.

Júlio começou a juntar os gibis espalhados, procurando ao mesmo tempo reunir paciência:

— Agora já tem até espírito no meio. Desse jeito, aonde é que a gente vai parar? Meu pai morreu tentando mostrar que a coisa não tem nada a ver com misticismo e chegou bem perto de conseguir. Não faz o menor sentido voltar atrás.

— Faz sim! — Daniel foi até um canto e ficou de costas para a janela. — Seu pai podia estar certo, mas não totalmente. Como é que você explica seu interesse pela coisa? Quando Lucinha morreu, ninguém sabia de nada, seu pai nem pensava em fazer exames de sangue. E você insistiu feito um cara possuído pelo diabo. Não vai querer dizer que isso é científico!

Júlio não respondeu. Não tinha como. Recordava muito bem a compulsão injustificada que o dominara naqueles dias. Mas não podia dar o braço a torcer. Em nome da memória do pai, não podia. Daniel continuou, ao perceber que ele não diria nada:

— Esses sonhos são a mesma coisa: tenho certeza de que eles estão querendo me contar a verdade sobre isso tudo. É como se a cada noite eu sonhasse um pouco mais, e só quando completar a história toda vou ser capaz de lembrar.

— Enquanto isso, a gente fica sem fazer nada.

Daniel pegou um lápis e um pequeno bloco de rascunho, e começou a desenhar: cruces, cruces, cruces; como se quisesse mostrar a si próprio que conseguiria se proteger quando necessário. Depois de um momento, levantou os olhos do papel.

— Pelo menos hoje a gente espera. Não sei, mas tenho a impressão de que a história tá quase pronta. Talvez essa noite... E Célia, não vai aparecer?

Júlio gostou da mudança de assunto. Sentia-se estranho; faltava a compulsão dos primeiros dias. Era como se a morte do dr. Mário tivesse secado a fonte de intuições. A vontade de vingança não se coadunava com o vazio gigantesco que havia ficado no lugar daquela certeza.

— Combinei encontrar com ela mais tarde, na praça.

A missa de domingo durou uma eternidade. Daniel sentia os olhos lacrimejando, irritados, e uma preguiça total de esperar os intervalos enormes entre cada música. Maria Cristina também estava esquisita. Também tinha os olhos vermelhos. Logo depois da missa ela correu para o dispensário e entrou na pequena sala que costumava ocupar. Daniel foi atrás, movido por uma decisão que ele mal imaginava até onde iria levá-lo.

— Quero falar com você.

Ela já estava sentada atrás da mesa, tirando papéis da gaveta. Levantou o rosto e passou disfarçadamente a mão sobre os olhos.

— É importante, Daniel? Agora estou ocupada.

— Bom... na verdade, é. Preciso falar uma coisa...

— Então fale logo. Eu preciso tirar todos os meus papéis daqui.

Daniel não gostou da maneira como ela respondeu.

— Tirar? Mas por quê?

— Eu vou embora, Daniel.

Ele caiu sentado na cadeira.

— Mas não pode!

Maria Cristina parou o movimento agitado.

— O que houve, Daniel? Você esteve estranho o tempo todo, na missa. E agora...

— O que houve pergunto eu. — Ele se sentou na ponta da cadeira, inclinando-se sobre a mesa. — Você é que tá esquisita. Com cara de quem andou chorando. Alguém te fez alguma coisa? Porque se foi isso eu...

— Calma, calma. Ninguém me fez nada. Sou eu que estou fazendo.

— Fazendo o quê?

— Já disse: estou indo embora, Daniel. Pra outra cidade.

— Mas não pode, não pode! Logo agora, não.

Maria Cristina se levantou e deu a volta ao redor da mesa. Parou ao lado dele, encarando-o.

— Pra mim também não é fácil. Mas é uma decisão importante na minha vida. Preciso ir.

— Assim, sem mais nem menos?

— Com mais e com menos — ela riu. — Menos vocês, que foram tão legais, menos um monte de lembranças boas, e mais uma coisa que não sei direito aonde vai me levar. Mas é preciso.

— Não pode — insistiu Daniel. — Eu... eu preciso de você. Tem uma coisa muito importante acontecendo agora, na minha vida. Eu preciso...

Maria Cristina se sentou na borda da mesa. Daniel passeou a vista pelos joelhos perfeitos e levantou o rosto, envergonhado. Ela voltou a falar, controlando o maremoto que visivelmente assolava seus pensamentos.

— Acredito em você, Daniel. Tenho certeza de que está vivendo uma fase importante na vida. Basta olhar o seu rosto. Mas, infelizmente, não posso fazer nada. Eu também estou vivendo um nó. Não consigo entender meus problemas. Como é que poderia tentar cuidar dos seus?

Mas eu te amo, eu te amo!, ele queria gritar, e gritava com os olhos, com o corpo todo: você não pode ir, não agora, não agora que consigo lembrar parte do sonho e que começo a perceber que isso tudo é grande demais pra mim. Preciso de alguém, preciso de você pra me dizer o que é certo e o que é errado. Preciso, preciso!

E como é que iria falar? Assim, nesse clima estranho, descontrolado?

— É que... que eu acho que estou amando.

— Que maravilha! — Maria Cristina levantou-se da mesa e voltou a abrir gavetas. — Isso não é problema, é solução. E quem é ela? Alguém do grupo? Alguém que eu conheço?

Daniel deixou a cabeça pousar nas mãos. Os olhos estavam ainda mais irritados. Como é que se diz essas coisas? Como? Encarou Maria Cristina, que parava com um maço de partituras na mão, olhos fixos nos dele:

— Ah, não! Por favor, Daniel, não fale nada. Já tenho problemas demais, não posso arranjar mais um. Além disso, você devia saber. Não pode, essas coisas não são assim. Você é um rapaz inteligente, sensível, mas ainda nem começou a entender a vida. Tente se apaixonar por alguém da sua idade, da sua turma! Eu... eu estou numa complicação que você nem pode imaginar.

Daniel ficou de pé, temendo perder totalmente o controle.

— Eu posso ajudar, sim! Eu faço tudo, faço qualquer coisa por você. Nem precisa gostar de mim, basta...

— Pára com isso, Daniel!

Daniel tombou de novo na cadeira. Ela estava com ódio dele!... Não, não era isso: era muito pior. Ela... ela nem ligava. Ele estava ali, caindo aos pedaços, se fazendo de idiota, botando a alma desembrulhada em cima da mesa. E ela...

A luz do lado de fora era quase cegante. Daniel cobriu o rosto com as mãos e sentiu que elas ficavam completamente molhadas. Lágrimas? Atravessou a rua sem olhar para os lados e foi andando rápido. Alguém falou com ele, as imagens passavam embaçadas ao redor. Andava rápido, corria.

Parou de repente.

Não iria para casa, de jeito nenhum. Não queria o almoço de família com maionese, galinha e brigas à mesa. Não estava com fome. Deu meia-volta, atravessou de novo a praça da igreja e pegou uma trilha pelo mato, morro acima.

Subiu alguns metros e parou, exausto. Aquele início de gripe o estava deixando sem forças. Ou seria a decepção? Queria morrer, queria se enfiar num buraco debaixo da terra, onde fosse escuro e confortável. Queria esquecer, queria lembrar o resto das imagens do sonho. Queria carregar Maria Cristina para algum lugar onde ninguém a visse nunca mais, só ele.

Retomou a consciência algumas horas depois, encolhido sob a moita de samambaias, úmida e escura. Continuava cansado, mas não pensava mais em Maria Cristina, como se tivesse esgotado a capacidade de repassar ininterruptamente o mesmo assunto. Agora podia ir.

†

Daniel se jogou na cama e Júlio deixou clara a preocupação:

— Você tá com a cara cada vez pior. Daqui a pouco vou acabar achando que foi mesmo mordido pelo vampiro.

Daniel riu, desanimado:

— Antes fosse tão simples.

Júlio se sentou na cadeira, de frente para ele, sério. Falava de um jeito novo, mais adulto, sem nada das conversas de antigamente:

— Acho que a gente precisa conversar, Daniel. Não sei, mas tá tudo diferente. A gente mudou, e tem horas em que eu acho tudo certo: mudar e cada um ir pra um lado, não importa. Mas tem horas em que parece importante continuar junto.

— É claro, a gente tem que continuar.

— Mas, se for assim, as coisas precisam ser ditas. Você tá aí, esquisito, cheio de segredos. Chegou agora com essa cara de enterro, pálido, jururu, e fica rodeando o assunto. Por que não conta tudo de vez, e a gente vê se arranja uma solução?

Daniel, agora sentado, cruzou os pés sobre a cama e ficou olhando as próprias mãos, pensativo. Depois de um tempo falou sem levantar a cabeça:

— Mais tarde, talvez. Eu tô me sentindo um idiota. Quero contar o que tá acontecendo, mas não dá, pelo menos por enquanto.

— Se é assim que você prefere...

Ficaram um tempo sentados frente a frente, absortos. Depois Júlio se levantou, movido por alguma necessidade imediata, e foi remexer nas gavetas do armário. Começou a tirar coisas de dentro e a falar baixo, para si próprio:

— Tá tudo aqui: vidrinho de água benta, alho, estaca, cruz. É só uma questão de achar o desgraçado...

— Cruz não adianta com ele — disse Daniel distraído, ainda olhando para as mãos.

Júlio interrompeu o que fazia e se virou:

— O quê?

— Cruz não adianta. — Daniel parecia um sonâmbulo. — É só tradição, e ele não liga muito pra isso.

Júlio largou os objetos em cima da cadeira e veio se sentar na ponta da cama, olhando Daniel com milhares de perguntas silenciosas.

Daniel continuou com a mesma voz distante:

— Foi um trato feito na Idade Média, por volta de 1300 e pouco. A Europa estava arrasada pela peste negra e os vampiros eram muito poderosos. A Igreja fez um acordo: eles seriam deixados em paz se não atacassem os católicos. E isso acabou sendo um grande auxílio para alguns inquisidores. Quem não obedecesse aos cardeais tinha um castigo pior do que a fogueira: era entregue aos vampiros. O principal código para identificar quem ficaria livre eram os símbolos católicos. A cruz e a água benta, claro, eram os mais importantes. Mas essa tradição foi perdendo a força com o tempo e com o fim da Inquisição. Esse vampiro não é tão velho assim, tem só 213 anos, ele viveu o Século das Luzes e a Revolução Industrial. A cruz, pra ele, é só o símbolo de um contrato que perdeu a validade.

Júlio estava completamente arregalado.

— Mas então — apesar do espanto ele não conseguiu segurar a dúvida — como é que essas pessoas que não eram cristãs, depois de mordidas pelos vampiros, não passavam a atacar o pessoal da Igreja?

— Elas nunca viravam vampiros — continuou Daniel no mesmo tom

mecânico e decorado, uma espécie de transe hipnótico. — Desde muito antes da Idade Média os vampiros fazem questão de ser um grupo muito pequeno. Eles próprios matam as vítimas — deu um risinho de corda de relógio — pra evitar a concorrência e a superpopulação da espécie. Na verdade, isso parece que já aconteceu antes, talvez em Creta e em algumas civilizações que desapareceram no planalto da Anatólia: as populações foram contaminadas em progressão geométrica e praticamente todos morreram por falta de sangue novo. Henrik acha que a bactéria pode ter vindo de outro planeta, onde a população foi totalmente dizimada.

— Henrique?

— Henrik Bohr-Wald, o vampiro.

Júlio levou alguns segundos tentando processar todas as informações, enquanto Daniel parecia sair lentamente do estado alterado em que se encontrava. Depois se lembrou da brincadeira do dia anterior, quando Daniel havia fingido medo da luz, e falou, ainda desconfiado:

— Grande imaginação, Daniel. Gostei da teoria. Se eu não te conhecesse muito ia até achar que era de verdade.

Daniel inspirou longamente e depois soltou o ar, ao mesmo tempo que sacudia a cabeça:

— O que foi? Que teoria?

— Ah, rapaz, não vem com essa. Hoje não tô com muito clima pra gozação.

— O que foi, tá falando de quê?

Se fosse gozação, Daniel acabava de demonstrar que era um ator estupendo. Tinha a cara da mais absoluta perplexidade.

De repente o quadro se formou inteiro na cabeça de Júlio. Claro, que imbecil! As coisas estavam o tempo inteiro à sua frente. Como é que não havia ligado os fatos, como foi se enganar tão fácil, e logo com Daniel, que ele conhecia desde pirralho?

Deu um pulo e jogou Daniel deitado sobre a cama. Ele tentou reagir, mas Júlio o subjugou com facilidade.

— Que é isso, Júlio? Me larga, eu não tô legal!

— Por isso mesmo, quero saber o que tá acontecendo.

— Não tá acontecendo nada. Me larga!

Júlio montou sobre as pernas de Daniel e examinou seus pulsos. Quando não encontrou nada, começou a desafivelar o cinto dele.

— Ei, o que você tá fazendo? Pára com isso!

Daniel tentou se defender desajeitadamente, mas estava tão fraco que, mesmo se contorcendo, não conseguia se livrar do peso. Júlio tinha os dedos trêmulos. Xingando entre os dentes, conseguiu abrir o zíper de Daniel e, num gesto rápido,

saiu de cima dele e puxou suas calças para baixo.

Sentindo-se livre, Daniel começou a lutar e a espernear. A briga não se parecia nada com a brincadeira do dia anterior: agora era ataque e defesa de verdade. Desesperado e mal conseguindo respirar, resolveu tentar outra técnica:

— O que foi, cara, virou boiola? Tá tirando a minha calça? Tá querendo o quê, boiolão?

Júlio não dizia nada.

Daniel estava com as calças arriadas até os joelhos. Aproveitou-se do momento em que o outro parou, indeciso, para tentar puxá-las de volta.

Mas Júlio voltou ao ataque, cheio de raiva. Prendeu as pernas de Daniel e examinou toda a extensão das coxas.

Daniel continuava a se contorcer. Júlio se afastou de novo e puxou a calça até tirá-la completamente. Não conseguia pensar em nada a não ser no que tinha certeza de encontrar. Em seguida tirou os tênis e as meias de Daniel, não se importando com os grunhidos e as reclamações. E viu.

Ali, em cada um dos tornozelos. Um ferimento redondo e esbranquiçado, muito pequeno, mas impossível de passar despercebido.

†

Alguns minutos depois Daniel estava novamente com as calças no lugar, encolhido contra a cabeceira da cama. Júlio ainda tentava controlar os tremores do reconhecimento.

— Você foi contaminado mesmo. E o que a gente faz agora?

Daniel não respondeu. Júlio esperou um tempo e voltou a falar:

— Como aconteceu?

— Não sei — disse Daniel muito baixo. — Eu não sabia, nem tinha notado a ferida. Achava que era tudo um sonho que se repetia toda noite.

— E como você conhecia esse monte de detalhes sobre ele?

— Como é que eu vou saber? Agora que você repetiu o que eu disse, a coisa tá vindo de novo na minha cabeça. Sei lá, acho que ele deve ter me contado.

— Mas por que ele iria contar isso tudo?

— Cacete, Júlio, como é que eu vou saber? Eu tô desesperado! O que é que eu faço, agora? Não sei se eu quero virar vampiro!

Júlio balançou a cabeça lentamente antes de falar:

— Dificilmente vai virar vampiro. Ele mata você antes. Ou melhor, manda matar. Aquelas duas velhinhas, tão simpáticas. Caçadoras de vampiros! Elas só fazem o serviço sujo pra ele. Elas matam as vítimas pra não virarem concorrência.

Daniel começou a chorar baixinho.

— E o que é que eu faço?

Júlio se levantou devagar e foi até a gaveta. Daniel esperou um longo tempo antes de levantar a cabeça.

E se encolheu mais ainda contra a cabeceira da cama. Júlio tinha uma estaca e um martelo nas mãos.

— Ei, Júlio, pára com isso. O que é que você quer fazer?

— Desculpa, Daniel. Prefiro fazer isso, eu que sou seu amigo, a deixar para aquelas malucas.

Daniel riu de puro desespero.

— Amigo? Desse jeito? Pára com essa brincadeira, cara, não me deixa ainda mais assustado.

Júlio continuava decidido. Mais um passo e chegou junto da cama.

— É melhor ficar deitado e quieto: acho que dá menos trabalho, e você não vai sofrer tanto. Talvez com uma pancada firme eu acerte seu coração de uma vez só. Vai ser fácil: você apaga antes de sentir qualquer coisa.

Daniel estava com a boca tão aberta que o queixo quase se encostava no peito.

— Não brinca, Júlio.

— Deita, Daniel, vai ser melhor pra nós dois.

Quando Júlio chegou mais perto, Daniel esticou bruscamente as pernas, acertando os dois pés no meio do seu peito. A pancada foi forte e ele caiu de costas no chão, com um gemido abafado. Daniel juntou toda a força que ainda possuía e correu para a porta. Trancada. Claro, antes de pegar a estaca e o martelo Júlio tinha virado a chave e tirado da fechadura. Daniel olhou para a janela. Júlio já havia se levantado e procurava o martelo que tinha caído longe. Daniel teria de passar por ele para chegar até lá, e qualquer movimento estava muito difícil, a vista insistia em escurecer e fazer todo o quarto rodar. Era preciso ser rápido, antes de perder completamente as forças. Concentrou-se e avançou de cabeça baixa, disposto a derrubar qualquer coisa que encontrasse pela frente.

Mas Júlio estava preparado. Agarrou-o com as duas mãos, sem soltar a estaca e o martelo, e começou a puxá-lo de novo para a cama.

Daniel esperneava num último esforço, sentindo-se desfalecer. Precisava fazer alguma coisa: aquela era a situação mais ridícula de sua vida. Iria ser estaqueado vivo pelo melhor amigo e não tinha forças para reagir!

Júlio o atirou novamente sobre a cama e voltou a se sentar sobre seus joelhos.

Segurou a estaca pelo meio e tentou visualizar o local exato onde estaria o coração.

O quarto girava cada vez mais rápido. Daniel só via borrões à frente: a imagem de Júlio era apenas uma silhueta escura contra os vidros fechados da janela. No último instante uma frase lhe passou pela cabeça e ele falou, quase gritando:

— Como é que você vai explicar um cadáver dentro do seu quarto?
E desmaiou.

†

Acordou sentindo a testa gelada. Abriu os olhos turvos e se deparou com o rosto de Júlio recortado contra a luz acesa no teto. Tremeu involuntariamente.

— Vai, acaba logo com isso — falou num fio de voz —, não tô agüentando mais esperar.

Júlio deu um riso torto e trocou o lenço molhado sobre a testa dele.

— Desisti. Por enquanto. Fiquei com pena da minha mãe tendo que limpar um montão de sangue pelo quarto todo. Além do mais, podia acabar manchando minha coleção de gibis.

Daniel respirou fundo e voltou a fechar os olhos, consolado.

— Ei, não dorme de novo. — Júlio deu-lhe um tapinha no rosto. — Você vai precisar ficar em forma. A gente tem muita coisa a fazer.

— Ah, não!...

Daniel queria dormir para sempre, sem sonhos. Se a morte era algo assim, neutro e eterno, era a realização de todos os seus desejos.

Júlio colocou uma almofada na cabeceira da cama e levantou Daniel até uma posição quase sentada.

— Olha só, eu trouxe umas coisas pra você comer. Tudo com muito açúcar: vai encher de energia e, de quebra, pode dar uma cárie nos caninos, só pra prevenir. — Daniel continuava se recusando a engolir suas piadas. — Vai, come. Você precisa.

Ele não estava com fome, mas Júlio praticamente empurrou a comida por sua garganta abaixo enquanto falava:

— Tá legal, eu perdi a cabeça e peço desculpa. Você sabe, o meu pai, ele foi morto pelo vampiro. Não sei, mas na hora pareceu que você tinha me traído, que

você tava mancomunado com ele.

Daniel tentava mastigar um pedaço de goiabada com queijo e sentia a boca cheia de massa de vidraceiro. Tudo tinha o mesmo gosto, um não-gosto cinzento. Júlio encheu mais um copo de suco de laranja e o levou até sua boca.

— Vai, bebe tudo. Você deve estar precisando de muito líquido, pra repor nas veias. Precisa se alimentar, caso contrário a medula óssea não consegue produzir células novas.

Daniel tentou rir e quase se engasgou. Fez com que Júlio afastasse o copo:

— Precisa ser tão técnico? Tá legal que você queira ser médico, mas agora vai me usar de cobaia?

— O negócio é sério, Daniel. Eu admito que tava errado querendo te enfiar a estaca, mas a gente precisa agir de algum modo.

O açúcar parecia estar fazendo efeito. Daniel sentiu lentamente a vista entrar em foco e um leve calor se espalhar pelo corpo.

— E qual é a sugestão do doutor?

— A gente tem dois caminhos: o da lenda e o da medicina. Acho que dá pra tentar os dois. Em primeiro lugar é preciso matar o vampiro. Em todas as histórias, quando o vampiro morre, as vítimas que ainda não se transformaram de vez ficam curadas. Se isso não funcionar, a gente procura ajuda. Talvez exista algum tipo de antibiótico que dê resultado.

— Quem sabe chá de alho? — Daniel ainda conseguiu brincar.

— Quem sabe? — Júlio encolheu os ombros. — Mas isso só vai ser possível se o vampiro já estiver morto. Você tá no meio do caminho, e pelo que a gente tem visto ele gosta de sugar a vítima até o fim.

Daniel sentiu um tremor agradável no corpo inteiro. O que seria aquilo? Já estava querendo voltar para o vampiro? Olhou para Júlio, desviando o pensamento: é, precisavam matar o desgraçado.

Como?

E, principalmente, será que desejava isso?

— Será que seu pai deixa você dormir aqui em casa essa noite?

— Por que tá perguntando?

— Bom, em primeiro lugar porque a gente não vai poder fazer nada hoje: já é tarde e você tá completamente baleado; segundo, porque aqui eu posso ficar de vigia, não deixo você ir encontrar o vampiro. Mesmo que ele saia à sua procura, não creio que vá te encontrar aqui.

— Não sei. Pela minha mãe, acho que não teria galho, mas meu pai...

— E se minha mãe pedisse?

Daniel riu:

— E sua mãe iria fazer isso a troco de quê?

— Deixa comigo. Ela sabe que eu ando muito sentido com a morte do meu pai, na verdade acha que eu fiquei mais abalado do que estou de verdade. Vou dizer a ela que eu tô me sentindo sozinho e que você se ofereceu pra dar uma força essa noite.

Antes que Daniel dissesse qualquer coisa, Júlio foi até a sala e convenceu a mãe a telefonar para a casa de Daniel. Alguns minutos depois voltou com um sorriso de orelha a orelha, uma seringa, um garrote de borracha e uma ampola.

— Bom, hoje a gente vai poder continuar com o plano. Por enquanto arranjei um reforço no consultório, pra você conseguir ir até em casa e pegar o material do colégio.

— O que é isso? — Daniel arregalou os olhos e se encolheu contra a cabeceira da cama, como havia feito ao ver a estaca.

— Relaxa, é só glicose. Vai te colocar em pé num instante.

Daniel colocou a almofada na frente do corpo.

— Tá louco. Acha que eu vou deixar você me espetar com essa lança medieval?

— Deixa de ser frouxo! — Júlio colocou a seringa numa bandeja sobre o criado-mudo e pegou o garrote, algodão e álcool. — Cansei de ajudar meu pai com os clientes que vinham da roça. O pessoal até gosta quando eu aplico injeção: dizem que acho a veia de primeira.

Daniel esticou o braço, contra a vontade, e virou o rosto para não olhar. Assim que encontrou a veia, Júlio deixou um pouco do sangue entrar na seringa. Sem dúvida estava bastante diluído. No último instante ele pensou que a glicose poderia provocar alguma reação inesperada em presença das bactérias, mas afastou a indecisão: nada do que fizesse seria capaz de piorar as perspectivas de Daniel.

†

Júlio acordou no meio da noite com batidas surdas atravessando um sonho confuso. Sentou-se e tentou fazer os olhos se acostumarem ao quarto escuro. A princípio demorou para se orientar: estava numa posição oposta à de costume, num colchão colocado sob a janela. Na hora de arrumar as camas havia pensado

e chegado à conclusão de que era o modo mais lógico: a porta ficaria trancada e a chave pendurada no seu pescoço, Daniel dormiria na sua cama, e ele ficaria debaixo da janela. Se, como pensava, a coisa se manifestasse numa espécie de sonambulismo, Daniel teria muita dificuldade para passar por ele e sair do quarto.

Mas não contava com o barulho que o outro seria capaz de fazer. A essa hora a mãe já poderia ter acordado, apesar de ocupar um quarto do outro lado da casa.

A vista se acostumou aos poucos e...

Daniel não estava na porta. Não estava em lugar algum onde pudesse ser visto. Mas as pancadas continuavam soando, contínuas, insistentes. Júlio se levantou, espantando os últimos resquícios de sono, e demorou tentando identificar de onde vinha o barulho.

Do armário, claro.

Abriu a porta e encontrou Daniel embrulhado entre roupas, batendo os punhos contra a madeira do fundo, derrubando tudo, fazendo a maior confusão.

— Ei, psiu, Daniel, pára com isso!

Segurou-o pelos ombros firmemente. Daniel fez força e tentou se livrar, ainda batendo os punhos.

Júlio agarrou-o por trás e o arrastou para fora do armário, trazendo junto uma confusão de roupas e cabides. Daniel começou a se debater com mais força; nem parecia a mesma pessoa que durante o dia estivera constantemente à beira de um desmaio. Júlio falava baixo, tentando acalmá-lo:

— Espera aí, rapaz, vem, fica tranqüilo.

Fazendo muito mais força do que acharia suficiente, Júlio conseguiu arrastá-lo de volta à cama. Assim que ficou sentado, Daniel pareceu relaxar. Júlio ainda esperou um pouco, até que os espasmos cessassem por completo, e afrouxou o aperto.

Como se esperasse pelo momento, Daniel deu um salto que o levou direto à porta. Agarrou a maçaneta e começou a girá-la freneticamente. Júlio correu atrás e o pegou pela cintura.

Daniel parecia grudado à maçaneta. Júlio fez força inutilmente, até que resolveu tentar outro método.

— Bom, todo mundo diz que não é legal acordar os sonâmbulos mas, meu chapa, assim não dá mais.

Num gesto brusco girou Daniel contra a porta e deu-lhe um tapa no rosto.

Daniel reagiu de modo ainda mais estranho: arregalou os olhos, respirou fundo e, olhando esfomeado nos olhos de Júlio, levantou a batinha do pijama e estendeu o tornozelo, com o ferimento virado para cima.

Júlio o empurrou na cama e ele caiu de costas, já acordado.

— O que é que houve? Cadê ele? Ele não veio? Eu não fui...

— Psiu, calma! Vai acabar acordando a minha mãe, se é que ela já não está vindo aí.

— Mas o que...

— Fica quieto! Não aconteceu nada. Quer dizer, quase nada. Você só entrou no meu armário e tentou derrubar a parede do fundo. E, claro, zoneou toda a minha roupa. Depois queria arrancar a porta. Depois levantou a perna da calça e estendeu o tornozelo pra mim. Só isso...

Daniel o encarava incrédulo:

— Não brinca comigo, Júlio.

— Olha só em volta, como o quarto ficou.

— Eu sonhei. Sonhei que fui até casa das velhas e não conseguia achar a entrada pro porão. Ele tava lá, me esperando, me chamando, e eu não conseguia, não achava!

Daniel começou a ficar agitado de novo, e Júlio não desejava por nada do mundo que a coisa recomeçasse.

— Calma, calma. Tá vendo? Foi bom você ficar aqui em casa. Essa hora já estaria chegando lá. Ele podia acabar de sugar o seu sangue e você ia ficar perdido pra sempre. Olha, o melhor é tentar dormir de novo. Amanhã a gente precisa fazer um monte de coisas e você precisa estar descansado.

Daniel tentou sair do quarto mais duas vezes.

†

De manhã cedo, antes de tomarem café, Júlio preparou outra injeção de glicose e aplicou na veia de Daniel. Estava com medo de errar a dosagem e criar mais problemas, mas não tinha outra idéia de como mantê-lo de pé para ir ao colégio. Na aula de educação física, o professor precisou admitir que a aparência de Daniel não recomendava muito movimento, e o deixou ficar sentado na arquibancada, fingindo olhar o jogo. Júlio corria com os outros, apenas para disfarçar. Por duas vezes quase abandonou o campo, com medo de que Daniel despencasse. Cesinha aproveitava todas as ocasiões em que o professor estava longe para ficar zombando de sua preocupação.

O resto das aulas correu quase normalmente. Os professores não exigiram muito e Daniel conseguiu aparentar um mínimo de atenção. Durante o recreio Célia reclamou com Júlio:

— Fiquei te esperando ontem a tarde inteira. O que houve?

— Ah, Célia, foi uma complicação. Tive um monte de coisa pra fazer em casa e o Daniel tava meio doente, fiquei dando uma força pra ele.

Célia parou por um momento, avaliando a aparência de Daniel.

— Tá igualzinho à Lucinha antes de morrer.

Júlio gargalhou alto, antes que Daniel dissesse qualquer coisa.

Num momento em que Célia se levantou para ir ao banheiro, Daniel apertou seu braço:

— Você não quer contar a ela o que a gente vai fazer?

— Tá louco! E se a gente não conseguir matar o sujeito? Olha, Daniel, ela não pode saber de nada. Na verdade só achei que a gente devia vir à aula hoje, em vez de começar a coisa logo de manhã, pra que ela não desconfiasse. Sei lá, Célia podia ligar pra minha mãe, dizendo que a gente não tinha vindo, e criar a maior confusão.

Na hora do almoço Daniel demonstrou que o tratamento estava fazendo efeito: comeu com apetite enorme. Júlio tinha preparado outra ampola de glicose, mas achou melhor não aplicar. Certamente o baço já havia jogado sua reserva de células na corrente sanguínea e a medula funcionava a plena carga. Um pouco da cor voltava ao rosto de Daniel, que já não parecia a meio caminho do museu de cera.

Às duas horas estavam entre as árvores, cada um com uma mochila de apetrechos, vigiando os movimentos das velhas. Elas costumavam sair à tarde, e os dois esperavam que naquela segunda-feira não fosse diferente.

Quinze para as três. Gudrun e Ilse, com os eternos xales de lã e as bolsas penduradas nos braços, fecharam a porta e desceram os degraus da varanda. Em poucos minutos haviam atravessado a ponte e desapareciam na rua de baixo.

— Dessa vez acho que não consigo dar aquela volta pelo telhado — disse Daniel timidamente.

— Dessa vez a gente vai entrar na marra.

Júlio quebrou o vidro de uma janela da cozinha, enfiou o braço e abriu o

trinco. Pulou para dentro e depois ajudou Daniel a entrar.

— Agora é com você: onde fica a entrada do porão?

Daniel olhou em volta, se concentrando:

— Não sei. Não consigo lembrar de jeito nenhum.

— Faz um esforço. A gente não pode ficar a tarde inteira revirando a casa. Até porque as duas podem voltar a qualquer momento. O serviço tem de ser rápido.

— Eu sei, sei disso! Só que estou tentando e não vem nada.

Júlio segurou-o pelos ombros, olhando fixo nos seus olhos:

— É a sua vida que tá em jogo, meu chapa. Essa noite deu pra segurar, mas não sei o que pode acontecer se a gente não resolver tudo hoje.

— Tá, tá legal. Eu vou conseguir lembrar. Vamos andar pela casa; tenho a impressão de que, quando chegar perto, vou sentir alguma coisa.

— Brincando de quente e frio? Bom, você é quem sabe.

†

Reviraram palmo a palmo o andar térreo.

— Será que a entrada não é pelo lado de fora? — perguntou Júlio, já desanimado.

— Não. Disso eu tenho certeza. É aqui dentro. E tem alguma coisa, tem um negócio qualquer que indica o ponto certo.

— Mas que negócio?

— Não sei, não sei! Na hora em que der de cara com ele vou lembrar. De qualquer maneira, aqui na sala tenho certeza de que não é.

— Então descobre logo. Já são quase quatro horas.

Daniel se virou e deu dois passos em direção à cozinha. Ao mesmo tempo ouviu barulho de chave na porta da frente. Júlio ficou paralisado, incapaz de se mover ou de raciocinar por alguns segundos.

A porta se escancarou e a figura rotunda de Gudrun apareceu, cobrindo totalmente Ilse, que vinha atrás. Houve um pequeno momento de perplexidade quando ela viu Júlio parado no meio da sala, mas logo se recuperou.

— Então estamos novamente com visita! Ou será que eu deveria dizer com um invasor?

Ilse forçou caminho entre as banhas da irmã e o batente, olhando curiosa. Daniel passou rápido para o corredor que dava na cozinha e ficou ouvindo, as

costas grudadas na parede, os braços agarrando a mochila, o corpo trêmulo. Júlio percebeu, com o canto dos olhos, que Daniel tinha se escondido. Ótimo. Talvez pudesse distrair as velhas por algum tempo enquanto ele, se fosse esperto, continuaria a busca.

— Na verdade eu queria conversar mais um pouco com as senhoras. Sobre o meu pai.

— É? — Gudrun sorriu, irônica. — E não poderia ter esperado do lado de fora? Não poderia ter vindo mais tarde?

— Ele teve o desplante de invadir nossa casa, Gudrun? — Ilse já estava dentro da sala e havia posto a bolsa sobre a lareira. Agora circulava ao redor de Júlio, como se quisesse bloquear alguma tentativa de fuga em direção à cozinha.

Júlio resolveu inventar qualquer bobagem. Pelo menos ganharia tempo para deixar Daniel livre. E esperava ardentemente que ele fizesse alguma coisa.

Daniel continuava grudado à parede de lambris. Escutava (não-escutava) o chamado. Ali, em algum lugar, embaixo da casa, esperando. Precisava ir. Júlio queria que ele descobrisse a passagem, ele queria descobrir a passagem. Quem o estava chamando queria que ele descobrisse a passagem.

Mas não fazia nada. Continuava imóvel, escutando.

— E o que você quer conversar sobre o seu pai? — Gudrun fechou a porta da rua e continuou de pé, como um enorme leão-de-chácara.

— Bom... as senhoras fizeram mesmo o serviço, salvaram a alma dele?

Ilse deu uma risadinha aguda. Gudrun interrompeu com uma careta. Depois voltou a encarar Júlio; parecia sentir pena:

— Será que a alma dele tinha salvação? Coitado, me pareceu um homem tão cheio de dúvidas, tão atormentado...

— Mas... as senhoras disseram que não conheciam...

— Brincadeira. — Ilse deu novamente a mesma risadinha. Júlio se virou e percebeu que ela mudava rapidamente a expressão do rosto para algo mais afável. — Nós tivemos tempo de conversar com ele, antes do serviço.

Júlio sentia a sala começando a rodar.

— Antes?... mas ele acordou? Ele chegou a falar alguma coisa antes da... da estaca?

Gudrun enfiava a mão na bolsa enorme. Parecia procurar alguma coisa entre os milhares de bagulhos que certamente estariam lá dentro.

— Que estaca, menino? Seu pai não precisou disso.

— A coisa foi mais imediata — completou Ilse. — Tivemos de desperdiçar uma boa quantidade de sangue. De qualquer modo — encolheu os ombros ao dizer —, essa cidade tem um estoque enorme e em excelente estado de armazenamento.

Júlio virava a cabeça de um lado para o outro, com medo de entender o que as duas diziam. Antes que ele conseguisse articular o pensamento, Gudrun achou o que procurava na bolsa. A mão gorducha apareceu com uma navalha enorme.

— Nós conversamos bastante com eles, não foi, Ilse? Seu pai foi muito simpático em nos dar carona para a estrada de Bom Jardim.

— Foi. E eles até facilitaram as coisas, ficaram os dois no banco da frente. Nós só precisamos esticar os braços e fazer o serviço assim que o carro parou. — Riu novamente. Júlio já começava a ficar enojado com o som.

Queria dizer alguma coisa, mas o raciocínio girava no mesmo lugar, incapaz de seguir qualquer caminho lógico.

— Mas antes disso — Gudrun retomou o assunto enquanto brincava de experimentar o fio da navalha — eles falaram muito entre si. Estavam crentes que nós não entendíamos o assunto, como se partilhassem algum código secreto. Bobinhos!

Júlio sentia o ódio se acumular em camadas acima do diafragma. Precisava fazer alguma coisa. Queria fazer alguma coisa! Qualquer vingança seria pequena para aquelas psicopatas. Virou-se para Ilse, imaginando se ela não seria mais fácil de dominar.

Como se percebesse o raciocínio, a velha enfiou a mão no seio e tirou uma sevilhana, um tipo de canivete ainda maior do que a navalha de Gudrun. O aço luzia no resto de claridade que entrava na sala.

†

Daniel decidiu que precisava fazer alguma coisa. As velhas certamente tinham bons motivos para falar tudo às claras: jamais permitiriam que Júlio saísse vivo da casa.

Descolou-se cuidadosamente da parede e deslizou até a ponta do corredor. Com cuidado extremo esticou a cabeça, até conseguir olhar.

Ilse e Júlio estavam de costas. Na mão da velha faiscava a faca dobrável, sonho dourado de qualquer açougueiro. Lá na frente estava Gudrun, quase encostada à porta. Segurava uma navalha. E sorria. Sorria para ele, direto, através de Júlio e de Ilse. Um sorriso cúmplice, simpático.

Daniel sentiu o corpo inteiro gelar e voltou para o meio do corredor, as costas novamente grudadas à parede. Não havia a menor sombra de dúvida: Gudrun

sabia que ele estava ali, decerto soubera o tempo todo, e naquele sorriso havia mil implicações. Havia um agradecimento, um enorme agradecimento por... por ele ter trazido Júlio. Direto ao covil! Era isso mesmo, agora lembrava. Era isso que ele deveria fazer, era a sua parte no acordo: trazer Júlio!

O ódio contra si mesmo o invadiu por todos os poros. Não só havia compactuado com tudo; tinha feito o trabalho mais sujo, a parte do Judas.

Júlio notou a mudança no olhar de Gudrun. Pensou que fosse dirigido a Ilse. Tentava descobrir alguma saída. Qualquer uma. Afinal, eram apenas duas velhas.

Finalmente Gudrun resolveu se afastar da porta. Apontou a navalha na direção dele e ordenou:

— Sente-se. Ali, na poltrona.

Júlio virou-se novamente para Ilse, antes de obedecer. Pelo menos por enquanto não havia opção. Restava esperar que Daniel tivesse idéia e forças para tomar alguma atitude.

— O que as senhoras vão fazer comigo?

Ilse riu novamente enquanto se sentava no banco do piano. Antes de falar, tocou um glissando descendente até a nota mais grave do teclado, um som premonitório.

— Por enquanto, nada. Vamos esperar a noite. Temos uma pessoa que está muito interessada em conhecer você.

— Uma pessoa que gosta de jovens assim, vibrantes, corajosos...

— ...e cheios de sangue novo nas veias — completou Gudrun, e as duas trocaram olhares bem-humorados.

Daniel não suportava mais continuar imóvel. Pôs a cabeça outra vez na quina do corredor. Agora as duas estavam de costas, e Júlio disfarçou perfeitamente o momento em que o viu. Estava na hora. Enfiou a mão na mochila em busca de...

A marca! Estava ali: a marca retangular, mais clara, parecida com uma porta pequena. A entrada do porão! Como é que não tinha visto, como é que havia cruzado dezenas de vezes o corredor sem notar? Como é que, durante todo aquele tempo, a mancha — bem à sua frente — havia passado despercebida? Notava os detalhes. Tudo: os dois cortes no rodapé, a diferença mínima, porém nítida, na cor da madeira, o pequeno desgaste entre as lâminas de lambri que deslizavam para cima. A entrada: chamando, chamando.

Ajoelhou-se, em dúvida sobre se aquilo estava mesmo acontecendo ou se voltava a ter um dos sonhos que seriam esquecidos na manhã seguinte. Puxou

habilmente o pedaço de rodapé. As duas alças de metal surgiram, um segundo antes de fazerem explodir a sensação de *déjà vu*: sonho e realidade se mesclando, confundindo-se, fazendo com que a situação de Júlio na sala deixasse de ter importância: daqui a pouco estaria acordando em casa, quase na hora de ir para o colégio. Isso. Júlio era apenas parte do sonho — importante mesmo era abrir aquela passagem e ver o que o chamava lá embaixo.

Júlio viu o olhar de Daniel e ficou esperando. Na certa ele iria à cozinha buscar alguma coisa, faca, machado, para desencadear o ataque. Mas estava demorando. O tempo passava. Já seriam mais de quatro e meia. E ali, no meio daquele vale dentro de outro vale, a noite chegava cedo.

†

A escada descia íngreme, confirmando a lembrança que surgia sempre um pouco depois do olhar. Estava bastante escuro, mas Daniel enxergava. Via com olhos estranhos, imateriais, olhos — oníricos? A atmosfera tremulava na frente do seu rosto, criando farrapos de ilusões: cortinas de renda amarelada, véus, poços de água escura, prismas ondulantes. Contou os degraus: um, dois, três... quinze. A porta azul descascada. Empurrou-a e ouviu, por segundos fugidios, trechos de música barroca. Dois compassos de flauta, uma *viola d'amore*, um rendilhado de cravo.

E depois o silêncio. Absoluto. Infinito.

O corredor para a direita, a primeira porta, o quarto de terra batida, vazio.

Mais corredor. A virada para a esquerda.

A porta espelhada, inteira. Nenhum susto: *déjà vu*.

O quarto grande: cortinas de veludo vermelho cobrindo todas as paredes, a enorme escrivaninha de tampo corrediço, a cadeira de espaldar alto, as estantes envidraçadas, cheias de livros com capas de couro, o dossel no centro.

Cortinados de renda amarelada, descendo das grossas traves do teto baixo. Nenhuma poeira. O chão de terra varrido até parecer cimentado.

Estava ali, Daniel lembrava, Daniel queria

mais.

Os olhos acostumados à escuridão, enxergando daquele modo novo que havia aprendido nos sonhos, buscavam mais detalhes, embebendo-se em detalhes, confirmando: o arremate dourado no topo do dossel, a caneta Parker 51 sobre o bloco de papel de cartas, o remendo disfarçado numa das dobras do veludo.

Deu alguns passos para dentro do aposento, buscando, sabendo o que buscava. Afastou as cortinas de renda. Camadas sobre camadas, envolvendo

a não-cama, a anticama,

o buraco cavado na terra fria.

O refúgio, o núcleo da intimidade que ele era um dos únicos a conhecer. Ali estava — *déjà vu* — conhecido demais, o leito, o simples buraco retangular, pouco mais de meio metro de profundidade. Nada de caixão, nada de nada. Terra. Terra pura, domínio dos vermes que jamais atacariam a carne branca, fria.

A carne agora jovem, finalmente. Plena, músculos recolocados nos devidos lugares, nervos, ligamentos, pele, pêlos.

Daniel deixou que as cortinas se fechassem atrás. Pronto. Estava ali. E ainda era dia.

Júlio continuava a esperar. Agora percebia que alguma coisa estava errada. Daniel teria tido tempo de ir dez vezes à cozinha e se armar com o arsenal de facas penduradas na parede. Por que não vinha?

Gudrun pareceu notar sua preocupação:

— Pensando em seu amigo?

Ele se virou rapidamente, olhando-a.

— O que é que tem?

As duas velhas riram mais uma vez, fazendo um dueto desagradável. Ilse falou, com ar apaixonado:

— Ele está seguindo o caminho previsto. Um caminho muito especial. Talvez, se merecer, você possa ter a mesma sorte.

— Que sorte? Morrer com uma das suas estacas enfiadas no peito?

Ilse suspirou, romântica:

— Quem sabe? Talvez para seu amigo exista outra opção. Que não sei se será possível para você.

O garoto deitado no chão de terra abriu lentamente os olhos. Daniel sentiu um gelo de repulsa e fascínio percorrer o corpo inteiro. Queria sair correndo, queria se juntar a ele, deitar para sempre na terra fria.

Ainda não era noite. Ainda poderia cumprir o que viera fazer.

Ainda

(queria?)

podia mais do que a criatura indefesa.

Sentou-se no chão, com os pés dentro do buraco, e pousou ao lado a mochila, perto da borda. Ele — Henrik — permanecia de olhos abertos, fixos nos seus, sedentos, sorridentes.

— Veio cedo.

A voz era fraca, sonolenta, grave e rouca. O sotaque era levemente arrastado. Daniel não quis (queria?) responder.

Ele voltou a falar:

— É bom. Estou ganhando forças. Já consigo acordar mais cedo. Em breve poderei andar de dia, também.

De dia? Então...

— A luz do sol é debilitante, mas gosto do dia. Mesmo que seja só por alguns minutos.

Daniel engoliu em seco, cheio de pensamentos.

O (agora) jovem experimentou mover a mão. Dedos longos, Daniel lembrou e riu do primeiro sonho. Esse de hoje era mais complexo, mais completo. Talvez por estar sendo sonhado agora. A voz rouca prosseguiu:

— Gosto de me lembrar de antes, quando ficava o dia inteiro acordado, quando dormia à noite. Era bom. Era diferente. Os sentidos eram diferentes. Você...

Daniel não conseguia tirar os olhos dos olhos, mas percebia, ao mesmo tempo, os braços que já se moviam com mais liberdade, as pernas que experimentavam

articulações.

— ...você me lembra aquele tempo. As meninas, não. As meninas me lembram grandes amores, grandes paixões. Que aconteceram depois de... Você me lembra um tempo mais antigo: andava a cavalo, corria, o vento era bom. O sol espalhava um calor, na pele, que agora é apenas memória.

Daniel sentiu a mão gelada, gelada demais, no tornozelo.

— O calor que sinto na sua pele: um calor que não vem apenas do sol. Vem de correr no mato, de subir em árvores, de mastigar frutas que jamais conheci na Europa. O calor que eu sentia, de estar crescendo, de querer e não querer virar adulto, de caça à raposa e duelos de esgrima — duelos de brincadeira com amigos da mesma idade. O calor de ter um amigo e contar coisas loucas, e ouvir histórias impossíveis, e mergulhar em lagos, e pescar e comer peixe mal preparado, no meio de risos, de risos, de risos!

Daniel tremeu de medo com a veemência — quase ódio — dessas palavras, com a saudade e o ódio misturados.

Agora todo o corpo estendido no buraco era capaz de movimento. A pele de marfim tremulava num ponto e noutro, e ele buscava uma posição sentada, e a mão apertava o tornozelo. E as palavras continuavam, hipnotizantes, junto com os olhos fixos, negros.

— Você veio. Você está me dando a capacidade de andar e de enfrentar o dia, de desejar o sol.

Ele agora estava ajoelhado, as mãos abandonaram o tornozelo de Daniel e buscaram seus ombros. Firmes, comandantes.

— Hoje nós completamos o ciclo. Você vai continuar. Vai me ajudar melhor a descobrir o dia, a recordar o dia. O gosto de termos a mesma idade, de compartilharmos os mesmos sonhos. Hoje terei um amigo da minha idade. Hoje você terá um novo amigo. Velho, muito velho: um velho amigo.

Empurrou Daniel lentamente até que ele ficasse sentado na borda mais estreita do buraco: na “cabeceira”. Lento, tentando esconder a fome, a sede, uma saudade de dois séculos, abaixou-se e tirou seu tênis esquerdo. E a meia. Estava esfomeado, tanto que parecia não suportar um segundo de espera.

Júlio virou o rosto para a janela. A tarde havia enchido de sombras todo o espaço ao redor. E Daniel? O que estaria acontecendo? As duas velhas conversavam entre si em alguma língua nórdica e cheia de erres quebrados. De vez em quando Ilse soltava sua risadinha desagradável e Gudrun olhava para ele, sem largar a navalha.

A cabeça do garoto estava sobre o pé de Daniel, os lábios sugando. O corpo inteiro imóvel, as costas lisas sem nenhum vestígio de respiração.

Daniel se lembrou de tê-lo visto muito velho, velho, no Gentil, imóvel do mesmo jeito, beijando o pulso da garota. Beijando?

Era bom.

Era ruim, debilitante. A face gelada parecia absorver o calor do tornozelo com a mesma velocidade que a boca sorvia o sangue. Daniel ficou imóvel, completamente tomado por sensações, lembranças antigas demais para serem suas, visões distorcidas de horizontes nebulosos.

Alguma coisa passou pela sua cabeça: Júlio lá em cima e as duas velhas prontas para uma carnificina.

Bobagem. Agora tinha um novo amigo, um amigo mais que de infância, um amigo do início dos tempos. Um amigo muito mais íntimo, capaz de coisas que nunca haviam passado pela cabeça dele ou de Júlio. Um amigo que abria possibilidades espantosas que Daniel, de alguma forma escondida, talvez sempre tivesse desejado: caminhos novos, a ausência total de idéias preconcebidas, a permissão do estranho, poder ficar fora de qualquer estrutura de poder, ir às últimas fronteiras do proibido.

E Júlio estava lá em cima, esperando por ele, contando com ele, absolutamente diferente dele — agora podia admitir —, por mais que parecessem iguais. Júlio que havia optado por seguir trilhas conhecidas, passadas e repassadas por tradições familiares de sociedades quase imóveis. Júlio que desejava coisas... estáveis.

Sentia-se mais fraco, visivelmente. E tinha certeza, ainda, de que aquele era o último momento de decisão. A partir dali tudo seguiria um processo reto, sem volta.

Fechou os olhos com força, tentando controlar a mistura doida de medo e prazer, memórias e indecisões. Tateou e descobriu a mochila, ao lado.

Parou outra vez, todos os sentidos concentrados no tornozelo, acumulados na espera de alguma coisa que não chegava nunca.

A mão buscou dentro da mochila até encontrar o que (ainda não sabia) procurava. Recolheu o braço e viu, presa entre os dedos, no meio da escuridão que não escondia nada, a estaca.

Hipnotizante, objeto mágico, apenas a forma lisa e totalmente simples, desprovida de significados. Segurou-a com as duas mãos, a ponta para baixo.

Os lábios no seu tornozelo começaram a fazer pequenos movimentos quase satisfeitos (*déjà vu*). Daniel sabia como a coisa acabava. Estava acabando. Fraco, esgotado, todas as energias exauridas até o desmaio. Era agora...

Ergueu a estaca o mais alto que pôde. As costas lisas do jovem continuavam imóveis, daquela maneira louca que o deixava sempre (*déjà vu*) surpreso com o contraste entre seus pensamentos esfogueados e a imobilidade do outro. Era agora.

Ou nunca.

Desceu a estaca com toda a força que pôde concentrar. Não importava onde: se acertaria o coração, se ficaria presa entre duas costelas. Agora, fundo.

Estava quase desmaiando.

A estaca penetrou como se a carne fosse gelatina, como se estivesse

podre.

O sangue jorrou para o alto,

(Daniel perdia os sentidos)

espirrou longe manchando as cortinas de renda, o dossel espumante

(Daniel perdia os sentidos)

Henrik levantou a cabeça, olhos arregalados, uma pergunta muda e atônita por alguns segundos. Ajoelhou-se olhando nos olhos de Daniel

e soltou um berro lancinante, horrendo, que penetrou cada viga, cada tábu, cada telha de ardósia, cada quarto vazio

e terminou brusco, com um gorgolejo. O sangue brotou da boca aberta. O sangue de Daniel, diluído, e o sangue concentrado do vampiro, marrom, grosso.

E jorrou abundante no colo de Daniel, no peito subitamente acordado.

E Daniel gritou,

gritou,

gritou.

Ao primeiro grito as velhas se levantaram, assustadas. Júlio sentiu o som de pavor e surpresa entrar pela sola dos pés e atravessar o corpo carregando uma pedra de gelo, até penetrar finalmente nos ouvidos como uma ponta de ferro em brasa. Logo em seguida veio o outro grito, esse familiar, a voz conhecida: Daniel.

Levantou-se também. Gudrun e Ilse pareciam momentaneamente esquecidas dele, os rostos de vovós de histórias infantis distorcidos pelo susto e a surpresa. Ilse largou o canivete enorme e se virou em direção à cozinha. Gudrun foi atrás. Júlio ficou indeciso por alguns segundos até escutar novamente a voz de Daniel: ele continuava gritando, gritando, com intervalos curtos para respirar.

Gudrun e Ilse já haviam desaparecido na direção da cozinha. Júlio afastou qualquer indecisão e correu.

Parou no corredor. Ali estava, escancarada, a entrada do porão. Da passagem escura vinham os gritos de Daniel, mais altos, e os gemidos de Ilse, longos e agudos.

No fundo da escada uma luz tremulou antes de desaparecer. Júlio desceu depressa e encontrou uma porta aberta. Passou por ela e viu longe, no fundo do corredor, o vulto rotundo de Gudrun se afastar segurando um lampião. Foi atrás.

No final, o corredor virava à esquerda. Uma porta espelhada, aberta. Um aposento vermelho — forrado de pano vermelho.

E Gudrun, imóvel, segurando o lampião.

E Ilse abrindo um cortinado de renda, três dedos enfiados na boca, a boca escancarada, a boca cheia de um grito-uivo, cabelos desfeitos, o rosto de velhota simpática transformado em máscara de bruxa pelas sombras ríspidas do lampião.

E Daniel sentado com as pernas dentro de um buraco, a boca aberta com um grito que já havia desaparecido — transformado em gemidos curtos; e sangue, sangue escorrendo dos cortinados, espalhado no peito, na cara de Daniel, nas costas lisas do outro garoto

(de onde a estaca sobressaía, brutal),

o garoto no colo de Daniel, abraçado

no abraço de Daniel.

Ilse parou de gemer por um momento. Sua voz triste de velha ocupou por alguns segundos o vazio:

— Ele estava tão jovem...

— Ele conseguiu o que queria — Gudrun foi para perto da irmã, num gesto

consolador. — Morreu jovem, no auge. Em plena posse dos sentidos.

— É... mas eu não queria isso! Eu... eu queria ainda uma valsa. Ele dançava tão bem, ele prometeu uma festa, para quando estivesse de novo... assim.

Júlio foi andando devagar. Nada parecia real: o sangue, a quantidade absurda de sangue espalhado, a luz tremulante do lampião, as duas velhas falando daquele jeito, o aposento insólito — vermelho dos veludos, branco das cortinas de renda, vermelho do sangue, Daniel acalentando um cadáver pálido.

Daniel tinha os olhos fixos, enquanto ele se aproximava. Parecia não estar vendo, ou reconhecendo. Apenas olhava, perdido, abandonado.

Precisava tirá-lo dali, pensou Júlio num rompante. Precisavam ir embora. Daniel havia cumprido a missão, o vampiro estava morto, o pesadelo, acabado.

Gudrun falava novamente, pondo a mão no ombro de Ilse:

— Foi melhor. Agora estamos liberadas. Podemos ir embora, podemos ver nossa terra, afinal...

Sem pausa alguma começou a falar em sua língua, naquele som brusco de erres partidos.

Júlio entrou na área dos cortinados. Segurou Daniel pelos ombros:

— Vamos embora. Acabou.

Daniel levantou os olhos, como se tentasse desesperadamente entender as palavras. Ilse deu seu risinho de hiena:

— Acabou? Para você, sua peste, não está nem começando.

Júlio levantou os olhos interrogativos.

Gudrun voltou a falar com a irmã, puxando-a para longe:

— Deixe, Ilse, deixe que ele descubra sozinho. Vai ter muito tempo, como nós tivemos. Para nós, sim, acabou. Quero descansar.

Ilse soltou o cortinado e Júlio foi envolvido em renda e musselina. A luz do lampião se deslocou um pouco e se estabilizou ao nível do solo.

Júlio voltou a olhar para Daniel, que começava a tremer — os braços pareciam sacudir-se com mal de Parkinson. Os tremores aumentaram e ele não conseguiu mais segurar o cadáver.

O corpo jovem escorregou e tombou de costas no fundo do buraco. Júlio viu, com o estômago revirado, a ponta da estaca brotar no peito, dilacerando tecidos moles. Daniel parecia à beira de um colapso total, sacudindo-se inteiro, os olhos esbugalhados, a respiração entrando e saindo acelerada pela boca aberta. Júlio o agarrou por trás e tentou levantá-lo. Imediatamente veio a lembrança de quando fora arrancado de dentro do túmulo de Lucinha. A situação inversa deu-lhe forças extras. Puxou de uma vez, até que os pés de Daniel estivessem pousados fora do buraco.

Soltou o peso levemente e Daniel começou a despencar.

— Ei, rapaz — sussurrou —, tenta ficar firme.

Daniel estava revirando os olhos, deixando o branco ocupar quase totalmente o espaço entre as pálpebras. Júlio procurou um modo melhor de segurá-lo, mas a quantidade enorme de sangue fazia com que ele escorregasse. Depois de algumas tentativas conseguiu colocá-lo sobre o ombro direito e atravessou o cortinado, deixando para trás o vampiro que começava a exalar um cheiro fortíssimo de poeira velha e carne podre. O lampião estava pousado no chão de terra, como um último gesto gentil (penalizado?) de Gudrun. Júlio se abaixou cuidadosamente, temendo que Daniel escorregasse de seu ombro, e o pegou. Passou pelo corredor e subiu a escada íngreme. A sala estava vazia, a casa absolutamente silenciosa. Júlio deixou que Daniel caísse sobre um sofá e tentou pensar milhares de coisas ao mesmo tempo. Daniel parecia desmaiado.

Encostou o ouvido no peito dele. O coração batia frenético.

Olhou em volta e achou sua mochila. Ficou com medo de estar precipitando as coisas, mas não via outra saída. Enquanto procurava o pequeno estojo de metal, encontrou uma das estacas que tinha trazido. Tirou-a e ficou olhando por um momento. Não. Havia prometido a Daniel: faria tudo para salvá-lo. Pelo visto as lendas não estavam com nada, e a morte do vampiro não bastava para reverter o processo. Ou talvez fosse por causa do estágio avançado em que Daniel estava. Revirou novamente a mochila e encontrou o estojo de primeiros socorros.

As mãos tremiam um pouco quando encheu a seringa com glicose. Limpou precariamente o braço de Daniel, amarrou o garrote e se preparou para espetar a agulha.

Foi preciso sentar sobre o antebraço, para que ele parasse de se sacudir. Segundos depois de iniciada a aplicação, Daniel entreabriu os olhos.

Havia menos líquido correndo em suas veias e a pressão arterial estava visivelmente baixa. O ideal seria uma transfusão, pensava Júlio, desolado. Ou, no mínimo, uma grande quantidade de soro. Mas não acreditava que conseguisse carregar Daniel a tempo, daquele jeito, até um hospital. Controlou-se para continuar a injetar a glicose aos poucos, até esvaziar a seringa.

Agora Daniel tinha os olhos na posição normal, mas ainda não parecia consciente. Começou a abrir a boca, a passar a língua pelos lábios.

Sede, claro, pensou Júlio. Por um segundo ficou em dúvida se deveria deixá-lo sozinho ali na sala, mas a casa continuava silenciosa. Foi até a cozinha e encheu um copo com água. Abriu nervosamente alguns armários até encontrar uma lata com açúcar. Pôs três colheres de açúcar no copo.

Daniel entornou boa parte da água, mas conseguiu beber. Júlio voltou correndo à cozinha e encheu mais um copo, despejando novamente uma porção generosa de açúcar.

Aos poucos Daniel parecia estar pondo a realidade em foco. Júlio decidiu que era hora de agir.

— Você acha que consegue ficar de pé? Vamos ter de chegar pelo menos até a rua de baixo. Lá a gente arranja um táxi pro hospital.

Daniel arregalou os olhos em pânico. A voz saía fraca e nervosa:

— Não, não quero! Hospital, não. Eles não vão saber...

— Mas é preciso! Você precisa de uma transfusão, de um tratamento decente.

— Não! Eles vão fazer autópsia, que nem seu pai fez nas garotas.

— Calma, calma, eu vou estar junto.

Agora Daniel se balançava para os lados, tentando se livrar das mãos de Júlio.

— Não quero! Você disse, você prometeu que ia ajudar. Preciso ficar escondido, preciso ficar sozinho. Tá acontecendo, vai acontecer!

— Tá, tá, eu prometi: prometi um tratamento. E é isso que estou querendo. O melhor lugar é o hospital.

— Não, não é. Não dá tempo, eu sei que tá na hora. Eles vão achar que eu morri, e aí não vai ter mais jeito, nem se você me ajudar. Não pode!

Júlio parou por alguns momentos, pensando. Daniel estava realmente muito fraco. Caso morresse... caso entrasse naquele estado intermediário... será que existiria esperança?

Sempre restava a hipótese da estaca.

— Tá bom. Não vou te levar pro hospital. Mas acho que a gente não deve ficar aqui. Não sei o que essas velhas podem estar fazendo. Vamos ter de encontrar um lugar melhor.

— Isso. — Daniel deu um sorriso de alívio. — Vamos. Acho que consigo andar.

— É, mas se a gente sair nesse estado, os dois sujos de sangue até a alma, vamos parar é na polícia. Vem, vê se consegue ir até a cozinha.

Lavaram-se precariamente na pia da cozinha. De vez em quando Júlio procurava as velhas com o olhar. Nada, nenhum barulho, nenhum sinal.

Já eram cerca de oito horas quando decidiram sair. Precisaram andar por ruas secundárias, mais escuras, e gastaram um tempo enorme porque Daniel tinha de parar a curtos intervalos, tonto, com dificuldade para ficar de pé e até para enxergar.

Não foi fácil pular a grade da casa de dona Marina. Por duas vezes Daniel escorregou e quase foi atravessado pelas lanças de ferro. O jardim antigo, agora transformado num matagal onde as trilhas quase haviam desaparecido, estava totalmente escuro. As plantas se cruzavam sobre a cabeça dos dois, escondendo a lua. Daniel se deixou cair no chão, exausto.

— Não dá mais, Júlio, me deixe ficar aqui.

— Não seja bobo! A estufa é logo ali na frente. É só um pouquinho.

— Não consigo...

— Eu carrego você. Isso, vira um pouco, pra eu poder colocar a mão debaixo do seu braço.

Júlio empurrou com o ombro a porta da estufa e entrou carregando Daniel completamente inerte.

Um pouco de luar atravessava com grande dificuldade os vidros embaçados. Potes, vasos de barro, galhos secos, uma grande confusão desolada se espalhava pelo enorme sepulcro de vidro. Algum dia aquilo fora uma estufa de orquídeas, hoje era apenas sujeira e abandono. Júlio procurou um lugar mais livre e pousou Daniel com cuidado.

Agora ele respirava debilmente. Júlio encostou o ouvido e percebeu o coração batendo em espasmos, falhando.

— Daniel! Ei, Daniel. Vê se fica acordado!

Os olhos começaram novamente a se revirar, procurando alguma coisa remota, lá atrás, bem atrás das pálpebras superiores, dentro do cérebro.

— Daniel! Acorda!

Júlio deu dois tapas de leve no rosto de Daniel, sem nenhum resultado.

Agora a respiração era quase um fio, curta e com longos intervalos.

— Ei, acorda, cara, não faz isso! O que é que eu vou dizer na sua casa, o que é que eu vou contar...

De repente Daniel inspirou profundamente, até encher por completo os pulmões. Os olhos se abriram e as íris voltaram ao lugar. As mãos se ergueram e encontraram as de Júlio, decididas, e apertaram com força.

A respiração saiu num jato:

— Não deixa

E não houve outra inspiração. As mãos se crisparam num último estímulo involuntário que fizeram as de Júlio doer, quase esmagadas.

Depois relaxaram.

Os olhos continuaram abertos encarando a vaga claridade lunar.

SEGUNDA PARTE

capítulo 10

A

sede, a fome, a fome-sede atravessa as barreiras negras do sono. Um barulho forte de milhares de estalos vem de todos os lados, plecplactecplectoctecplacpicpletoc, muito, milhares de vezes repetidas e ampliadas, um cheiro. De terra molhada, de raízes lentamente apodrecendo sob o trabalho incessante das bactérias. O frio que não incomoda, apenas diz que está ali, que estará para sempre, o rugido surdo dos fluidos do corpo sendo postos novamente em movimento. Lentos, a princípio, depois com uma fúria ansiosa que joga milhões de agulhas às pontas dos membros.

Vontade de ação. Os braços procuram espaços e esbarram em arestas. Ainda escuro, ainda muito escuro para os olhos que experimentam abrir pouco a pouco uma pequena brecha. Sair. Instintivamente arrastar-se na direção dos pés, sentindo ali a abertura, o ar mais tênue, uma leve claridade que não chega a definir formas.

Até estar completamente fora do abrigo sob a mesa tombada e as tábuas empilhadas ao acaso. Agora vê um lago embaçado em movimento constante. A água se espalha continuamente do centro para as bordas, impedindo o reflexo do próprio rosto, que ele gostaria de ver. Sente que o menor gesto fará com que despenque de cara naquela profundidade cinzenta e cambiante. Espera um pouco, imóvel. O barulho aumenta e vira trezentas metralhadoras, a água corre mais rápido. Do centro para as bordas, do centro para as bordas. E, sem que ele faça nenhum movimento, o foco de percepção vira ao contrário, o lago vira teto de vidro lavado, a metralhadora da chuva imiscuindo-se entre os vidros, pelos

vidros quebrados, pelas frestas, recebida com avidez pelos vasos cheios de terra seca, espreitada pelos esporos dos fungos que esperam qualquer umidade, sequiosos e implacáveis.

Alguma coisa aconteceu com ele. Algo muito grande e devastador. Gostaria de saber o quê. Gostaria de descobrir. Depois. Assim que matar a sede, a fome, a fome-sede que tem um nome certo, um cheiro certo, um gosto certo que ele pressente antes mesmo de definir. Experimenta movimentos mais complexos: dedos, mãos, pernas, pescoço. Senta-se. Há uma percepção clara de tempo, de limite de tempo, do combustível que resta no corpo e que permitirá uma certa quantidade de movimentos, uma certa quantidade de decisões e raciocínios: não mais do que isso. Um combustível suficiente apenas para que consiga mais combustível. E depois, sim, poderá entender melhor o que acontece.

Gasta uma quantidade infinitesimal desse combustível num pensamento que passa rápido: deveria esperar, alguém viria. Alguma ajuda. O controle instintivo alerta para o gasto: supérfluo. Concentrar a energia. Experimenta as pernas. Parecem bastante fortes. Levanta-se. Experimenta o pescoço, gira para os lados, para cima, para baixo. Ali, uma porta. Os passos são reaprendidos, calculados, cada um representa um gasto específico: em algum ponto do cérebro a conta é feita e o nível de energia desce uma marca aparentemente insignificante. A mão estendida puxa a maçaneta: outro gasto. O corpo passa pela porta e a chuva torrencial faz com que as roupas se grudem imediatamente. Atravessar os caminhos tortuosos daquele jardim esquecido. Pular a grade. A rua, andar pela rua, buscar a fonte, matar a sede, a fome, a fome-sede.

†

Júlio estava ansioso. A tarde havia acabado antes do previsto, céu envolto em nuvens negras espetadas por milhares de raios. Pouco depois das cinco horas a chuva despencou, disposta a transformar o vale de Morro Queimado num lago enorme. O dia fora uma complicação, com as buscas, as histórias inventadas, a confusão toda. E por pouco não conseguia sair de casa.

Tentou pular a grade do muro ainda se protegendo com o guarda-chuva. Impossível. Como se não bastasse o nervosismo e o pânico pelo que encontraria! E se Daniel não o reconhecesse ao acordar? Trouxera alho e água benta sem saber exatamente por quê: agora não tinha a menor idéia do que poderia ser

eficaz contra vampiros. Ainda mais contra um vampiro recente, que talvez não desse muita importância às regras. Fechou o guarda-chuva e o jogou através da grade. O dilúvio frio acabou de ensopá-lo por completo. Pulou a grade, pegou o guarda-chuva e seguiu com ele fechado, deixando a água escorrer copiosamente pelo corpo.

Dentro da estufa o barulho era infernal, amplificado milhares de vezes pelo espaço vazio. Júlio tirou uma lanterna do bolso e girou o facho em todas as direções. Foi até o pequeno abrigo que havia montado com uma mesa tombada e algumas tábuas, esperando que a luz do dia não tivesse sido suficiente para atravessá-las. Começou a tirar as tábuas de cima.

Nem adiantava terminar. Daniel não estava mais ali. Por que havia demorado tanto? Deveria ter vindo antes, independentemente de qualquer coisa! Voltou para o centro da estufa e girou outra vez o facho da lanterna. Tudo que podia ver no círculo móvel de luz eram os vasos estéreis e os pingos das goteiras incontáveis. Circulou um pouco, movido por um resto qualquer de esperança, e acabou desistindo. Sentou-se num banco meio despedaçado e tremeu involuntariamente. A umidade parecia atravessar os tecidos da roupa e do corpo e se alojar em um nódulo central, absoluto. Tirou o casaco, a calça, e estendeu num lugar mais livre de goteiras. Os pés pareciam continuar dentro de duas poças geladas. Tirou os sapatos e as meias e começou a dar pequenos pulos, tentando se aquecer.

De manhã acordara cansado depois de poucas horas de sono, a sequência das imagens do dia anterior martelando e martelando a quantidade de sensações, de pensamentos atravancados: a casa das velhas, o vampiro, Daniel... Daniel morto mesmo depois de o vampiro ter sido eliminado — outro ponto onde as lendas não ajudavam. Na verdade as lendas mais pareciam atrapalhar do que ajudar. Tinha ido à escola numa tentativa confusa de manter as aparências, e não conseguiu ouvir nada, prestar atenção em nada, Célia fazendo perguntas que não podiam ser respondidas, a ausência de Daniel na carteira ao lado, depois de tantos anos, o barulho dos colegas, as vozes monótonas dos professores...

E depois seu Antônio perguntando mais coisas, e ele dizendo que não via Daniel desde o dia anterior, e seu Antônio dizendo que Daniel havia pedido pra dormir em sua casa, e ele dizendo novamente que não, que só na outra noite, e seu Antônio insistindo irritado, e dona Carmem quase discutindo com seu Antônio, e depois o delegado, mais uma vez o delegado com aquele eterno jeito de quem desconfia, com aquele olhar fixo que parece revirar as consciências, e as notícias no rádio: rapaz desaparecido, vestia roupa assim assado, quem encontrar, por favor, avise à família; e as histórias de vampiro recrudescendo pela cidade: agora não eram apenas as meninas, e os crucifixos e as réstias de

alho nas portas, e a chuva desabando nas ruas completamente vazias e apavoradas.

†

O frio está ali, mas não incomoda. O frio agora é parte dele, apenas uma constatação a mais, como a água que escorre pelo corpo, o toque gelado das roupas, a escuridão que é mais sabida do que vista, percebida não pelos olhos. Como todas as outras sensações, entra por vias desconhecidas e é processada constantemente numa série de cálculos de energia necessária, energia despendida, energia disponível.

Energia disponível cada vez menor. O cálculo é um pouco mais frenético: levanta probabilidades. Com as ruas tão vazias terá de andar mais, procurar mais. Sente por trás de portas e janelas fechadas as fontes pulsantes, o alimento, o combustível, mas não pode, não pode entrar, sabe que não pode, não sabe por quê. Senta-se momentaneamente num degrau, as costas apoiadas numa porta, sentindo. Ali dentro estão quatro... cinco fontes. As pulsações são nítidas, cada uma com um ritmo perfeitamente diferenciado. Movimentam-se, quentes e fluidas.

Levanta-se e anda mais um pouco. Dobra esquinas. As luzes dos postes criam longas faixas de reflexo nas calçadas encharcadas, os milhões de gotas se transformam em alfinetes prateados ao passar pelos círculos de luz. Vira outra esquina e entra na avenida principal. Vazia. Longe, no outro extremo, um carro desaparece carregando mais alfinetes luminosos diante dos faróis. Anda mais. Os cálculos continuam: o nível de energia cai consideravelmente, a fome-sede ruge incontrolável. Não tem tempo, não pode andar muito mais sem gastar acima do limite. Precisa calcular o caminho de volta, o combustível mínimo para retornar à estufa e... alguém vai estar lá. Esperando por ele, disposto a ajudar. Alguém: uma fonte, pulsando em calor.

O corpo chega a fazer um giro completo mas pára. Talvez a fonte não estivesse lá. Ele voltaria à toa, com a energia despendida em vão. Olha de novo a avenida principal: é o melhor lugar. Dá alguns passos e pára na entrada de um prédio. Há uma cruz de madeira preta pendurada na porta de vidro. Ri. Arranca a cruz e fica por longo tempo examinando-a nas mãos estranhamente brancas, depois joga para o alto, numa tentativa boba de quebrar a luz de um poste. É,

pelo menos sua pontaria ainda não mudou: péssima. E a cruz não serve para nada. Mas não pode entrar no prédio, não sem um convite expresso. Por quê?

Calcula que poderia andar mais um quilômetro antes de eliminar a possibilidade da volta. Segue em direção ao início da avenida.

Um carro passa a toda velocidade e ele percebe duas fontes dentro. Rápido demais, não pode fazer nada.

Continua andando. Mais adiante a marquise do Cine São Francisco avança sobre toda a largura da calçada. O cinema fica no fundo da galeria e parece estar fechado. Certamente não teve público. Há um cavalete com o cartaz do filme e, por trás do cavalete, a pulsação inconfundível de uma fonte. Ali, do lado de fora, disponível.

Sente um jato de saliva gelada surgindo na base da língua, antecipando. Corre a língua pelos dentes. Os caninos superiores se destacam, agudos, muito além do tamanho normal. A fome-sede fica quase insuportável, contida apenas pela certeza de que agora está perto de ser saciada.

Atrás do cavalete com o cartaz vê a bola humana envolta em trapos, dormindo. Cheiro de álcool velho misturado ao de combustível. Obviamente não é o ideal, mas não tem escolha.

Olha em volta, a avenida escura pontilhada pelas luzes dos postes. Ali na marquise do cinema há claridade demais, mas todo o raciocínio foi interrompido pela proximidade da satisfação. Puxa o cavalete e se ajoelha ao lado da trouxa de panos. Descobre cuidadosamente parte da fonte. O pescoço lateja, com veias grossas como dedos. Há mais odores, de sujeira, de excremento, mas não cobrem o cheiro principal, de combustível, de energia, de

sangue.

Pára subitamente no meio do movimento. Não, não quer.

A imagem daquela mesma figura enrodilhada aparece em outra circunstância, contorcendo-se no chão, babando, na antiga estação de trens. Aquilo tem um nome, ou um apelido: Pisa, é o Pisa, o mendigo.

É uma fonte.

Os cálculos são definitivos: se não conseguir combustível agora, poderá estar irrevogavelmente perdido. E há o cheiro, o cheiro de sangue que atravessa a pele, a roupa, os panos do mendigo, e ataca seu nariz (ou outro sentido qualquer, ainda sem nome) com fúria avassaladora. Passa novamente a língua pelos caninos. Há o instinto claro do que fazer, de como fazer, da veia. (A fonte ronca

com hálito de álcool.) Puxa a gola da camisa e expõe o pescoço coberto por uma escura crosta de sujeira. Ali, ali debaixo está o combustível, está o sangue, impuro, alcoólico, o sangue.

Curva-se mais, saboreando antecipadamente. Encosta os lábios no pescoço áspero. No pescoço do Pisa.

É o Pisa. Não pode fazer aquilo.

É uma fonte!

Dá um soco no cavalete e o joga longe. Afasta-se rápido antes que não suporte — o gosto de sangue tão perto, do outro lado da parede da veia, vivo. Os cálculos ficam novamente frenéticos. Mais um pouco e terá de voltar. E esperar. Esperar que a outra fonte esteja lá. Uma fonte mais pura, afinal.

Entra numa rua estreita. Ansioso, com raiva. Tão perto de ter conseguido!

Percebe algo diferente: uma espécie de fonte. Não exatamente uma fonte, mas talvez...

Pequena, enrolada no degrau de uma loja.

†

O vira-lata viu o homem se aproximando. Tomara que passe rápido, pensou, tomara que não seja daqueles que chutam por simples prazer. A chuva está forte e não quero ter de sair andando.

Levantou a cabeça e fixou os olhos tímidos. Havia alguma coisa esquisita naquele homem tão molhado. Um frio se espalhou por suas veias e o cão se encolheu mais ainda. Não, certamente aquele não era dos que chutavam por prazer, era muito pior. Era uma coisa que não encontrava marca de referência em nenhum dos farrapos confusos de memórias que os cães arrastam numa vida curta e cheia de obstáculos sofridos. Era uma coisa desagradável, uma iminência de perigo tão grande que ele não seria capaz de se arrastar, com o rabo entre as pernas, sem deixar os intestinos se esvaírem na calçada.

O homem olhou em sua direção e parou debaixo da chuva. A água corria livremente pelos olhos abertos, entrava e saía pelos ouvidos, pingava da ponta do nariz, descia pela roupa. O cão se encolheu mais contra a porta de aço ondulado, os olhos grudados nos olhos do homem. Pensando, da maneira muito especial

dos cães, que estava perdido, que aquele homem iria fazer uma coisa ruim com ele. Tentou num esforço inútil levantar-se sobre as quatro patas, mas o pavor derretia as articulações. Começou a ganir muito baixinho, implorando qualquer coisa na linguagem nítida dos olhos caninos. O homem veio até ele. Sentou-se ao lado, no degrau da loja, e cheirou o ar. O cão também cheirou, no meio dos ganidos. Era um cheiro ruim, frio, que não se parecia com nada cheirado anteriormente. O homem estendeu a mão e procurou um ponto no pescoço do cão. Apalpou. O cão tentou virar a cabeça e ameaçar uma mordida tímida, os músculos da mandíbula enfraquecidos pelo medo. O homem pareceu encontrar um ponto específico e deixou o dedo marcando. Um ponto que pulsava.

O cão sentiu a penetração do dente, espantado com a súbita inversão das coisas. Em sua memória estranha e limitada, em sua estranha e limitada inteligência, eram sempre os cães que mordiam: os homens chutavam. A coisa parecia tão espantosa que ele ficou imóvel, sentindo... sentindo um certo prazer, uma dor fina e prazerosa, e medo, e medo, e pavor sem nenhum limite.

†

Agora as coisas estavam mais claras. O combustível era impróprio, não fazia a mente funcionar com limpidez total, mas fora suficiente para restaurar uma série de conexões. Daniel lembrava, sabia.

E um grito brotou do seu peito e ficou preso atrás dos dentes.

Tinha acontecido. Ele havia se transformado. E... e Júlio? E sua família, e a escola, e o mundo? Que loucura seria suficiente para explicar?

O vira-lata estava caído a seus pés. Não podia ser largado ali, ele não podia deixar a doença se espalhar. Precisava impedir que o cão também se transformasse.

†

— Maria Cristinaaaaa!

O grito ecoou pelos corredores e chegou à porta do quarto. Ela interrompeu o movimento, ainda segurando uma camisola, e olhou para a mala aberta.

Perturbada.

— Maria Cristinaaaa!

Irmã Francisca de Jesus veio até sua porta, com a cara interrogativa. Antes que ela dissesse qualquer coisa, Maria Cristina se adiantou:

— Pode deixar, irmã, eu vou ver o que é.

— Não acha melhor chamarmos a polícia? Não é hora para estarem procurando você.

Maria Cristina balançou a cabeça e largou a camisola dentro da mala. Percebia claramente a quantidade de implicações maldosas; a outra era incapaz de esconder uma dose de inveja por trás do olhar de censura. Melhor fazer de conta que não percebera nada — pela manhã tudo estaria acabado, todas as coisas boas e as coisas ruins colocadas definitivamente num escaninho de passado.

— Maria Cristinaaaaaa!

A voz era inconfundível, mas parecia que ele estava bêbado.

Tinha ouvido as notícias do desaparecimento. Por mais desagradável que fosse admitir alguma responsabilidade no fato, via pelo menos a obrigação de ajudar (o vício de freira impondo-se sempre e sempre. Não ficaria livre nunca?).

Menos mal, o fato de ele estar bêbado. Tivera medo de que fizesse alguma besteira grande depois da conversa de domingo. E, mesmo sabendo que talvez não fosse de muita ajuda, estava disposta a conversar mais uma vez.

Saiu do quarto sentindo nas costas o olhar duro da outra freira. Seguiu pelo corredor, desceu as escadas e foi em direção à portaria.

Através do vidro enxergou a figura de Daniel, deformada pela chuva.

— Maria... Cristinaaaaaa!

Ele erguia a cabeça e gritava para o ar, como se toda a cidade devesse ouvir seu uivo de lobo abandonado. Maria Cristina destrancou a porta e sentiu o frio úmido atravessar a roupa leve. Saiu, fechou a porta às costas e parou um momento antes de falar. Falar o quê? Não havia pensado nada, não havia programado nada, na verdade estava muito confusa com a própria decisão, com o rumo da própria vida, para descobrir algum modo de ajudar um adolescente apaixonado.

— Saia da chuva, Daniel, venha pra debaixo da marquise.

Ele pareceu demorar a perceber que ela já estava ali. Abriu a boca para gritar Maria Cristina mais uma vez e fechou lentamente, olhando para ela, ajustando as impressões, fazendo cálculos, raciocinando passo a passo. Tentou abrir um sorriso, mas a água que escorria pelo rosto começou a entrar na boca. Como se ele não controlasse, como se não se importasse. Os olhos continuavam abertos,

fixos. Maria Cristina viu alguns pingos grossos e nítidos batendo no globo ocular, e ele não piscava.

Daniel deu dois passos e ficou sob a marquise, afastado dela cerca de um metro e meio, os braços escondidos atrás do corpo. Falou mais uma vez, baixinho:

— Maria Cristina...

— O que foi, Daniel? Está todo mundo procurando você; seus pais, a cidade toda... todo mundo preocupado...

— Maria Cristina... você tá preocupada?

— Claro que estou, Daniel. Mas agora você apareceu, e isso é bom. Vá para casa, assim você acaba pegando uma pneumonia.

Daniel riu demorado. Parecia mesmo bêbado — o raciocínio dificultoso dos bêbados. Talvez fosse melhor não deixá-lo ir sozinho nessa chuva.

— Quer que eu telefone pra alguém, pra alguém vir te buscar?

— Você é uma fonte, Maria Cristina — ele balançava o corpo lentamente, as mãos para trás, um sorriso estranho. — E eu ainda sinto sede.

— Olha, é só dizer um número. Eu telefono. Você precisa se aquecer, precisa se enxugar... vai acabar...

— Não tive coragem de beber numa fonte humana.

Ele trouxe as mãos para a frente do corpo. A mão direita segurava alguma coisa, uma sacola de pêlos respingando chuva, um... um cachorro morto.

— Bebi dessa fonte, mas não satisfaz.

Ele tinha o rosto culpado e triste. Deixou o bicho cair no chão, perto dos pés de Maria Cristina. Ela deu um passo atrás e se encostou na porta de vidro, o olhar correndo do animal inerte para os olhos de Daniel, vidrados e atônitos.

— O que é isso, esse cachorro...

— Eu não quis beber gente...

— Mas esse cachorro...

— Preciso levar, furar o coração. Ele não deve virar, também.

Maria Cristina tentava coordenar uma série de sensações e impressões simultâneas. Era mais provável que Daniel não estivesse bêbado. Talvez drogado. Daniel falava esquisito, procurando não abrir a boca, ou como se tivesse algo entre os dentes, atrapalhando a articulação. Ela não sabia como lidar com essas coisas, e na verdade não estava tão interessada assim em continuar carregando os males do mundo. Não agora, quando procurava outro tipo de vida.

— Olhe, Daniel, vou entrar e telefonar pra polícia. Eles levam você pra casa. Afinal, já estão procurando...

— Não!

— Você não está bem!

— Mas posso ficar. Se você for a minha fonte... você pode virar... nós podemos continuar...

— Por favor, Daniel, nós já conversamos sobre isso.

— Eu estou descobrindo coisas. No fundo, é bom. Nada incomoda, a chuva não incomoda, o frio não incomoda. Só a sede, a fome, a fome-sede, mas o mundo está cheio de fontes, é só beber.

— Não sei do que você está falando, Daniel. Mas não posso ficar aqui a noite inteira, de conversa. Preciso terminar de arrumar minha mala, vou embora amanhã de manhã.

Ele deu um passo à frente e pisou no rabo do cachorro morto. Pareceu não perceber, os olhos vidrados nos dela.

— Abandona essa vida. Eu tenho uma coisa nova, eu posso dar uma coisa que vai provocar... sensações...

— É droga mesmo, Daniel? Você andou se drogando?

Ele pareceu não perceber o significado do que ela dizia.

— Abandona essa vida...

Maria Cristina respirou fundo antes de dizer. Ele podia estar drogado e não entender nada, mas ela precisava falar, já que não tivera coragem de dizer a ninguém mais na cidade.

— Estou abandonando. Amanhã vou embora, Daniel. Pensei que freira não se apaixonasse, que estaria protegida dentro da religião, que essa coisa insensata não aconteceria de novo. E me apaixonei. Procurei não admitir durante meses, vim pra cá, tentando esconder de mim mesma. Mas já pedi liberação dos votos. Vou me casar.

— Não!

— Agora eu vou entrar, Daniel, e telefonar para a polícia. Eles passam por aqui e levam você para casa.

— Não! Você é freira, freira não casa. Freira não ama! Freira...

Ele gritou de novo, e ela viu a boca escancarada: duas silhuetas agudas na linha regular dos dentes, uma coisa tão insólita que ela não conseguiu registrar como realidade. Levou a mão às costas e experimentou a maçaneta. Um arrepio que não era da umidade que se espalhava pelos ossos. Daniel alongou o grito e terminou no último fio de ar:

— ... freira... é fonte...

Ela abriu a porta de vidro e escorregou o corpo para dentro. Antes de fechar novamente pensou em fazer uma última tentativa. Ele falou primeiro:

— Me convida... pra entrar...

— Não. Fique esperando aí, Daniel, vou chamar a polícia. Não tenha medo, eles levam você para casa.

Fechou a porta de vidro e parou um instante, olhando. Ele se abaixou lentamente e segurou o cachorro pelo meio do corpo. A água continuava a pingar do nariz e do rabo do animal. Ele deu alguns passos para trás até estar novamente debaixo da chuva. Levantou o pescoço e gritou:

— Maria Cristinaaaaaa!

Deu as costas e foi andando sob a chuva. Maria Cristina ficou olhando enquanto Daniel se afastava, parando de vez em quando para gritar de novo, num tom pungente que enfiava agulhas geladas no coração. Depois ela saiu de perto da porta e foi até o escritório, avisar à polícia. Decerto não teriam dificuldade para achar o garoto drogado que gritava pela rua molhada. O garoto que gritava de boca aberta, com dentes... Bobagem, impressão causada pela chuva, pela noite, por sua mente ainda confusa e tentando se justificar para o que estava fazendo.

Daniel quis gritar outra vez, mas se interrompeu ao perceber o carro da polícia no final da rua. Jogou o cão morto para dentro do jardim e pulou apressado a cerca de ferro. Verdade: Maria Cristina havia chamado a polícia para ele, Maria Cristina não quis convidá-lo a entrar. Vaca.

†

A estufa tinha um cheiro quente de fonte, de sangue, de Júlio. Daniel girou o corpo molhado, procurando. Sentia os rastros de calor — rastros de sangue — por onde ele havia passado. Uma presença forte sobre um banco quebrado: ali havia ficado por mais tempo, à espera. Depois tinha andado, correndo, cheio de agitação; e logo havia se sentado de novo, em outro banco, e deixado as marcas da roupa molhada, estendida. A percepção era muito clara, como se cada passo de Júlio deixasse impresso um rastro fluorescente de calor, de cheiro, de... de um outro sentido completamente novo e espantoso. Depois tinha ido embora, cansado de esperar, mas antes havia deixado algo: um bilhete, perto da mesa virada e das tábuas empilhadas.

Não posso esperar mais, já está ficando muito tarde. Volto amanhã.

Vou tentar arranjar algum plasma, para a gente tentar descobrir qual é a substância nutriente. Por favor, não faça nenhuma besteira, não faça nada contra ninguém. Vamos achar uma cura.

E não saia amanhã antes de eu chegar!

Não tinha assinatura, nem precisava: a assinatura de Júlio estava no ar, na madeira dos bancos, no chão de terra umedecida pelas goteiras. O raciocínio relativamente claro fez com que risse ao ler outra vez o bilhete. Coitado do Júlio, podia procurar em todos os laboratórios do mundo a síntese do nutriente que havia no plasma sangüíneo. Infelizmente nenhum laboratório está equipado para detectar algo tão efêmero e volátil como a vida. A única coisa que importa: a vida, que mesmo retirada de um corpo perdura por algum tempo no sangue e depois se esvai lentamente. Caso o dr. Mário tivesse feito sua experiência com plasma velho, o resultado seria nulo.

Mas como é que Daniel sabia disso? Havia percepções, formas de raciocínio, sensibilidades, tudo num nível jamais experimentado anteriormente. E sabia mais ainda: sabia que a fonte da qual tinha bebido era imprópria e só permitia uma pálida noção do que estava por vir, quando absorvesse vida humana. Que horizontes mais amplos, que genialidades, que possibilidades inimagináveis?

Poder. Poder de fazer coisas, de pensar coisas, de se sentir diferente sem complexos, sem medos. Agora, na verdade, podia ser o que sempre havia sido em algum recanto interno. Podia expandir desejos que nem a Júlio contara, que nem a si próprio admitira. Subitamente achava engraçado: como se sempre tivesse sido um vampiro — desejoso das possibilidades —, potencialmente vampiro, esperando apenas o toque ínfimo que o levaria ao destino inevitável. Estavam aí, talvez, as diferenças que vinha sentindo com relação a Júlio: na vontade de experimentar o insólito, o proibido, de subverter tudo, trocar tudo: o dia pela noite, a construção pela demolição, o dever pelo prazer, as regras pelo caos ou pela liberdade, o sim pelo não.

Poder, poder quase infinito.

Andava de um lado para o outro enquanto o barulho da chuva diminuía sensivelmente. Será que o sangue de cachorro já propiciava algum tipo mais interessante de poder, ou teria de esperar por uma fonte verdadeira?

Agachou-se sobre uma bancada, entre vasos vazios, e se concentrou.

Será que havia algum método especial? Ou bastava a concentração?

O pensamento firme gastava mais combustível do que ele sabia ser sensato, mas precisava tentar. E, afinal de contas, o que mais teria a fazer por todo o resto da noite que se desdobrava imensa, à frente? Que porcaria estar sozinho, não ter

quem ensinasse! Talvez Ilse e Gudrun soubessem, mas onde estariam a essa hora? Em que ônibus, trem, avião de volta ao país da infância? Era uma injustiça: um vampiro recente ter de descobrir tudo sozinho, todos os processos.

Concentrou-se mais.

Imaginou se não seria mais fácil de cabeça para baixo. Plantou bananeira, apoiado numa das paredes de vidro, e sentiu que os fluidos do corpo corriam rápido demais, puxados pela gravidade.

Nada. Definitivamente, não conseguia virar morcego.

Voltou a andar de um lado para o outro, pensando.

O cachorro continuava abandonado no chão. Daniel parou ao lado, novamente indeciso sobre o que fazer. Afinal, talvez ele pudesse ser um bom companheiro nas noites imensas e solitárias, principalmente agora que Maria Cristina se distanciava. Maria Cristina. Transformá-la à força: quando ela estivesse como ele, talvez pensasse de outra forma. Bobagem: quando estivesse como ele, aquela vaca certamente sairia voando pro tal cara com quem ia casar. O fato de virar vampiro — ele sentia na carne — não mudava os sentimentos. Talvez fosse exatamente o contrário: virar vampiro liberava e intensificava sentimentos já existentes. Voltou a se fixar no cachorro.

Não poderia confiar naquele bicho como amigo. Era um cão vagabundo, sem qualquer noção do que fosse um dono, e transformado em vampiro poderia gerar uma confusão sem fim.

Quebrou um pedaço de tábua, de modo a ficar com uma ponta aguçada. Abaixou-se perto do bicho morto, preparando-se. Mas, afinal, onde é que fica o coração num cachorro? Quando o bicho estava vivo, aquele coração podia ser percebido à distância. Agora era apenas um bocado de carne.

Virou o animal de barriga para cima e ficou alguns minutos olhando, buscando entre os novos sentidos alguma forma de intuição. Nada. Precisava tentar. Escolheu um ponto entre as patas dianteiras e apoiou ali a ponta da estaca precária. Bateu com um vaso de cerâmica até a madeira quase atravessar o corpo inteiro do cão. Levantou-se e olhou o serviço.

Não saiu sangue nenhum. Provavelmente havia bebido tudo. Virou-se disposto a encontrar alguma distração para passar o tempo.

Parou, repentinamente.

E se não tivesse acertado o coração?

Voltou ao bicho. Apoiando um dos pés no corpo inerte, puxou a estaca para fora. Lembrou-se de que, nas pessoas, o coração costuma estar no centro do tórax, e não do lado esquerdo, como todo mundo pensa. O lugar onde tinha cravado a estaca era praticamente debaixo da pata esquerda.

Procurou um lugar bem no centro e bateu novamente com o vaso de cerâmica.

De novo não saiu sangue. Começou a ficar nervoso. Tirou novamente a estaca e procurou outro ponto.

†

Maria Cristina não pôde viajar cedo, como queria. O delegado Bastos a esperava, e a notícia do chamado fizera correr uma onda de *frisson* na casa das freiras.

O que disse ao delegado foram suas impressões reais: Daniel parecia estar sob o efeito de alguma droga. O delegado pediu detalhes do comportamento, das palavras. Pediu que repetisse a história do cachorro morto.

— É verdade, ele disse que precisava furar o coração do cachorro. Não sei, me pareceu alguma espécie de alusão ao fato de ele próprio estar com o coração partido.

O delegado sorriu levemente.

— E ele disse por que o cão estava morto, contou como ele morreu?

— Não. — E por um momento Maria Cristina parou, lembrando trechos soltos da conversa. O delegado esperava, consciente do processo. Ela pareceu se fixar em alguma idéia e voltou a falar: — Houve outra coisa curiosa, na hora não dei importância, mas deve ter algum significado simbólico. Ele disse...

O delegado Bastos esperou enquanto ela procurava lembrar as palavras exatas.

— ...disse que tinha bebido daquela fonte. Disse que não queria beber gente.

O delegado Bastos avançou na cadeira, apertando os olhos.

— Mais alguma coisa? O que a senhora acha que ele queria dizer com fonte?

Maria Cristina olhou para os próprios pés.

— Não sei exatamente. Ele disse que eu era uma fonte. Disse que o cachorro-fonte não satisfaz, e que, se eu fosse a fonte dele, poderia descobrir sensações inimagináveis.

O delegado deixou o rosto cair sobre as palmas das mãos. Tudo de novo! E não apenas de novo, tudo mais complicado ainda. Maria Cristina continuou a falar:

— Imagino que, de alguma forma, ele queria dizer que precisava de mim, que nada substituiria a fonte que eu represento para ele, que ter um cachorro ou qualquer outro tipo de amizade seria apenas uma amizade morta. Não sei, na verdade não entendo tanto assim de psicologia. Acho que ele queria que eu

compartilhasse a droga com ele, que compartilhasse as sensações. Caso contrário ele precisaria furar o coração do cachorro: furar a possibilidade de outras amizades, outros relacionamentos.

O delegado Bastos não sabia se deveria rir, se deveria contar o que ele imaginava ser a interpretação mais precisa dos fatos ou se deveria — para não enlouquecer de vez — acreditar naquela embolada pseudopsicanalítica.

Levantou-se e rodeou a mesa. Estendeu a mão para Maria Cristina:

— Muito obrigado por ter vindo. Sei que a senhora precisa viajar e não quero atrasá-la.

— Na verdade resolvi esperar mais um pouco. Sinto que, de alguma forma, tenho responsabilidade pelo que aconteceu. Se tivesse dado mais atenção ao rapaz, como era meu dever...

— Acredite, isso não é o principal. O motivo é provavelmente outro. Esse garoto já provocou algumas confusões que têm pontos de contato com o depoimento da senhora. Não sei, talvez a explicação esteja mesmo nas drogas, eu não tinha pensado nisso ainda.

— É, ouvi falar de algumas coisas, mas não vejo a relação...

De súbito uma imagem voltou à sua lembrança, fulminante e absurda: dentes compridos e aguçados. Piscou os olhos tentando afastar o quadro. Quando o mundo entrou novamente em foco, o delegado Bastos a estava encarando, imóvel.

— Aconteceu alguma coisa, a senhora não está se sentindo bem?

— Nada, acho que isso tudo me perturbou mais do que devia. Já passou.

— Realmente, se eu fosse a senhora, pegaria o próximo ônibus. Não há nada que possa fazer pelo garoto. Nós cuidaremos de tudo, de reencaminhá-lo à família.

Maria Cristina voltou ao quarto e ficou repassando a conversa com Daniel, completamente clara em sua memória depois de ter recordado os dentes impossíveis.

†

Célia praticamente arrastou Júlio para o banco no fundo do pátio. Depois da tempestade noturna o sol botava cores novas e límpidas em todas as coisas.

— Agora você vai contar. E não adianta fazer essa cara de quem não sabe. É

injusto me deixar de fora. O que foi que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Pelo menos que eu saiba.

Célia segurou suas duas mãos e o olhou nos olhos.

— Não vem com esse papo furado, Júlio. Tá na cara: o Daniel foi mordido pelo vampiro. O que foi que aconteceu? Ele tá morto?

Júlio contou. Como se uma represa explodisse em algum lugar e as palavras viessem de roldão, arrasando tudo pelo caminho. Contou como descobriu que Daniel havia sido contaminado, contou a ida à casa das velhas e a morte do vampiro rejuvenescido, a dificuldade de levar Daniel até a estufa no jardim de dona Marina, a morte dele e a ida inútil na noite anterior, debaixo da tempestade.

— E você acha que ele vai voltar pra lá?

— Não sei. Não sei de nada, Célia, tô apavorado. Ele pode ter feito qualquer besteira, pode ter atacado alguém. Não sei que tipo de consciência ele tem agora. Não sei se as células do cérebro também morreram. Talvez ele não reconheça as pessoas, talvez nem me reconheça.

— E o que você tá pensando em fazer?

— Tenho de voltar lá. Mas antes preciso arranjar plasma. Não consigo imaginar Daniel bebendo sangue.

Célia falou algo em que ele já pensava:

— E depois? Vai ficar a vida inteira conseguindo plasma pra ele? Vai criar um banco de sangue? Vai doar seu próprio sangue pra que ele não ataque outras pessoas?

Júlio demorou muito para responder.

— Eu tenho uma esperança, sei lá. Queria testar alguns antibióticos. Mas é perigoso; não sei que tipo de vida ele tem agora. Se não morreu de verdade, e teve apenas um episódio cataléptico, tudo bem. Mas...

— Se o vampiro for mesmo um morto-vivo...

— Quando o antibiótico matar as bactérias, pode acabar com ele também.

†

Dona Berenice era mulher de Ferreirinha, o escrivão da delegacia. Era a ponte perfeita entre o que se revelava nos depoimentos e a opinião pública. Desde que haviam se casado, fazia mais de vinte anos, Ferreirinha telefonava religiosamente para casa duas vezes ao dia. E os depoimentos eram repassados

palavra por palavra. Nos primeiros anos fora apenas coisa de recém-casados: “Quero saber tudo sobre o meu maridinho, sobre o trabalho dele”. E ele contava, babando de prazer com o interesse da mulherzinha. Depois virou obrigação, principalmente quando ela começou a enfrentar as tardes de tédio telefonando para as amigas ou fazendo pequenas reuniões domésticas para repassar as notícias. Ultimamente a velocidade na transmissão das informações daria inveja a qualquer serviço secreto internacional. Um depoimento como o de Maria Cristina, dado às oito da manhã, já era de domínio público (acrescentado das inevitáveis interpretações e teorias investigatórias) às dez. E depois de vinte anos, dona Berenice sabia colocar os pingos nos is, sabia juntar coisa com coisa e saltar às conclusões. Naquele dia, às dez horas, boa parte da cidade tinha sido informada de que Daniel era um vampiro.

†

Célia tinha razão, pensava Júlio. Era melhor ir agora, depois da aula, verificar se Daniel estava na estufa. Pelo menos seria uma garantia, para quando voltasse à noite. O que o deixava chateado era ela ter insistido em vir junto, fazendo-se dona da situação.

— Estou tão envolvida nesse negócio quanto você. Se alguma coisa der errado, quero estar junto.

Júlio apertou a mão dela, enquanto andavam pela rua semideserta.

— É exatamente o que eu não quero. Se alguma coisa der errado, você precisa estar longe. Olha, eu vi um bocado de coisa que não vale a pena ser vista. Tudo que eu quero é um jeito de acabar com isso. Se conseguir curar Daniel, tudo bem. Caso contrário cumpro meu dever de amigo: salvo a alma dele.

— Você vai ter coragem de enfiar uma estaca no coração do Daniel?

Estavam junto à grade de ferro que cercava a selva amazônica do jardim de dona Marina. Júlio fingiu estar preocupado com outras coisas e não respondeu à pergunta.

— Eu vigio enquanto você pula. Espera um pouco, a gente precisa ter certeza de que não tem ninguém olhando.

A estufa continuava com o cheiro de umidade da noite passada. Num desvario de ímpeto criador haviam surgido incontáveis cogumelos nas madeiras podres e em vasos com terra. Os dois pararam junto à porta, como se esperassem algum

milagre. Júlio percebia de um jeito curioso o resultado da noite de tédio de Daniel: vasos enfileirados numa prateleira estavam partidos, como se tivessem servido de alvo para pedradas. Deram alguns passos pelo corredor entre as grandes bancadas. Célia pisou em alguma coisa mole, e recuou, prendendo um grito.

Aquilo parecia vagamente um cachorro morto. Apenas a cabeça e as patas continuavam intactas: todo o resto do corpo fora transformado em uma espécie de pasta, como se tivesse passado por um moedor de carne. Um pedaço de madeira estava enfiado no meio da massa esbranquiçada.

Não havia um pinga de sangue.

Célia tentava controlar pequenos espasmos no estômago.

Júlio segurou-a pelos ombros e a ajudou a continuar andando. O local que havia preparado para esconder Daniel estava bastante diferente. Claro, ele tivera tempo de se esmerar. Tinha transformado a mesa numa pequena cabana, apoiando tábuas dos lados e vedando as frestas com folhas de bananeiras decorativas encontradas no jardim. Júlio afastou cuidadosamente uma folha e olhou para dentro.

Daniel parecia dormir tranqüilo, as roupas ainda úmidas coladas ao corpo. Célia chegou perto e pediu para olhar.

— Parece que tá dormindo, sim, mas não mexe nada. Não respira.

Júlio teve de concordar. Isso também explicava as roupas ainda molhadas: não havia calor naquele corpo para evaporar a água.

— E o que a gente faz agora? — perguntou Célia, estremecendo com as possibilidades apenas imaginadas.

— Agora, nada. À tarde vou ao hospital. Talvez consiga pegar algum plasma. Pelo menos parece que ele não fez uma grande besteira. Espero que só tenha atacado o cachorro.

Célia ficou de pé e agarrou Júlio pelo braço, apontando.

Havia um recado escrito toscamente, com carvão, no tampo da mesa:

Não demore a aparecer à noite. A fome-sede é muita, é difícil resistir. Tudo é novo.

Júlio estremeceu, percebendo a dubiedade da mensagem. Não demore a aparecer por quê? Para quê? *É difícil resistir* podia significar que Daniel não esperaria, saindo imediatamente atrás de sangue — ou que seria incapaz de resistir ao próprio amigo. *Tudo é novo*.

A idéia de acabar com todas as dúvidas imediatamente, utilizando um pedaço de tábua qualquer — a mesma que Daniel havia usado no cachorro —, apresentou-se como a única alternativa lúcida. Mas voltava a pergunta que Célia tinha feito antes de pular a grade, e que ele não soubera responder. Teria coragem de fazer isso? Com Daniel?

Chegou ao hospital às quatro e meia. Às cinco era encerrado o turno no laboratório, que funcionava simultaneamente como banco de sangue. Júlio estivera ali dezenas de vezes com o pai, olhando tudo, demonstrando desde pequeno o interesse que nunca deixava espaço para dúvidas. Os funcionários eram conhecidos e aceitavam sua presença com a naturalidade do costume, mal recordando que faltava alguma coisa: faltava a presença do dr. Mário.

Circulou pelos corredores detalhando o plano. Geralmente, depois de os técnicos abandonarem o laboratório, o funcionário de plantão ficava passeando e batendo papo, matando tempo até ser requisitado para alguma emergência. Precisaria ser rápido: entrar assim que a equipe saísse, pegar alguns frascos de plasma na geladeira e ir correndo, antes que Daniel acordasse. Tudo parecia correto: sua presença no banco do corredor já estava assimilada, entre outras pessoas que esperavam consulta. Tirou um livro da pasta da escola e abriu — *Drácula*, a cena em que Van Helsing, depois de enfiar a estaca no peito de uma moça, decide decapitá-la e encher a boca e a área do corte com flores de alho. *Flores de alho!* Será que só as flores funcionavam? E, afinal, onde se consegue flores de alho?

†

Célia esperou cerca de dez minutos, certificando-se de que ninguém estava olhando, antes de pular a grade.

Tinha prometido a Júlio não vir, mas desejava forçar o fato consumado. Quando ele chegasse, ela já estaria lá dentro e os dois teriam coisas importantes a fazer — sem tempo para discussões bobas. Cinco e quinze. Júlio disse que apareceria no máximo às cinco e meia. No jardim emaranhado de árvores gigantescas as sombras dominavam. A estufa aparecia entre cipós e hera. Célia estremeceu ligeiramente antes de abrir a porta. Havia no gesto simples um

sentimento fundo, de proibido. Virou-se. Parte da casa de dona Marina era visível entre hastes de bambus e bananeiras ornamentais: janelas eternamente fechadas. Voltou a enfrentar a porta. A madeira velha rangeu.

Era diferente estar ali sozinha, imaginando o sono imóvel de Daniel debaixo da mesa. Era como velar um defunto sabendo que ele iria se levantar em seguida, e o fato de saber afastava boa parte do medo: era inevitável. Levantou uma das folhas de bananeira e abriu uma pequena fresta entre as tábuas. Ele continuava exatamente na mesma posição, de lado, os braços cruzados na frente do peito, usando um tijolo como travesseiro. Recolocou a cobertura e foi sentar-se o mais distante possível, pensando em Júlio.

†

O último técnico acabou de sair do laboratório, parando para falar alto com a recepcionista — exatamente debaixo do cartaz em que uma enfermeira tinha o dedo esticado na frente da boca, pedindo silêncio. Júlio ergueu os olhos do livro e esperou um momento. Os dois funcionários estavam distraídos. Dificilmente apareceria situação melhor.

Levantou-se do banco e deslizou pela porta do laboratório.

Havia uma primeira sala de coleta de sangue e um balcão para entrega de material. Ao lado, o cubículo com o computador era usado pela secretária, para confecção dos laudos. Júlio passou rápido, certificando-se de que estava só. O laboratório propriamente dito consistia em duas grandes salas forradas de azulejo branco e um pequeno escritório ao fundo. Na parede mais larga da segunda sala ficava a enorme geladeira, cheia de portas com maçanetas. Júlio experimentou o primeiro fecho e abriu uma porta comprida e estreita.

Dentro havia apenas frascos com líquidos e rótulos escritos à mão, incompreensíveis. Na segunda porta encontrou comida: alguns sanduíches e duas garrafas de leite. Provavelmente para o plantonista da noite. Na quinta porta, uma pequena, bem no alto, estavam as bolsas de plasma.

Voltou-se e abriu a mochila — que no momento tinha apenas o livro do Bram Stoker — e colocou dentro a primeira bolsa. Esperava que duas fossem suficientes para a sede de Daniel. Voltou à geladeira, esticando-se na ponta dos pés, e pegou a segunda bolsa de plasma.

A voz às suas costas fez com que ele se desequilibrasse, deixando o plasma

tombar no chão.

— Você não acha que já tem sangue demais nessa história?

Antes mesmo de virar a cabeça tentou lembrar a desculpa que havia preparado. Mas a voz era do delegado Bastos: as frases criadas para os funcionários do hospital não teriam a menor serventia.

†

Cinco e quarenta. Júlio custava a aparecer. Célia estava achando difícil ler o livro à luz embaçada dos vidros sujos. Fechou-o e guardou na bolsa. Foi até o abrigo sob a mesa e olhou. Daniel continuava na mesma posição. Apenas o braço esquerdo havia se deslocado um pouco e estava mais próximo do rosto. Ela andou até perto da porta, parou junto de um vidro quebrado e espreitou o lado de fora.

†

— Assim que me disseram que você estava aqui, vim correndo. Imaginei que devia ter alguma relação com o que o seu amigo anda aprontando.

Júlio continuava com os olhos baixos. Fora trazido, junto com o delegado, para uma pequena sala do hospital. A primeira bolsa de plasma havia sido tirada de sua mochila e recolocada na geladeira.

— E então? Vai contar tudo, vai contar onde está o seu amigo? Ou vou precisar levar você para a delegacia, chamar sua mãe, o juiz de menores, e complicar a situação ainda mais?

Júlio ergueu lentamente os olhos, encarou o delegado e manteve a boca fechada. O delegado Bastos insistiu:

— Eu já sei de tudo, só preciso da sua confirmação.

Júlio tinha ouvido as histórias sobre o depoimento da irmã Maria Cristina, transformadas e meticulosamente analisadas pelas fofoqueiras de plantão. Se um bando de mulheres sem ter o que fazer chegava rapidamente à conclusão

verdadeira, o que dizer do delegado? Baixou a cabeça de novo e falou, procurando não ser insolente:

— Se o senhor sabe de tudo, não precisa de confirmação.

O delegado Bastos deu um soco na mesa e Júlio saltou na cadeira, assustado.

— Não tente me enrolar de novo, garoto. Já me informaram: o seu amigo estava andando pelas ruas ontem, completamente drogado. Eu tento manter esta cidade relativamente limpa dessa porcaria. Não vou querer ver garotos se metendo com essas coisas. Onde é que ele está? Quem vendeu a droga pra vocês?

Depois do choque e do susto Júlio não conseguiu controlar a vontade de rir. O delegado estava visivelmente se contendo para não pular sobre a mesa e esbofeteá-lo.

— Olha, garoto, você não sabe com o que está se metendo.

Júlio encarou novamente o delegado. Dessa vez não procurou conter o ar de ironia:

— Nem o senhor, delegado.

O delegado Bastos respirou fundo e resolveu mudar a abordagem:

— Isso é muito perigoso, Júlio. Vocês dois já fizeram coisas muito condenáveis sob o efeito dessa porcaria. Ou você imagina que essa fixação em sangue e histórias de vampiros é uma coisa normal? Não basta o que aconteceu com seu pai?

Júlio interrogou mudamente o delegado. Como se encaixaria a morte de seu pai e de Pedro Kern dentro da teoria alucinógena do policial?

— Pensa que eu não deduzi o óbvio? — O homem pousou as mãos na mesa, com ar quase paternal. — O dr. Mário certamente descobriu quem são os traficantes e foi morto antes de poder fazer qualquer coisa.

Apesar da saudade imensa que a menção ao pai lhe provocava, Júlio não conseguiu deixar de rir mais uma vez.

E olhando pela janela se deu conta, subitamente, de que os morros altos já haviam escondido o sol.

†

As árvores do jardim ajudavam os vidros sujos da estufa a tecer noite antes da hora. Célia voltou para junto da porta, indecisa quanto ao que fazer. Pensou em

esperar Júlio na rua, mas nesse caso ele faria tudo para que ela não entrasse de novo.

Acabou levando um susto grande demais quando ouviu uma tábua caindo. Virou-se, o coração batendo em algum lugar estranho ao corpo, descontrolado. Daniel estava sentado fora do abrigo, de olhos fechados, espreguiçando-se.

†

Era preciso tomar alguma decisão, qualquer uma, pensava Júlio escutando a voz monótona do delegado. Daniel poderia estar acordando e, caso não o encontrasse, provavelmente sairia de novo. *É difícil resistir*, ele havia escrito.

†

Havia uma fonte enorme, viva, pulsante, ali perto. Daniel não precisava abrir os olhos para saber: sabia com todo o conjunto de novos sentidos, como se o corpo fosse uma espécie de forquilha radiestésica apontando para onde houvesse sangue. Da fonte brotou uma emissão que estimulava um dos sentidos antigos: uma vibração sonora:

— Daniel? Tudo bem com você?

Ele abriu os olhos — e outro dos sentidos antigos completou a informação fragmentada: a fonte que estava ali era conhecida

(rica em combustível)

era Célia.

Ele sorriu, com uma mistura de sensações: reconhecimento, prazer, agradecimento, fome (*sede*).

— Célia.

Sentia-se muito melhor do que na noite anterior. Não havia a premência de saciar a fome-sede imediatamente. Podia pensar, podia decidir com calma. Apesar da proximidade. Apesar de ser difícil resistir.

Ela ficou muito tempo imóvel, tentando avaliar. Percebia grandes diferenças em Daniel. Não apenas no físico, não apenas no rosto pálido e nos dentes pontudos que fizeram com que falasse *Félia* em vez de Célia. Ele se levantava devagar, com movimentos pensados, bonitos, *adultos*. Com uma espécie de aura de tranqüilidade, alguma coisa dizendo da experiência totalmente singular pela qual havia passado. Deu alguns passos e parou no meio do caminho, olhando o chão.

— Você tirou o cachorro daqui...

— Júlio. Ele enterrou lá fora, no jardim.

— Ah...

Júlio precisava ver aquilo, pensou Célia. Durante o dia ele havia falado esfogueadamente, como se o mundo inteiro dependesse de decisões imediatas, como se tivesse responsabilidade total por Daniel, por alguma besteira que ele fosse fazer... E o Daniel que ela encontrava era outro. Nem de longe o adolescente. Parecia alguém que tivesse ido embora há anos e voltado com as cores do mundo nos olhos, disposto a contar.

— E Júlio?

— Já era pra ter chegado. Disse que ia ao hospital, buscar plasma. Pra você.

— Ela riu, sem graça, do óbvio que acabava de dizer.

A fonte parecia ocupar toda a estufa, todo o jardim ao redor, a cidade, o mundo. Envolvia-o numa nuvem de chamamento sensorial, penetrava por todos os lados. E ainda assim o raciocínio media tudo. Era muito diferente. Ontem, ao encontrar o Pisa, ainda havia um grande domínio do pensamento antigo, cheio de leis e regras assimiladas dos pais, da escola, da vida toda. O combustível do cachorro havia despertado outros centros de emoção, outros centros de decisão e controle. O dia de descanso fizera o resto.

A fonte parecia ocupar todo o mundo, menos o canto do pensamento que determinava o modo de abordagem.

Célia ficou meio sem graça quando ele se aproximou ainda mais, sem falar. Riu e se sentou sobre uma das mesas, com os pés sobre um banco. Parecia um convite para que ele se sentasse ao lado, ela sabia. Mas não podia voltar atrás nem tinha outra coisa a fazer. Agora Daniel era um desconhecido — e as palavras não vinham com facilidade. Não podia simplesmente perguntar, como se estivesse no pátio da escola: “e aí, que tal ser vampiro?”. Não podia. Principalmente porque ele estava olhando dentro dos seus olhos, direto, sem perguntas, sem dizer nada, apenas olhando.

Riu de novo e consultou o relógio.

— O Júlio tá mesmo atrasado. Talvez tenha acontecido alguma coisa com ele.

— Talvez.

Levantou os olhos e encontrou os de Daniel exatamente do mesmo jeito. Viu que os lábios dele se moviam, mas não percebeu as palavras:

— Como é que é, você e o Júlio?

Ela virou o rosto para longe mas foi obrigada a encarar novamente aqueles olhos vazios que não perguntavam junto com os lábios. Falou quase por obrigação:

— Como é que é... em que sentido?

A voz dele veio grave, sem as modulações que, antes, ainda costumavam trair as transformações da puberdade:

— É gostoso?

Célia soltou o ar dos pulmões num pequeno jato. Sentiu vontade de responder agressivamente, mas se interrompeu. Não era o mesmo Daniel. Não era o Daniel que ela achava meio boboca, lento. Esse Daniel tinha dentes que... os dentes faziam com que dissesse *goftoso*, mas não era engraçado. Desviou novamente o olhar. Estava confundindo tudo, as impressões, as sensações. Sentia um misto de calor e gelado se espalhando. E vontade de falar:

— O Júlio é legal. A gente se ama.

— É *goftoso*?

Por dentro era o calor, fervendo o ar dos pulmões, e por fora o gelado, eriçando os pêlos.

— Ele gosta de mim, me adora. Diz que eu sou uma deusa, que eu sou uma pintura renascentista.

Os olhos de Daniel se alargavam, negros, e o negror começava a embaçar os limites do espaço.

— Mas é *goftoso*?

— Não sei!

Disse. Disse e jamais poderia ter dito antes. Jamais havia pensado desse jeito. Sabia que era... que era bom. Só. E subitamente começou a pensar que bom era muito pouco. Bom era como sua mãe e seu pai, uma casa no meio de um gramado, futuro, segurança, bom era receber os amigos aos sábados e jogar baralho, bom era trocar fraldas e acompanhar novelas pela TV e fazer pudim de leite e dar presentes no Natal e viajar uma vez por ano para a casa de praia e esperar Júlio no fim do dia e ler os últimos best-sellers em busca de alguma emoção. Bom era... estava perplexa, não sabia mais nada.

Eram os olhos de Daniel encarando-a. Precisava se libertar. Sabia que amava Júlio, tinha certeza. Mas agora...

— Não sei, Daniel. Você me deixou confusa.

A fonte estava em vias de transbordar. Já ocupava a Terra quase inteira e se dirigia para o abismo na borda do oceano. Estava pronta. Respondia exatamente do modo esperado, do mesmo modo que... (alguma lembrança antiga mostrava-o na situação em que ela estava agora: atraído, fascinado por uns olhos de cobra, negros e profundos). A fonte era sua, para beber e se saciar.

†

Pela janela escancarada a tarde avisava que ia embora. Júlio ouvia mais do que falava, quase divertido com as constantes mudanças de tom por parte do delegado. Mas não podia ficar para sempre. A recordação do cachorro perfurado milhares de vezes por um pedaço de madeira se transformava na imagem de alguma pessoa desconhecida, inconsciente do perigo absurdo.

Seu pensamento agitado pareceu interferir na realidade: o delegado Bastos se levantou em meio a uma frase:

— ...mas talvez você precise de alguma coisa para refrescar a memória. Eu sei que preciso. De um café. Quando voltar espero que tenha decidido. Caso contrário vamos para a delegacia.

Júlio mal esperou que ele saísse da sala. Nem mesmo olhou em volta para ver se o caminho estava livre. Saltou a janela e foi correndo em direção à avenida que ladeava o rio.

Parou a cerca de cem metros, percebendo que, muito provavelmente, estava bancando o idiota. Encostou-se atrás da quina de uma casa e olhou de volta. Isso: dois guardas sem uniforme — conhecidos demais para que o disfarce tivesse qualquer efeito — vinham atrás dele. A fuga havia sido muito fácil para não ser uma armadilha. Não podia cair na besteira de levá-los à estufa. Precisava despistar.

†

Célia não conseguia evitar as comparações. Entre Daniel e Júlio, entre Daniel e o Daniel antigo, entre ela e ela mesma. Era diferente, o modo como o corpo inteiro respondia a algo que ainda não havia acontecido. Existiam pontos de sensibilidade tão aguçada que pareciam independentes de seus sentidos, de seu pensamento.

E Daniel apenas ao lado, ainda imóvel. Ele saboreava a expectativa sabendo que era tão importante quanto o gesto. A fonte havia se derramado pelo abismo e ocupava cada reentrância, cada rachadura, querendo, pedindo para ser bebida. Agora ele sabia como era, mesmo antes de realizar. Sabia e degustava a enormidade do desejo. Era isso o vampiro: um desejo tão enorme, uma necessidade tão brutal de ser alimentado, de ser completado, que...

Estendeu a mão esquerda e tocou o dedo mindinho de Célia. Ela estremeceu, instigada por uma fagulha de gelo. Estendeu a direita e segurou o pulso da fonte. O calor se grudou em sua mão e veio caminhando pelo braço, até se chocar violentamente contra a quase imobilidade do coração. Uma série de estímulos foi desencadeada quando as batidas se aceleraram, gastando mais combustível e aumentando a sede.

O gelo das mãos de Daniel espalhou pequenas farpas azuis de um prazer quase doloroso. Célia virou a cabeça por instinto, expondo o pescoço. Daniel via a enxurrada disparando em sua direção, vermelha, imensa, rompendo barreiras, destruindo tudo no caminho. Inclinou-se e roçou os lábios pelo pescoço rosado.

E se lembrou de alguma coisa: era melhor que não fosse assim. Uma ferida no pescoço chamaria muita atenção. Ele mesmo ainda possuía a marca em outro lugar. A fonte era gigantesca, podia ser bebida em diferentes mananciais. Havia outros, mais discretos, melhores.

Afastou-se do pescoço quase com pena. Desceu as mãos, ainda muito frias, seguindo a forma do ombro, seguindo caminhos pulsantes — dutos que espalhavam combustível até os recantos mais longínquos —, visíveis claramente por algum dos novos sentidos. Célia se retorceu acompanhando o movimento das mãos dele, respirando mais rápido pela boca entreaberta.

Daniel chegou ao meio do braço, à articulação com o antebraço. Agora já começava a perder o controle distanciado. O coração, trabalhando num ritmo quase igual ao de quando era totalmente vivo, gastava o resto de combustível. A fome se transformava numa premência absoluta.

Célia continuava imóvel, fascinada, ainda pensando em como era com Júlio, em como seria com Daniel... Não, não queria isso. Amava Júlio, tinha certeza. Tinha? Por que estava tão confusa? Eram os olhos de Daniel, os olhos novos,

poços tão fundos que não havia como retornar à superfície. Estendeu um pouco o braço, confusa. Querendo que tudo acabasse logo, querendo fugir, querendo...

Daniel tinha na frente dos olhos (de algum sentido sem nome) a elaborada rede de dutos. Pelo meio do braço desciam dois, grandes e grossos, que se dividiam em milhares de raízes cada vez menores e mais finas. Era um fantástico trabalho de engenharia hidráulica, levando e trazendo combustível. Estendeu a mão e colocou o polegar sobre os dutos maiores. Um deles pulsava forte, mas ficava mais fundo, o outro ficava perto da superfície, mas era apenas o fluxo de retorno. Sentiu um jato de saliva sob a língua e inclinou a cabeça.

†

Júlio procurava pensar rápido, antes que os guardas chegassem perto. Entrou na rua estreita que saía da avenida e correu feito um doido. Mais à frente havia um labirinto de becos — talvez ali conseguisse despistá-los.

†

Daniel sentiu que poderia achar o ponto certo usando o dente aguçado. Lembrava-se vagamente que, da primeira vez em que havia servido de fonte, Henrik usara alguma coisa, algum objeto fino para fazer um furo pequeno. Mas além disso havia uma decisão importante a tomar:

Eram dois dutos. Um deles pulsava; o outro, não. O que pulsava parecia mais vivo, mais rico, porém era mais fundo, mais difícil de alcançar.

Não podia continuar indeciso. Sua taxa de combustível havia caído a um nível baixo demais.

Célia mal conseguia esperar, transformada inteira num centro de sensações imobilizadas. O polegar frio em seu braço lançava jatos de arrepios. Tentou falar alguma coisa, mas descobriu que não conseguia. Olhou para Daniel e viu que ele baixava a cabeça, afastando os poços negros dos olhos.

Não! O que era aquilo?

Tentou se desvencilhar mas estava firmemente segura por duas mãos de metal gelado. Não era isso, não queria. Agora que não via mais os olhos, estava entendendo! Tentou falar de novo, mas a voz continuava presa no fundo do peito. Queria chamar Júlio, pedir socorro, gritar desesperada.

E houve uma dor súbita, aguda, de algo sendo rompido.

E, quase simultaneamente, uma onda de prazer que ultrapassava todas as expectativas. Seco e extático.

†

Júlio achava que havia despistado os guardas. Eram dois sujeitos gordos e molengas. Passou por vários quintais, pulou muros e foi sair perto da praça principal.

Resolveu esperar um pouco, antes de retomar o caminho. Os guardas não apareceram em seu campo de visão. Deu ainda algumas voltas, procurando parecer casual, antes de se dirigir à rua atrás do jardim de dona Marina.

†

Apesar do instinto, apesar de todas as certezas, apesar de já ter passado por uma situação parecida, algo estava errado.

Era combustível demais, Daniel não conseguia engolir de uma vez. Afastou momentaneamente a boca e o jato de sangue subiu cerca de meio metro, molhando seu rosto, voltando numa chuva rubra. Talvez o dente tivesse aberto um furo grande demais.

Talvez não tivesse escolhido o duto apropriado: subitamente vinha à mente a lembrança de uma conversa com Júlio: a diferença de pressão entre veia e artéria. Talvez fosse isso, a artéria do braço jogava um fluxo grande demais. Precisava fazer alguma coisa: Célia ficaria completamente sem sangue em alguns minutos.

E não era assim que o negócio funcionava, ele sabia muito bem. Só poderia

bebê-la aos poucos, caso contrário os dois poderiam morrer. Célia seria alimento para cerca de duas semanas! Voltou a colar os lábios na ferida e em segundos estava quase afogado em sangue, precisava se afastar de novo.

Rápido, pensar rápido! Bloqueou o ponto com o dedo, mas não poderia ficar assim para sempre. Engoliu o resto que estava na boca e voltou a se inclinar.

Recebeu o jato no rosto, nos olhos que imediatamente se turvaram de vermelho, no peito. Procurou outra vez o ponto, usando o instinto, e em segundos estava novamente se afogando.

Algo estava errado, Célia sabia. Não queria olhar, queria apenas sentir. Junto com o prazer quase insuportável percebia que ficava fraca, que perdia as bordas da realidade.

Aquilo iria levá-la a um ponto sem retorno. Cada vez que Daniel encostava os lábios em seu braço, um choque violento corria por todo o corpo, e cada choque a levava mais para perto daquilo que era grande demais, daquilo que ainda não tinha nome — talvez nunca viesse a ter.

†

Quando segurou a grade de ferro, Júlio sentiu um arrepio seco na base da nuca. Era uma coisa que não ocorria desde que, junto com Daniel, havia aberto o túmulo de Lucinha: a certeza de algo importante, de algo acontecendo sem que ele tivesse o menor controle. O mesmo sentimento que o fizera convencer o amigo da existência do vampiro quando os indícios eram quase impalpáveis: uma coisa terrível estava acontecendo.

Saltou a grade, quase se espetando nas lanças de ferro, e correu pelo jardim em direção à estufa.

†

Depois de ingerir uma grande quantidade de combustível, Daniel percebeu a enormidade da besteira. Não importava que a artéria parecesse mais apetitosa,

mais pulsante: era a veia que ele deveria ter escolhido. Deveria ter pensado mais friamente, droga! O objetivo era beber Célia aos poucos, não deixar que ninguém percebesse — pelo menos até ser tarde demais. Por isso o vampiro escolhia sempre pontos diferentes em cada vítima. Agora... Já havia uma enorme poça de sangue ao redor. Ele estava completamente sujo, ela estava completamente suja — e não ia suportar a continuação da hemorragia. Parecia muito fraca, apesar do sorriso grudado nos lábios.

Droga. Fazer o quê?

Célia estremeceu outra vez enquanto o mundo se dissipava. Por trás dos olhos fechados a escuridão era preenchida por infinitas e minúsculas explosões de cor. A sensação agradável crescia, embora ela não pudesse se mover, embora a consciência quisesse se apagar. Havia uma leve tontura, a sensação de estar pendurada sobre um abismo, de querer o abismo, de ser o abismo. Estava acabando. Tudo.

E não importava.

†

Ainda no ímpeto da corrida, Júlio empurrou a porta e parou.

A grande lua banhava de branco as paredes foscas, criando uma penumbra quase sólida no ar da estufa.

E havia a escultura absurda, pintada de vermelho, sobre uma das mesas.

Parecia representar um casal — uma daquelas esculturas nas fachadas dos templos indianos: um casal em posição contorcida, mas o que estaria fazendo uma escultura indiana no meio da estufa de dona Marina? Por que teriam manchado a escultura de vermelho, a tinta ainda fresca escorrendo pelo chão numa poça enorme?

E, inesperadamente, parte da escultura se mexeu. A parte homem levantou a cabeça e girou em direção à porta.

Júlio queria gritar: por trás da pátina vermelha estavam os traços de Daniel. Adiantou-se lentamente, querendo dizer alguma coisa, não sabendo o que dizer. Daniel abriu a boca antes:

— Desculpe... sei que não devia... ela...

Júlio chegou mais perto, tentando pensar, pensando se poderia haver algum conserto para...

— Ela apareceu aqui... e era uma fonte muito grande... é difícil resistir, eu disse!... Eu perguntei como era com vocês dois, e ela falou que...

Não podia. Aquilo que forçava caminho para dentro do seu pensamento não podia, não *devia* ser verdade. Era outra coisa que ele estava dizendo. A outra parte da estátua não era...

— ... erreí o manancial... deveria ter sido a veia... a artéria tem muita pressão... não deu pra controlar. Eu não sabia como se faz, droga! Não tenho ninguém pra me ensinar, preciso aprender sozinho. Que porcaria, você pensa que é moleza? Pensa que é fácil sentir e saber um bocado de coisas e não ter a menor idéia de outras? Afinal de contas...

Daniel continuava falando, falando, falando, e Júlio não conseguia mais ouvir. Deu um salto na direção da garota. Não era ela, não podia, não *devia* ser!

O grito finalmente escapou da garganta, enchendo a estufa, atravessando os vidros, assombrando a cidade. Daniel interrompeu o jato de palavras e baixou a cabeça.

— Desgraçado! — A voz enrouquecida de Júlio parecia querer espatifar os vidros. Chegou perto de Célia e viu o ferimento aberto na parte interna da articulação do braço, ainda jorrando sangue. O cérebro funcionava numa velocidade estonteante. Ela ainda estava viva, tinha de estar, mesmo depois de perder tanto sangue.

Apertou o local do ferimento com a mão esquerda enquanto, com a direita, começou a desfivelar o cinto e puxá-lo da calça. Ao mesmo tempo um ódio sem tamanho explodia de sua boca, tão forte que o deixou rouco em segundos.

— Você não podia! Não devia, você era meu amigo! Ela era minha! — Terminou de tirar o cinto e, sem deixar de pressionar o ferimento, começou a passá-lo ao redor do braço de Célia para fazer um torniquete. O tempo todo as palavras jorravam, provocando espasmos na respiração entrecortada. — Eu mato você, desgraçado, filho-da-mãe. Vou enfiar uma estaca no seu peito e quero ver você estrebuchar, pedir pelo amor de Deus. Ou do diabo!

Daniel queria falar qualquer coisa mas só conseguia andar para trás, olhos grudados nas costas encurvadas de Júlio, mas as tentativas de abrir a boca eram interrompidas pelos gritos do outro, cada vez mais altos e desvairados, enquanto passava a ponta do cinto pela fivela e puxava até interromper o fluxo de sangue para o antebraço.

— Eu confiei em você, queria curar você. Fui procurar plasma, tive que fugir da polícia. E enquanto isso...

— Calma aí, Júlio... a coisa não é como você pensa...

— Fica quieto! Tinha tanta gente, tanta gente no mundo. Mas não, o vampirinho de terceira precisava dar em cima da minha garota!

— ...eu queria falar com você... ontem. Você não estava... eu queria dizer como é que...

— Pára com isso! Pára de falar desse jeito medroso!

Júlio viu que o fluxo de sangue havia parado. Só então verificou a pulsação de Célia.

Não havia.

Num frenesi, encostou o ouvido junto ao nariz dela, tentando sentir a respiração.

Nada.

Esticou as costas e respirou fundo. Depois se abaixou e, praticamente sem olhar, apanhou o pedaço de madeira que Daniel havia usado no cachorro. Deu mais um passo. Daniel recuou e ficou encostado numa estante cheia de vasos. Encarou Júlio novamente e disse:

— Eu agora sou forte, Júlio. Mais forte do que você.

— Dane-se! — Júlio já estava rouco de gritar. Daniel falava baixo, raciocinando com os novos dados que cruzavam sua nova mente:

— E existe uma solução pra isso tudo.

— Não quero saber, desgraçado, assassino!

— Ela pode ficar como eu. E você também. Vocês podem ficar juntos. Pra sempre. Pra sempre mesmo!

Júlio ergueu o pedaço de madeira como se fosse uma lança e avançou, os dentes trincados.

Daniel recebeu-o com um safanão. Júlio praticamente voou de encontro a uma estante. A estante tombou contra outra parede e os vidros voaram estilhaçados para fora.

†

Dona Marina e a filha, dona Carolina, grudavam os rostos no telefone antigo.

— Aqui, no nosso quintal, na estufa!

Do outro lado a resposta era demorada, e dona Carolina se impacientava:

— Não sei, podem ser ladrões. Uma gritaria dos infernos. Quebraram vidros, derrubaram um monte de coisas!

Novamente esperaram a incredulidade do comissário de plantão, acostumado com os alarmes falsos das duas.

— Venha logo, seu guarda! Não é brincadeira. Nós estamos morrendo de medo!

Dona Marina arrematou com a voz quase centenária:

— Não demore, por favor. Estamos só as duas aqui!

†

Daniel esperou.

Júlio ficou de pé lentamente e voltou para o banco perto de Célia. Olhou por um tempo o rosto dela, aquele sorriso fixo que provocava mais ódio ainda, e tombou sentado, de cabeça baixa.

— Não podia! Você não podia fazer isso.

A voz saía entrecortada, quase infantil. Daniel veio até o banco e fez menção de se sentar também. Júlio se afastou num rompante, engolindo o choro:

— Vou matar você, cara. Não me interessa nem um pouco salvar sua alma, mas vou matar você com uma estaca. Quero ver você morrendo. Estrebuchando.

Enxugou os olhos com o pulso e se virou de novo para Célia, imobilizada num mar de sangue.

Daniel entendia o pensamento do amigo. Entendia usando os pensamentos antigos reunidos aos novos. Entendia que ele precisava passar pela mutação: ser uma fonte — como crisálida — antes de desabrochar naquele estado alterado, surpreendente e pleno de poder.

Mas por enquanto era melhor deixá-lo.

Antes, olhou de novo para Célia e quase levou um choque. Vista com os sentidos comuns, humanos, Célia parecia morta.

Mas, com seus novos sentidos aguçados, o brilho característico dos vivos continuava ali, pulsando debilmente. Os dutos de combustível continuavam fluindo. O coração batia lento, quase imperceptível, mas batia. Virou-se para Júlio, com olhos arregalados.

— Ela tá viva!

Júlio o encarou ainda cheio de ódio.

— Pára com isso! Vai embora, me deixa em paz.

— É verdade, ela tá viva!

Daniel encostou a mão na testa de Célia. O choque gelado penetrou fundo no cérebro, provocando um espasmo.

Célia ergueu o peito, arqueando completamente o corpo, e inalou o ar com a boca escancarada. Júlio deu um salto.

— Ela tá viva!

E parou, mais assustado ainda do que antes.

— E se... e se ela virou...

— Não! Não é assim que acontece. — Daniel estava esfogueado como antigamente. Isso mesmo! Se conseguisse salvar Célia, Júlio não iria mais odiá-lo. Daniel teria tempo para convencê-lo a entender o lado positivo da vida nova. Palavras ditas por Henrik voltavam à memória, nítidas: — Ela só vai se transformar se morrer com pouco sangue nas veias. Se sobreviver, o simbiote fica em animação suspensa e não causa nenhum mal. Ainda dá tempo!

— Ainda dá tempo...

Júlio se virou de novo para Célia. Agora ela respirava com dificuldade. Encostou a mão na carótida. A pulsação era irregular, mas estava ali, evidente. Precisava levá-la rápido para o hospital. Mas como? Como pular a cerca de dona Marina carregando Célia inerte? Ao mesmo tempo, não queria deixá-la sozinha com Daniel. Daniel...

Onde ele estava?

Girou o corpo, procurando. Daniel não estava em lugar nenhum. Tinha ido embora.

†

Cesinha acompanhava seus dois novos amigos, Cid e Big Boy, que seriam o passaporte para a Gangue do Coreto. Viera pronto para o teste: o canivete de mola dormia aninhado no bolso de trás da calça, comprado a um preço absurdo.

Na verdade, não sabia qual era o teste. Cada novo integrante da gangue recebia uma incumbência especial, e os veteranos faziam enorme segredo, cheios de risos superiores. O fato é que fora trazido até ali, na rua atrás do jardim de dona Marina, e esperava empolgado. Talvez a prova fosse quebrar algumas janelas, picar o muro de alguém...

Mas, quem sabe, poderia ser coisa bem mais braba.

Cid e Big Boy faziam suspense, os dentes enegrecidos do gordo aparecendo o tempo todo por trás dos lábios irônicos.

Cesinha ouviu um barulho de galhos quebrados dentro do jardim de dona

Marina. Virou a cabeça. Alguém vinha correndo pelo mato. Respirou fundo, preparando o espírito.

Olhou para os companheiros, querendo dizer que estava tudo bem: não seria apanhado desprevenido. Cid arregalou dois olhos desse tamanho. Big Boy deu um passo atrás.

A sombra saltou sobre a grade de ferro numa manobra perfeitamente acrobática e caiu ao seu lado.

O cheiro era muito forte, lembrava matança de porco na fazenda de seu avô. Cesinha viu uma figura pintada de vermelho e se virou de novo ao escutar os gritos abafados de Cid e Big Boy.

Riu. Eles disfarçavam maravilhosamente. E o terceiro integrante da gangue, lavado em sangue de porco, era um sujeito de coragem, sem dúvida. Quando Cesinha ia começar a falar, Cid e Big Boy deram as costas e saíram disparados pela rua.

É, o teste era mais fácil do que esperava. Se pensavam meter medo nele com uma bobagem daquelas, iriam ver só.

A figura continuava parada. Cesinha se virou com o sorriso escancarado, querendo falar.

Mas o outro falou antes, seco e quase sem expressão:

— Cesinha. É Cesinha mesmo. Cacete, você vive falando em encher os outros de cacete.

A voz era conhecida e não tinha nada a ver com a gangue.

— Que negócio é esse? Daniel? Você tava sumido...

— Não tô mais.

— O que é isso, esse sangue...

Daniel resolveu que, finalmente, aparecia a oportunidade de usar o clima de filme de vampiro. Não era o momento mais apropriado, não estava se sentindo bem, queria ir embora. Mas desejava tanto devolver o ódio que Cesinha lhe provocava! Essa era uma das vantagens do vampiro: não havia censura, não havia padrão ético. Curtir com a cara de Cesinha era bom: era o que devia ser feito.

— Esse sangue sobrou. O resto bebi.

Cesinha riu nervoso. Claro que, como todo mundo, tinha ouvido os boatos de que Daniel havia se transformado em vampiro, mas Daniel era um mané! Vampiro não combinava nada com a postura de CDF, queridinho de professora.

— Deixa de papo. — A voz quase não saiu, mas ainda havia a esperança de aquilo tudo fazer parte do teste para a gangue. Não poderia posar de covarde. — Não me assusto com isso.

Daniel levantou o lábio superior e mostrou os dentes crescidos. Imaginou por

um momento que a visão poderia ser mais ridícula do que amedrontadora, mas se concentrou.

Cesinha levou a mão ao bolso de trás e pegou o canivete. Trouxe-o à frente do rosto e apertou o botão, liberando a lâmina.

Daniel ergueu as sobrancelhas, fingindo medo, e depois fez um gesto rápido com as mãos.

Cesinha pulou para trás, os olhos arregalados.

— Hum... — Daniel deu um pequeno passo à frente. — Quer dizer então que, sem o bando, você não fala mais em cacete.

— Eu te furo, cara, eu te furo!

Daniel avançou a mão lentamente e segurou o pulso imóvel de Cesinha. O canivete caiu sem ruído. Cesinha começou a soltar um gemido longo e baixo, enquanto os olhos se abriam desmesuradamente. Com a outra mão Daniel segurou sua cabeça (o gemido continuou, interrompido apenas por uma pequena respiração). Puxou a cabeça de Cesinha para perto, inclinando-se em direção ao pescoço.

Os lábios se encostaram na pele e o dente agudo buscou o ponto exato.

E um cheiro horrível, insuportável, tomou conta de tudo. Daniel afastou a cabeça, surpreendido.

— O que foi isso?

Cesinha continuava gemendo e gemendo, o rosto distorcido pelo pânico.

— Você se borrou nas calças, Cesinha? Cacete, como é que eu vou te sugar, agora?

Cesinha sentia o calor descendo pelas pernas, mas não registrava na consciência. Tudo que percebia eram os dentes: pontudos, brilhantes, brancos, no meio de um rosto tingido de rubro. Sentiu o empurrão violento e caiu de costas nos paralelepípedos. Daniel foi andando rápido, deixando um rastro vermelho pela calçada.

†

Júlio ergueu a cabeça. Havia ruídos pontilhando o imenso vazio após a saída de Daniel. Luzes — lanternas — espalhavam alguns focos circulares no meio do mato. Vozes. Trechos de falas agudas de velhas e respostas graves de homens. Galhos quebrados.

Uma das vozes era do delegado Bastos.

Verificou de novo a respiração e a pulsação de Célia. Ela seria salva. A polícia já estava chegando e tomaria as providências necessárias. Mas ele não poderia ser apanhado ali, não teria como dar explicações, principalmente depois de ter escapado do dr. Bastos à tarde. Teria de ir embora antes que eles entrassem. Mas não poderia usar a porta da estufa: os círculos de luz já se agitavam na parede da frente.

Correu para o fundo, onde a estante tombada havia feito um grande estrago nos painéis de vidro.

Passou de qualquer jeito, sem se preocupar com as pontas agudas e cortantes que se projetavam dos caixilhos. Não tinha tempo para ser cuidadoso: a porta estava sendo empurrada enquanto os policiais riam, ainda incrédulos. A escuridão do jardim abrigou-o até ele chegar à rua de trás.

Já se preparava para pular a grade quando viu a figura sentada no meio da rua, envolta num cheiro insuportável. Recuou depressa para o meio das sombras.

Atrás soaram gritos espantados. Virou-se, decidido a correr de volta e saltar a grade da rua lateral. Dois focos de luz se destacavam da estufa e pareciam seguir algum rastro no chão: provavelmente o sangue que Daniel havia espalhado. Não podia voltar.

Encostou-se num pé de araquê com a galharia enorme. Era a única decisão sensata: trepou pela árvore e ficou imóvel, agarrado ao tronco, entre os galhos mais altos. Examinou rapidamente a perna. Havia sofrido um leve arranhão ao passar pelo vidro quebrado, mas a calça estava com um rasgo de quase dois palmos.

Os facho das lanternas se cruzaram sobre a figura atônita de Cesinha. Um dos policiais gritou:

— Quietos aí! Não se mexe, garoto.

Pularam a grade desajeitadamente enquanto Cesinha parecia voltar à consciência, alargando um sorriso imbecil. Quando chegaram perto, ele assustou um dos guardas ao saltar em sua direção e agarrá-lo num abraço apertado.

O guarda fez cara de nojo, com os braços abertos, tentando se afastar. Júlio adivinhou o motivo para o cheiro que se espalhava e riu intimamente, mesmo com a raiva de Daniel ainda dominando suas emoções.

Havia um grande arrependimento acompanhando Daniel em sua caminhada noturna: a morte de Henrik. Não que sentisse pena do velho vampiro — sentia falta de um processo de iniciação. A clareza de pensamento e as novas idéias apontavam os caminhos, mas hoje percebia que a necessidade de aprender podia ser ainda maior do que a frieza de raciocínio.

O combustível de Célia (a grande besteira podia ter posto a amizade com Júlio em perigo total) clareava novos pontos. Sabia que precisava experimentar, correr riscos, até perceber quais seriam as atitudes exatas. Antes de qualquer coisa, arranjar um esconderijo decente — o que não seria problema, conhecia o lugar perfeito. Depois analisar com clareza seus pontos fortes e fracos. Ainda sabia muito pouco. Sabia que os símbolos religiosos — cruz, hóstia, água benta — nada tinham a ver com a bactéria que infectava seu sangue e que o transformara numa entidade próxima do super-homem. Por um momento imaginou se o que havia acontecido não era como as mutações evolutivas contadas em histórias de ficção científica. E, mesmo percebendo os benefícios evidentes dessa mutação, dessa convivência simbiótica com as bactérias, tinha perfeita consciência de que a humanidade não aceitaria a diferença — a única possibilidade de continuar vivo era permanecer oculto. E sabia que sua nova característica não poderia ser disseminada, sob pena de todos perecerem por falta de combustível.

Era uma coisa fundamental: o super-homem, o homem novo em que havia se transformado, só existia enquanto existissem os homens antigos, enquanto existissem as fontes. O pensamento na própria crueldade passou numa fagulha pelo cérebro e desapareceu. Não era crueldade. Ele havia se transformado numa nova espécie. O homem antigo se alimentava de animais, de plantas, de praticamente todas as outras espécies consideradas inferiores. O novo homem tinha uma ética (uma necessidade) semelhante. Não era crime, não era pecado. Apenas sobrevivência.

Parou perto do pontilhão de trem, atraído por um novo experimento. A casa à sua frente tinha uma réstia de alho pendurada na porta, envolvendo uma cruz de madeira negra. Pensou por alguns segundos, com a excitação que antevia uma espécie de roleta russa. Precisava experimentar, precisava conhecer as próprias limitações.

Estendeu a mão cuidadosamente e segurou uma cabeça de alho. Nada, nenhuma sensação especial. Arrancou-a da réstia e ficou examinando por um momento. Pensou em cheirar, mas interrompeu o gesto como se houvesse uma ordem superior. Ficou parado, no meio do pensamento. Verificou outra vez se não estava deixando mais rastros de sangue: tivera o cuidado de enxugar os pés e as calças esfregando-se na parede de uma casa, perto da praça central.

Separou um dos dentes de alho e descascou.

Os dedos começaram a coçar, com uma ardência de queimadura.

Largou o dente de alho no chão e ficou olhando para os dedos.

Parecia que uma enorme lagarta peluda havia passado sobre eles, deixando um lanho inchado e vermelho. Uma espécie de reação alérgica, pensou Daniel. Imaginou o que aconteceria se engolissem o alho, quando a substância alergênica se espalhasse pela corrente sanguínea, e estremeceu.

O pontilhão se esticava, apontando para o casarão suíço.

Lembrou-se da outra experiência, feita na noite anterior, quando só dispunha do combustível retirado do vira-lata. Talvez agora desse certo.

Concentrou-se, premeditando o vôo.

Definitivamente, se havia um meio de se transformar em morcego, ele não dominava a técnica. Seguiu a pé sobre o pontilhão, dirigindo-se às sombras convidativas das grandes paineiras.

capítulo 11



estado em que Célia foi encontrada causou enorme comoção na cidade — e o fato de estar viva não reduziu o espanto: parecia que a seqüência de crimes absurdos no vale de Morro Queimado não terminaria jamais. No meio da noite telefones tocavam, rádios eram ligados, os detalhes mórbidos eram passados, elaborados, requintados com tintas vivas. E mesmo assim nada era tão cruel quanto a cena encontrada pelo delegado Bastos: Célia, quinze anos, caída sobre a mesa imunda. O torniquete no braço deixava clara a tentativa de salvá-la. Mas quem teria feito isso? E quem havia tentado matá-la? Precisaríamos esperar que recuperasse a consciência, no hospital.

Mas Cesinha falou. Foi levado à delegacia, feliz e todo sujo. Misturou o ressentimento antigo e o pavor recente, falou de Daniel banhado em sangue, dentes crescidos, o salto acrobático sobre a cerca, o safanão que o jogou longe. Mostrou a marca vermelha dos lábios sangrentos no pescoço.

†

Júlio pulou a janela para dentro do quarto. Fez uma rápida avaliação do próprio estado: o arranhão na perna merecia apenas uma pincelada de

mercurocromo; quanto ao resto, tudo bem. Encostou o ouvido na porta do quarto da mãe e concluiu que podia ficar tranquilo. Tomou banho, escondeu a calça rasgada e voltou ao quarto. Ligou o rádio baixinho e soube, pelo noticiário extra, que Célia estava fora de perigo mas ainda inconsciente, no hospital. Sentia-se muito estranho. Não podia dizer por quê, mas os pensamentos em Célia ficavam distantes, como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa — ou na tela de um cinema. Como se o medo, a tristeza e a revolta tivessem se consumido ao saber que ela estava salva e sobrasse apenas a necessidade de se preservar. Claro, seria fatalmente chamado para outro depoimento: o dr. Bastos cobraria caro pela sua fuga do hospital, o despistamento dos guardas. Teria de pensar em respostas, pensar antecipadamente nas perguntas, no processo de raciocínio do delegado.

A única coisa intacta era o ressentimento contra Daniel. Daniel... havia penetrado num caminho inadmissível. Claro que, fazia algum tempo, tudo indicava isso. As preferências dos dois, o próprio modo de entender o mundo, apartavam-se de modo inapelável. Daniel ter virado vampiro era quase uma consequência dessas mudanças — mais do que de ter sido contaminado por Henrik-não-sei-das-quantas.

E isso Júlio não podia admitir. Era maior do que ele, maior do que qualquer raciocínio lógico: todos aqueles anos de amizade preservada ferozmente contra o mundo não podiam ser simplesmente esquecidos, transformados em passado. E sabia que o caminho de volta era um só: cumprir sua obrigação, reassumir o posto de caçador de vampiros.

†

O delegado Bastos passou a noite acordado, recebendo informações inúteis das três patrulhas que circulavam pela cidade. Os rastros fáceis deixados por Daniel terminavam bruscamente na parede lambuzada de uma casa cor-de-rosa.

Os pais dele foram acordados no meio da noite e receberam a notícia insuportável. Dona Olívia teve um aumento súbito de pressão arterial e precisou ser medicada. Seu Antônio urrava, acordando os outros filhos, acordando a vizinhança, precisando ser seguro pelos guardas para não bater com a cabeça na parede, querendo suplantar a vergonha com a própria morte.

Quando amanheceu, a polícia teve uma atividade extra: o impossível controle da população armada de cruzeiros, réstias de alho e estacas; disposta a

linchamentos e mais sedenta de sangue do que todos os vampiros do mundo reunidos. Os possíveis esconderijos do monstro começavam a ser vasculhados.

O delegado só conseguiu uma brecha na loucura às onze horas, e mandou que buscassem Júlio.

Ao entrar na sala Júlio percebeu que a conversa não seria tão fácil como das outras vezes, e mesmo assim preferiu que dona Carmem ficasse do lado de fora, esperando assustada. O delegado Bastos estava com uma cara horrível, os olhos inchados de pouco sono e muito trabalho, as roupas desalinhadas, a voz rouca e cheia de irritação.

— Agora você vai me contar direitinho essa história. Onde é que está o seu amigo? Quem vende a droga?

Júlio respirou fundo, organizando as idéias mais uma vez. Por sorte o delegado continuava totalmente previsível.

— Na verdade, doutor delegado, não tem nada de droga. É outra coisa.

O homem continuou imóvel, encarando-o.

— Daniel passou por um problema sério, uma transformação.

O delegado Bastos se inclinou para trás na cadeira, com um grito de impaciência:

— Pára com isso! Já basta meia cidade me deixando louco com essa história de vampiros. Você vai contar a verdade. Agora. Ou não sei se consigo me controlar.

Júlio sorriu lentamente:

— Não é bem isso, doutor delegado. Mas tem alguma coisa a ver. Daniel... acho que ele está sofrendo uma espécie de esquizofrenia. Aquela história da Lucinha, e depois a morte do meu pai e do Pedro... Ele começou a inventar que tinha sido mordido por um vampiro, que estava se transformando...

— E você sabia o tempo todo que ele estava doido e não fez nada.

— Achei que podia dar conta, cuidar dele por um tempo até a coisa passar. Não acreditei que ele estivesse doido de verdade. Achei que era só uma crise. E o senhor sabe como tratam os doidos lá no Hospício São Miguel.

Os olhos do delegado Bastos pareciam menos cansados. Uma luz de compreensão passava por seu rosto, restabelecendo as coisas num padrão de normalidade.

Mas não podia ir na conversa do garoto tão facilmente: já fora engabelado duas vezes.

— E ontem? Por que você roubou plasma no hospital?

As perguntas vinham praticamente na ordem que Júlio havia imaginado.

— Ele dizia que precisava de sangue. Estava completamente tomado pela alucinação. Achei que seria melhor roubar um banco de sangue do que deixar

que ele fizesse alguma besteira.

E nessa hora o sentimento verdadeiro se misturou com as mentiras. Júlio continuou:

— Hoje de manhã fiquei sabendo o que ele fez com Célia. Ela é minha namorada, o senhor entende? Ele atacou... a minha namorada...

Os olhos de Júlio ficaram muito vermelhos e ele precisou se esforçar para conter as lágrimas.

— Você percebe o mal que acabou causando quando encobriu seu amigo? — O delegado ficou momentaneamente tocado com o sofrimento de Júlio. — Se tivesse falado antes com alguém... comigo, com sua mãe...

Júlio baixou a cabeça sobre a mesa. Deixou toda a mágoa fluir, deixou que o rosto se molhasse, deixou que a voz entrecortada falasse um pouco da verdade:

— Eu sei que tenho culpa! Sei que deveria ter agido antes, mas não deu!

O delegado Bastos pousou a mão no braço dele, buscando desajeitadamente passar algum conforto. Mas falou duro:

— E ontem, depois de fugir do hospital? Você foi se encontrar com ele?

— Fui — Júlio levantou a cabeça. — Mas ele não estava onde nós combinamos.

— E onde vocês combinaram?

— Na estação abandonada. Fui lá dentro, circulei tudo e só vi uns mendigos dormindo.

— Como você acha que ele pegou a Célia?

— Ela sabia que eu ia me encontrar com ele. Eu avisei, disse para ela não ir... mas Célia é muito teimosa.

Júlio achava espantoso como o delegado deixava passar os furos incontáveis da história. Qualquer perito de terceira perceberia que houvera outra pessoa na estufa. Bastaria comparar impressões digitais, que existiriam aos montes, carimbadas com sangue. O estrago nos vidros, nas mesas e nas estantes evidenciava uma briga violenta. Mas o fato é que, leitor assíduo de histórias policiais, ele tinha o pensamento muito mais aguçado para detalhes do que o delegado, envolvido fazia anos com a rotina monótona de uma cidade pequena.

†

Pelo segundo dia, Maria Cristina deixou a mala arrumada sobre a cama. Hoje

iria embora, sem falta.

Mas ainda havia Daniel, escondido em algum lugar, envolvido por alguma alucinação, responsabilidade dela.

Sem avaliar muito bem se era o melhor modo, juntou-se a um dos grupos que saíam à caça. Eles conheciam a cidade, tinham maiores chances de encontrá-lo. E, caso isso acontecesse, ela poderia tentar alguma ajuda antes da provável tragédia.

Mas, ao seguir o bando que revirava casas velhas em meio a gritos e orações, reconheceu a completa inutilidade daquilo: nada garantia que outro grupo não o encontrasse primeiro e fizesse tudo o que ela desejava tanto impedir.

Quando o bando saiu de uma das casas, resolveu se desligar, desanimada. Foi andando sozinha até a praça e parou, sentando-se num banco.

Coitado do Daniel, caçado feito bicho. Mas ela não podia, não queria fazer mais nada. Sua vida nova a esperava, uma transformação espantosa, da qual nunca se achara capaz. Era quase como virar uma entidade diferente, uma criatura com vida nova e possibilidades radicais. Subitamente estava com pressa. Com muita pressa. Estava atrasada. Os ônibus paravam ali perto, em frente à galeria comercial no outro lado da praça. Olhou. Lá estava um, esperando a entrada dos passageiros. Os processos racionais entraram em funcionamento, mas ela os jogou para o lado: nada de ir em casa, nem pegar malas, nem se despedir de ninguém. O tempourgia, rugia, comandava.

Atravessou a praça correndo e chegou à porta do ônibus quando o motorista ia dar a partida. Entrou e se sentou num banco bem atrás, trêmula e feliz: depois da decisão tomada, tudo ficava assustadoramente fácil.

†

Em primeiro lugar Júlio se certificou de que o delegado Bastos não havia posto ninguém atrás dele. Claro, todos os guardas estavam ocupados tentando desmobilizar os grupos de caça. Depois precisou esperar, oculto entre as paineiras. O esconderijo de Daniel era óbvio, e o simples fato de nenhum dos grupos de buscas tê-lo encontrado só confirmava a certeza.

O casarão suíço estava cheio de gente revirando quartos, subindo ao sótão, falando alto, rezando e rindo como se tudo fosse uma festa grande e desorganizada. Ele esperou, confiante.

Aos poucos as pessoas foram saindo, muitas carregando objetos abandonados pelas velhas.

Esperou mais um pouco, até ter certeza de não restar ninguém. Depois se esgueirou pela porta deixada aberta e não conseguiu evitar o espanto diante do estrago feito pela turba. Os móveis da sala estavam revirados, a cristaleira com os vidros partidos, cadeiras de pernas para o ar. Foi em direção à cozinha e parou aliviado no meio do pequeno corredor: aparentemente ninguém havia descoberto a entrada do porão.

Por um momento sentiu-se esquisito, ao se pegar tão preocupado com a possibilidade de encontrarem Daniel. Afinal, cair nas garras da turba enfurecida seria um modo seguro de o vampiro ser eliminado. Mas controlou-se, pensando que desejava ele próprio fazer o serviço — e que por nada do mundo abriria mão do privilégio.

O painel de madeira deslizou para cima com suavidade. Júlio ficou alguns segundos olhando a escuridão que se escondia na base da escada. Foi à cozinha e pegou algumas velas no fundo de um armário. A cozinha estava completamente revirada. Pensou que talvez tivessem procurado Daniel até dentro das panelas. Depois concluiu que a fúria dos caçadores provavelmente se comprazia na destruição pura e simples, já que não encontravam o objeto do ódio. Voltou à escada com as velas e uma caixa de fósforos. Acendeu uma e começou a descer.

Da outra vez em que estivera ali havia sido num alvoroço confuso, seguindo as velhas, ouvindo os gritos de Daniel depois do urro terrível do vampiro, e não tivera tempo nem cabeça para prestar atenção ao que via. As paredes laterais da escada eram forradas de madeira escura, e o teto que descia inclinado tinha traves grossas manchadas de fumaça. Chegou ao fundo e encontrou a porta encostada. Empurrou-a com cuidado, sentindo o tempo todo uma presença estranha às costas — provavelmente seu próprio medo temendo assustá-lo com um gesto brusco. Olhou para trás e se tranqüilizou com a claridade que vinha do topo da escada. Adiante, o corredor se estendia, mais imaginado do que visto no pequeno halo de luz.

Ao ser largada, a porta se fechou sozinha, movida pelo próprio peso. Júlio se abaixou e pôs a vela no chão de terra batida. Aproveitou a chama que subia reta e acendeu outra.

Foi em frente. Mais alguns passos e encontrou a primeira porta, do lado esquerdo. Melhor não perder tempo com a curiosidade e ir direto ao lugar do qual se lembrava dolorosamente bem. No final, o corredor se dobrava para a esquerda, e Júlio se viu refletido na porta espelhada, o rosto cheio de sombras duras. Colocou outra vela no chão. Acendeu mais uma e respirou fundo antes de entrar na câmara.

As cortinas de veludo vermelho continuavam exatamente como sua mente havia registrado. Os móveis antigos, as volutas douradas, o branco espumante do cortinado com manchas marrons de sangue seco. Aproximou-se passo a passo, o coração bombeando feito uma locomotiva.

Segurou a vela junto ao peito enquanto a mão esquerda avançava até a musselina e o tule.

Quis dar um passo atrás, chocado por um segundo, mas obrigou-se a continuar olhando. No buraco que fora o leito do vampiro estavam restos de um esqueleto desmontado, velho de dois séculos. O crânio, boa parte das vértebras, um pedaço do íliaco e outro de um fêmur. Júlio estava enganado: Daniel não havia escolhido aquele lugar como abrigo.

Foi como um balde de água gelada. Agora precisava ser rápido, havia toda uma lista de locais possíveis, já que Daniel não estava no mais óbvio. E os grupos de caça conheciam todos esses lugares. Ele podia estar sendo encontrado nesse momento e outra pessoa realizaria a tarefa que Júlio havia reivindicado com ímpeto fanático.

Saiu rapidamente, quase apagando a vela com o movimento brusco. Andou pelo corredor a passos rápidos, chegou até a escada e começou a subir.

Parou no terceiro degrau, varado por uma sensação incômoda. Não era possível: Daniel não escolheria outro lugar. Nenhum era tão preservado, tão bem escondido. Claro que o fato de Júlio conhecer o porão poderia fazer com que ele não viesse para cá, e Júlio havia prometido matá-lo. Mas sabia que Daniel não acreditava nisso. Mais: tinha certeza de que Daniel gostaria que ele o procurasse. Daniel estava sozinho, mais do que nunca. Mais do que nunca precisaria de alguém.

Desceu de novo os três degraus e viu que havia esquecido as duas velas acesas no chão do corredor. Ainda que estivesse novamente errado, a volta serviria para apanhar as velas e evitar um incêndio. Andou até o meio do corredor e parou em frente à porta pela qual havia passado da primeira vez. Tentou empurrar. Não estava trancada, mas alguma coisa impedia que fosse aberta.

Tentou de novo, fazendo mais força. O que quer que estivesse por trás foi sendo arrastado lentamente.

Era Daniel. Caído inerte, de costas para a porta.

Júlio colocou duas velas acesas no chão do cômodo e retirou uma estaca e um martelo de dentro da mochila. Ficou de pé, um pouco afastado, olhando a completa fragilidade do outro. Assim não tinha muita graça, ficava parecendo um ato de covardia, o abuso de alguém indefeso.

Não — pensou forçando a decisão. Daniel só estava momentaneamente indefeso: tinha virado uma criatura absurda, capaz de tudo, capaz de fazer com

Célia... capaz de macular tudo que Célia significava, capaz de transformar um anjo de Giovanni Bellini numa estátua obscena pintada de sangue. Aproximou-se e tentou avaliar o melhor modo de cumprir a tarefa.

Daniel estava de lado, os braços cruzados escondiam o peito — como se tivesse consciência da possível ameaça.

Bobagem, Daniel sempre dormia assim.

Júlio não queria tocar o corpo inerte, mas naquela posição seria impossível cravar a estaca. Chegou mais perto e se abaixou relutante. Precisou fazer alguma força. Daniel estava completamente relaxado, mas a posição das pernas dificultava que fosse posto de barriga para cima. Quando terminou de esticar as pernas dele e voltou em direção ao peito, viu que os olhos de Daniel estavam abertos.

Encarando-o.

Ficou imóvel, eletrizado e surpreso. Daniel estava acordado, movendo os olhos para examiná-lo inteiro, cheio de intenções e mensagens silenciosas. Júlio esperou. Esperou que ele fizesse algum movimento, que falasse alguma coisa.

Não falou, não se moveu. Júlio começou lentamente a cultivar o ódio que lhe permitiria fazer o que era necessário:

— Um dia prometi que, se não conseguisse um remédio, salvava sua alma. — E mostrou o martelo e a estaca. — Agora vou fazer isso, mas não porque sua alma ainda me interesse. Porque preciso compensar o que você fez com Célia...

Os olhos de Daniel piscaram duas vezes e continuaram fixos. A boca permaneceu muda.

— Sei o que você tá querendo dizer: que abandonei Célia sozinha, que fugi por pura covardia. Que estou aqui, tentando dar uma de herói, mas fui capaz de deixar minha garota lá na estufa, à beira da morte! — Parou, quase ofegando. — Droga! Não é nada disso, não quero falar nesse assunto. Anda, diz alguma coisa, não me deixa aqui, interpretando esse olho parado!

Daniel desceu o olhar até a estaca na mão frouxa de Júlio e depois voltou a encarar o rosto dele.

— Você não podia, Daniel. Não só por causa da Célia. Por causa de mim. Porque me fez descobrir o que é ódio de verdade. Porque me fez quase odiar Célia, porque deixou ela com um sorriso besta de prazer grudado no rosto. Um sorriso daqueles ela nunca mostrou pra mim. Você é um canalha. E eu sou idiota. E preciso te matar pra poder me sentir legal de novo.

Daniel sabia que estava completamente à mercê de Júlio. Era uma sensação desconcertante — havia lido sobre pessoas paralisadas por algum acidente,

vendo, ouvindo tudo e incapazes de qualquer gesto. Era como estar preso dentro de um molde de aço — no formato exato do corpo — que barrava o esforço de todos os músculos. Por outro lado, a paralisia abria possibilidades infinitas para a consciência. Como se, destituída da obrigação de controlar o corpo, toda a capacidade cerebral pudesse ser usada para outros fins.

Percebia com clareza os motivos de Júlio, percebia a necessidade que ele tinha de preservar o mundo sem qualquer mudança, percebia que o único sentido que ele enxergava para a existência era continuar o caminho que sempre havia achado correto. E, depois dos choques sucessivos da morte do pai, da transformação de Daniel e do acontecido com Célia, não sossegaria enquanto não pudesse colocar tudo de novo nos trilhos. Não porque acreditasse verdadeiramente que essa fosse a melhor solução — porque não poderia suportar nenhuma outra.

O cérebro ampliado brincava com conceitos, percepções, memórias. Subitamente uma lembrança inteira, cheia de cores, sons e luzes, ocupou um grande espaço: um dia em que resolveram matar aula — raridade — e foram até o parque municipal. Os lagos espelhados invertiam céu, grama e cisnes, o sol de abril mantinha a atmosfera tão limpa que parecia faiscar com vaga-lumes invisíveis. Andaram, correram, falaram bobagem. Apesar da felicidade, Júlio ficou se culpando: aquilo era errado, seu pai jamais admitiria.

Era assim. Ele não recusava o prazer, mas tinha a necessidade mórbida de temperar o prazer com fartas doses de culpa.

Júlio ficou parado, olhando os olhos fixos de Daniel. Percebia que ele estava dizendo alguma coisa: estava lembrando-o de um dia muito especial, claro, era isso! O dia em que aproveitaram a folga, quando um professor faltou, e subiram até o topo do morro da cruz. Foi pelo menos uma hora de caminhada íngreme, no meio do mato. Os dois suavam morro acima, evitando falar para não perder o fôlego. E depois de alguns minutos dentro do mato o mundo era apenas aquilo: uma floresta infinita com dois humanos de pensamento tão unido que qualquer fala era não apenas desnecessária — chegava a atrapalhar.

Por que Daniel o lembrava daquilo?

Mas o que Daniel recordava era outra ocasião, quando descobriram o pequeno lago represado, de água muito fria, quase no topo do bairro Cascatinha. Ficaram horas sentindo-se os primeiros exploradores, pioneiros de novas fronteiras, até que um elaborado trabalho de macumba atrás da pedra grande os colocou em seu devido lugar. Riram muito da própria ingenuidade. Continuavam rindo quando, na volta, foram perseguidos por uma enorme vaca malhada e Daniel cortou a palma da mão no arame farpado ao tentar pular a cerca.

Júlio continuava imobilizado pelas lembranças: os olhos de Daniel acabavam

de contar sobre o dia em que tinham ido juntos ao Rio e passado o dia inteiro na beira da praia, e Daniel quase morreu afogado por uma onda mixuruca sem que a família, sob uma barraca, percebesse. Júlio tinha ficado em desespero, consciente demais de que não sabia nadar e não podia fazer nada. Por fim Daniel conseguiu voltar sozinho até a areia, respirando entrecortado. De repente ele ergueu a cabeça e disse:

— Eu vou de novo!

E voltou correndo para a água. Mais uma vez levou uma onda pela cara e mais uma vez veio até a areia botando os bofes para fora. Júlio tentou impedi-lo de tentar novamente, mas ele insistiu, dizendo que tinha medo de ficar com medo do mar, caso não o enfrentasse.

Daniel era um grande sujeito.

Era um canalha que tinha feito com Célia o que não poderia fazer de jeito nenhum.

Era tudo ao mesmo tempo, era uma confusão, era o cara que, mesmo se não virasse vampiro, estaria indo embora de sua vida, carregado por necessidades que ele não compreendia, ou não admitia.

E, ao menos pela amizade, Júlio devia um último favor. Salvar sua alma.

Não conseguiu evitar o pensamento de que, com o mesmo gesto, cumpria duas funções totalmente opostas — matando por ódio e salvando por amizade.

Ajoelhou-se ao lado do corpo estendido (e procurou evitar os olhos que o seguiam) visualizando o ponto onde cravar a madeira.

Colocou a ponta da estaca num lugar ligeiramente ao lado do esterno.

Os olhos de Daniel puxavam os seus.

Júlio levantou o martelo, com a consciência incômoda de estar sendo vigiado num gesto proibido.

Não resistiu e olhou mais uma vez o rosto de Daniel.

Daniel se lembrava da corrida louca pela cidade depois de terem violado o túmulo de Lucinha, o coração batendo num ritmo capaz de arrebentar o peito.

Júlio se obrigou a recordar o momento em que tinha visto Daniel levantando a cabeça ensangüentada de cima do braço de Célia, o pavor do reconhecimento, o ódio perplexo. Baixou o martelo mas, no último instante, refreou o ímpeto e o golpe não foi muito forte.

A estaca afundou pouco mais de um centímetro na carne. Júlio viu os olhos de Daniel se arregalarem de dor, medo e surpresa, e abriu a própria boca num gemido apavorado.

Afrouxou a mão e o pedaço de madeira caiu. Um pouco de sangue escuro brotou da ferida, misturando-se ao que havia secado na camisa. Júlio se levantou, balançando a cabeça, descontrolado. Algumas palavras saíram de sua

boca, mas ele nem registrava quais eram.

— Vai embora, Daniel. Vai essa noite. Amanhã de manhã eu conto pro pessoal que tá procurando. E, se ainda quiser ser salvo, fique. Eles vêm aqui e acabam com você, já que eu não consigo. Alguém vai ter mais coragem e fazer o serviço. Eu não consigo.

Pegou instintivamente a mochila e disparou pelo corredor. Subiu a escada de três em três degraus, baixou o painel de madeira e saiu da casa para a luz solar que envolvia o mundo, que dizia que o mundo ainda era o mesmo — onde as coisas aconteciam... onde as coisas *deviam* acontecer numa ordem racional e previsível.

†

As imagens do sonho foram desaparecendo e uma luz suave atravessou as pálpebras tremendamente exaustas. Estava acordada. Tentou se lembrar do que havia sonhado, mas o pensamento só captava cores: vidro fosco, verde, cor de barro — e principalmente vermelho. Fez um esforço gigantesco para abrir os olhos e viu que estava num quarto estranho, numa cama estranha, com cheiros pungentes de remédio e desinfetante.

Tentou olhar ao redor, mas o pescoço não queria obedecer. Apenas girou os olhos, captando informações: a grade metálica ao pé da cama, com uma prancheta grudada. Os lençóis engomados que a cobriam. A persiana barrando a luz externa. A TV na parede, desligada, uma mesinha com uma bandeja e restos de comida, um suporte de metal ao lado da cama com frascos de soro e tubos que desciam até seu braço direito, Júlio dormindo na poltrona.

— Júlio...

A voz quase não saiu, colada no fundo da garganta.

Mas mesmo assim ele levou um susto e quase pulou do assento. Virou-se ansioso.

— Célia? Acordou?

— Que lugar é esse?

Júlio se levantou da poltrona e ficou de pé ao lado da cama alta. Encostou a mão na sua, como se tivesse medo de machucar.

— Hospital Santa Margarida.

— Por que estou aqui? Cadê meus pais?

— Sua mãe foi fazer um lanche. Seu pai está no trabalho, mas liga de hora em hora.

— Por que estou aqui?

Júlio a encarou franzindo a testa. Demorou um tempo enorme para falar.

— Você perdeu sangue demais. Tiveram de fazer várias transfusões. Durante três dias todo mundo ficou meio doido de preocupação. Mas agora passou, você tá de volta.

— De volta de onde? Eu viajei?

De novo Júlio não respondeu logo. Célia balançou a cabeça, cheia de impaciência, mas estava tão fraca que não conseguiu protestar.

— O que aconteceu? Algum acidente? Eu sonhei que...

De novo a imagem sumiu. Não conseguia trazê-la de volta. Júlio esperou um tempo.

— Você não se lembra? De nada?

— Lembro... não, quero dizer... é uma confusão só. Tem cores. Vermelho... Mas é só um sonho.

— Calma, Célia, o médico disse que você não pode se agitar. Ainda está fraca demais.

— Daniel não veio me ver?

Júlio sentiu uma pontada no coração. Mas num segundo percebeu que não precisaria se preocupar. A pergunta fora feita num tom casual, não havia ansiedade, não havia aquele frenesi que tinha dominado Daniel em sua casa, na noite em que ele sofria a abstinência do vampiro.

— Não pôde.

— Ah. — A resposta saiu tranqüila e Júlio soltou o ar que estava preso nos pulmões.

— Júlio, eu queria dizer a você...

Célia fechou os olhos, respirando tranqüila.

— O quê? — Ele se inclinou tentando ouvir o resto das palavras, ainda um pouco temeroso.

— ... me ajudar... dever de biologia...

As palavras sumiram. Célia estava dormindo de novo. Júlio voltou à poltrona e abriu um livro trazido da biblioteca do pai. Precisava aprender tudo sobre bactérias, o quanto antes.

Por fora, Célia era a perfeita imagem da paz.

Por dentro era um mundo de sombras: vidro fosco, verde, cor de barro... vermelho.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa.

Table of Contents

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Colofão](#)